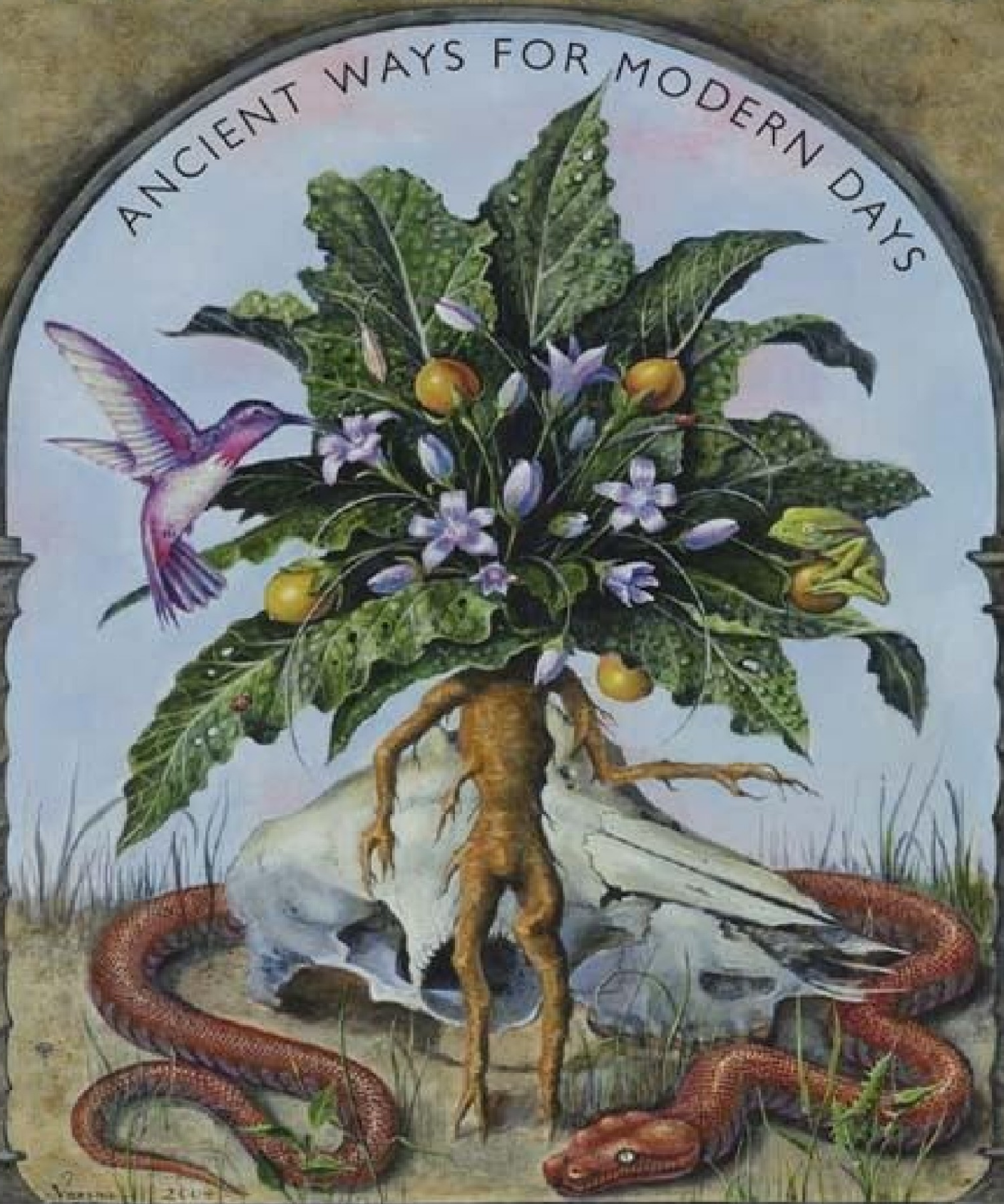


OLD WORLD WITCHCRAFT

ANCIENT WAYS FOR MODERN DAYS



RAVEN GRIMASSI

OLD WORLD WITCHCRAFT

ANCIENT WAYS FOR MODERN DAYS



RAVEN GRIMASSI

Elogio à *Bruxaria do Velho Mundo*

“A abordagem de Grimassi à bruxaria traz vitalidade e vibração a este livro. Ele escreve com conhecimento, a voz da experiência e a exuberância de uma crença apaixonada. As crenças e práticas históricas estão perfeitamente entrelaçadas na estrutura do potencial contemporâneo. Este é um livro maravilhoso e eu gostei dele.”

— Rev. Paul Beyerl, autor de *O Livro Mestre do Herbalismo*

“*A Bruxaria do Velho Mundo* abre uma nova e excitante janela sobre todo o tema da bruxaria, revelando conceitos como a memória orgânica da terra e a veneração do reino vegetal. Este é um livro refrescante de sabedoria nova, porém antiga, que você não deve perder. “Uma verdadeira delícia.”

—Raymond Buckland, autor de *O Livro das Bruxas*

“Raven Grimassi, sozinho, colocou a bruxa de volta na Arte com este livro. *A Bruxaria do Velho Mundo* é magia de verdade para bruxas de verdade – e obrigatória para todo praticante sério!”

—Dorothy Morrison, autora de *Totalmente Perverso*

“Expor a bruxa do Velho Mundo não é uma tarefa fácil, mas após uma pesquisa metódica, Grimassi descobre a verdadeira bruxa histórica por trás da imagem moderna. Os equívocos são eliminados à medida que a bruxa do passado é revelada – um membro comum da sociedade com habilidades incomuns e uma compreensão excepcional do mundo ao seu redor. A inclusão de um grimório moderno embeleza este trabalho e traz à tona práticas modernas de crenças significativamente mais antigas. “*A Bruxaria do Velho Mundo* é uma introdução generosa a uma prática moderna e às suas origens antigas.”

—Andrew Theitic, editor do *Almanaque das Bruxas*

“*A Bruxaria do Velho Mundo* está destinada a ser um clássico e um agente de mudança que ajuda a bruxaria a recuperar a sua posição de respeito e honra no Paganismo e na comunidade em geral. É água intelectual e espiritual extinguindo as chamas da hipocrisia. Neste livro incrível, Raven apresenta ao leitor a imagem original da bruxa poderosa, respeitada e temida enquanto desembaraça séculos de falsas ilusões, histeria e 'etnocídio espiritual'. Leia e faça uma viagem pela verdadeira alma da bruxa.”

—Orion Foxwood, cofundador do House of Brigh Faery Seership Institute e autor de *The Tree of Enchantment*

“Qualquer trabalhador de magia/k encontrará muita inspiração na *Bruxaria do Velho Mundo* de Raven Grimassi . O capítulo 'Bruxas: o povo das plantas' é especialmente intrigante. Se a aspirante a Bruxa Verde apenas adotar o uso de 'água carregada' para suas plantas, ou estabelecer um 'Jardim das Sombras' - uma espécie de pilha de composto mágico de materiais orgânicos não tóxicos que sobraram dos rituais - ou meditar nas reflexões de Grimassi sobre almofariz e pilão magic/k, ela terá mais do que recuperado o preço do livro.”

—Judith Hawkins-Tillirson, autora de *The Weiser Concise Guide to Herbal Magick*

“Na *Bruxaria do Velho Mundo*, Raven Grimassi efetivamente remove o fino verniz do renascimento da Wicca para nos dar uma visão confiável da verdade sobre a prática das bruxas reais. Desde uma compreensão profunda dos poderes secretos da natureza, aos antigos poderes mágicos da lua, à comunhão com outros seres mundanos e com os espíritos dos mortos, a bruxa é uma criatura misteriosa e atemporal. Nestas páginas, Grimassi abre a porta para a cabana da bruxa, escondida nas profundezas da floresta da nossa consciência, para que possamos ser abençoados pela sabedoria da bruxa mais uma vez.”

—Christian Day, feiticeiro de Salem e autor de *O Livro dos Mortos das Bruxas*

“É importante que as bruxas compreendam as nossas origens, especialmente porque facilitamos o surgimento de uma nova era. Este livro sábio pode nos ajudar a apreciar quem somos. Requentadamente pesquisado, também refuta minuciosamente as acusações ridículas que historicamente têm sido feitas contra nós.”

—Eileen Holland, autora de *The Wicca Handbook* e *The Spellcaster's Reference*

“Admiro a bravura e a criatividade, e a *Bruxaria do Velho Mundo* de Raven Grimassi tem ambas em abundância. Numa época em que muitos praticantes bajulam a chamada verdade inconstante das perspectivas acadêmicas sobre a bruxaria, Raven traz à tona a verdade mítica sobre o que é ser uma bruxa. Este livro foi escrito para aquelas que têm vocação para serem bruxas e desejam um caminho que seja moderno, mas cujas raízes sejam regadas com a essência da antiga tradição. *A Bruxaria do Velho Mundo* é um remédio perfeito para o buscador desencantado que está perdido no mundo dos literalistas e procurando o caminho de volta ao mistério.”

—Ivo Dominguez, autor de *Spirit Speak* e *Casting Sacred Space*

“Grimassi reúne uma impressionante variedade de temas do folclore, literatura acadêmica, história e experiência, presenteando-nos com uma amostra de fitas - uma imagem vibrante do Antigo Ofício dos Sábios.”

—T. Thorn Coyle, professor e autor de *Kissing the Limitless*

“Em uma viagem ao nosso passado mágico no Velho Mundo para criar nosso futuro, não consigo pensar em nenhum guia melhor do que Raven Grimassi. Sua experiência, conhecimento e, o mais importante, sabedoria brilham nestas páginas, iluminando a prática séria de bruxaria de qualquer pessoa.”

—Christopher Penczak, autor da série Templo da Bruxaria e *The Plant Spirit Familiar*

OLD WORLD WITCHCRAFT

ANCIENT WAYS FOR MODERN DAYS

RAVEN GRIMASSI

 **WEISER BOOKS**
San Francisco, CA / Newburyport, MA

Machine Translated by Google
Publicado pela primeira vez em 2011 pela Weiser Books, uma marca
da Red Wheel/Weiser, LLC
665 Third Street, Suite 400 San
Francisco, CA 94107
www.redwheelweiser.com

Copyright © 2011 por Raven Grimassi Todos os
direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer
meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de
informações, sem permissão por escrito da Red Wheel/Weiser, LLC. Os revisores podem citar passagens breves.

ISBN: 978-1-57863-505-4 Os

dados de catalogação na publicação da Biblioteca do Congresso estão disponíveis mediante solicitação.

Design da capa: Jim Warner

Fotografia da capa: *Mandragora officinarum* por Benjamin A. Vierling / www.bvierling.com Interior: Ilustrações de Jane
Hagaman nas págs. 81, 97,

127, 133, 213–216, 229 e 231 por Diane Haynes.

Ilustrações de plantas nas pp. 113–120, 143 e 217 © Dover.

Ilustração da Marca da Bruxa na pág. 155 e símbolos de espíritos vegetais na pág. 209
por Raven Grimassi.

Foto do altar na pág. 163 e foto do talismã de maçã na pág. 221 por
Stephanie Taylor-Grimassi.

Composto em Goudy Oldstyle, Trajano e Chantilly Impresso no
Canadá TCP 10 9 8 7

6 5 4

3 2 1 O papel usado

nesta publicação atende aos requisitos mínimos do Padrão Nacional Americano para Ciências da Informação -
Permanência de Papel para Materiais Impressos de Biblioteca Z39 .48-1992 (R1997).

Machine Translated by Google
Dedicado a todos os que sofreram tormento, dor ou morte por aquilo em que acreditavam ou pelo que outros acreditavam sobre eles.

[PREFÁCIO](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

VOZES SILENCIADAS DO PASSADO

[CAPÍTULO DOIS](#)

CRIANDO UMA BRUXA

[CAPÍTULO TRÊS](#)

DESENVOLVENDO A BRUXA

[CAPÍTULO QUATRO](#)

BRUXAS: O POVO DA PLANTA

[CAPÍTULO CINCO](#)

OS LIVROS DE BRUXARIA: O GRIMOIRE DE UMA BRUXA

[APÊNDICE A](#)

O DEUS INVISÍVEL DA BRUXARIA

[APÊNDICE B](#)

O CAMINHO DE CINCO ESPINHOS

[NOTAS](#)

[BIBLIOGRAFIA](#)

Este livro se afasta do tema familiar de defender a bruxaria como a sobrevivência de uma tradição antiga. O sistema apresentado nos capítulos seguintes não é o do pacifista que adere às diretrizes wiccanianas da Rede “não prejudicar ninguém”. Então, sobre o que é este livro? Dito de forma simples, trata-se de antigas formas de bruxaria rastreáveis através de antigas raízes europeias. Mas também é sobre o místico *Velho Mundo* e as bruxas que o viveram e ainda vivem.

Abordarei temas que aparecem na bruxaria moderna e na Wicca, como uma deusa e uma figura divina. Ao fazê-lo, estou apenas examinando referências passadas e presentes em busca de equilíbrio. Não estou tentando defender a bruxaria como uma religião pré-Gardneriana que sobreviveu até os tempos modernos.

Se você simplesmente acompanhar para descobrir onde levo as coisas (sem presumir nada antecipadamente), então surpresas agradáveis o aguardam. Não vou induzi-lo a ficar enredado nos arbustos; em vez disso, percorreremos juntos o caminho para uma visita noturna ao antigo jardim das bruxas.

Este livro foi escrito na crença de que as bruxas existiram como pessoas reais por incontáveis séculos. Mas estas não são as bruxas das ideias românticas neopagãs, e não são os estereótipos da bruxa diabólica aliada ao Diabo da teologia judaico-cristã. Em muitos aspectos, a bruxa que aparece neste livro é uma sobre quem muito pouco foi escrito.

Na minha opinião, não existe verdadeiramente nenhuma história oficial de bruxaria. Isto porque a “história” apresentada pela comunidade acadêmica não é a representação de qualquer sociedade real de pessoas conhecidas como bruxas. Em vez disso, é o estudo dos não-bruxos e suas opiniões sobre o que eles chamam de bruxaria e bruxas. A história acadêmica neste campo é a história de como a superstição influenciou as crenças populares sobre bruxas imaginárias e bruxaria, e como os teólogos inventaram ideias sobre o assunto.

Esta é uma bruxaria de faz-de-conta com temas de fantasia, e não um estudo etnográfico de uma cultura real de pessoas que eram bruxas. Se quisermos chamar isso de história, então sinto que precisamos observar que é, na melhor das hipóteses, uma história mítica.

É possível, claro, que algumas pessoas estivessem envolvidas em práticas diabólicas envolvendo adoração satânica, mas será que seriam dezenas de milhares em toda a Europa? Isto parece improvável. Contudo, se quisermos considerar o número de pessoas acusadas de bruxaria ao longo dos séculos como um reflexo preciso dos números da seita, então devemos dizer que sim. Mas estamos dizendo “sim” à representação de bruxas por pessoas que acreditavam que as bruxas podiam voar, assumir a forma de animais e brincar pessoalmente com demônios. Quão credíveis podem ser estas “autoridades” sob tal luz?

Pessoalmente, tenho de questionar a sua capacidade de raciocínio e, portanto, a sua aptidão para compreender os factos e fantasias relativamente ao assunto que lhes é apresentado.

Em contraste com a “visão erudita” das autoridades, acredito que olhar para a bruxa folclórica das “pessoas sem instrução” nos aproxima um passo da descoberta da bruxa (livre de temas que sustentem uma agenda). O problema aqui é que o que estamos vendo é superstição e como o medo, em vez da realidade, molda as crenças de um povo. A apresentação acadêmica é a visão das bruxas por pessoas que as temiam e odiavam. Não é o relato de pessoas que realmente conheceram bruxas autênticas em sua comunidade e conversaram com elas sobre suas crenças e práticas. Estranhamente, são nas crenças de pessoas de fora que os estudiosos se baseiam para apresentar a história das bruxas e da feitiçaria.

Qualquer coisa que não esteja em conformidade com a imagem acadêmica da bruxaria é chamada de pseudo-história, mas como podemos ter uma história falsa de bruxaria quando não possuímos uma história factual? Muitos escritores neopagãos, inclusive eu, foram encarregados de criar pseudo-história ao escrever sobre pontos de vista relacionados às raízes da bruxaria moderna e da Wicca. Alguns escritores acreditam na

Machine Translated by Google
existência de uma religião pré-cristã de bruxas que veneravam uma deusa como Diana, e que sobreviveu de alguma forma até a era cristã. Os críticos responderam que, se tal coisa existisse, haveria evidências nos julgamentos das bruxas.

Referências à veneração de Diana e outras deusas aparecem em registros de julgamentos e nos registros do 1 Portanto, associando não temos ausência do conceito (sem mencionar a existência de uma antiga Inquisição. tradição literária deusas à bruxaria). Isto, por si só, não é prova de adoração à deusa entre os acusados, mas também não é algo que deva ser completamente descartado se quisermos ser justos e equilibrados. A figura de uma deusa aparece em julgamentos de bruxas por toda a Europa. Por que é que?

Meu objetivo neste livro não é defender a sobrevivência de uma religião de bruxas desde os tempos pré-cristãos. Em vez disso, o objetivo deste livro é permitir que o que chamo de figura da bruxa dos “Velhos Caminhos” emergja, limpando os grandes montes de detritos que a cercam. Há dificuldade em oferecer uma definição finita do que acredito constituir tal bruxa. Uma bruxa usa magia, mas também uma feiticeira ou mágico cerimonial. A adivinhação é uma das artes da bruxaria, mas há pessoas que usam a adivinhação e não são bruxas. Uma bruxa pode acreditar em muitas divindades e espíritos, mas isso também é comum entre os pagãos. Os pagãos não são bruxos. As bruxas usam ervas para fins mágicos, mas os não-bruxas também o fazem.

Minha crença pessoal é que o que separa os bruxos dos não-bruxos é o alinhamento místico da bruxa. É na “visão de mundo encantada” da bruxa que podemos encontrar uma definição para ela.

Aqui vemos que a bruxa acredita numa consciência que habita todas as coisas. Rochas, plantas e árvores têm consciência ou são abrigos para uma variedade de seres espirituais sencientes. Isto é evidenciado na crença de que os objetos possuem um poder específico que pode ser usado em um feitiço ou ritual. Nesta perspectiva a bruxa trabalha com um conjunto oculto de correspondências. Se os objetos possuíssem apenas poder bruto, então qualquer um deles serviria a qualquer feitiço. O fato de um objeto específico produzir um efeito especializado indica que o objeto possui uma consciência de sua natureza que lhe permite fazê-lo (ou esse é o princípio do ocultismo).

Continuando com a definição de bruxa, ela tem relação com espíritos ou outros seres imateriais. A bruxa trabalha intimamente com o “Outro Mundo” e pode se comunicar com as almas dos mortos. Um grupo específico de seres com quem as bruxas trabalham é a raça das fadas. Estas não são fadinhas fofas de contos infantis populares; Eles são seres antigos e poderosos que supostamente existiram muito antes da humanidade.

Talvez mais do que qualquer outro marcador, a arte da magia denota a bruxa. Esta magia é de natureza lunar e está associada à noite. Naturalmente a magia da bruxa não se limita à noite; também pode ser realizado sob um céu ensolarado. No entanto, a lua é essencial para a bruxa e, sem esse componente primário, uma pessoa não é uma bruxa no sentido tradicional ou no entendimento dos Antigos Costumes.

A última parte da minha definição de bruxa aponta para a floresta ou bosques. Este é o lar primordial da bruxa. Dos lugares profundos e escuros da floresta surgiu a mentalidade espiritual da bruxa.

Se podemos dizer que a bruxa possui uma teologia, então ela reside na experiência da floresta. Aqui não só crescem as plantas tradicionais da bruxaria, mas é a partir da floresta que se formaram as primeiras ideias primitivas sobre as *divindades* das bruxas. Isso é abordado em detalhes posteriormente neste livro.

Nas páginas seguintes descobriremos o que chamo de “Bruxa dos Velhos Caminhos”. Não estou afirmando que ele ou ela seja o sobrevivente de uma tradição ininterrupta, transmitida intacta desde os tempos antigos. O que pretendo demonstrar é que as formas de feitiçaria descritas neste livro são muito antigas. A idade deles não é importante, mas o que representam tem valor porque fazem parte da linhagem espiritual daquelas bruxas que hoje praticam uma forma enraizada de bruxaria.

Eu penso na *Arte* como uma grande e velha árvore. As raízes nutrem uma árvore e a mantêm no lugar para protegê-la contra forças que de outra forma a derrubariam. O novo crescimento da árvore e seus botões,

Machine Translated by Google
flores e plantas surgem para permitir uma nova geração de árvores. O DNA é a alma da árvore, e a bruxa dos Velhos Caminhos é a portadora deste fio vital.

O que se segue neste livro é o que acredito sobre bruxas e bruxaria e as razões pelas quais acredito no que faço. Não é apenas a minha história, pois compartilho o que muitas bruxas dos Antigos Caminhos compartilharam comigo ao longo dos anos. Para mim, esses caminhos são coisas que valem a pena preservar e transmitir.

O tema da bruxaria é um novelo de barbante bastante emaranhado. Isto se aplica tanto às opiniões dos estudiosos quanto às dos neopagãos. É necessário muito “desfazer” e “desaprender” para remover os obstáculos que impedem uma perspectiva equilibrada. Pessoalmente, não acredito que a verdade sobre a bruxaria e as bruxas possa ser resolvida de forma satisfatória para todos. Mas sinto que podemos e devemos avançar agora para um terreno mais elevado para uma perspectiva mais clara.

Minhas próprias opiniões sobre o assunto da bruxaria mudaram um pouco ao longo do tempo, e não tenho vergonha de admitir isso. Algumas pessoas parecem manter um autor congelado no tempo e não permitem o crescimento e a maturidade da visão ao longo dos anos. Isto é um facto lamentável, mas estou optimista quanto ao facto de a maioria das pessoas acolher com agrado novas perspectivas daqueles de nós que estão no mercado há mais tempo do que gostaríamos de imaginar.

Meu próprio estudo de materiais publicados sobre bruxaria começou no final da década de 1960. Dediquei as últimas quatro décadas da minha vida ao estudo e pesquisa aprofundados neste campo. Minha abordagem tem sido ler trabalhos académicos, estudos folclóricos, literatura antiga, escritos ocultistas e uma grande variedade de livros de praticantes de bruxaria e sistemas wiccanianos. Meus esforços não envolveram trabalhar em pesquisas e estudos de vez em quando, como alguém faria ao dedicar tempo a um hobby favorito. Meu trabalho no campo da bruxaria sempre foi uma prioridade. Posso dizer honestamente que não se passou nenhuma semana em todos esses anos sem incontáveis horas de atenção concentrada em meus estudos de material sobre bruxaria.

Minha devoção aos temas de bruxaria me colocou em contato com muitas pessoas interessantes ao longo dos anos. A maioria deles são bruxas, mas alguns são místicos, mágicos, xamãs e trabalhadores das fadas.

Entre as bruxas que conheci, alguns dos meus momentos mais queridos foram passados com o que chamo de bruxas do “Velho Mundo” ou dos “Velhos Costumes”. Eles são difíceis de descrever de uma forma que os diferencie de outros switches. É mais como a presença deles é *sentida* do que especificamente qualquer coisa em particular. Nos capítulos seguintes me referirei ao sistema como bruxaria do Velho Mundo e aos seus praticantes como bruxas dos Antigos Costumes.

O objetivo principal deste livro é compartilhar as crenças e práticas da bruxaria do Velho Mundo. Evito intencionalmente chamar esta forma de “bruxaria tradicional”, embora muitas coisas possam ser compartilhadas em comum. Muitas pessoas veem a bruxaria tradicional como algo pertencente às Ilhas Britânicas, ou pelo menos é o que parece ao visualizar sites e fóruns da Internet. Outros o definem como tendo raízes na tradição de Lilith, Caim e Lúcifer. Com exceção de Lúcifer (como deus romano), essas raízes não são nativas da Europa. O Lúcifer que aparece nos sistemas tradicionais de bruxaria é uma entidade muito diferente daquela originária do Sul da Europa. Mais tarde veremos a mistura de bruxaria com Lúcifer, conforme vista em certos sistemas.

A bruxaria do Velho Mundo que apresento aqui abrange temas europeus pré-cristãos e não incorpora conscientemente crenças importadas da região geral do Médio Oriente. Não estou, contudo, afirmando que o sistema deste livro seja uma tradição sobrevivente de tempos antigos. Também não estou afirmando que no passado este sistema era completo e completo da maneira descrita neste livro. Desejo simplesmente partilhar um sistema que sei que existe hoje e cujos praticantes acreditam estar enraizado em formas muito antigas de práticas e crenças de bruxaria europeias.

Nos próximos capítulos, exploro a representação da figura da bruxa apresentada em livros académicos com títulos como “história da bruxaria” (em uma região ou outra). Em obras como essas encontramos a bruxa estereotipada como uma pessoa má que pratica magia prejudicial. Ela ou ele também se envolve em atos diabólicos, rituais pervertidos e faz pactos com o Diabo. Não acredito que tal seita

O número de bruxas realmente existiu nos períodos da Idade Média e da Renascença, que é onde se baseia grande parte da informação sobre essas visões acadêmicas da bruxaria. Pode ter havido indivíduos envolvidos em alguma forma de prática semelhante aos rituais diabólicos mencionados, mas certamente não em números que mereceriam tantas provações em toda a Europa.

Devemos notar que a bruxaria na era cristã era essencialmente um crime de heresia, o que indica que as pessoas acusadas de bruxaria eram consideradas cristãs. As bruxas sobre as quais escrevo neste livro não eram cristãs e não o são hoje (refiro-me à ausência de crenças e fé cristãs sinceras, em vez de fingir). Embora a grande quantidade de pessoas acusadas de bruxaria nem sequer fossem usuários de magia de qualquer tipo, é provável que uma pequena porcentagem praticasse algum tipo de magia. Também é provável que uma bruxa ocasional tenha sido capturada, pois parte da tradição nas transcrições dos julgamentos parece refletir elementos da bruxaria do Velho Mundo de períodos anteriores. Mas é claro que a minha definição de bruxa não está de acordo com a posição da comunidade acadêmica contemporânea. O problema do que define adequadamente uma bruxa está no cerne deste livro.

No capítulo um exploro o que chamo de vozes abafadas do passado. Este é um exame das raízes da figura da bruxa, concentrando-se na etimologia e nos temas literários pré-cristãos. É o material de base que considero importante aqui porque são os “blocos de construção” da tradição das bruxas de época. As próprias histórias considero políticas, mas os cenários, as ferramentas e outros detalhes destes contos podem ser reveladores sobre as práticas autênticas do período. A boa ficção contém elementos conhecidos e também imaginários. Portanto, neste aspecto, acredito que os relatos são úteis.

O capítulo um também traz à luz o processo de uma cultura dominar outra. Isto pode acontecer e acontece na medida em que uma cultura desloca outra ou suprime outra para um estatuto aparentemente inexistente (passado ou presente). Alguns estudiosos referem-se a estas últimas como culturas submersas ou subalternas. A maioria das visões oficiais de uma cultura vem da aceitação dos padrões dominantes ou hegemônicos, que são considerados indicativos daquilo que identifica ou autentica elementos de qualquer sociedade. Os componentes predominantes das crenças e práticas regionais contemporâneas são frequentemente utilizados para descartar a autenticidade cultural de crenças e práticas aparentemente incongruentes dentro de uma determinada cultura. Em comparação, a maioria dos estudiosos rejeita as opiniões das culturas submersas porque não correspondem às da sociedade dominante. Por outras palavras, não se considera que a subcultura reflecte ou preserva elementos sobreviventes da cultura conquistada na qual outrora ocupou o seu lugar. Os estudiosos normalmente consideram as reivindicações das sociedades subalternas como invenções modernas, e os dados substanciais que apoiam tais reivindicações são rejeitados como sendo nada mais do que anomalias.

No capítulo dois exploro o estereótipo da figura da bruxa malvada, o que envolve observar sua evolução durante a Idade Média e o período da Renascença. Ressalto o fato de que a bruxa nesses períodos é uma mistura. O exame inclui como os teólogos enxertaram a figura judaico-cristã de Satanás na bruxaria. Ao longo de muitos séculos, a Igreja e seus agentes construíram uma nova ideia de bruxaria que incluía ritos diabólicos realizados no Sabá. Este último evolui de ideias anteriores sobre bruxas que se reuniam nas encruzilhadas à noite para se comunicarem com os mortos.

Também abordo os pontos de vista do Neo-Paganismo em uma seção intitulada “Romancing the Witch”. Analisa as impressões populares desde 1800 até os tempos modernos. Estas opiniões pertencem à história das atitudes em relação à bruxaria e devem, portanto, ser consideradas como parte do quadro completo. Esta seção ajuda a focar melhor o passado e o presente e nos permite uma melhor compreensão sobre o que é herdado e o que é totalmente inventado.

Em vários capítulos exploro e revelo elementos do que muitas vezes é considerado ideias inteiramente modernas relacionadas à bruxaria. Refiro-me em particular à noção de deusa e deus das bruxas. Meu propósito ao fazer isso é duplo. Primeiro, ofereço antigas referências literárias e históricas a uma deusa das bruxas, e faço-o simplesmente para demonstrar que a noção em si é antiga. O conceito básico não é uma invenção neopagã. Para que conste, minha intenção não é argumentar que as bruxas antigas adoravam um

Machine-Translated by Google
deusa. A minha apresentação das referências pretende levantar questões que podem exigir um reexame dos nossos pontos de vista actuais (sejam prós ou contras).

Em segundo lugar, a apresentação de temas relacionados com as divindades da bruxaria pretende mostrar o seu lugar e papel nos sistemas modernos de bruxaria. Minha crença pessoal é que as bruxas antigas se conectavam mais com a ideia de “forças conscientes” do que com conceitos refinados de divindades. Ao longo do livro, apresento ambas as ideias com a intenção de sugerir uma evolução em oposição a uma invenção completa. Se não existe uma linhagem histórica, devemos ter cautela para não negligenciar uma linhagem espiritual.

Um modelo moderno de sistema de bruxaria descrito no livro é conhecido como Ash, Birch, and Willow (ABW). Apresento facetas deste sistema para revelar uma visão de como o equilíbrio pode ser alcançado entre as alegações de “invenção completa” e as reivindicações de uma tradição sobrevivente de bruxaria pré-cristã. Meu objetivo é demonstrar que algo pode ser antigo e novo ao mesmo tempo. Deve ficar claro que o ABW não é uma tradição sobrevivente dos tempos antigos, mas pode ser o que alguém poderia parecer num mundo onde tal coisa acontecesse. Dito isto, este livro não é sobre ABW; trata-se de temas persistentes da bruxaria do Velho Mundo e de como são praticados hoje.

O capítulo três centra-se na remoção dos estereótipos negativos relacionados com as bruxas e a feitiçaria que surgiram durante os períodos da Idade Média e do Renascimento (e que persistem até hoje na cultura dominante). A atenção se volta para a exploração de elementos viáveis de bruxaria conforme aparecem nas transcrições de julgamentos de bruxaria e em contos folclóricos. Se nos livrarmos das fantasias extremas relacionadas a voar, mudar de forma, devorar bebês e dançar com demônios, poderemos então começar uma busca honesta pela verdadeira figura da bruxa. Ao fazer isso, chegamos a um mundo encantado cujos adeptos interagem com espíritos conhecidos por vários nomes.

Uma das coisas importantes que aprendemos é que desde os tempos antigos as bruxas estão intimamente ligadas ao mundo vegetal. Isso aparece não apenas na dependência das ervas, mas também na escolha da varinha como ferramenta principal. É um dos principais instrumentos mencionados em obras literárias antigas sobre bruxas e bruxaria. No capítulo quatro apresento as bruxas como “o povo das plantas” e revelo uma tradição espiritual por trás da conexão entre ervas, árvores e bruxas. Este capítulo também destaca a importância da mandrágora e por que as encruzilhadas aparecem com tanto destaque nos escritos de bruxaria.

Talvez o mais importante seja que o capítulo quatro expanda a ideia do Hallow, que é a fonte através da qual as bruxas podem se conectar com a energia mágica primordial.

O capítulo quatro também apresenta a ferramenta principal das bruxas dos Antigos Costumes. Este é o almofariz e o pilão. Através desta ferramenta a bruxa recorre às forças do reino vegetal, não apenas no sentido material, mas também no sentido místico. Um conceito que surge neste capítulo é a ideia do que se chama Sombra.

Esta é uma força mágica sob a terra que retém a memória de tudo o que foi absorvido pela terra.

Este poder pode ser transformado em plantas e disponibilizado para uso pela bruxa.

Na última metade do livro você encontrará um grimório de bruxa da magia do Velho Mundo. Nesta seção você descobrirá os usos do almofariz e do pilão como a principal ferramenta usada pelas bruxas dos Antigos Costumes. O capítulo também inclui o uso de outras ferramentas, como vassoura e caldeirão. Técnicas para despertar a “bruxa interior” são fornecidas juntamente com métodos para obter espíritos familiares e aliados das fadas.

Feitiços e uma variedade de símbolos também entram em jogo nesta seção do livro.

Finalmente, temos os apêndices nos quais exploro o deus invisível da bruxaria. Em minhas pesquisas anteriores sobre divindades ligadas à bruxaria na literatura antiga, nunca descobri menção direta a um deus. Existem muitas referências antigas a bruxas envolvidas com deusas como Hécate, Diana e Prosérpina, mas o deus permaneceu elusivo e invisível, se é que existiu. Foi através de uma descoberta casual que encontrei uma divindade que pode ser literalmente invisível. Ele também está diretamente ligado a temas intimamente associados à bruxaria. Em última análise, elementos de sua representação na arte antiga contribuíram para a representação de demônios nas imagens da Idade Média e além. Uma descoberta muito interessante é a sua ligação com a tradição associada aos músicos que frequentam

Machine Translated by Google
na encruzilhada há esperança de negociar por maiores talentos musicais.

A mensagem subjacente neste livro, no que se refere às visões convencionais e acadêmicas da bruxaria, é simples. A tortura, a intimidação e a coerção são métodos pouco confiáveis de produção de informações para estudos etnográficos sobre bruxaria. Não podemos compreender o que alguém acredita ou pratica quando forçamos essa pessoa a explicar isso em termos que estejam de acordo com o que já acreditamos sobre ela (ou com o que queremos acreditar).

Além disso, não podemos compreender a realidade de alguém quando lhe dirigimos perguntas baseadas em conclusões que preexistem em nossas mentes. Tudo isso não é uma investigação; é uma manipulação destinada a nos ajudar a chegar às conclusões já esperadas. Infelizmente, esta abordagem gerou os dados que os estudiosos usam agora para pintar um retrato da história das bruxas e da bruxaria.

A intenção deste livro é fazer com que tenhamos um novo olhar sobre a ideia de “história” no que se refere às bruxas e à feitiçaria. Exige muito em termos de pôr de lado as nossas crenças criadas, pelo menos temporariamente, para que possamos ouvir sem os *tampões* do nosso sentido de *correção pessoal* enfiados nos nossos ouvidos. Para esse fim, ofereço os capítulos que se seguem.

VOZES SILENCIADAS DO PASSADO

Este capítulo pode, à primeira vista, parecer um argumento a favor da bruxaria como a sobrevivência de uma antiga seita. Não é. Em vez disso, é um olhar para a evolução dos temas relacionados com a bruxaria e a feitiçaria, que incluem elementos religiosos e outras facetas duradouras que persistem ao longo dos séculos. Mas, mais do que qualquer outra coisa, este capítulo é um apelo para repensarmos o que acreditamos ser a história da bruxaria e para reconsiderarmos aquilo em que fomos levados a acreditar sob uma luz diferente.

Se ouvirmos atentamente, e com novos ouvidos, poderemos ouvir as vozes abafadas do passado falando-nos sobre bruxas e bruxaria. Estas vozes parecem abafadas pelas vozes literárias da era pré-cristã e pelas dos teólogos ao longo dos séculos de dominação da cultura cristã na Europa. A figura da bruxa tem sido difamada e redefinida há muito tempo para se adequar à agenda pessoal dos escritores em qualquer período de tempo. Isto ocorreu em uma escala tão ampla que não podemos ter certeza de que a figura original da bruxa seja verdadeiramente a mesma personagem inalterada que apareceu ao longo dos séculos.

Os estudiosos admitem abertamente que há problemas para definir a feitiçaria europeia. Várias coisas contribuem para a confusão neste assunto, incluindo tentativas de separar bruxas de feiticeiras e outros usuários de magia. Outro problema surge ao tentar separar a bruxa lendária da bruxa humana, e a realidade da bruxaria da sua contaminação sobrenatural. Soma-se a isso o lamaçal da tradição erudita misturada com a tradição popular e vice-versa. Em outras palavras, até que ponto as opiniões dos teólogos e das pessoas sem instrução influenciaram umas às outras? Essa influência levou à iluminação ou à fusão e invenção?

Conforme mencionado no prefácio, não acredito que possuamos uma história documentada de bruxaria. Em outras palavras, os escritos acadêmicos não são um estudo etnográfico de um povo conhecido como bruxo. Em vez disso, o que temos principalmente são escritos sobre as opiniões que os não-bruxos têm sobre a bruxaria e seus praticantes. O que é apresentado como “história oficial” parece ser em grande parte o exame de como as crenças populares sobre seres sobrenaturais evoluíram para uma seita imaginária de pessoas. A grande maioria das pessoas interrogadas sob a acusação de bruxaria não eram bruxas por qualquer definição. Mas suas confissões forçadas de práticas nunca deixaram de conter dados que os estudiosos usaram para criar um retrato da bruxaria e das bruxas. Podemos realisticamente tratar estes dados como a história autêntica de pessoas conhecidas como bruxas?

A visão acadêmica moderna da bruxaria está enraizada nos estereótipos retratados nos escritos e registros gerados por pessoas que temiam e odiavam as bruxas. Essas raízes são muito mais profundas do que a era cristã e podem ser encontradas nos tempos gregos e romanos antigos. A figura da bruxa perigosa é um conceito muito antigo. Será que essas opiniões negativas são confiáveis? Quão confiáveis são as fontes?

Histórias sobre bruxas sempre foram fantásticas e inacreditáveis. No entanto, em períodos anteriores, as pessoas certamente acreditavam no fantástico. Para eles, era um conceito real que as bruxas voassem pelo céu noturno, transformassem-se em várias criaturas e brincassem com demônios em grandes celebrações festivas. Tais visões não correspondem verdadeiramente aos primeiros conceitos a partir dos quais a figura da bruxa evoluiu. Para encontrar os conceitos preexistentes, devemos olhar para os fragmentos esparsos do passado distante.

O que os primeiros escritos da cultura ocidental nos dizem sobre bruxas e bruxaria? Apesar do estereótipo moderno da bruxa feia e malvada, a pessoa comum ficará surpresa ao saber de uma representação diferente nos tempos antigos. Existem duas fontes a serem examinadas para uma melhor compreensão do modelo mais antigo da bruxa. Refiro-me à literatura antiga e à etimologia, que é o estudo das origens dos significados das palavras e como elas podem mudar ao longo do tempo ou com o uso.

Na cultura ocidental, a palavra mais antiga traduzida para a palavra inglesa “bruxa” é a palavra grega *pharmakete* ou *pharmakis*.

Esta também é a raiz da palavra inglesa *farmacêutico*. A palavra grega obviamente se refere às plantas e às suas propriedades químicas, mas nos tempos antigos também se referia a um tipo específico de pessoa. O estudioso Richard Gordon comentou que *pharmakis* se tornou uma das palavras padrão para mulher/bruxa sábia.

2 O que isso sugere sobre a natureza primitiva das bruxas?

Se olharmos primeiro para a etimologia de *pharmakis* por si só, surge facilmente a imagem das bruxas como “o povo das plantas”. Sob esta luz, as bruxas possuem conhecimento sobre as plantas e os efeitos que suas substâncias podem criar. Ter tal conhecimento não é, por si só, uma coisa boa ou ruim. É a aplicação desse conhecimento que pode ser rotulada como positiva ou negativa. Histórias populares sobre bruxas contêm referências a elas curando e prejudicando pessoas. Sob esta luz, não existe uma natureza única da bruxa e, ainda assim, na cultura dominante, a bruxa é sempre considerada como algo que não faz bem.

Historicamente falando, sabemos que as bruxas há muito são retratadas como pessoas mal intencionadas. Além disso, os estereótipos retratam a bruxa como velha e feia. Mas esta imagem nem sempre foi assim. Sabemos, por exemplo, que Medeia (uma bruxa famosa na literatura antiga) aparece pela primeira vez como uma bela mulher altamente habilidosa nas artes da feitiçaria. Ela também é retratada como sacerdotisa da deusa Hécate.

Outra figura é a bela Circe, que seduz o herói grego Ulisses/Odisseu.

3 Só nos últimos dois

séculos antes da era cristã é que este modelo básico é transformado e a bruxa é descrita como horrível. Os escritos do poeta romano Horácio parecem estar entre os primeiros a apresentar tal modelo (e datam do primeiro século antes da era cristã). O estudioso Richard Gordon afirma que nenhum retrato extenso de bruxas vem do período helenístico, embora algumas bruxas sejam descritas como mulheres velhas em uma porcentagem delas.

4

Nas antigas lendas gregas, a figura da bruxa parece ser atribuída a mulheres míticas conhecidas como Graeae ou Graiae. Essas mulheres aparecem pela primeira vez nos escritos de Hesíodo, em uma obra intitulada *A Teogonia*, que data de cerca de 700 aC. Hesíodo é importante porque foi o primeiro no sul da Europa a transformar as tradições orais na escrita. Seus escritos, portanto, transmitem conceitos pré-históricos. Um exemplo é a história dos Titãs, que Hesíodo diz ser tão antiga que poucas pessoas se lembram de algo sobre os Titãs em sua época.

Na *Teogonia*, Hesíodo escreve que as “Graeae” (comumente escritas mais tarde como Graiae) são três irmãs nascidas com cabelos grisalhos, o que significa que já possuíam grande sabedoria ao nascer. Ele os descreve como belos e bem vestidos. No entanto, em séculos posteriores, os Graiae são retratados na história de Perseu como três bruxas ocultas, desdentadas e cegas. Eles possuem um olho mágico que é transmitido para que todos os três compartilhem a visão ao redor. Isto está muito longe das sábias e amáveis irmãs Graiae do período anterior de Hesíodo. É, no entanto, uma demonstração muito boa de como os conceitos se tornam distorcidos ao longo do tempo. Mais adiante neste capítulo veremos por que isso acontece.

Até agora exploramos a etimologia em que encontramos a bruxa como uma herborista habilidosa ou especialista em plantas. A seguir veremos a prática da bruxaria e, a partir daí, examinaremos o caráter relatado da bruxa. Isso nos ajuda a separar a pessoa da bruxa da lenda da bruxa. Para esta tarefa devemos primeiro olhar para as antigas obras literárias em que as bruxas aparecem. Um dos problemas que encontramos é a definição de bruxa e se a tradução de um idioma para outro deveria ou não ser corretamente lida como “bruxa” (em oposição a alguém que usa magia em geral). Em outras palavras, a personagem é realmente uma bruxa e não uma feiticeira? Existe alguma diferença?

A maioria dos primeiros contos de bruxas são na verdade fictícios. Por esta razão, há uma tendência no meio acadêmico de descartar o material como qualquer tipo de prova sobre práticas autênticas de bruxaria e bruxaria nos tempos antigos. No entanto, uma boa ficção normalmente contém elementos verdadeiros junto com elementos inventados. Por exemplo, uma peça de ficção escrita sobre uma gangue em Chicago irá

incorpora lugares reais, em locais conhecidos e crenças populares atuais sobre membros de gangues. Isso ajuda o leitor a se relacionar melhor com a história em si, porque ela parece mais verossímil devido aos componentes familiares. Eu vejo a ficção antiga da mesma maneira. Não considero os relatos literários antigos como relatos históricos, mas acredito que contenham elementos históricos. Neste sentido, há aqui uma componente de “folclore como história” e não devemos descartar automaticamente o seu valor.

Um elemento destacado nos primeiros contos de bruxas é o apelo às estrelas no céu noturno. Uma mulher conhecida como Giula de Bolonha foi acusada de bruxaria (por volta de 1518) e condenada pela Inquisição por rezar para uma estrela chamada Diana. O estudioso Matteo Duni comenta sobre o aparecimento em 5 deste tipo de bruxaria de elementos não-cristãos, como orar às estrelas e à lua. Essa coisa é uma magia muito julgamentos de antiga, e evocar a ajuda das estrelas é uma prática histórica conhecida de grande antiguidade.

Entre os primeiros exemplos estão as evocações encontradas na antiga Caldéia ou na Babilônia. A extrema proximidade entre estes versos históricos e as evocações de bruxaria que aparecem na antiga literatura grega e romana é notável. Isso é coincidência ou estamos diante de algo mais significativo?

Os contos sobre a figura da bruxa conhecida como Medeia são ricos em magia antiga e contêm a evocação de estrelas. Medeia usa uma varinha, uma faca, um caldeirão e um altar. Estas são as primeiras ferramentas referenciadas usadas por uma bruxa. Ela pratica sua feitiçaria principalmente à noite e invoca não apenas as estrelas, mas também forças muito primitivas. Isso inclui montanhas, rios, lagos, florestas e ervas. 6 A ideia de que objetos inanimados possuem consciência e poder é extremamente antiga. Além disso, Medeia invoca deusas como Hécate. Isto, juntamente com o uso de um altar, sugere uma ligação religiosa ou espiritual. Na verdade, nos contos antigos, Medeia é descrita como uma sacerdotisa.

Os estudiosos modernos rejeitam a visão da bruxaria como uma religião do passado. Apesar de tal posição, nenhuma época histórica está isenta de uma conotação religiosa em relação às bruxas e à feitiçaria. Por exemplo, na Idade Média e na Renascença, acreditava-se que as bruxas “adoravam” o Diabo. Mas os estudiosos não consideram este elemento como algo de natureza religiosa, o que é uma posição curiosa a manter. 7 É

interessante notar que na cultura grega antiga as bruxas são descritas como praticantes de *religião ilícita*, o que significa que as suas práticas não eram consideradas como cumprindo os padrões da religião oficial estabelecidos pelas autoridades. Não importa o quanto as práticas de uma bruxa parecessem de natureza religiosa, as bruxas nunca receberam esse status por aqueles que julgavam tais coisas.

Nos tempos antigos, as pessoas de todas as regiões foram expostas à ideia de deuses e deusas. Os registros indicam uma veneração generalizada de divindades em todas as classes sociais. As bruxas da cultura antiga cresceram no mesmo mundo das não-bruxas. É improvável que só eles desconheciam os deuses, estivessem desinteressados ou completamente indiferentes. As bruxas antigas não foram totalmente influenciadas pelas culturas regionais em que viviam? Isto parece muito improvável e por isso devemos levar em consideração que as bruxas antigas tinham algum tipo de relacionamento com os deuses.

Ao examinar a literatura antiga associada às bruxas e à bruxaria, encontramos um problema complexo. Historicamente e na tradição literária, as bruxas sempre foram retratadas como pessoas más, perigosas, egoístas e mal intencionadas, mas não é incomum que o inimigo seja sempre visto sob tal luz; Portanto, tudo o que fazem é interpretado de acordo com o preconceito.

Vemos essa prática refletida nas atitudes relacionadas às guerras dos índios americanos. Quando os índios triunfavam na batalha, isso era chamado de massacre, enquanto a derrota para o Exército dos EUA era uma vitória. É realmente uma questão de quem está contando a história e o que eles têm a ganhar. Os bandidos são sempre as pessoas pertencentes ao outro lado.

Não é minha tentativa de retratar as bruxas antigas como um povo amoroso, mas incompreendido. Certamente havia boas razões para temer as bruxas nos tempos antigos, assim como havia boas razões para temer qualquer pessoa poderosa maltratada nos tempos antigos. Jasão (famoso como Argonauta) manipula o amor que Medeia tem por ele como um meio de fazê-la usar magia para atingir seus objetivos por meio de más ações. Depois ele deixa ela e seus filhos e foge para se casar com outra mulher. Mas ele continua sendo o nobre grego

Machine Translated by Google
herói, e ela é a vilã. Na história mítica de Ulisses/Odisseu, ele tem um caso com Circe e a deixa para trás para voltar para sua esposa depois de um ano. Na história, ele é o mocinho e ela é a garota má.

[8](#)

As histórias mais comuns sobre bruxas mostram que elas usam veneno e evocam o mau tempo em seu prazer preferido de tornar a vida dos outros miserável. Nos registros de antigos julgamentos de bruxas, lemos relatos de que as bruxas são obrigadas a relatar regularmente suas más ações ao Diabo. Somos ainda informados de que as bruxas são espancadas por mau desempenho e atos malignos insuficientes. Que este tipo de absurdo tenha sido considerado um fato é ainda mais inacreditável do que as alegações feitas contra as bruxas.

Sabemos por estudos antropológicos que a figura da bruxa era uma ferramenta usada para explicar tempos difíceis, doenças e atos nocivos da natureza. Gado doente, colheitas ruins, doenças inexplicáveis, mudanças climáticas negativas e fenômenos estranhos foram todos atribuídos à presença e às atividades de uma bruxa. Mate a bruxa, resolva o problema. Portanto, a lendária bruxa malvada ocupou um lugar necessário, que era o do bode expiatório.

Um dos objetivos deste livro é demonstrar que existiram pessoas reais que eram bruxas. Estas não eram as bruxas lendárias ou sobrenaturais. Em vez disso, eram mortais como qualquer outro, mas mortais que possuíam o que pode ser chamado de “uma visão encantada” do mundo ao seu redor. Refiro-me a essas pessoas como bruxas dos Velhos Caminhos. Eles eram os portadores da linhagem da velha magia e das velhas práticas que estavam desaparecendo sob a pressão da Igreja para erradicar as crenças e práticas pré-cristãs. Essas bruxas não eram inerentemente más, mas eram mais do que capazes e dispostas a prejudicar seus inimigos conforme considerado necessário.

Segundo o historiador Richard Gordon, nos tempos antigos havia dois tipos de bruxas. Um deles era o tipo que podia ser encontrado na vida diária e que era conhecido em sua comunidade. O outro tipo era o sobrenatural ou “bruxa noturna” – uma criatura impossível que era uma coruja parecida com um vampiro. [9](#) Esta última ofuscou a bruxa mortal e deu origem ao medo que poderia se transformar em uma mulher. deslocado e à perseguição violenta. Ironicamente, a mistura da bruxa real com a imaginária acabou produzindo um resultado positivo. Esta foi a descrença na existência de bruxas no passado ou no presente. O tempo fundiu os dois tipos de bruxas em um só na mente do público. A eventual constatação de que a bruxa sobrenatural era um conceito falso descartou automaticamente a ideia da existência da própria bruxa. Era mais seguro para as bruxas que as pessoas não acreditassem nelas e, portanto, ambos os lados compartilhavam o alívio da descrença quando chegasse a hora.

Um problema importante para descobrir a bruxa dos Velhos Costumes é que as velhas histórias sobre bruxas são todas sobre a bruxa sobrenatural, e muitos dos costumes populares ainda carregam uma crença nelas. Em comparação, é raro encontrar histórias antigas sobre bruxas mortais e, como resultado, algumas pessoas concluem que não existiam. Esta avaliação errada engana facilmente as pessoas e desvia-as da busca pela verdade enterrada. Encontrar a verdade sobre as bruxas antigas requer a remoção das coberturas da distorção, da deturpação intencional, da fabricação política e da invenção da feitiçaria diabólica pela Igreja e pelos seus agentes.

Para chegar a uma compreensão da bruxaria como ela era antes, em oposição à sua deturpação, devemos usar a ciência básica da *engenharia reversa*. Essencialmente, esta ciência tenta adquirir conhecimento sobre o modelo ou mecanismo original de algo quando pouco ou nada se sabe sobre ele. O processo começa examinando o modelo tal como ele existe atualmente e, em seguida, trabalhando de trás para frente através de suas partes conectivas. A trilha é seguida pelo exame da sequência das peças, como são montadas e a função que cada uma desempenha, desde a primeira parte do modelo original. Ao fazer isso, é possível concretizar a ideia original ou sua forma geradora.

Em relação à bruxaria, precisamos aplicar a engenharia reversa ao folclore popular e

bruxaria diabólica, bem como as opiniões da Igreja e dos seus agentes no passado. Esta é a história de como as antigas tradições de bruxaria foram suprimidas ou demonizadas. É também a história de como as crenças e costumes populares podem ser cultivados para deslocar ou distorcer as raízes culturais da sua origem.

Descobrir essa origem é uma missão digna.

O trabalho que temos pela frente começa com a ideia da bruxa diabólica e o estereótipo do Sabá como uma blasfêmia contra a missa católica. Um exame dos seus componentes inventados e o rastreamento no tempo das suas raízes não-diabólicas começarão a desvendar a farsa. Investigar cada um dos elementos ajuda a acompanhar as ideias sobre bruxas e bruxaria que foram enxertadas no tema, cada uma formando elos de uma cadeia forjada de falsidades.

Além da natureza maligna da figura da bruxa na sociedade dominante, a representação pré-cristã da bruxa é diferente em aspectos fundamentais. Com o tempo, a bruxa foi transformada de uma feiticeira invocando uma deusa da bruxaria em uma desviante que adorava o Diabo. Este último destruiu o modelo anterior e fixou a mente do público num novo inimigo da sociedade cristã. A bruxa fictícia da tradição literária pré-cristã foi assim remodelada na bruxa fictícia da cultura cristã popular. Isto foi reforçado com ideias transplantadas sobre bruxas e bruxaria de teólogos e outros agentes da Igreja.

A imagem cristianizada da bruxa é cultivada. Apareceu de mãos dadas com a difamação de divindades, práticas e crenças pré-cristãs que eram contrárias à teologia do Cristianismo. Com os recursos da Igreja e uma multidão de indivíduos dedicados à conversão dos pagãos, a cultura e o espírito do povo europeu pré-cristão foram subjugados. A campanha é o que chamo de etnocídio espiritual, que teve como alvo não apenas crenças e práticas, mas também a visão de mundo encantada do paganismo e dos seus adeptos. A bruxa, como ela ou ele já foi conhecido, tornou-se uma das muitas coincidências.

Duni descreve o julgamento do século XIV de duas mulheres chamadas Sibilla Zanni e Pierina Bugatis. Eles teriam confessado ter participado da assembleia noturna presidida por Madonna Oriente/Diana. Duni refere-se a elementos da confissão feminina que refletem rituais pré-cristãos associados às deusas da abundância. ¹⁰ Ele prossegue dizendo que os juízes concluíram que as mulheres foram enganadas ao acreditarem que a entidade que veneravam era uma deusa, e que na verdade só poderia ser o Diabo disfarçado. As vozes das mulheres são silenciadas, a deusa é dispensada e o Diabo entra em campo.

O uso da arte também teve influência na transformação de formas de divindades pré-cristãs no Diabo. O historiador Jeffrey Russell observa que na arte medieval a imagem de um demônio contém uma composição de atributos anteriormente pertencentes a antigas divindades gregas. Um exemplo que ele fornece é que os demônios são representados com traços das asas de Hermes Psicopompos em suas pernas. A forma de seus corpos é baseada na de Pã e Dionísio, e eles possuem a estrutura facial de Charun (um Submundo. A Bíblia não contém ¹¹ descrições físicas de demônios ou da entidade com nariz adunco).

Diabo. Visto que não existem ilustrações derivadas diretamente do texto bíblico, qual é então o propósito de usar imagens pré-cristãs de uma forma tão distorcida e não relacionada?

Etnocídio espiritual e o domínio das tradições populares populares

Nesta secção examinaremos a ideia de que a Igreja, através dos seus agentes, alterou intencionalmente ideias sobre crenças e práticas pré-cristãs. Em alguns casos, novas ideias foram inteiramente inventadas. O objetivo era desencorajar as pessoas de continuarem a praticar tradições que estavam em conflito com a cultura cristã. Isto foi posto em prática através da proibição de certas práticas e da adopção de outras numa forma modificada, mais adequada à posição da Igreja. Subjacente a tudo isso estava a mensagem de que os caminhos pré-cristãos levaram à condenação espiritual e o caminho cristão levou à salvação espiritual.

Não há dúvida de que os costumes pré-cristãos continuaram ao longo dos séculos. Temos amplas evidências na forma de advertências que aparecem em sermões e leis promulgadas para proibir uma variedade de práticas. É também claro que, onde tais crenças e práticas não puderam ser eliminadas, foram cristianizadas e permitidas na nova forma de celebração. Algumas pessoas chamam esses elementos de sobrevivência do paganismo. Outros argumentam que não constituem paganismo porque as pessoas que os abraçam não são pagãs. Portanto, de acordo com tal visão, o próprio paganismo não sobreviveu.

O termo “sobrevivência” é problemático quando se discute vestígios de elementos pagãos ou de feitiçaria nas tradições da cultura cristã. Um dos problemas é que isso pode significar algo diferente entre os neopagãos e dentro da comunidade acadêmica. A verdade da questão só pode ser discernida através da compreensão do que “continua” numa nova cultura versus o que é “adaptado” ou “adotado” por ela (e com que propósito).

Na cultura dominante, os costumes mudam e adaptam-se frequentemente para se adaptarem a novas ideias. Se estas ideias forem populares, há pouca resistência à mudança; quando existe resistência, muitas vezes não é significativa o suficiente para inviabilizar o movimento. Ninguém em posição de autoridade controla a cultura popular através de freios e contrapesos estabelecidos. Em contraste, a sociedade clandestina ou pária tenta conscientemente manter os seus hábitos, apesar da atração da última moda que aparece na sociedade. Afinal, a subcultura tem tudo a ver com ter e manter uma identidade que a separa da cultura dominante.

Quando olhamos para os costumes populares e as práticas de magia popular na era cristã, vemos duas coisas. Primeiro, podemos notar fragmentos de práticas pagãs pré-cristãs e, segundo, observamos o aparecimento de costumes relativamente novos. Um exemplo de prática pagã no uso cristão aparece na festa de São Domingos na vila de Cocullo, Itália (na região de Abruzzo). Na primeira quinta-feira de maio, a estátua de São Domingos é carregada em uma plataforma pelas ruas e fica coberta de cobras vivas. À medida que a estátua passa, as pessoas anexam a ela suas petições para pedidos especiais. A aldeia de Cocullo era antigamente o local de culto pré-cristão da deusa serpente conhecida como Angizia, que em sua época era venerada da mesma forma que São Domingos hoje.

Nas tradições de magia popular europeias atualmente existentes na cultura cristã, encontramos uma variedade de ervas. Cada um tem um poder específico atribuído a ele porque supostamente cresceu ao pé da cruz na história da morte de Jesus. O problema é que todas as ervas descritas não poderiam ter crescido no clima e nas condições da região. Portanto, o fato de o poder ser atribuído a essas ervas quase certamente vem de uma atribuição preexistente à fonte das propriedades mágicas. A base deste poder deve ter estado enraizada na cultura europeia pré-cristã. Portanto, o que temos aqui é a arrogância da tradição mágica das ervas de fontes não-cristãs, e que deslocou o sistema pagão e suas conexões mágicas. É por causa desta prática tortuosa que sinto que a cultura popular moderna suprimiu intencionalmente a verdade sobre as suas raízes mágicas. Esta supressão resultou em considerar as tradições e costumes relativamente novos como originais. O problema com esta visão é que ela cria a falsa impressão de que a existência declarada de formas e usos anteriores é uma invenção dos neopagãos e outros.

Em seguida, precisamos examinar a questão de saber se as tradições pagãs anteriores continuaram ou não, apesar do seu encontro com a cultura cristã. Há um desacordo generalizado sobre a ideia de sobrevivência

das tradições pré-cristãs. Algumas pessoas acreditam que todos os elementos do paganismo na Europa foram completamente erradicados pelo Cristianismo. Outros acreditam que os costumes pagãos foram absorvidos pelo Cristianismo e completamente transformados em tradições cristãs, onde deixaram de ser de natureza pagã. A mais rara de todas as crenças é que algumas tradições pagãs e de bruxaria sobreviveram e continuaram como práticas não-cristãs até os tempos modernos.

A acadêmica Bernadette Filotas comentou sobre a fraqueza de confiar em várias fontes das quais derivam as conclusões acadêmicas. Em particular, ela aponta para o início da Idade Média e observa que, com exceção da religião romana, há escassa informação sobre os rituais e crenças pagãs que não deixaram vestígios arqueológicos e para os quais a única fonte são os escritos dos clérigos cristãos. ¹² Isto

é interessante porque demonstra uma fraqueza nos estudos arqueológicos, mas também porque aponta para a dependência dos clérigos cristãos para fornecer uma descrição e compreensão precisas de uma fé rival – o paganismo. Isso parece improvável, na melhor das hipóteses.

A história da bruxaria está numa encruzilhada onde o conflito marca o centro. Num ramo temos o que pode ser chamado de visão “erudita” ou hegemônica. Por outro lado, está o que às vezes é chamado de cultura “subalterna”. Este termo denota as crenças e práticas suprimidas da cultura camponesa que são ignoradas ou negadas por um foco exclusivo em estudos de cultura popular reconhecidos academicamente.

Em vez de compreender a perspectiva de cada um, a reação é tipicamente ver uma como falsidade e a outra como verdade.

O folclorista siciliano Giuseppe Pitrè comentou certa vez que “A história significativa de um povo, que não deve ser confundida com a história de seus governantes, pode ser encontrada nas crenças e costumes folclóricos transmitidos oralmente ou representados em rituais”. ¹³ Acredito que há verdade nesta afirmação, mas esta verdade é apenas parcial porque as crenças folclóricas mudam e são modificadas ao longo do tempo. É fácil concluir que os pontos em comum sobreviventes encontrados nas crenças folclóricas devem ser os mais profundos e, portanto, ter as raízes mais profundas. Mas nem sempre é esse o caso. Ocasionalmente, são os pequenos fragmentos que residem no pano de fundo das crenças e práticas populares que são fundamentais por natureza. Esses elementos ecoam de um passado distante, muito antes de o Deus Único vir para substituir os Muitos. Isso ficará evidente nos capítulos seguintes.

A conversão dos pagãos ao cristianismo foi um projeto planejado e não um processo natural de evolução espiritual. Na minha opinião, constitui uma guerra de etnocídio espiritual contra a população indígena da Europa e as suas crenças e práticas. A Igreja decidiu demonizar e difamar intencionalmente os métodos pré-cristãos. Ao fazê-lo, suprimiu e erradicou muitas crenças e práticas mais antigas (e assimilou outras numa tentativa de *despaganizá-las*). Além disso, a prática da tortura e da execução foi posta em prática na esperança de acabar com a resistência, bem como de garantir uma adesão estrita ao cristianismo. Isto é violência cultural tanto figurativa como literalmente.

Um dos meios menos óbvios de erradicar as crenças e práticas pré-cristãs era mudar o seu propósito. Isso permitiu às pessoas a contínua familiaridade com os costumes ancestrais e, ao mesmo tempo, transformando-os com um tema cristianizado. Com o tempo, as raízes pré-cristãs foram esquecidas à medida que a experiência geracional que se seguiu tornou-se de natureza puramente cristã. Os velhos pagãos já tinham morrido há muito tempo e foram substituídos por gerações de pessoas que foram criadas numa Europa cristã. Mas alguma coisa foi realmente esquecida?

Num sentido irônico, foi a própria Igreja Católica que ajudou a preservar antigas práticas pagãs. Isto não se dá apenas em termos de adaptá-los para se conformarem às práticas cristãs, mas também através dos escritos da Igreja e dos seus agentes. É aqui que encontramos advertências contra as práticas pré-cristãs, que revelam quais eram essas práticas, bem como a sua popularidade. Este registo permite-nos olhar para o passado para autenticar práticas pré-cristãs através da comparação com escritos de períodos passados. Também nos permite olhar para o futuro, para os séculos que se seguem às primeiras admoestações da Igreja. Desta forma, podemos traçar a persistência de elementos pré-cristãos mesmo onde eles

Machine Translated by Google
se absorvido e era baseado em algo cristão. Examinaremos isso mais detalhadamente em capítulos futuros.

Outro factor que precisamos de compreender é o papel do folclore popular e das tradições folclóricas. Estes também se enquadram na categoria de crença popular e cultura popular. Como tal, é considerado pelos acadêmicos como a verdade empírica. O problema é que o que isso realmente reflete é o domínio de uma coisa sobre outra. Em outras palavras, é o que prevalece e, portanto, desloca o que veio antes dele. Esta última é a cultura subalterna ou submersa que é suprimida pela sociedade hegemónica. Um exemplo muito forte é o da Madona Negra na cultura católica e a figura de uma deusa pré-cristã que ainda era venerada na era cristã. A visão dominante da Madona Negra é que esta é uma representação da “Mãe de Deus” no catolicismo e não está ligada a uma deusa pré-cristã.

A visão da cultura reprimida é que a Madona Negra desloca a antiga deusa da qual ela se originou e se dissocia do paganismo. Ela é a deusa que se tornou santa, que não reconhece mais seu passado e que muda sua identidade para inventar uma nova pessoa em uma nova comunidade.

É importante notar que o antigo escritor grego conhecido como Pausânias menciona em sua obra intitulada *Descrição da Grécia* (10. 36. 5) uma figura de Ártemis/Diana feita de pedra negra. No museu arqueológico de Nápoles reside a antiga estátua de uma Artemis/Diana negra de Éfeso que tem quase dois metros de altura. Esta deusa é uma figura materna decorada com vários animais e com vários seios para alimentá-los. Foi em Éfeso, cidade onde Ártemis-Diana era venerada, que a igreja proclamou Santa Maria como a “Mãe de Deus” em 431 EC. A ênfase de Santa Maria como “mãe” é uma mera coincidência nesta cidade da antiga Deusa Mãe, ou é algo planejado para substituir uma pela outra?

Figuras femininas divinas e desenhos rupestres descobertos perto de Palermo datam de 30.000 anos antes da era cristã. Outros são encontrados nas ilhas de Malta e Sardenha e datam de 6.000 a 3.500 anos antes da era cristã. O que eles têm em comum são duas coisas. Primeiro, eles parecem representar o conceito de uma deusa mãe e, segundo, foram descobertos em locais do Paleolítico e Neolítico que mais tarde se tornaram os santuários da estátua da Madona Negra. Encontramos um excelente exame deste assunto nas *Madonas Negras da historiadora Lucia Chiavola Birnbaum*. [14](#)

Parece bastante claro que a Madona Negra é uma adaptação cristã de uma divindade pagã modificada para uso na cultura cristã, mas a maioria dos estudiosos rejeita a abundância de evidências como sendo nada mais do que coincidência. Esta estranha lógica aplica-se não apenas a temas de divindades, mas também surge em tradições de magia popular e está especificamente relacionada com encantos simbólicos em tais sistemas. Um desses amuletos é o *cimaruta*, que na tradição popular é um amuleto italiano destinado a proteger contra encantamentos malévolos. O pingente é desenhado na forma de um raminho da erva conhecida como arruda. Uma variedade de amuletos simbólicos está fixada nas extremidades do desenho da planta de arruda.

A maior parte do que é publicamente conhecido sobre a cimaruta vem dos escritos de folcloristas do final do século XIX. É referido como um amuleto contra coisas como o “mal” e a magia negra em geral. A maioria das referências antigas nos informava que a cimaruta era pendurada no berço de um recém-nascido. Seu objetivo aqui era desviar a inveja dos visitantes, ato que poderia lançar mau-olhado e prejudicar a criança.

Este amuleto é um dos muitos usados por católicos supersticiosos na Itália durante o século XIX, mas quando examinamos o simbolismo da cimaruta, torna-se difícil compreender como é que ele se combina com as crenças católicas de tal forma que o encanto reflete os princípios cristãos. Deveríamos esperar encontrar simbolismo cristão num amuleto concebido para proteger os católicos, mas nas suas primeiras formas, tais símbolos não estão verdadeiramente representados na cimaruta.

O amuleto cimaruta do século XIX era mais comumente composto por vários símbolos que o identificavam prontamente. Eles foram presos ao raminho de arruda, circundando-o para formar um amuleto completo. Todas as peças cimaruta desta época continham os seguintes símbolos.

Lua 3.

Chave 4.

Flor 5. Chifre

ou punhal 6. Galo (ou

às vezes uma águia)

7. Serpente

Mais tarde, outros símbolos foram adicionados ao cimaruta. Entre os mais comuns estavam o coração, a cornucópia e o anjo querubim. A adição posterior do coração (às vezes descrito como um coração flamejante) e do querubim são os únicos que refletem a teologia católica. Quando comparamos este desenho cimaruta com os anteriores, o coração ou o querubim é sempre colocado em áreas que são espaços vazios nos desenhos mais antigos. O que isso sugere?

Quando fui apresentado ao cimaruta pela primeira vez, fui informado de que é um amuleto de bruxa. No passado, as bruxas supostamente o usavam como um sinal de sua sociedade secreta. Desde aquela época, descobri a crença de que a cimaruta é um amuleto antibruxaria. Acredito que esta avaliação errônea se deve à antiga reputação da planta da arruda como proteção contra feitiçaria e envenenamento. Infelizmente, qualquer palavra usada para denotar feitiçaria é frequentemente traduzida pela palavra bruxa ou bruxaria. Isto torna difícil saber exatamente o que se pretendia nas referências originais. Em outras palavras, a palavra “bruxa” foi inserida para substituir feiticeira ou bruxo? Algumas pessoas não fazem distinção entre um usuário de magia e uma bruxa, mas um dos objetivos deste livro é demonstrar a verdadeira diferença.

Ao examinar os símbolos da cimaruta, descobrimos que, com exceção do coração e do anjo acrescentados, todos eles foram usados como símbolos pré-cristãos. Cada um dos símbolos comuns na cimaruta está associado à prática da bruxaria e não à sua prevenção. Se a cimaruta é um amuleto contra a bruxaria, então é ineficaz em termos do seu simbolismo expresso. Quando olhamos para isso como o amuleto da bruxa, porém, o simbolismo faz todo o sentido. Vamos examinar cada símbolo do teclado.

A mão humana há muito é retratada entre os símbolos ocultos da magia. A historiadora Ruth Martin comenta sobre o uso da mão na bruxaria para lançar feitiços e invocar espíritos. ¹⁵ Na quiromancia, os dedos da mão recebem conexões planetárias e muitos sistemas mágicos usam uma variedade de gestos rituais com as mãos. Sob esse prisma, o aparecimento da mão na cimaruta condiz com o fato de ser um amuleto de bruxa. A objeção a isso pode surgir quando olhamos para os costumes folclóricos populares nos quais encontramos o *mano cornuto* (mão com chifres) e o *mano in fico* (mão de figo). Na tradição folclórica popular, cada um deles tem como objetivo afastar más intenções, que os supersticiosos costumam chamar de bruxaria. Mas quando consideramos que na cultura italiana estes gestos também são usados contra não-bruxas, devemos então concluir que estes símbolos manuais não são especificamente anti-bruxaria. Em vez disso, são gestos de proteção geral e de desvio contra influências indesejadas em geral.

O próximo símbolo que encontramos na cimaruta é a lua. Este símbolo não requer argumento de que é favorável à bruxaria e às bruxas. O que é intrigante é como a lua pode ser considerada na cimaruta como um símbolo antibruxaria. Não conheço nada na teologia católica que possa apoiar esta ideia. Vemos imagens da Virgem Maria em pé sobre uma lua crescente, o que algumas pessoas podem ver como o triunfo da nova religião sobre a antiga (solar versus lunar), mas nunca encontrei este tema em conexão com a lua crescente na cimaruta. . No folclore comum, a lua aparece frequentemente em amuletos para proteção, mas nenhuma explicação é fornecida. No entanto, foi sugerido que as pontas com chifres do crescente o tornam um símbolo de proteção em geral. Mas como o símbolo da lua protege uma pessoa de uma bruxa, quando a bruxa é alguém que faz magia lunar?

O próximo na ordem é o símbolo da chave. A conexão mais óbvia com ele como amuleto de bruxa é seu

Machine Translated by Google
associação com Hécate, uma deusa clássica da bruxaria e das bruxas. A chave era um dos principais símbolos de Hécate em seu papel de guardiã dos limiares. Aparece em sua estatuária junto com uma serpente e uma tocha (algumas fontes substituem a serpente por um chicote). Embora seja verdade que na tradição católica São Pedro é frequentemente retratado segurando a chave do céu, parece improvável que esta seja a razão para incluir uma chave na cimaruta. Se fosse, como o controle sobre a porta do céu poderia ser uma proteção contra as bruxas na terra? Aqui, novamente, encontramos outro símbolo na cimaruta que não tem relevância para a teologia católica em termos de proteção contra a feitiçaria. Por outro lado, a chave se ajusta perfeitamente ao uso simbólico das bruxas a serviço de Hécate.

A flor da cimaruta é descrita como verbena, lótus ou trevo, mas seu formato nos antigos amuletos da cimaruta tem pouca ou nenhuma semelhança com as duas últimas flores. Originalmente, fui ensinado que a flor é uma flor de verbena e ainda não encontrei nenhum motivo para rejeitar essa tarefa. As flores em geral, por fazerem parte de uma planta, não têm efeito negativo sobre as bruxas, que são donas do mundo vegetal.

No entanto, várias plantas e árvores têm uma reputação mágica de proteção contra encantamentos. Neste contexto, pode ser que a flor da cimaruta pretendesse transmitir esta ideia e, para as pessoas supersticiosas do século XIX, isto significava proteção contra a bruxaria. Porém, para a bruxa, a flor de verbena significa a aliança com a raça das fadas, o que dá poder à cimaruta como amuleto de bruxa.

Passamos agora ao símbolo da buzina. O chifre há muito representa poder e virilidade e, como tal, enquadra-se na categoria geral de proteção. A este respeito, o conceito está bem enraizado no paganismo e é menos discutível como símbolo católico contra o encantamento; Contudo, o chifre é mencionado no Novo Testamento como um símbolo cristão. Um exemplo aparece em Lucas 1:69, que diz *“O Senhor nos suscitou o poder da salvação na casa de seu servo Davi”*. Outro exemplo aparece no livro de Apocalipse 5:6, que se refere ao Cordeiro de Deus tendo sete chifres que são os sete espíritos de Deus. É este o significado do chifre na cimaruta? Parece improvável. Por outro lado, o chifre tem significado para a bruxa através da associação de cabras com chifres, uma associação tradicional com a bruxaria.

O símbolo do galo apresenta um pequeno problema na cimaruta. Esta criatura é mais frequentemente associada ao nascer do sol, uma época que põe fim ao reino da noite onde a lua governa suprema. Nesse sentido, podemos entender como o galo pode ser visto como um símbolo antibruxa. Porém, o galo é um dos animais de culto do deus Apolo. Esta divindade é irmão de Diana, uma deusa associada à bruxaria desde os tempos antigos. Nesta relação, o sol e a lua não são antagônicos entre si. Portanto, o sol e o galo não precisam ser vistos como símbolos antibruxa. Aprendi que o galo representa o destruidor da ilusão, a luz que dispersa o que se imagina durante a noite. Desta forma, relaciona-se com a bruxa como uma vidente, uma pessoa que pode dissipar falsidades e ver além de uma fachada.

O último símbolo da cimaruta é o da serpente. Tal como o símbolo da lua, não há razão para considerar a serpente um amuleto anti-bruxa. Na tradição católica, a serpente representa o Diabo. A inclusão da serpente como amuleto antibruxa na cimaruta é absurda. No entanto, a serpente aparece em muitos escritos sobre bruxas e bruxaria. Entre as conexões mais notáveis está a famosa noqueira das bruxas de Benevento. Quando os lombardos ocuparam a cidade, a noqueira era local de veneração da serpente. Uma estátua dourada de uma serpente alada foi apresentada nas celebrações, que incluíram participantes circulando a serpente de costas voltadas para ela. Santo.

Barbatus ordenou que a árvore fosse cortada e mandou derreter a estátua e transformá-la em “uma patena sagrada”, que foi [transformada](#) em cálice.

O exame do simbolismo cimaruta revela que há muito pouco apoio para ele como amuleto protetor na cultura católica. A preponderância de evidências mostra o simbolismo no

cimaruta é pre-cristã em origem e natureza. No geral, os encantos da cimaruta são símbolos de proteção e, de fato, um dos usos dele é contra encantamentos. Mas até as bruxas usam feitiços contra magia mal intencionada dirigida contra elas. Portanto, a tentativa antiencantamento da cimaruta não a torna um repelente de bruxas. Claramente, há muito mais motivos para ver a cimaruta como um amuleto de bruxa do que para considerá-la um dispositivo anti-bruxa.

A maioria dos folcloristas e antropólogos modernos insiste que a cimaruta é um amuleto antibruxaria. Eles baseiam isso na tradição popular dominante do período em que são encontrados escritos sobre a cimaruta. Esta abordagem ignora as raízes pré-cristãs do simbolismo em favor da posição hegemônica do folclore dominante do século XIX. Rejeita a cultura reprimida em favor da cultura dominante. Este é mais um exemplo de etnocídio espiritual contra crenças e práticas pré-cristãs.

O deslocamento dos costumes pré-cristãos é evidente em grande parte da magia e religião popular contemporânea. Anteriormente vimos que plantas com usos pré-cristãos em magia foram transformadas em plantas de magia popular cristianizadas. Cada uma das plantas é atribuída a uma natureza mágica porque supostamente cresceu ao pé da cruz, mas sabemos que isso é falso porque o clima não permite que todas essas plantas sobrevivam na região de Jerusalém. Apesar disso, a tradição destas plantas na tradição popular domina agora as tradições mais antigas e deslocou-as. As raízes falsificadas das plantas mágicas cristianizadas tornaram-se a tradição aceita por trás dos atributos das plantas na magia popular, bem como sua origem.

É por causa de tradições inventadas e raízes imaginárias que acredito que grande parte do etnocídio espiritual contra crenças e práticas pré-cristãs foi intencional, e assim permanece até hoje. Isto inclui o tratamento da figura da bruxa. No próximo capítulo, veremos a evolução da figura da bruxa ao longo dos séculos. Ao fazer isso, descobriremos mais evidências de engano e invenção ao longo da era cristã. Através disso descobriremos a bruxa como parte de uma cultura submersa e reprimida, dominada e deslocada pelas crenças populares da sociedade hegemônica.

CRIANDO UMA BRUXA

A ideia da bruxaria como uma seita antiga que sobreviveu ao longo dos séculos é frequentemente chamada de invenção neopagã. Em termos de jardim de infância, às vezes é chamada de noção romântica de bruxa e bruxaria. Seja como for, a representação acadêmica da figura da bruxa é absolutamente inventada.

Aqui nos dedicamos a examinar o retrato “oficial” das bruxas e da bruxaria. Ao fazer isso, veremos como a figura da bruxa evoluiu e como os teólogos ajudaram a distorcer os resultados finais.

A figura estereotipada da bruxa europeia é frequentemente retratada como alguém que usa magia para fins negativos, é de natureza diabólica, adora o Diabo, é canibal e participa em atos depravados e perversão sexual. Esta imagem da bruxa é uma compilação de ideias individuais misturadas para criar um único retrato. Embora seja verdade que a bruxa sempre foi retratada sob uma luz desfavorável, certamente houve um tempo em que o Diabo Judaico-Cristão não fazia parte do quadro. O Diabo é um acréscimo à ideia de bruxaria, e a associação surge muitos séculos após a ascensão do Cristianismo.

A definição da bruxa como uma pessoa que venera o Diabo não aparece nos escritos pré-cristãos sobre bruxas e bruxaria. Em vez disso, a antiga literatura grega e romana inclui referências a bruxas envolvidas com deusas como Hécate, Diana e Prosérpina. Na era cristã, a ligação da bruxa com um ser poderoso é reelaborada para se adequar a uma visão de mundo diferente relacionada ao Diabo. Deve-se notar aqui que o Diabo não está ligado às bruxas até a Idade Média.

Na realidade, se houvesse pessoas que venerassem o Diabo e praticassem os tipos de actos relatados nos julgamentos de bruxaria europeus, porque é que não são chamadas de satanistas ou adoradores do diabo em vez de bruxas? Afinal, os contos preexistentes de bruxas sempre as associavam a deusas. Esta tradição literária se estende por quase mil anos, desde a época dos antigos escritos gregos e romanos até a era cristã. A rejeição do conceito básico é rejeitada pela doutrina da Igreja no texto do século X conhecido como Canon Episcopi. Se as “bruxas” adoravam o Diabo na era cristã, como é que isto passou despercebido pela Igreja durante mais de 900 anos? Como veremos neste capítulo, o Diabo só é introduzido na bruxaria muitos séculos após a ascensão do Cristianismo.

Para descobrir a bruxa do Velho Mundo tal como ela era, em comparação com a bruxa imaginada pela crença popular, devemos primeiro desconstruir o estereótipo. A imagem contemporânea da bruxa é uma bruxa desdentada com pele verde e verrugas no nariz e no queixo. Como observado anteriormente, em períodos anteriores a bruxa era retratada como um personagem diabólico adorando o Diabo, comendo crianças e prejudicando pessoas, animais e colheitas. Muito antes disso, ela era uma bela e poderosa feiticeira nos contos gregos antigos. Parece que os anos não foram gentis com a bruxa.

Tal como referido no capítulo um, é importante compreender que a visão acadêmica oficial da bruxaria europeia não provém de um estudo cultural de pessoas que se autodenominam bruxas. Mencionamos anteriormente a ideia de que o que é apresentado como “a história da bruxaria” é, em vez disso, uma cronologia de superstições e lendas e como elas se desenvolveram para formar crenças sobre pessoas que foram rotuladas de bruxas. Este processo levou séculos para amadurecer e foi cimentado pela introdução na tradição popular de vários escritos e comentários “autorizados”. A maior parte disso compreende sermões, crônicas, manuais judiciais, panfletos e vários tratados sobre bruxaria (promovidos pela classe erudita). Em última análise, a representação popular e acadêmica das bruxas e da bruxaria europeias é o resultado final de séculos de invenção e fusão.

É importante estar ciente da diferença entre a tradição popular (crenças populares do povo) e a tradição erudita (crenças da classe instruída). A tradição popular reflete as crenças, a tradição e a superstição de um povo (embora essa tradição possa mudar e mude com o tempo). A tradição erudita, no caso da bruxaria, representa as opiniões de juizes, interrogadores, teólogos, comentaristas e a doutrina oficial da Igreja. Chegou um momento em que a contaminação ocorreu quando ocorreu a inevitável fusão dos dois. Em outras palavras, as pessoas foram continuamente expostas a ideias aprendidas que influenciaram suas crenças. Esta exposição provavelmente ocorreu através de julgamentos de bruxas, sermões e condenações faladas em execuções públicas. Além disso, a circulação de panfletos e avisos públicos sem dúvida introduziu opiniões oficiais na população. Por outro lado, a tradição erudita foi influenciada pelas crenças populares entre as pessoas de qualquer período. Isto é evidente no facto de os escritos da classe educada abordarem as crenças populares do período em que aparecem e utilizá-las para apoiar e justificar a aplicação de leis, decretos, decisões e julgamentos.

Os historiadores discutem entre si sobre a sua visão do que definem como bruxaria (uma perspectiva que chamo de “*bruxaria vista académica*” em oposição à *bruxaria do Velho Mundo*). Alguns estudiosos acreditam que as ideias essenciais da bruxaria de visão académica derivam da tradição popular. Outros acham que a origem está enraizada em ideias inseridas pela classe erudita de teólogos e inquisidores.

Outra escola de pensamento sustenta que as ideias sobre bruxaria foram formadas a partir de práticas diabólicas atuais, mas esta posição pertence a um grupo enfraquecido de estudiosos.

Os antropólogos expandem a definição de bruxaria para além da Europa para incluir as culturas africanas e indígenas americanas, bem como outras. Sua definição de bruxaria concentra-se na magia negra ou em qualquer forma destinada a causar danos. Portanto, qualquer usuário de magia que realize um ato prejudicial através da magia é um bruxo. Do ponto de vista antropológico, a diferença entre uma feiticeira e uma bruxa é que a bruxa possui a capacidade de influenciar por puro pensamento, vontade ou mera presença. Por outro lado, uma feiticeira requer um ritual ou procedimento mágico.

Os antropólogos estudam a cultura de um povo, seus costumes, tradições, estrutura social e crenças e práticas básicas. Embora isto possa nos dizer muito sobre as tradições populares e as crenças dominantes, o estudo também pode não conseguir erradicar e compreender as tradições fundamentais da cultura submersa ou subalterna. As tradições populares prevaletentes dominam as suprimidas que foram deslocadas ao longo do tempo. Outro problema é que, quando se considera a bruxaria europeia, dificilmente se pode confiar nos dados contidos nas confissões produzidas pela tortura como reflexo das verdadeiras crenças e práticas culturais. Em vez disso, reflete em grande parte o que os inquisidores queriam ouvir. Portanto, o máximo que podemos colher destes relatórios é uma compreensão da cultura dos não-bruxos e das suas opiniões sobre um povo (bruxos) que existia em grande parte apenas na sua imaginação.

O historiador Richard Kieckhefer aponta que alguns estudiosos como Joseph Hansen e Rossell H. Robbins observa distinções claras entre elementos da tradição erudita e da crença popular. [17](#) Estes historiadores concluem que elementos de bruxaria como a fuga sobrenatural, a transformação física e as assembleias diabólicas não derivam de crenças ou práticas populares. Em vez disso, estes são conceitos inventados por teólogos medievais que se baseiam nas tradições cristãs e greco-romanas. No entanto, Kieckhefer acrescenta que Jacob Grimm sentiu que a representação da bruxaria foi influenciada pelo folclore germânico, o que implica crença popular.

Quando falamos de crenças populares sobre bruxaria, estamos considerando as opiniões culturais de um povo sobre um tema, o que não reflete necessariamente a verdade última. As ideias sustentadas pela maioria sobre as minorias são as de quem está de fora, o que é muito problemático. O mesmo pode ser dito dos teólogos, juizes e inquisidores que atuaram durante os séculos dos julgamentos das bruxas. Para confundir ainda mais a questão, a palavra “bruxa” foi amplamente aplicada a qualquer pessoa que praticasse magia. Às vezes, isso incluía até mesmo o Povo Astuto, uma seita de praticantes de magia popular que eram inflexíveis em não serem bruxos. Isso contamina os dados usados para chegar a uma definição académica precisa da bruxa.

Para compreender a figura da bruxa, será útil começar do início e seguir a trilha tortuosa. A história começa com as bruxas, pois as pessoas pretendem causar danos e causá-los sempre que possível. Este tema aparece tanto na era pré-cristã quanto no período cristão. As ações das bruxas prejudiciais nunca são verdadeiramente examinadas do ponto de vista das bruxas; eles são simplesmente considerados de mãos dadas com a sempre presente natureza maligna da bruxa. Este tema nunca muda ao longo dos séculos e, na verdade, torna-se amplificado na representação da bruxa diabólica da Idade Média e da Renascença. Para compreender as raízes de tal conceito na cultura ocidental, devemos olhar para ideias antigas sobre magia.

Uma visão popular é que os persas introduziram a magia na Grécia antiga; ou pelo menos as ideias sobre magia entre os gregos vêm de influências persas. As técnicas ocultas conhecidas entre os babilônios, assírios e persas parecem ter alcançado a Grécia e a Itália em sua pré-história. Durante o período helenístico, outras influências do Egito foram introduzidas. A relação muitas vezes hostil entre a Grécia e a Pérsia causou uma visão negativa da magia na cultura ocidental e, portanto, não se devia confiar em seus praticantes com boas intenções.

Com o passar do tempo, as ideias sobre os usuários de magia fundiram-se com as crenças populares da cultura. As crenças arcaicas sobre seres sobrenaturais e o aparecimento de usuários de magia na cultura tornaram-se uma fórmula para a fusão. Eventualmente, as duas ideias se transformaram em uma só – a bruxa. No sul da Europa encontramos a antiga criatura conhecida como *strix* ou *striga*. Esta criatura era um ser vampiro que assumia a forma de uma coruja escondida e também podia aparecer como uma velha. A fusão da *strix*/*striges* com a figura da bruxa aparece em várias obras antigas de escritores como Ovídio. Ele frequentemente descreve os *striges* como pássaros vorazes com bicos em forma de gancho e garras poderosas. Eles têm penas cinzentas e uma cabeça grande com olhos curiosos. Ovídio observa a crença de que eles são capazes de se transformar em forma humana. O poeta romano Horácio (século I a.C.) zomba abertamente da ideia de tal conceito em sua obra intitulada *Ars Poetica* (versículos 338–40). Seus escritos sobre as bruxas as retratam como totalmente humanas (como evidenciado em sua obra conhecida como *Épodos*), mas durante os dois primeiros séculos seguintes da era cristã, encontramos uma abundância de referências a *striges* como se tais criaturas fossem reais.

A *strix*/*striga* é a raiz da bruxa mítica na tradição do Sul da Europa, mas mais tarde influenciou as ideias sobre as bruxas no Norte da Europa. Isto acontece devido à tradução de material grego e latino sobre bruxas que é eventualmente utilizado pelas autoridades de outras regiões da Europa. Mais adiante neste capítulo, examinaremos ideias sobre bruxas na Grã-Bretanha, na Alemanha e na Europa Oriental.

O gramático conhecido como Sextus Pompeius Festus (século I d.C.) definiu a palavra latina *strigae* como "o nome dado às mulheres que praticam feitiçaria, e que também são chamadas de mulheres voadoras".¹⁸ Isto é revelador em termos de notar a existência de uma figura de bruxa mortal e a crença relacionada na sua contraparte sobrenatural. Como vimos no capítulo um, o historiador Richard Gordon faz uma distinção entre a bruxa noturna sobrenatural e a bruxa humana nos tempos antigos. Ele observa que ninguém jamais viu uma *bruxa noturna*, mas as pessoas podiam encontrar a bruxa mortal na vida diária.

O historiador Norman Cohn observa que a maioria dos escritores antigos sabia perfeitamente que as *striges* ou *strigae* eram completamente imaginárias. Ele também observa que os escritores do período usaram a ideia de tais criaturas para "enfeitar" seus escritos sobre bruxas.¹⁹ No entanto, Cohn também comenta que as referências literárias antigas refletem uma "crença séria" nas *strix*/*striges* que pode ter sido difundida entre as pessoas comuns. O historiador Richard Gordon observa que existiam "tensões e interações" entre a classe camponesa e a classe educada relacionadas ao desenvolvimento de crenças mágicas.²⁰ O acadêmico Ronald Hutton observou certa vez o lamento dos antigos filósofos que ficavam consternados com o facto de os incultos manterem as suas crenças, apesar da exposição aos discursos da classe erudita.²¹

A representação primária na tradição inicial das bruxas como más vem em grande parte de poetas antigos como Teócrito, Virgílio, Horácio, Sêneca e Lucano (e já mencionamos o escritor Ovídio). A partir de tais fontes, vemos reflexos das tradições vernáculas de bruxaria conhecidas em todo o Império Romano. Se retirarmos a política e a agenda dos escritores e deixarmos de lado por um momento

Machine Translated by Google
a natureza maligna terratada da bruxa, podemos examinar algumas informações importantes. É aqui que podemos encontrar o funcionamento da bruxa mortal.

A partir de um exame da literatura antiga sobre bruxas, encontramos os seguintes elementos como temas persistentes. As bruxas invocam forças celestiais (estrelas e lua), usam ervas e ferramentas rituais (varinha, faca e caldeirão) e fazem imagens de pessoas a partir de cera ou alguma outra substância para fins mágicos. Eles também evocam ou invocam uma deusa (mais frequentemente Hécate ou Diana). Em sua representação, as bruxas não possuem poder mágico interno; Em outras palavras, eles não são internamente mágicos. Para realizar um trabalho de magia, a bruxa deve usar ferramentas e um processo como um ritual ou algum meio de lançar um feitiço. Eles têm acesso ao poder, mas não o autogeram. Se permanecermos neste tema relativamente razoável e evitarmos os elementos fantásticos do sobrenatural, poderemos desmantelar melhor a imagem distorcida da bruxa inventada.

Voltando à ideia das striges ou bruxas noturnas, o conceito surge fora do sul da Europa, onde está documentado no século VI da era cristã. O corpo mais antigo da lei alemã – a *Lex Salica* – reflete antigas crenças de tempos anteriores. Trata a “stria” ou “striga” como uma realidade e inclui a natureza canibal da criatura que também aparece na literatura romana antiga.

[22](#) É digno de nota que estas crenças alemãs existem antes das influências dos romanos ou dos cristãos. Isto sugere uma crença generalizada entre as pessoas comuns em um tipo semelhante, se não idêntico, de ser sobrenatural. Talvez não seja muito surpreendente que esta figura se torne a bruxa em muitas regiões da Europa. Devemos ter em mente, porém, que esta não é a bruxa que procuramos neste livro; em vez disso, é uma fusão de uma criatura mítica com um tipo específico de ser humano.

O padrão de invenção de uma bruxa continua através dos séculos, e outro elemento parece surgir no início do século X. É aqui que encontramos o famoso Cânon Episcopi, mencionado por Regino de Prüm por volta de 906 dC. Regino cita-o nos seus esforços para informar os agentes da Igreja sobre certas crenças às quais devem se opor entre a população. Em essência, o Cânone refere-se a “mulheres más” que acreditam montar animais à noite junto com a deusa Diana. A companhia deles inclui pessoas vivas e mortas. Regino está preocupado que outras pessoas que ouvem tais histórias possam acreditar nelas e se afastarem da fé cristã. Ele também teme que “retornem” aos “erros” dos pagãos.

[23](#)

O Cânon parece indicar que alguma forma de veneração da deusa Diana ainda estava ativa no século X. Aparentemente era popular o suficiente para preocupar a Igreja. O medo de Regino de que as pessoas possam “regressar” aos costumes pagãos parece sugerir a existência de uma seita pré-cristã na qual participaram pessoas do seu tempo e que mais tarde se converteram ao cristianismo. Ele não usa a palavra “bruxa” nos seus escritos e, no entanto, o Canon Episcopi desempenhará mais tarde um grande papel na distorção da figura da bruxa.

Em versões posteriores dos Episcopi, encontramos o aparecimento do nome Herodias colocado ao lado de Diana. Herodíade é uma personagem bíblica ligada ao assassinato de João Batista e, na tradição medieval, passa a ser associada às bruxas. O historiador Carlo Ginzburg aponta que Burchard, bispo de Worms, adicionou “Heródias” ao nome de Diana ao se referir ao cânone anterior sobre Diana e seus seguidores noturnos. [24](#) Portanto, “Heródias” não está presente nas referências canônicas originais a Diana e seus seguidores. A adição altera o tema original e introduz uma conexão inventada.

Ginzburg menciona que o Concílio de Trier em 1310 “colocou Herodiana ao lado de Diana”, e aqui vemos outra alteração intencional do tema original. Ele ressalta que em 1390 Frei Beltramo “inseriu” uma referência a Herodíades que não aparecia nos autos do julgamento a respeito de uma mulher chamada “Sibillia”. Tudo isso parece ter o objetivo de conectar Diana (e as bruxas) com a infâmia de um personagem bíblico. É uma parte fundamental da ligação da figura da bruxa a temas anticristãos, uma associação que no século XV levará a alegações de adoração do Diabo. Notemos neste ponto que o Diabo não estava oficialmente associado às bruxas e à feitiçaria.

O Diabo aparece em julgamentos e comentários de bruxaria desde meados do século XV até o início do século XVIII. Este é o período oficial em que a bruxaria não é bruxaria sem o Diabo. No entanto, esta conexão inventada foi preparada e fervida séculos antes. O historiador Edward Peters observa que a literatura para instruir noviços em mosteiros durante os séculos XII a XIII colocou ênfase significativa na natureza do Diabo e em seu poder de enganar as pessoas.

25 Era apenas uma questão de tempo até que o Diabo e a bruxaria matassem aos olhos dos teólogos.

Os escritos do teólogo Alphonso Tostado (por volta de 1440) introduzem pela primeira vez a noção (baseada no Canon Episcopi) de que a deusa pagã Diana e a figura chamada Herodias são na verdade demônios.

Outro teólogo chamado Jordanes de Bergamo (por volta de 1470) escreveu que os demônios têm a capacidade de iludir mágicos e bruxas através de seu “poder triplo” de usar ilusão, sonhos e sua capacidade de realocar fisicamente as pessoas à vontade. Estas imaginações (se não invenções deliberadas) tornaram-se um conjunto crescente de escritos que alimentaram os receios dos teólogos nos séculos seguintes.

Eventualmente, o pacote foi montado dando demônios a um líder (Satanás) e atribuindo uma seita de seguidores (bruxas). Foi um processo brilhante que resultou na invenção de um inimigo do Cristianismo e preparou o cenário para uma guerra de erradicação. O medo de um inimigo, real ou imaginário, sempre funcionou bem para as autoridades. Uma das vantagens da tática é que funciona extremamente bem ao desviar a atenção das pessoas da gravidade dos problemas sociais ou das operações secretas. A Europa durante este período foi atormentada por tudo, desde doenças generalizadas até à pobreza intensa e ao colapso financeiro dos seus sistemas económicos.

As pessoas permitirão ações por parte das autoridades às quais normalmente se oporiam fortemente, desde que sintam que tais ações realmente as protegem de danos. Eles até renunciarão aos seus direitos concedidos na sociedade, desde que acreditem que tais direitos serão devolvidos assim que o inimigo for derrotado. Essa tática funcionou por muitos séculos e ainda é prática hoje. O medo acabou por permitir que as autoridades prendessem, torturassem e executassem pessoas falsamente acusadas do “crime” de bruxaria.

As mortes chegaram a dezenas de milhares enquanto as pessoas se sentavam e se submetiam ao domínio da autoridade.

Entre as pegadas que levam à associação do Diabo com a bruxaria, encontramos a corrente formada a partir destes elos: feitiçaria com heresia, heresia com diabolismo, diabolismo com bruxaria, bruxaria com o Diabo. A forja operativa desta corrente parece ter origem por volta de 1430. Ao longo das três décadas seguintes, ela tempera a corrente numa forte algema que unirá a bruxaria e o Diabo durante os séculos vindouros. Os estudiosos Alan Kors e Edward Peters comentam este período e apontam para as regiões da Europa em que o processo se inicia, nomeando o noroeste da Itália, o sudeste da França, a Suíça central e ocidental e o sudoeste da Alemanha.

26

No final da Idade Média, a morfose da figura da bruxa já havia mudado as perspectivas dos períodos anteriores. Muitos estudiosos referem-se a isso como “a nova ideia da bruxa” (em oposição à ideia inventada). Em meados do século XV, a “bruxaria” era totalmente uma heresia e era apresentada como tal em registo público. As autoridades eclesiásticas e legais processaram-no duramente como crime. O Conselho de Basileia transmitiu a ideia desta “nova bruxaria” por toda a Europa Ocidental.

As características desta forma inventada de bruxaria incluíam acusações de apostasia e um ódio concentrado contra a sociedade cristã. A convicção mais forte, porém, era que todas as bruxas eram servas colaborativas de Satanás. Os cães da guerra foram soltos sobre a população.

Outra característica do século XV é a noção de que as bruxas trabalham em grupos; em outras palavras, eles são uma seita. As bruxas são então obrigadas a nomear outras pessoas pertencentes à sua sociedade. É durante este período que a ideia do Sabá das bruxas se torna o padrão da bruxaria e a define em muitas mentes. A ideia básica de bruxas se reunindo não é exclusiva da época; os elementos únicos são as reuniões formais chamadas Sabá e o aparecimento do Diabo em momentos determinados de folia.

Dozeentos anos antes, durante o século XIII, uma pintura mural apareceu na cidade italiana conhecida como Massa Marittima, na região de Siena. George Ferzoco (diretor do centro de estudos toscanos da Universidade de Leicester) refere-se a ela como a representação mais antiga na arte de mulheres agindo como bruxas.

²⁷ Foi descoberto em 6 de agosto de 2000, após séculos de esconderijo. A grande pintura ricamente colorida – de sete metros de altura – foi encontrada sob camadas de pintura posterior, perto de uma fonte no centro de Massa Marittima. Ela mostra uma árvore alta e extensa com dois grupos de mulheres em pé sob seus galhos. A primeira coisa geralmente notada na árvore é a “fruta” incomum pendurada em seus galhos. A fruta parece ser uma colheita de vinte e cinco falos.

Debaixo da árvore estão dois grupos de mulheres, um à direita e outro à esquerda do tronco da árvore. Uma das mulheres do grupo à esquerda segura uma vara com a qual parece tentar desalojar um ninho de pássaro. O mural mostra duas outras mulheres agarrando os cabelos uma da outra enquanto parecem lutar pela posse de um dos falos colhidos na árvore. Vale ressaltar que nenhum demônio aparece na pintura e o Diabo está completamente ausente. Isso demonstra que tais conceitos não faziam parte da representação da reunião das bruxas nesse período.

O manual dos Inquisidores, conhecido como *Malleus Maleficarum*, fornece uma descrição de práticas de bruxaria que incluem bruxas que roubam os órgãos genitais dos homens. A passagem afirma que as bruxas às vezes coletam órgãos masculinos em grande número (até vinte ou trinta membros). São colocados num ninho de passarinho ou fechados dentro de uma caixa, onde ganham vida e são alimentados com aveia e milho. No folclore toscano, há histórias sobre bruxas que removem pênis de homens e os colocam em ninhos de pássaros em galhos de árvores, onde se multiplicam e ganham vida própria. É interessante notar que o mural italiano foi pintado dois séculos antes da escrita e publicação do *Malleus Maleficarum*.

Uma teoria sobre o mural propõe que seja uma peça única de propaganda política encomendada por uma facção toscana para manchar a reputação de outra. Esta ideia aponta para um grupo conhecido como *Guelfos*, que pode ter usado a pintura para alertar que, se fosse permitido aos *gibelinos* o poder, eles trariam consigo heresia, perversão sexual, conflitos cívicos e bruxaria. Certamente se o Diabo fizesse parte das crenças comuns sobre a bruxaria neste período, a sua imagem seria apresentada na pintura pelo seu impacto na mensagem.

Os Guelfos e os Gibelinos foram duas facções que lutaram pelo poder na Toscana e no norte da Itália durante décadas durante a Idade Média. Talvez a vítima mais famosa de suas rixas tenha sido o poeta popular Dante. Ele era um guelfo expulso de sua cidade natal, Florença, em 1302, depois que um grupo guelfo rival assumiu o poder. Na época da pintura do mural, os Guelfos controlavam Massa Marittima. Era prática comum, ao lançar ataques contra os gibelinos, rotulá-los de hereges.

Minha visão pessoal do mural é de natureza mais esotérica do que a ideia de ser um outdoor político. Se aceitarmos que o mural é a representação mais antiga na arte de mulheres agindo como bruxas, então o que as imagens revelam sobre as crenças da bruxaria neste período? Existem vários aspectos dignos de nota além da ausência do Diabo nesta assembleia de bruxas. A presença de uma árvore mágica é um elemento importante que reflete uma longa tradição da árvore das bruxas em Benevento, Itália.

A representação das bruxas reunidas no mural, juntamente com a ausência do Diabo, tem muito em comum com as primeiras ideias das reuniões das bruxas. Nos sermões de Bernardino de Siena, do século XV, encontramos o que podem ser as primeiras descrições de assembleias de bruxas na era cristã. Bernardino usa o termo italiano *tregenda* para se referir à assembleia de bruxas. As reuniões ainda não eram chamadas de Sabás nesta época da história europeia. O estudioso Franco Mormando comentou que os sermões de Bernardino fornecem algumas idéias sobre o conceito de assembleias regulares de bruxas neste período. Ele continua dizendo que as raízes do Sabá remontam aos pagãos

mitologia relacionada à Sociedade de Diana “não-cristã, mas não-diabólica”.

O pregador dominicano Jacopo Passavanti (por volta de 1354) escreveu em sua obra intitulada *Lo Specchio della versa Penitenza* (O Espelho do Verdadeiro Arrependimento) que as reuniões de bruxas envolviam a crença na comunicação com os mortos. Ele se refere a este encontro como uma tregenda. Sua reclamação é que as bruxas se aproveitam das pessoas que acreditam ser possível falar com os mortos. Passavanti afirma que as bruxas são impostoras que se aproveitam do luto de outras pessoas para obter ganhos financeiros ou por pura maldade. Ele prossegue admitindo que algumas pessoas podem sinceramente pensar que veem pessoas mortas, mortas. bruxa em um papel negativo. Nenhuma permissão é mas que, em tais casos, são **forçadas** a ver pessoas concedida para que as bruxas façam qualquer coisa que não seja por ganho negativo, engano ou intenção maligna. Com esse filtro instalado, a investigação das práticas atuais de bruxaria não pode fazer nada além de falhar em proporcionar um discernimento equilibrado. Esta é outra razão pela qual não existe uma história verdadeira das bruxas.

Passámos algum tempo a examinar algumas das principais influências na Europa Meridional e Ocidental que ajudaram a inventar a visão oficial da bruxaria. Agora olharemos para o norte, para a percepção da bruxaria nas Ilhas Britânicas. Não é importante para os propósitos deste livro se as sementes da feitiçaria diabólica vieram do sul ou eram nativas da região norte. Em última análise, a chamada história da bruxaria difere insignificamente se olharmos para as Ilhas Britânicas ou para a Europa continental. Dito isto, deve-se notar que existiam diferenças. O que quero dizer é que não eram de uma natureza que, em última análise, apresentasse a bruxaria continental e a das Ilhas Britânicas como práticas globalmente significativamente diferentes.

Na nossa comparação da bruxaria regional, devemos notar que as raízes etimológicas da bruxa em inglês diferem da sua contraparte do sul da Europa. A palavra inglesa “bruxa” é derivada das palavras do inglês antigo *wicce* e *wicca*. Estas palavras referem-se a usuários de magia. *Wicce* é a praticante feminina e *wicca* é a contraparte masculina. Na Inglaterra, a etimologia associada à bruxa não parece indicar uma associação com um conceito sobrenatural (como o de *strix*). Também não parece enraizado no conhecimento das plantas em si, como acontece com o *pharmakis* grego. No entanto, em períodos posteriores, muitas das crenças continentais sobre bruxas e bruxaria são encontradas na bruxaria inglesa.

O historiador Alan MacFarlane aponta várias diferenças entre a bruxaria inglesa e a bruxaria na Europa continental. Ele observa, por exemplo, que no condado de Essex as bruxas não são acusado de frequentar o Sabá, dançar ou festejar, ou de perversão sexual. ³⁰ Parece que só depois das atividades do caçador de bruxas Matthew Hopkins (por volta de 1645) a bruxaria inglesa apresentou uma forte semelhança com as alegações feitas nos julgamentos de bruxaria franceses ou alemães.

Os primeiros estatutos relativos à bruxaria na lei inglesa foram promulgados em 1542. Antes dessa época, os “crimes” de magia eram tratados através de vários escritos a nível regional localizado. Reclamações de que as leis temporais eram insuficientes para lidar com a bruxaria resultaram na aprovação dos “Atos contra Conjurações, Encantamentos e Bruxaria” de 1563. Este conjunto de leis introduziu a pena de morte e definiu atos que eram considerados bruxaria. Eles incluíam o uso de magia para prejudicar pessoas ou propriedades e feitiços destinados a provocar “amor ilegal”.

Em 1604, uma lei revisada incluiu uma lei contra consultar espíritos “maus”, bem como alimentá-los, usar sua ajuda e recompensá-los de qualquer forma. Também proibiu a remoção de cadáveres de seus túmulos. Isso nos dá uma boa ideia sobre as crenças relacionadas ao suposto comportamento das bruxas neste período. Mas será que estes actos foram realmente praticados por pessoas com ideias semelhantes, em números tão grandes que justificaram leis contra elas? Isto parece improvável, e a resposta mais simples é concluir que, na melhor das hipóteses, o exagero excessivo estava em jogo aqui.

MacFarlane menciona um trabalho intitulado *Guia para os Grandes Júri*, escrito por Richard Bernard por volta de 1627. Ele fornece uma lista de testemunhas aceitáveis contra pessoas acusadas de bruxaria. Na lista encontramos a inclusão da “bruxa branca” ou “bruxa boa”. Isso indica que a crença

uma bruxa não diabólica existia na Inglaterra durante este período. Bernard não descreve a bruxa boa, e a figura, neste caso, pode na verdade nada mais ser do que um tipo de Povo Astuto. No entanto, MacFarlane observa o que sugere ser um interesse crescente pela bruxaria branca entre as autoridades durante o período de 1571 a 1586. Ele prossegue dizendo que a bruxa branca corria o risco de ser acusada de bruxaria negra e cita o caso de Margery Esqueleto. Ela havia sido testemunha em um julgamento de bruxaria em 1566, para o qual foi convocada como bruxa branca para prestar depoimento contra o acusado. Em 1572 ela foi levada perante o mesmo tribunal sob a acusação de bruxaria negra.

Numa antiga obra intitulada *A Discourse of the Damned Art of Witchcraft*, escrita por W. Perkins, lemos a condenação da bruxa branca. A autora Christina Hole fornece uma citação do texto referindo-se à bruxa branca como a “bruxa da bênção”. Perkins afirma que este tipo de bruxa “merece a morte” ainda mais do que a bruxa negra. Isso ocorre porque, embora as pessoas evitem a bruxa negra, elas voluntariamente procuram a bruxa branca em busca de ajuda. Perkins afirma que, ao fazer isso, as pessoas rejeitam o poder de Deus e dependem da bruxa branca em questões divinas. ³¹ Aqui novamente vemos os meios pelos quais o caráter da bruxa é sempre difamado, não importa quão positivo pareça. É irônico como os contadores oficiais da verdade podem manipular as coisas. Esta manipulação ajuda a construir uma reflexão cultural distorcida. Por sua vez, isto apoia o domínio de crenças populares que suprimem a subcultura que possui o modelo anterior ou original (obscurecendo-o, se não enterrando-o completamente da vista, sem deixar vestígios).

No início do século XV, as linhas de distinção entre formas de práticas como feitiçaria, adivinhação e necromancia começaram a ficar significativamente confusas. Estas ideias ou práticas separadas eventualmente se fundem em uma arte obscura praticada por aqueles que estão em aliança com o Diabo. Isso se tornou a seita anti-social redefinida e rotulada como bruxa. Seus membros foram instruídos a ostentar marcas em seus corpos para identificá-los como pertencentes ao Diabo e a assinar um pacto com seu próprio sangue. Em troca, os membros da seita foram instruídos a receber um espírito servo que era um demônio disfarçado.

Uma vez que a nova seita de bruxas foi construída e firmemente estabelecida nas mentes dos teólogos e de várias autoridades, as práticas e praticantes mágicos foram reinterpretados para se conformarem à visão diabólica. Pessoas do passado que não seriam vistas como bruxas na época eram agora consideradas como tal. Esta história revisionista apoia lentamente a representação da bruxaria pela classe instruída. Uma visão maior e expandida da bruxaria criou raízes e, nesta visão, as bruxas faziam agora parte de uma vasta conspiração contra a sociedade humana e o Cristianismo. O líder destes rebeldes era, obviamente, o Diabo.

O Diabo, assim como a bruxa, é uma figura que se transformou ao longo dos séculos. Os teólogos cristãos atribuem-no à serpente da história do Jardim do Éden. Neste conto, uma cobra falante aparece em uma árvore específica ou perto dela (seu tipo não tem nome). Em resposta a uma pergunta feita pela cobra, Eva ressalta que Deus proibiu comer o fruto desta árvore e, se ela comer o fruto, morrerá. A cobra responde a Eva que ela não morrerá. Prossegue afirmando que ao comer do fruto seus olhos se abrirão e ela conhecerá o bem e o mal à maneira de Deus.

Segundo a história, Eva deseja então comer o fruto para se tornar sábia. Ela come, mas não morre. Em vez disso, ela conhece o bem e o mal, exatamente como a serpente disse que aconteceria. Apesar de contar a verdade a Eva, a cobra é difamada como uma enganadora. Isto se torna o fundamento de Satanás como uma bagunça. Mas nesta história a serpente não mente. Curiosamente, é Eva quem desobedece a Deus, mas a serpente é a primeira a ser punida pela sua desobediência.

À medida que a história continua, Deus faz roupas para Adão e Eva e as veste para cobrir seus corpos nus. A seguir, Deus expressa a preocupação de que o casal coma da “árvore da vida” e viva para sempre. Isto parece indicar que Adão e Eva originalmente não possuíam essa habilidade.

Os teólogos apontam para a tentação de Eva pela serpente e o resultante consumo do fruto como o meio pelo qual a morte entra na experiência humana. Mas, como podemos ver nas escrituras, isso não está de acordo com a cronologia do enredo.

A medida que a história continua, Deus expulsa Adão e Eva do Éden e coloca anjos para protegê-los do acesso à árvore da vida. Mas ainda nos resta o problema de que Deus disse a Eva que ela morreria se amarrasse o fruto da outra árvore. Porém, ela permanece viva, e a verdade dita pela cobra (que ela não morreria) torna-se mentira. Sempre achei isso fascinante.

Mais tarde, no Livro do Gênesis, encontramos uma passagem sobre a duração da vida dos humanos. Aparece no capítulo cinco, que trata dos “filhos de Deus” tomando esposas humanas. Dessa união nascem descendentes e Deus parece descontente. Como resultado, ele fixa o tempo de vida da humanidade em cento e vinte e cinco anos. Esta é a primeira declaração formal de que Deus deseja intencionalmente que todos os humanos morram, e ele acerta o relógio para um encontro inevitável com a morte.

Na tradição popular, a história da serpente no Jardim do Éden é diferente do texto oficial.

As pessoas acreditam que a serpente enganou Eva para que comesse o fruto, mas olhando para a história não há truque ou engano. A serpente simplesmente declara os fatos. A crença popular afirma que a serpente é responsável pela queda da humanidade no Éden. Mas na história é Eva a responsável, embora ela tente redirecionar a culpa para a serpente. Aqui vemos um exemplo de como a tradição popular e a tradição erudita podem diferir. Vemos também como a difamação pode ser uma ferramenta para representações injustificadas de uma figura que as pessoas precisam ver como má para seu próprio ganho pessoal. ³² Acoplar a bruxa ao Diabo é uma amplificação deste princípio. Foi uma tática diabolicamente inteligente criada e usada por teólogos cristãos.

Neste capítulo investigamos a evolução da figura da bruxa e como a inventividade contribuiu para o estereótipo resultante. Foi feita anotação da bruxa branca, que pode ou não ter sido um dos Astutos. É claro que as ideias do passado mudaram de posição e mudaram muito em relação à natureza e ao caráter da figura da bruxa. Vale ressaltar que a imagem da bruxa ainda está em transição. Uma das principais mudanças pode ser atribuída a vários autores no início e meados do século XX. Eles foram influenciados por ideias populares surgidas no que os estudiosos chamam de era romântica do século XIX.

Namorando a Bruxa

Visitemos as noções românticas sobre a bruxa que surgem no século XIX e início do século XX. Estes não são usados como “texto de prova” para apoiar a ideia de que tais bruxas existiam e operavam na época. Eles são incluídos como opiniões positivas que as pessoas tinham sobre as bruxas daquela época. Por que deveríamos aceitar apenas as representações negativas como “históricas” e rejeitar ou ignorar as positivas à medida que discernimos os dados disponíveis? Afinal, esta última também faz parte da história das atitudes em relação às bruxas e à bruxaria.

Portanto, merece pelo menos uma menção, senão uma revisitação.

Observamos anteriormente que uma das críticas aos escritores neopagãos é a alegação de terem inventado uma visão positiva das bruxas e da bruxaria no passado. Essa representação costuma ser chamada de pseudo-história, que está mais próxima de uma forma educada de dizer falso. No entanto, a representação não diabólica das bruxas não é nada novo ou inventado pelos neopagãos. Portanto, examinaremos algumas dessas visões positivas anteriores. Não os apresento como prova de outra coisa senão a sua existência em períodos anteriores à ascensão do Neo-Paganismo.

Se a memória não me falha, por volta de 1970 ou 1971, encontrei pela primeira vez uma publicação intitulada *The Witches' Almanac*. Esta foi uma oportunidade agradável de encontrar em uma pequena loja do mercado. Ao voltar para casa e folhear o livreto, fiquei profundamente impressionado com uma passagem antiga em particular. Ele dizia:

“Ouçam então como nossos pais antes de nós descobriram a Bruxa:

Observe bem a maneira deles, pois é quieta e não pressupõe nada. É em tons pacíficos que eles falam e muitas vezes parecem abstratos. Parecendo preferir a companhia dos Beastes, eles conversam com eles como iguais.

Morarão em lugares solitários, onde é melhor (como dizem) conhecer as vozes do Vento e ouvir os segredos da Natureza. Possuindo a Sabedoria dos campos e florestas, eles curam e se armam com suas colheitas.

Eles não se preocupam com a moda ociosa, nem os bens mundanos têm valor para eles.

Não fique tão confuso a ponto de pensar que apenas Womankynde possui o dom neste assunto. Entre os homens, há muitos que possuem grande poder”-Edward Johnston, Esq.

Meus primeiros dias de treinamento em bruxaria despertaram em mim algo espiritual que imediatamente identifiquei nessas palavras que aparecem no almanaque. Houve uma ressonância e eu não precisava que a passagem fosse histórica. As palavras simplesmente pareciam certas. No entanto, isso iniciou uma busca para encontrar outros escritos de natureza semelhante. Em retrospecto, acho que precisava do conforto de saber que não estava sozinho com as opiniões de um punhado de professores que estiveram ao meu redor enquanto eu crescia. Fiquei fascinado que as pessoas “lá fora” também pudessem *conhecer* essa alma gêmea.

Minha busca foi direcionada por um encontro casual, no verão de 1969, com uma jovem que me disse que praticava Wicca. À medida que ela me revelava coisas sobre suas práticas, descobri muitas semelhanças entre a Wicca e a bruxaria que havia aprendido anteriormente. Também havia diferenças, mas pareciam insignificantes na época. Outras portas se abriam e eu ansiosamente

No início da década de 1970, fui apresentado a livros folclóricos escritos no século XIX. Eles apresentaram a ideia do paganismo sob uma luz intrigante. Havia também neles um tom de natureza anticristã. O que mais me atraiu foi a mensagem de que os velhos costumes foram injustamente difamados na cultura cristã. Isso parecia uma justificativa pessoal.

Ainda gosto de recorrer às obras de folcloristas do século XIX e de outros escritores da época.

Às vezes, as críticas são dirigidas a mim por apreciar essas obras. A queixa é que os escritores deste período (muitos dos quais eram ingleses) não compreendiam a cultura de outros países que visitaram e sobre os quais escreveram. Portanto, a interpretação dos costumes e práticas que testemunharam é uma conclusão imprecisa do seu significado e intenção. Verdadeiro ou não, o que mais valorizo são os dados brutos em comparação com a interpretação deles pelos folcloristas da época. Em outras palavras, olho para os eventos descritos em detalhes porque são relatos históricos de testemunhas oculares. Embora eu note a interpretação dos acontecimentos testemunhados, as suas conclusões significam menos para mim em comparação. Em última análise, o que quero são os detalhes e comparo-os com outros costumes e práticas de diversas regiões.

A semelhança me fala de raízes antigas.

Durante meus primeiros anos de pesquisa, encontrei referências a Girolamo Tartarotti. Seu trabalho do século XVIII intitulado *Del Congresso Notturmo delle Lammie* foi uma das primeiras aparições escritas da palavra *stregheria*, que é um termo antiquado na língua italiana e é traduzido para o inglês como “bruxaria”. Digno de nota são as opiniões de Tartarotti sobre Diana e a bruxaria.

Duas passagens em particular se destacam. O primeiro aparece na página 92 onde ele escreve:

Le moderne Strength adunque, che non sono da meno dell'antiche, nelle ragioni delle succedettero, debbono perseguenza godere tutti I diritti e privilégio, che quelle godevano.

(A assembleia das bruxas modernas é nada menos que a das antigas, e por causa desta sucessão elas gozam de todos os direitos e privilégios dos seus antepassados.)

E na página 165 encontramos:

Che nossa força foi uma derivação e propagação dos antigos seguidores de Diana e de Erodíade, e o crime de um e de outro in sostanza è lo stesso.

(As bruxas do nosso tempo são derivadas e descendentes dos antigos, que eram seguidores de Diana e Erodíade, e que seu crime é bruxaria, assim como era no passado.)

Tartarotti foi advertido pela Igreja por retratar as bruxas de uma forma conflitante com os ensinamentos da Igreja, em que esta última apresentava as bruxas como adoradoras do Diabo (e não como uma deusa). Isto resultou numa retratação que veio na forma de uma revisão publicada em 1751 sob o título *Apologia del Congresso Notturmo delle Lammie*. Os estudiosos modernos rejeitam a visão de Tartarotti sobre as bruxas como uma seita diânica porque ele não oferece nenhuma evidência para apoiar a afirmação e porque ninguém mais em sua época apoiou a ideia. Esta atitude declara que a falta de provas equivale à inexistência e que uma conclusão não partilhada não contém verdade. Tal perspectiva é muito conveniente para aqueles que desejam descartar outras possibilidades que não coincidem com as suas próprias conclusões.

Apesar da rejeição de Tartarotti pelos estudiosos modernos, a sua visão estava certamente enraizada na tradição literária pré-cristã das bruxas e de Diana. Naturalmente, isto não prova que tal relação existisse, mas deveria amenizar as críticas dirigidas a Tartarotti, como se ele próprio tivesse criado a noção. Mesmo no

Não era crista, a deusa Diana aparece em comentários que demonstram sua contínua veneração entre os sertanejos. O Canon Episcopi não é o único exemplo, e a veneração de Diana é notada por São Martinho nas suas viagens do século VI pelas regiões do noroeste da Península Ibérica. As referências de Martin a Diana no século VI, a preocupação do cânone com Diana no século X e a opinião de Tartarotti no século XVIII confirmam um tema antigo que parece relutante em desaparecer ou em se transformar na adoração do Diabo. Este último torna-se obra da Igreja.

O folclorista Jacob Grimm comentou certa vez, em sua obra *Deutsche Mythologie*, que “As bruxas pertencem ao séquito de deusas antigas, que – caídas de seus tronos e transformadas de seres bons e adoráveis em seres diabólicos e medrosos – vagam incansavelmente durante as horas de noite, e no lugar das antigas procissões festivas realizam reuniões secretas e ilegais com seus adeptos.” ³⁵ É interessante ver uma mudança na representação da bruxa, especialmente por um escritor que publicou contos de fadas em que as bruxas procuram prejudicar as crianças.

O historiador francês do século XIX Jules Michelet escreveu certa vez “Bruxas elas são por natureza. É um presente peculiar à mulher e ao seu temperamento. Ao nascer como uma fada, pela recorrência regular de seu êxtase ela se torna uma sibila. Por seu amor ela se torna uma feiticeira. Por sua sutileza, por uma malandragem muitas vezes caprichosa e beneficente, ela se torna uma Bruxa; ela faz seus feitiços; “De qualquer forma, acalma nossas dores para descansar e enganá-las.” ³⁶ Michelet é rejeitado pelos estudiosos devido à crença de que possuía um forte preconceito político e uma imaginação fértil.

À medida que continuamos a olhar para as noções românticas da bruxa, não podemos ignorar o comentário de Edward Carpenter que, em seu livro *Tipos Intermediários entre o Povo Primitivo*, escreve:

Karl Pearson, assumindo a prevalência real destas instituições nos primeiros tempos, salienta, razoavelmente, que quando o Cristianismo se tornou razoavelmente estabelecido, os ritos e festivais matriarcais, permanecendo em lugares remotos e entre o campesinato, seriam imediatamente interpretadas como tendo um caráter diabólico e feiticeiro, e as mulheres (ex-sacerdotisas) que as conduziam e talvez recitassem trechos de antigos rituais meio esquecidos, seriam consideradas bruxas. “Temos, portanto”, diz ele, “que considerar a bruxa essencialmente como a forma degradada da velha sacerdotisa, astuta no conhecimento de ervas e medicina, zelosa dos ritos da deusa a quem ela serve, e preservadora em feitiços e encantamentos com a sabedoria que a civilização primitiva possuía.” Esta civilização, explica ele, incluía a “observação dos tempos e das estações”, o conhecimento da tradição meteorológica, a invenção da vassoura, da roca, do caldeirão, do forçado, a domesticação da cabra, do porco, do galo e a galinha, e assim por diante - todas essas coisas se tornaram símbolos da bruxa em tempos posteriores, simplesmente porque originalmente eram invenções da mulher e a insígnia de seu ofício e, portanto, os símbolos religiosos da deusa-mãe e de seu culto. ³⁷

A visão de Carpenter é muito semelhante à dos neopagãos em sua representação de uma visão matrifocal (se não culto à deusa matriarcal) no qual eles sentem uma sensação de raízes conectivas espirituais.

A posição neopagã da bruxa como sacerdotisa não é novidade. ³⁸ Escritores antigos retrataram Medéia como uma sacerdotisa de Hécate. Uma representação grandiosa da bruxa sacerdotisa aparece na publicação de 1893 de um livro intitulado *Mulher, Igreja e Estado: Um Relato Histórico do Status da Mulher através da Era Cristã*. Sua autora, Matilda Joslyn Gage, escreveu:

Henry Moore, um erudito graduado em Cambridge do século XVII, escreveu um tratado sobre bruxaria explicando o termo “bruxa”, que ele afirmava significar uma mulher sábia ou erudita.

A palavra alemã 'hexe', isto é, bruxa, significava principalmente sacerdotisa, uma mulher sábia ou superior

Machine Translated by Google
que em um templo onde este adorava aqueles deuses e deusas que juntos governavam a terra e o céu. Não sozinha, mas com milhares de pessoas para quem ela oficiava, ela foi encontrada lá, especialmente na noite de Walpurgis, o principal Sabá Hexen (bruxo) do norte. [39](#)

Esta imagem me lembra os festivais pagãos modernos onde não é incomum que as bruxas facilitar rituais para os participantes reunidos.

Para uma última olhada nas visões do início do século XX, recorremos ao *Livro das Bruxas*, de Oliver Madox Hueffer. O autor escreve:

Com a primeira introdução do governo civil, a bruxa e a sacerdotisa finalmente se separam, para se posicionarem doravante em lados opostos. É verdade que, à medida que a religião segue a religião, a sacerdotisa da época anterior torna-se muitas vezes a bruxa do seu sucessor, apenas acentuando assim a distinção. Pois, nos esforços incessantes para organizar um modus vivendi entre os mundos humano e sobrenatural, a sacerdotisa se acomoda às circunstâncias – a bruxa as desafia. A sacerdotisa, reconhecendo a sua própria humanidade, afirma apenas interpretar os desejos do deus, interceder junto dele em nome dos seus semelhantes. A bruxa, conservadora convicta da velha raça, afirma ser divina, na medida em que exerce um poder divino inacessível ao governo humano, e assim se destaca como uma pessoa à parte, independente dos poderes civis e eclesiásticos - e como tal objeto de medo e suspeita. Mesmo assim ela ainda é respeitável, suspeita mesmo, mas não condenada. A atitude pública em relação a ela é variável; ela é alternadamente encorajada e reprimida, venerada e perseguida - e apesar de tudo ela floresce, agora

sedutora como Circe, agora parecida com uma bruxa como Hécate. [40](#)

Neste escrito, vemos o retorno da antiga picada – a bruxa como anti-social e desafiadora. Ela é uma rebelde contra qualquer credo, doutrina ou dogma que tente controlá-la.

Que eu saiba, a primeira tentativa em grande escala de romantizar a bruxa está enraizada nos escritos da antropóloga Margaret Murray. Ela é bem conhecida por sua teoria de que a bruxaria europeia era o culto a Diana que sobreviveu até a era cristã. Uma série de seus livros sobre o assunto expandiu a ideia de uma simples religião camponesa para uma organização muito mais abrangente. Este último incluía membros da realeza, e esta foi a gota d'água para seus colegas acadêmicos (que estavam muito céticos quando seu primeiro livro sobre bruxaria foi publicado).

Hoje, as opiniões de Murray são completamente rejeitadas pelos estudiosos contemporâneos. Pedacos individuais de bruxaria histórica e pedacos de conhecimento autêntico sobre bruxas descobertos em sua pesquisa são agora automaticamente rejeitados porque sua tese geral é contestada. Ninguém entende absolutamente tudo errado, mas qualquer pessoa que sequer insinue que uma única linha do trabalho de Murray pode ter valor perde instantaneamente a credibilidade. Citá-la de qualquer forma de apoio, por menor que seja, é agora o equivalente a encontrar uma mosca flutuando na sopa. Tudo é descartado.

Os escritos de Murray ainda influenciaram os primeiros dias da formação da Wicca, que durante a primeira metade do século XIX era conhecida como bruxaria. Um homem chamado Gerald Gardner divulgou a bruxaria como uma religião pagã sobrevivente na Inglaterra, e Murray escreveu a introdução em seu livro *Witchcraft Today*. As raízes da Wicca moderna remontam a Gardner e outros de sua época.

O autor e bruxo Raymond Buckland é responsável pela introdução posterior da Wicca nos Estados Unidos.

Antes da década de 1980, as palavras *bruxaria* e *Wicca* eram sinônimos. Ambas eram frequentemente referidas como a *Antiga Religião*, a *Arte dos Sábios* ou simplesmente como a *Arte*. A Bruxaria e a Wicca são tradicionalmente sistemas iniciáticos, o que significa que para se tornar um membro você deve ser trazido e ensinado por alguém já treinado e conhecedor das artes. Muito pouco foi conhecido publicamente sobre bruxaria ou Wicca durante várias décadas após seu surgimento na década de 1950. Os poucos livros disponíveis

sobre o tema foram escritos por pessoas de dentro ou por aqueles que entrevistaram bruxas iniciadas. Ou assim foi tudo apresentado na época.

Com os escritos de autores como Scott Cunningham, a ideia da Wicca começou a mudar, pelo menos nos Estados Unidos. O treinamento formal e a iniciação foram considerados desnecessários. Na década seguinte, muitas pessoas chegaram a considerá-los indesejáveis. Este ambiente foi fértil para o estabelecimento de sistemas autodenominados, autoiniciação e formação de “tradições” ecléticas da Wicca. Um novo paradigma deslocou o modelo de bruxaria ou Wicca das décadas anteriores, e os indivíduos confiaram na abordagem de “tudo o que parece certo” em oposição aos conceitos e métodos de treino tradicionais. A própria ideia de uma “tradição de bruxaria” caiu em desuso e passou a ser vista como uma algema em vez de uma base sólida.

A década de 1990 trouxe ainda mais mudanças para a bruxaria. Os termos *Wicca* e *bruxaria* se dividem formalmente em duas definições diferentes. A Wicca tornou-se a religião das bruxas, e a bruxaria era agora separadamente sua prática mágica. Essa ideia também enfraqueceu e surgiu a noção de que wiccanianos e bruxas não são automaticamente a mesma coisa.

Na Inglaterra ocorreram menos modificações em termos de Wicca e bruxaria. Um exemplo é o que costuma ser chamado de Wicca Tradicional Britânica (BTW). É composto por tradições que traçam sua linhagem a partir de fontes britânicas hereditárias ou antigas. Estas incluem as tradições Gardneriana e Alexandrina, bem como vários ramos e ramificações. Entre eles encontramos o clã de New Forest associado a Sybil Leek, o Clã de Tubal Cain (famoso por Robert Cochrane) e Plant Bran. A propósito, alguns grupos sentem que o termo *Wicca* pertence estritamente à Arte na Inglaterra e não deve ser usado por pessoas sem linhagem rastreável. Outros aplicam a palavra apenas aos grupos Gardnerianos e Alexandrinos e suas ramificações. Nos Estados Unidos, a palavra se aplica a qualquer sistema relacionado às ideias e conceitos que vieram das Ilhas Britânicas, independentemente de modificações.

As décadas de 1960 e 1970 (frequentemente associadas ao movimento Hippie) provocaram uma reversão nos modos conservadores de pensamento; foi uma era de desafio à autoridade e às visões convencionais. A ideia da bruxa como adoradora do Diabo deu lugar a uma nova geração, que via a bruxa como incompreendida e difamada. Essas décadas apresentaram a bruxa envolvida em um antigo culto à fertilidade ligado a uma deusa mãe e a um deus da natureza com chifres. No centro deste conceito estava a crença de que a bruxaria sobreviveu no subsolo como uma sociedade secreta. Não era incomum que as pessoas reivindicassem uma tradição familiar de bruxaria de longa data. Tais reivindicações diminuiriam mais tarde à medida que passávamos para a década de 1990 e para os tempos atuais.

No capítulo seguinte voltaremos nossa atenção para a descoberta da figura da bruxa livre de ideias inventadas. Nosso objetivo é deixar de lado as noções pré-concebidas e olhar para ideias menos contaminadas. Embora ainda tenhamos que percorrer crenças e atitudes do passado, as rachaduras e buracos na parede proporcionam uma visão do que há muito está escondido. Agora podemos limpar os escombros e recuperar as peças que faltam.

DESENVOLVENDO A BRUXA

Examinamos a bruxa retratada nos esquemas daqueles que se beneficiaram da imagem da bruxa diabólica. Embora esta invenção seja certamente o retrato mais conhecido, existem outras perspectivas menos prejudiciais a considerar. Muitos deles podem ser encontrados em uma variedade de fontes que são secundárias aos escritos que visam especificamente a bruxaria.

Agora veremos temas que aparecem em vários relatos, contos e lendas relacionados a bruxas e bruxaria. Um dos objetivos é separar o impossível do possível, o que nos dará uma imagem mais clara da bruxa do passado (e do presente). Ao fazer isso, focaremos na bruxa como uma pessoa real, capaz de realizar atividades viáveis. Isto nos ajudará a separar a bruxa inventada e a chegar a algo mais útil ao nosso discernimento.

Ao longo deste capítulo iremos destacar os componentes que reaparecem nas acusações de julgamento de bruxaria (excluindo coisas como os elementos fantásticos da fuga e da transformação física). A ideia é olhar para elementos folclóricos e fragmentos da tradição das bruxas que podem existir por si próprios, sem uma conexão com a bruxaria como má ou definida por um pacto com o Diabo. Também daremos uma breve olhada em coisas que são muitas vezes ignoradas ou descartadas, a fim de perpetuar a noção de bruxaria como uma forma de adoração ao Diabo ou uma heresia cristã.

Há uma coisa muito importante que falta na nossa compreensão da figura da bruxa do passado. Esta é a palavra usada pelas próprias bruxas para identificação. Se soubéssemos esse nome, ele poderia nos fornecer informações vitais, principalmente em termos de etimologia. Infelizmente, conhecemos apenas os nomes usados por não-bruxos para se referir a pessoas que se acredita serem bruxas. Uma possível exceção aparece nos estudos de campo de folcloristas do século XIX que investigavam a bruxaria na Itália. ⁴¹ Que eu saiba, estes são os primeiros relatos retirados diretamente de pessoas que se identificaram como bruxas e que estavam dispostas a falar sobre as suas práticas sem coerção. Em italiano, a palavra comumente traduzida como “bruxa” é *strega* (bruxa feminina) e *stregone* (bruxo masculino).

Muitos estudiosos descartam estes estudos de campo porque os dados não cumprem os estereótipos que definem a bruxaria na comunidade acadêmica. Outra razão para a rejeição é que a metodologia acadêmica aceita pelos estudiosos contemporâneos não foi refinada no século XIX. Portanto, a maioria dos estudiosos modernos considera os dados coletados diretamente das bruxas entrevistadas desse período não confiáveis. Os estudiosos preferem, em vez disso, defender a “história” oficial da bruxaria, que retrata uma seita de bruxas que podemos ter certeza razoável de que nunca existiu.

No capítulo um, examinamos a etimologia da palavra mais antiga para bruxa na cultura ocidental. Como descobrimos, a palavra é *pharmakis* (palavra relacionada ao conhecimento das substâncias vegetais). Outras palavras se seguiriam, e uma dessas palavras se tornou a base da figura inventada da bruxa que temos hoje. Esta palavra é *strix*, uma palavra latina que indica uma coruja. Isso sugere que as pessoas que viviam na era do uso dessa palavra acreditavam em uma conexão entre a bruxa e a coruja. A conexão pode resultar de gritos rituais feitos uma vez por bruxas durante a noite, ou a associação pode ser mais mítica em Será que algumas ⁴² bruxas se referiam a si mesmas como o *povo coruja*? O precedente de assumir nomes tribais de animais existe na Itália pré-romana. Alguns exemplos incluem tribos que receberam os nomes *Piceni* (pica-pau), *Lucani* (lobo) e *Ursenti* (urso). Esta prática está ligada ao mito do animal guia, ou ancestral, alimentador e protetor (uma crença popular na Itália pré-histórica). ⁴³

No capítulo dois, observamos escritos antigos que retratam uma criatura sobrenatural chamada *striga*, que era um tipo de coruja vampira. De acordo com a tradição antiga, esta criatura foi capaz de se transformar na figura de

uma vênus. Na tradição da época, a striga previa bebês recém-nascidos, crianças pequenas e mulheres. Com o passar do tempo, tanto strix quanto striga tornaram-se termos para designar uma bruxa. Alguns estudiosos fazem uma distinção entre o sobrenatural, ou “bruxa noturna”, e a bruxa humana que as pessoas podem realmente ter encontrado na vida real do dia-a-dia. O historiador Richard Gordon observa tal distinção na antiguidade. Ele prossegue dizendo que a representação da bruxa como alguém que envenena é uma mistura criada de tempos. as figuras da mulher sábia e do cortador de raízes, e não um relato etnológico.

De acordo com a maioria dos estudiosos, as palavras *striga* ou *strix* evoluíram para a palavra *strega*. Seu uso contemporâneo na cultura italiana dominante é sempre negativo, assim como foi no passado. Se striga e strix são as raízes da palavra moderna *strega*, então é razoável supor que a noção da criatura indicada por estes termos há muito contamina ideias sobre a atual figura da bruxa ao longo dos séculos.

Algumas pessoas acreditam que a presença de uma criatura sobrenatural nas antigas crenças culturais sobre as bruxas nega a ideia de que uma bruxa humana também existiu nas mentes da população. Mas esta avaliação errônea é contrária à visão acadêmica observada nos comentários de Gordon.

De vez em quando surge o argumento de que as pessoas não usariam um nome para si mesmas que fosse considerado negativo na cultura em que foram criadas. Pessoas com essa visão rejeitam a ideia de que alguém no passado se identificasse como bruxa (ou, no caso dos italianos, como *strega* ou *stregone*).

No entanto, sabemos que algumas pessoas hoje abraçam o nome “bruxa” nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, apesar do seu significado negativo na cultura dominante. Sabemos também que as minorias se chamam umas às outras por nomes que outras pessoas usam como comentários depreciativos (refiro-me a calúnias racistas). Portanto, o argumento é fraco quando olhamos para o exemplo das pessoas do nosso tempo. As bruxas modernas enfrentam hoje muitos dos mesmos perfis sociais que as de épocas passadas. É verdade que já não é legal prender, torturar e executar pessoas acusadas de bruxaria (pelo menos na maioria dos países), mas ainda existem consequências significativas. Apesar disso, encontramos pessoas que se identificam abertamente como bruxas.

Também encontramos pessoas que se referem a si mesmas como bruxas. Isto sugere fortemente que as definições e atitudes dominantes não são necessariamente um impedimento.

Ao longo deste capítulo, examinaremos vários temas relacionados às bruxas retratadas como pessoas reais. Também examinaremos referências à bruxaria que pretendem indicar uma prática viável em oposição a eventos sobrenaturais impossíveis. Minha intenção não é reivindicá-los como prova de nada em si. Em vez disso, eu os uso para apresentar crenças sustentadas por várias pessoas em épocas diferentes. A questão é por que essas crenças persistem ao longo dos tempos, apesar das opiniões contrárias que formam as opiniões oficialmente aceitas sobre bruxas e bruxaria.

Entre as referências mais persistentes estão as menções de uma deusa em julgamentos de bruxaria e em comentários de vários oficiais da Igreja e outras chamadas autoridades sobre o assunto. Os nomes destas deusas são naturalmente os da região em que aparecem, pelo menos na sua maior parte. No entanto, a deusa romana Diana é frequentemente encontrada fora da Itália e particularmente nos registros alemães. Outros tipos de deusas são mencionados na Europa Oriental. Por exemplo, a acadêmica Éva Pócs relata trinta e seis casos documentados em transcrições de julgamentos de bruxaria húngaros que envolvem um “destino 45. O facto de deusas em estes julgamentos durarem três séculos é um testemunho notável da deusa da persistência”. de temas de acusações de bruxaria.

O estudioso Carlo Ginzburg, em seu livro *Ecstasies: Deciphering the Witches' Sabbath*, nos fornece um capítulo intitulado “Seguindo a Deusa”. Aqui encontramos os nomes de várias divindades femininas que aparecem nas transcrições de julgamentos já em 1390 e depois nos séculos seguintes. Os nomes incluem Diana, Bensozia, Herodias, Madonna Horizonte/Oriente, Bona Domina, Richella, Habonde, Abundia, Unholde, Bethe, Helt, Doamna Zinelor, Irodiada, Arada, Satia e a anônima “Rainha dos Elfos” (no entanto, Ginzburg afirma que os nomes não são confiáveis, pois alguns podem ter sido assumidos e outros inseridos deliberadamente nos registros).

Conforme observado no capítulo um, a deusa Diana aparece em conexão com a bruxaria nas obras de

o poeta romano conhecido como Horácio. As bruxas em seus escritos são associadas a Diana, que testemunha seus ritos. Eles usam magia e possuem livros contendo encantamentos que podem atrair a lua e as estrelas. Horácio descreve a bruxa como completamente humana, e não encontramos relatos de vôo ou mudança de forma física. No entanto, vemos claramente descrições de atos hediondos. O roubo de túmulos é uma das acusações feitas contra as bruxas na época de Horácio.

Muitas pessoas modernas provavelmente ficariam chocadas com a ideia de coletar ossos em cemitérios. Horácio e outros escritores antigos referem-se frequentemente a isso. Nos tempos antigos, os cemitérios dos pobres consistiam em covas rasas e não era incomum que os animais desenterrassem os restos mortais. Não tenho dúvidas de que os usuários de magia (incluindo as bruxas) se aproveitaram dos ossos encontrados expostos e espalhados pelo cemitério. Os ossos têm sido usados há muito tempo na magia para uma variedade de propósitos, incluindo seu uso em pó para poções e pomadas, bem como o uso da medula para fazer velas.

Tenho certeza de que se de alguma forma viajássemos no tempo, não encontraríamos bruxas antigas que acreditassem na filosofia de “não prejudicar ninguém” da Wicca popular contemporânea. Também não tenho dúvidas de que muitas bruxas modernas ficariam perturbadas com a antiga prática da bruxaria. Em algum momento da história as pessoas praticaram sacrifícios humanos e sacrifícios de animais. As bruxas, como parte dessa cultura antiga, quase certamente também o fizeram. A sociedade humana evoluiu e o sacrifício humano passou a ser um ato aceitável, mas os escritos das formigas-bruxas querem que acreditemos que as bruxas continuaram a praticar sacrifícios vivos ao longo dos tempos. Qual é a probabilidade de a cultura europeia ter evoluído desta forma, mas ter deixado a bruxa para trás de uma forma tão significativa?

Embora a difamação da bruxa nos apresente dificuldades em descobrir uma visão realista dela ou dele, existem vestígios de práticas autênticas referenciadas em documentos de julgamento, aos quais podemos recorrer para obter algumas respostas. Entre as práticas atribuídas às bruxas está a confecção de poções do amor e a cura através de formas primitivas de magia. ⁴⁶ É aqui que vislumbramos a bruxa numa apresentação não diabólica. Naturalmente, os antibruxos consideram esses serviços tortuosos e egoístas, mas, como observamos no capítulo dois, nunca é dado à bruxa o benefício da dúvida. Tudo o que ela faz é sempre interpretado da pior maneira possível.

O estudioso Owen Davies nos apresenta uma representação do que ele chama de bruxa mendiga. Em seu livro *Witchcraft, Magic, and Culture 1736–1951*, encontramos vários exemplos de pessoas que ele chama de bruxas mendigas; um exemplo é uma mulher chamada Old Dolly, que supostamente é uma bruxa de Shropshire (com chapéu pontudo e tudo).

⁴⁷ De acordo com Davies, algumas das bruxas mendigas cometeram intencionalmente atos prejudiciais em retribuição por terem sido negadas doações. Isto aumentou a sua reputação de magia, o que por sua vez inspirou as pessoas a não ignorarem o mendigo. Aqui estamos olhando para a bruxa camponesa tentando sobreviver, o que é uma visão mais realista do que a de uma bruxa inerentemente má que está sempre procurando prejudicar alguém pelo simples prazer de fazer isso.

Davies ressalta que a bruxa mendiga não se identificou como bruxa em sua comunidade. Infere-se que as pessoas sabiam quem era a bruxa (real ou imaginária). Mas para a bruxa ameaçar diretamente alguém a reduziria a uma extorsionista, que não seria tolerada. Portanto, não foi realmente o medo da bruxa que fez com que as pessoas lhe oferecessem sustento. Era um desejo de permanecer em sua boa vontade. Sua boa vontade significava ajuda em momentos de necessidade mágica. A bruxa sempre foi o último recurso quando os métodos habituais falharam.

Certos temas reaparecem ao longo dos séculos, tal como registados em transcrições de julgamentos por toda a Europa. Entre as mais comuns encontramos acusações de preparação de poções, lançamento de feitiços e criação de imagens de pessoas em cera ou argila para fins mágicos. Todas essas são práticas muito antigas, e seu aparecimento na bruxaria demonstra que a bruxa é praticante de magia de maneiras muito comuns.

É aqui que podemos ver a bruxa como uma pessoa real envolvida em práticas reais.

O uso de objetos ou itens na bruxaria é um tema comum. Alguns envolviam o uso de um figo

ocorre em um problema de pele. O figo é deixado para apodrecer e secar, na crença de que o mesmo acontecerá com as doenças. Algumas bruxas foram acusadas de roubar a hóstia de uma igreja e adicioná-la às suas poções. Isso mostra a bruxa como adaptativa, à pessoa que usa objetos porque estão associados ao poder. Em tais atos, a bruxa acredita que ela ou ele pode empregar e dirigir objetos poderosos, mesmo aqueles que outros possam achar que deveriam impedir a bruxa de manuseá-los. É em exemplos como este que vemos a bruxa humana em oposição à bruxa folclórica ou diabólica.

Os registros históricos indicam que 91% das bruxas acusadas eram mulheres. Os estudiosos apresentaram várias teorias sobre isso, mas todas falham em levar em conta a razão mais óbvia.

As mulheres sempre foram as guardiãs da tradição e as preservadoras da comunidade social. Tradicionalmente, os homens preocupam-se menos com esses assuntos. É claro que quando generalizamos, deixamos de lado os indivíduos que não se enquadram no estereótipo, mas é na ideia de manter as tradições que coisas como a bruxaria certamente serão repassadas.

Examinando as acusações de bruxaria dirigidas principalmente às mulheres, é notável que a maioria delas eram idosas. As viúvas parecem ser uma vítima popular. Na verdade, qualquer pessoa geralmente detestada numa cidade ou aldeia corria grande risco de ser acusada de praticar bruxaria. Quando olhamos para fontes folclóricas locais, encontramos muitos relatos de pessoas que são consideradas bruxas ou lembradas como tendo sido bruxas. Alguns estudiosos usam as informações contidas nos contos populares para concluir que as pessoas declaradas bruxas eram de fato bruxas.

O historiador cultural Owen Davies afirma que os contos populares podem ser divididos em duas categorias principais: narrativas folclóricas e lendas folclóricas. De acordo com Davies, as narrativas folclóricas refletem crenças populares apresentadas através de histórias inventadas, enquanto as lendas folclóricas transmitem eventos que se acredita serem verdadeiros. ⁴⁸ Ele prossegue dizendo que os indivíduos considerados bruxos são pessoas reais e, em muitos casos, podem ser rastreados até registros paroquiais. Davies parece acreditar que se alguém afirma conhecer pessoalmente uma bruxa, ou foi informado por um dos pais ou avós que a pessoa era uma bruxa, então a pessoa em questão é uma. Não sou tão facilmente persuadido a concordar.

Davies prossegue dizendo que deve-se tomar cuidado para garantir a confiabilidade do informante que fornece a lenda popular. Ele afirma que um informante não confiável é aquele que tem algo a ganhar pessoalmente ao transmitir a história (algum tipo de recompensa). Por outro lado, a testemunha confiável de Davies é alguém que (sem ganho óbvio) transmite algo que se adapta ao estereótipo da bruxa má. Para Davies, a crença de uma pessoa na veracidade da história contada e sua representação do personagem bruxo, de acordo com as crenças centrais negativas sobre bruxaria, tornam o relato confiável. Pessoalmente, não vejo aqui nada mais do que a transmissão e continuação de estereótipos aplicados a pessoas que estão em desfavor da sua comunidade. Eles podem ou não ter praticado alguma forma de magia, e a pessoa que recebe a magia pode muito bem ter considerado os resultados indesejáveis, mas a prática de magia para qualquer propósito não faz, por si só, de alguém uma bruxa.

A partir do final da Idade Média, o Diabo (ou mais especificamente um pacto com ele) é o principal indicador de uma bruxa. A ideia chega à Inglaterra muito mais tarde do que a sua introdução continental, mas com o tempo a bruxa e o Diabo também são inseparáveis nas Ilhas Britânicas. No entanto, surge outro componente da bruxaria relacionado às linhagens.

Davies comenta que a crença na bruxa hereditária é notada na Cornualha, por volta de 1855. ⁴⁹ Mas tal crença também é encontrada em períodos anteriores. No *Compendium Maleficarum*, encontramos uma passagem afirmando que é “prova certa de culpa” se o acusado tiver pais considerados culpados de prática de feitiçaria. Isto é conhecido como herdar a “mácula” da bruxaria. Davies observa a crença passada de que o “poder da bruxaria” é transmitido através de gerações pela herança dos livros de bruxas. Nessas crenças começamos a nos afastar da bruxa inventada e nos aproximamos do tipo de bruxa que realmente existiu.

Uma figura histórica digna de exame é uma mulher chamada Biddy Early. Ela morou na Irlanda, onde nasceu em 1798. Seu nome de batismo era Bridget Ellen Connors, mas mais tarde ela adotou o nome de

Nome de sobrenome da mãe. Bidy cresceu na pobreza e viveu em uma pequena fazenda. Sua mãe tinha a reputação de fitoterapeuta que fazia remédios para várias doenças. Com sua mãe, Bidy aprendeu a arte de fazer poções.

De acordo com sua lenda, quando Bidy tinha dez anos, um dia ela encontrou fadas enquanto coletava ervas, frutas vermelhas e musgo. Isso aconteceu perto de duas pedras monolíticas em um campo onde antigas lendas contavam sobre reuniões de fadas. Na época de Bidy, um “arbusto de espinhos brancos” crescia perto das pedras. Mais tarde, as pessoas diriam que Bidy parecia estar conversando com alguém invisível sempre que visitava este lugar.

Quando questionada sobre isso, ela respondeu que conversou com fadas que estavam lhe ensinando coisas. [50](#) Por ser uma criança, esse comportamento não preocupava os vizinhos o suficiente para tomarem qualquer atitude.

Bidy passou muito tempo com o povo das Fadas no que ela chamava de cantos das Fadas. Mais tarde na vida, ela ficou conhecida como curandeira e como uma pessoa que podia prever eventos. As pessoas passaram a chamá-la de mulher sábia. Mas foi durante o tempo em que residiu em Dromore, perto de Kilbarron, que ela passou a ser conhecida como bruxa.

Neste ponto de sua história surge um elemento popular. Sabe-se que Bidy possui uma garrafa especial que foi profetizada pelo espírito de sua falecida mãe em uma visita anos antes. A garrafa supostamente veio do povo Faery. Foi descrito como tendo cerca de 23 centímetros de altura e uma haste de 15 centímetros. A parte inferior do corpo da garrafa era bulbosa e o vidro era descrito como de cor azul (embora alguns relatos relatem que era preto). Quando não estava em uso, Bidy sempre guardava a garrafa embrulhada em um pano vermelho. Sempre que viajava, Bidy escondia a garrafa debaixo de um xale.

As histórias nos contam que Bidy usava a garrafa como um espelho de vidência. Ela olharia para isso e preveria o futuro de quem procurasse seus serviços. Ela também forneceu pequenos frascos contendo poções para cura e outras coisas que surgiram em suas visões. Embora as pessoas lhe oferecessem dinheiro, ela recusou e, em vez disso, aceitou “presentes em espécie” como pagamento.

À medida que a sua popularidade aumentava, Bidy entrou em conflito com o clero católico local. Os padres acusaram-na de estar ligada ao Diabo e falaram contra ela pelo nome durante os cultos dominicais na igreja local. Num sermão específico, o padre exigiu que ninguém na paróquia informasse a um estranho onde Bidy morava (porque vinham pessoas de todos os lugares em busca de sua cura).

O problema para os sacerdotes era que a magia de Bidy funcionava. Ela poderia fazer coisas que os sacerdotes não podiam, como curar pessoas, animais e colheitas. Quando as pessoas precisavam, procuravam Bidy e não o clero da Igreja. Isto só aumentou a animosidade que os sacerdotes sentiam por ela. É até relatado que os padres não davam a absolvição dos pecados a ninguém na paróquia que sequer falasse com Bidy.

Em diversas ocasiões, um padre foi à casa de Bidy para confrontá-la como agente do Diabo, apesar de ela não ser conhecida por fazer mal a ninguém ou a alguma coisa. Um padre entrou em sua casa e andou por aí, estalando o chicote para assustar Bidy. Ao sair de casa, o padre disse a Bidy que se ele voltasse ela se lembraria dele agora. Bidy respondeu que o padre também se lembraria dela em pouco tempo. Segundo a história, quando o padre partiu a cavalo, ocorreu um incidente em uma ponte estreita. O cavalo parou e recusou-se a se mover. O padre descobriu então que seus pés estavam presos nos estribos. Nem ele nem o cavalo iriam a lugar nenhum. O padre acabou mandando um transeunte até a casa de Bidy com um pedido de desculpas e a promessa de nunca mais incomodá-la. Bidy lançou o feitiço e o padre saiu correndo.

Em 1865, Bidy foi acusado de bruxaria de acordo com um estatuto de 1586. No tribunal ninguém testemunhou contra ela e as autoridades foram forçadas a libertá-la por falta de provas. A história de vida de Bidy Early termina de forma peculiar. No seu leito de morte, em 1874, um amigo de longa data (Pat Loughnane) convenceu-a a fazer as pazes com a Igreja. Um padre chamado Padre Connellan veio administrar os últimos ritos da Igreja Católica. Durante o processo, um corvo continuou voando pela janela. A certa altura, a janela foi aberta e o corvo entrou voando e sentou-se no pé da cama de Bidy até ela dar seu último suspiro.

Biddy supostamente passou sua garrafa mágica para o padre, dizendo que o poder agora pertencia a ele. Esta é a tradição clássica das bruxas, que afirma que uma bruxa não pode morrer até que seus poderes de bruxa sejam transmitidos a outra pessoa. Isso pode ser realizado através de malandragem nos casos em que a pessoa não deseja receber o poder da bruxa. No caso do padre de Biddy, diz-se que ele jogou a garrafa no Lago Kilbarron, onde nunca mais foi encontrada.

Os relatos da vida de Biddy são importantes para mostrar alguns dos elementos clássicos da bruxaria do Velho Mundo. Suas associações com o povo das fadas como professores, juntamente com a posse de um objeto central e especial conectando-a ao poder mágico, são marcadores também encontrados na feitiçaria dos Antigos Modos. O mesmo ocorre com a forte oposição de Biddy ao clero cristão quando eles deturpam as bruxas e praticam comportamento antibruxaria.

Existem muitos exemplos de pessoas que se acredita serem bruxas e que são avidamente procuradas. As histórias sobre eles não estão associadas a atos malignos ou más intenções. A autora Lina Gordon, em seu livro *Home Life in Italy: Letters from the Apennines*, menciona um encontro com uma bruxa mortal. Ela escreve:

A bruxa de carne e osso, a quem vão os amantes desapontados, para tecer feitiços estranhos e preparar poções do amor, vive em ruas tranquilas das cidades ou pode ser encontrada em aldeias isoladas nas colinas. Uma velha cartomante, uma verdadeira strega, encontrei em Carrara. La Violante morava num bairro baixo da cidade, ao qual a prima de Mariannina se recusou a nos conduzir, mas uma manhã escapamos de sua vigilância e lhe fizemos uma visita apressada. Seu único quarto ficava numa rua lateral, e pela porta entreaberta vimos uma cama, uma mesa vazia e um pequeno fogão a carvão; o lintel era guardado por um pequeno baixo-relevo da Madonna. Vestida com um vestido remendado e um lenço castanho na cabeça, sob o qual caíam algumas mechas de cabelo branco, La Violante parecia tão pobre quanto seu covil. Mas Mariannina diz que muitos soldados estão escondidos em algum lugar, pois ela tem um encontro marcado para cada hora do dia e ninguém lhe dá “menos de dois centavos e às vezes lhe dão um franco de prata”.

Ela lançou-me olhares furtivos e continuou a comentar enquanto jogava as cartas gordurosas em padrões fantásticos sobre a mesa: “Oh, eu digo a verdade – proprio la verita – e se você vier na sexta-feira as cartas vão melhor de todas. Todos os meus clientes sabem que La Violante cumpre a sua palavra, nem sempre são tão bons a cumprir uma pechincha. Ainda outro dia previ que uma Signora daria à luz um filho. 'Agora, Violante', disse ela, 'se você estiver certo, eu lhe darei uma capa nova.' Bem, a Signora ficou com o filho, mas eu nunca ganhei a capa. E os olhos dela brilharam, embora ela balançasse a cabeça com tristeza.

“Fiori, fiori, fiori”, murmurou Violante enquanto virava as cartas da corte, “e são todas fiori del Morettino”, pois o valete de cabelos escuros sempre aparecia em cada corte do baralho.

“Você conhece um Morettino que está apaixonado por você?” e ela me lançou um olhar indagador, mas evidentemente não esperava que eu respondesse a uma pergunta tão comprometedora.

“Meu marido é justo”, observei.

“Sim, existe um Biondino também, mas Ecco il Morettino, que te ama bem: aqui estão cartas para te encantar e todas as coisas boas, sempre do Morettino, Flores, flores, flores, do pequenino moreno.”

O absurdo é que Violante previu que eu receberia uma carta contendo uma quantia em dinheiro, que seria inteiramente para mim, e em duas semanas recebi um pequeno e totalmente inesperado legado, que chegou em cheque por carta. Conseqüentemente, Mariannina agora acredita mais do que nunca em La Violante e está atenta ao Morettino.

[51](#)

Durante o século XIX, o folclorista JB Andrews entrevistou pessoas que afirmavam ser bruxas.

A partir de seus estudos de campo, encontramos diversas coisas interessantes que aparecem em seu artigo intitulado “Bruxaria Napolitana”. Andrews escreve:

O sul da Itália tem sido há muito tempo o país favorito das bruxas; vêm de todas as partes da península para os Grandes Conselhos realizados sob a noqueira de Benevento, e até de terras mais distantes, pois a sua fama é celebrada na tradição mentonense . . .

As reuniões acontecem à meia-noite no campo, quando as bruxas dançam e se reúnem em conselho. . .

[52](#)

Andrews observa que, de acordo com as bruxas que entrevistou, a bruxaria consiste em artes separadas: “Existem departamentos especiais da arte – existe o da terra e do mar – tendo os seus adeptos especiais”.

Mais adiante no artigo, Andrews menciona feitiços que são executados com as estrelas. Na página cinco ele relata que as bruxas usam três cordas para invocar a ajuda das estrelas; um preto, um vermelho e um branco. Os cordões são amarrados para diversos fins e alfinetes são inseridos nos nós para fixar o feitiço no lugar. Andrews também observa o uso da sombra da bruxa em trabalhos mágicos. Esta prática durante a Renascença também é observada pela historiadora Ruth Martin em seu livro *Witchcraft and the Inquisition in Venice 1550–1650*. O tema é mencionado anteriormente pelo folclorista Charles Leland em sua “Legend of Intialo”, que sugere uma tradição mágica de longa data.

A preservação das tradições mágicas pelas bruxas é um tema que encontramos ao longo dos estudos de campo de vários folcloristas na Itália durante o século XIX. Andrews observa:

A informação acima foi obtida recentemente de bruxas em Nápoles. Quando questionados sobre quais livros usavam, responderam que nenhum, que seu conhecimento é inteiramente tradicional.

As tradições familiares também aparecem com destaque nesses estudos de campo. Andrews escreve:

Uma instrução nos métodos é por si só suficiente; é freqüentemente dado pela mãe à filha. . . quando uma nova bruxa conclui sua educação, as duas mulheres abrem uma veia em seus braços; Depois de misturar o sangue, a bruxa mais velha faz uma cruz sob a coxa esquerda de sua pupila.

Até agora neste capítulo vimos exemplos de bruxas como pessoas reais. Vimos os seus métodos como realistas em comparação com os estereótipos da bruxa diabólica aliada ao Diabo.

Mas para compreender a figura da bruxa devemos olhar também para o lado místico da bruxa, pois

Machine Translated by Google
a bruxa tem duas naturezas e pode ser separada no que chamo de bruxa à luz do sol e bruxa à luz da lua. O primeiro refere-se à bruxa como uma pessoa em sua vida cotidiana. Este último revela a bruxa como uma mística, e nisso vemos sua conexão com um reino que realmente separa a bruxa da pessoa comum.

O mundo encantado da bruxa

Para compreender melhor a figura da bruxa, precisamos olhar mais do que apenas os assuntos diários da bruxa.

Nossa atenção também deve se voltar para a visão de mundo encantada dela, que exploraremos aqui. Para simplificar nesta seção usarei “ela” e “ela” quando me referir a uma bruxa, e pedirei que seja entendido que não exclui os homens. É ao revelar o mundo místico da bruxa que começamos a aprender sobre sua relação percebida com tudo isso. A interação da bruxa com tais reinos orienta suas ações.

Saber por que a bruxa realiza um ato específico é mais esclarecedor do que simplesmente observar os resultados. A bruxa não é desprovida de ética, como muitos diriam. Mas, na realidade, é simplesmente difícil para alguém que foi ferido assumir a responsabilidade de provocar a bruxa, para começar.

Idéias ainda mais realistas sobre as bruxas e suas práticas são encontradas no período que se segue ao declínio da crença no Sabá das bruxas e na folia diabólica. À medida que a razão começou a dirigir as mentes tanto dos eruditos como dos incultos, as pessoas foram mais capazes de ver a própria bruxa humana que vivia nas suas aldeias e cidades ou perto delas. Vemos sinais disso no século XVIII e, no final do século XIX, a bruxa aparece como uma personagem bastante credível. Resquícios de antigas superstições ainda surgiram, mas não resultaram mais em histeria e na morte da bruxa. No entanto, o medo, a incompreensão e a ignorância permaneceram firmemente presentes.

O tipo de bruxa objeto deste livro é totalmente humano e, ainda assim, frequentemente associado ao chamado mundo sobrenatural. É aqui que os contos da bruxa e das fadas se fundem, e esses contos muitas vezes estão inextricavelmente entrelaçados. O conceito aparece em toda a Europa com pouca diferença significativa. O folclorista siciliano Giuseppe Pitre observou certa vez que é difícil distinguir claramente entre uma fada e uma bruxa nos contos antigos. Xilogravuras antigas retratam montes de fadas que também aparecem em contos sobre bruxas e contato com fadas. Esses montes geralmente estão localizados em locais pré-históricos ou próximos a eles que ainda estão associados a lendas folclóricas.

Vale ressaltar que alguns dos julgamentos de bruxaria mencionam locais específicos onde estão localizados locais de coleta pré-histórica. Nestes locais encontramos túmulos, antas e monumentos megalíticos. Algumas pessoas acusadas de bruxaria falaram de visitas a esses lugares onde se encontraram com Fadas. Um relato particularmente interessante vem de um homem chamado John Walsh, que foi julgado por bruxaria em 1566. Walsh informou a seus examinadores que aprendeu bruxaria com as fadas que conheceu em um túmulo. Sua história incluía detalhes sobre três tipos de fadas: branco, verde e preto. Este último ele considerou muito problemático.

Em 1623, uma mulher chamada Isabel Haldane, acusada de ser bruxa, relatou que descobriu a “terra das fadas” numa colina oca. Outro indivíduo acusado, Jacob Behmen, foi julgado em 1654 e também falou em obter acesso ao reino das Fadas batendo três vezes em uma colina das Fadas. Um outro exemplo é o de Isobel Gowdie, acusada de bruxaria em 1664. Ela admitiu ter visitado um lugar das fadas conhecido como Downie Hill, onde alegou ter festejado com o rei e a rainha das fadas.

O folclorista francês Émile Nourry (pseudônimo Pierre Saintyves) investigou áreas próximas a monumentos megalíticos para ver se existiam histórias que os ligassem a relatos de bruxaria. Ele ficou intrigado com o fato de muitos terem nomes que sugeriam que esses lugares eram onze locais de encontro para a prática de bruxaria. Um local específico em Vaumont é chamado *La Pierre du Sabbat*, o que sugere uma associação com reuniões de bruxas. Outro se chama *La Cuisine des Sorciers* (A Cozinha do Feiticeiro) e está ligado a lendas de que as bruxas usavam este local para fazer suas poções.

As bruxas modernas são atraídas por locais antigos associados a práticas rituais e mágicas. Uma razão é que algo místico parece chamar de lá o espírito interior. É intuitivamente sentido como um lugar de poder ou uma conexão com um ponto de encontro entre este mundo e o próximo. Se as bruxas se encontravam antigamente nesses locais antigos, as razões podem ter sido semelhantes. Talvez fosse simplesmente uma forma de

Machine Translated by Google
voltar para casa, para o mundo, enquanto ele estava tentando antes que o Deus Único viesse para substituir os Muitos.

Alguns dos sites antigos foram conectados a atividades relatadas de OVNI's. Um colega meu, que é antropólogo, certa vez apontou as semelhanças entre a tradição dos OVNI's e a tradição das fadas. Ambos envolvem luzes que se movem no céu, criaturas de aparência estranha, encontros noturnos, sequestros e deslocamento no tempo. Qualquer que seja esse fenômeno, parece já existir há muito tempo. A explicação para isso está sempre de acordo com a tecnologia da época. Na Idade Média a explicação era a atividade das fadas, e na nossa era contemporânea a explicação são as visitas extraterrestres. Daqui a séculos provavelmente será outra coisa.

A minha opinião é que as Fadas são seres que existem noutra dimensão e que têm interagido com a humanidade durante incontáveis séculos. Eles possuem a capacidade/tecnologia para avançar e voltar entre a sua dimensão e a nossa. Admito ter experiências pessoais com a raça das fadas conforme as percebo. Algumas dessas reuniões foram maravilhosas e outras muito perturbadoras.

Um encontro em particular foi bastante perturbador, no qual uma Fada assumiu a forma de uma criatura assustadora. Um professor meu disse uma vez que se todos os nossos encontros com Fadas são sempre adoráveis, então na verdade não estamos tendo nenhum.

Quando reflito sobre meus próprios encontros com Fadas, em comparação com relatos de encontros de Fadas na época dos julgamentos de bruxaria, não posso descartar a realidade destes últimos. As reações das pessoas e a sua interpretação dos acontecimentos fazem sentido para mim (embora eu entenda a experiência de forma diferente). As pessoas de períodos passados pensavam e reagiam de maneiras que não eram inesperadas para o período em que viviam. Portanto, os relatos de encontros com fadas na Idade Média e na Renascença contêm grãos e palha. O mesmo é verdade hoje.

Acredito que é mais fácil para as pessoas que têm encontros com fadas chegarem a uma compreensão mais próxima dos acontecimentos do que para aquelas que não tiveram a sua própria experiência pessoal. Da mesma forma, acredito que as pessoas que praticam bruxaria, e que tiveram as experiências que ela pode gerar, são mais capazes de separar os factos da fantasia. Desta perspectiva, a compreensão de uma bruxa moderna sobre o que aparece nos escritos sobre bruxaria do passado é baseada na sua experiência no mundo da bruxaria.

A compreensão de uma pessoa inexperiente sempre ficará aquém da compreensão total das bruxas e da bruxaria.

O tipo de bruxaria a que me refiro tem pouco em comum com as noções populares modernas sobre bruxaria. A bruxaria do Velho Mundo é vislumbrada na sombra porque a borda da sombra é o limiar do portal para o interior. Atravessar o limiar e voltar novamente é o que traz a realização. Eles revelam a diferença entre a bruxaria como algo para fazer no fim de semana e a bruxaria como algo muito maior e maior que a bruxa. A bruxaria do Velho Mundo é fortalecedora e transformadora. É mais do que uma filosofia e uma autoimagem; é como interagimos com nossa conexão e relacionamento com todas as coisas.

Há uma razão pela qual a bruxaria está tradicionalmente ligada à noite e intimamente ligada à lua. Num sentido místico, a lua é uma *forma* e é *informe* ao mesmo tempo. Da perspectiva da Terra, a lua parece mudar de forma no céu noturno e até desaparece completamente durante três noites em cada ciclo lunar. Sua forma não é constante como a do sol e das estrelas. Portanto, torna-se uma metáfora para estados alterados de consciência. Ficar sob a lua em um estado de receptividade é convidar o "outro mundo" para nossa mente, corpo e espírito.

Como humanos, possuímos o que é essencialmente uma dualidade de *consciência*: consciente e subconsciente. Na bruxaria do Velho Mundo, a mente consciente está ligada ao sol e a mente subconsciente à lua.

Freqüentemente chamamos a mente consciente de "a guardiã", e é sua função lidar com a realidade material. Ele nos mantém focados nas realidades finitas, tangíveis e lineares porque elas servem para sustentar a vida do corpo físico. A mente subconsciente é conhecida como "o indicador do caminho" e sua função é revelar a realidade imaterial. Ela nos mantém conectados às realidades ilimitadas, etéreas e esféricas porque

Machine Translated by Google
eles servem para sustentar a nutrição espiritual da alma. As mentes consciente e subconsciente são duas metades iguais de um todo maior; por analogia, possuímos dois braços e é mais eficaz usar ambos do que confiar sempre apenas em um.

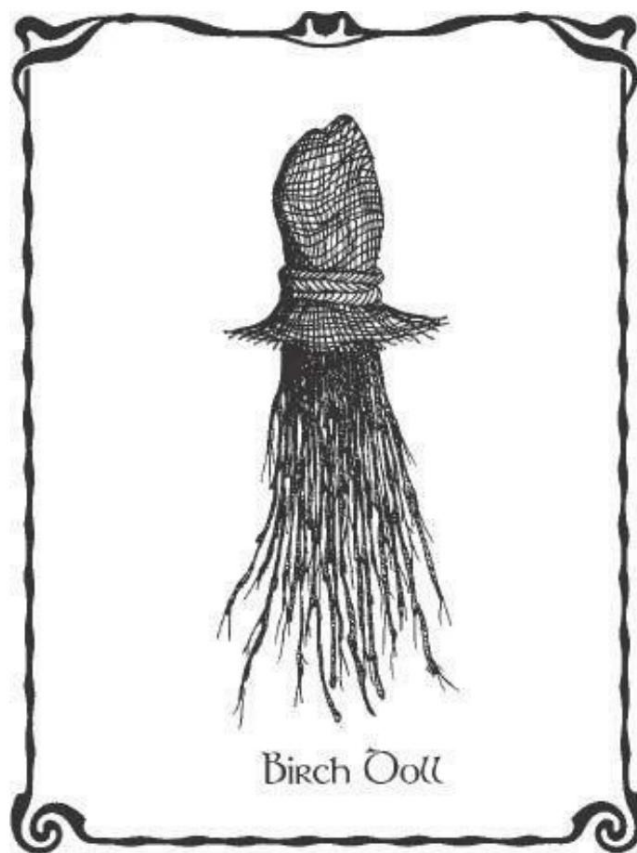
A mente guardiã não pode, por si só, aceitar a existência de uma realidade imaterial. Para fazer isso, deve partilhar a consciência com o mostrador do caminho. Por exemplo, a mente guardiã não pode acreditar numa divindade invisível e silenciosa porque não experimenta isso através dos cinco sentidos. O mostrador do caminho não tem objeções à ideia de divindade, mas não pode mantê-la como um conceito duradouro (porque nos sonhos nada existe como algo que não possa mudar de forma ou significado). Somente quando o guardião e o indicador do caminho se encontram numa consciência fundida é que a fé se torna realidade. Sem esta consciência fundida, o guardião considera a fé sem fundamento, e o indicador do caminho vê-a apenas como um entretenimento esmaecido. Mas juntas nossas mentes consciente e subconsciente trocam parte de sua natureza entre si. Através desta troca, a mente consciente pode aceitar o *inexperiente* como algo atualizado, e a mente subconsciente pode considerar a *imaginação* como uma forma manifesta e duradoura.

Na bruxaria do Velho Mundo, a lua não é apenas um lembrete visível da mente oculta; é também a luz que governa o momento mais receptivo à magia de uma bruxa – a noite. Igualmente importante é o facto de a actividade espiritual ser mais pronunciada à noite. Este também é o melhor momento para comunicação com os mortos. Há uma diferença entre noite e escuridão. O primeiro é determinado pela sua relação com o ciclo repetitivo da luz, e o último é conhecido pelo fechamento da luz.

Portanto, podemos estar na noite ou na escuridão. A bruxa do Velho Mundo trabalha com a noite.

Fontes folclóricas indicam a crença de que as fadas e as bruxas gostam de dançar à noite nas florestas e prados. Os contos populares mencionam plantas achatadas que formam círculos no chão, o que se diz ser uma evidência de tais danças. Esses pontos são conhecidos como círculos de fadas ou círculos de bruxas. A explicação científica é que estas são causadas pelo crescimento de fungos, que podem crescer num padrão circular. Isso me lembra uma antiga crença de que as bruxas podem fazer com que a lua excrete espuma mágica no chão (que dizem estar associada ao chamado da lua do céu noturno). Escritores antigos como Lucan referiam-se a ele como *vírus lunar*, e acreditava-se que as bruxas o reuniam para ajudar em seus encantamentos. Ensinaram-me que esta ideia originou-se de um mal-entendido sobre a prática da feitiçaria de molhar objetos com o orvalho da manhã que se acumula no líquen. O orvalho é mais intenso na manhã seguinte à lua cheia - disse o suficiente.

Voltando ao tema das reuniões noturnas, no capítulo dois vimos referências antigas da era cristã que mencionam a *tregenda*. Observamos que isto era originalmente uma reunião de bruxas que envolvia comunicação formal com os mortos. Na bruxaria do Velho Mundo, os mortos estão intimamente ligados à lua. Dançar com os mortos à noite é uma das características do Sabá, ou *tregenda*. Isso envolve fazer “bonecos de bétula” feitos com galhos curtos de bétula (aproximadamente do comprimento da ponta do dedo indicador da mão esquerda até o pulso). Os galhos são amarrados com uma corda. As pontas cortadas são colocadas em uma bolsa, que é então amarrada firmemente com outro cordão. Isso forma uma “cabeça” na boneca, com os galhos estendendo-se para baixo formando o corpo da boneca. Essas bonecas representam os mortos. Durante a dança, eles são jogados para frente e para trás no ar entre os dançarinos. 53



Escritores antigos como Plutarco escreveram sobre as almas dos mortos sendo atraídas para a lua, onde permanecem por um tempo e mais tarde renascem na terra. Para nós, o círculo da lua no céu noturno simboliza o ciclo de renascimento e a morada das almas que partiram. As danças circulares unem simbolicamente os vivos e os mortos e mantêm viva a ligação entre as gerações passadas e presentes. Uma antiga crença sustentava que a lua é literalmente uma deusa (em oposição a um objeto de culto associado a ela). A este respeito, é reconfortante pensar no ventre desta deusa preenchido com a luz das almas que residem dentro dela e aguardam o renascimento (por mais poético que seja).

Na bruxaria do Velho Mundo, as árvores estão intimamente ligadas aos espíritos dos mortos. A tradição antiga apresenta a ideia de que as almas que partiram aguardam o renascimento nas árvores. Nossa tradição associada a essa ideia envolve um conceito interessante que se diz ser bastante antigo. As almas são libertadas da lua cheia e descem para a floresta, onde passam para as árvores. Olhando a lua cheia através das árvores, seus galhos parecem tocar sua luz. Esses membros podem ser percebidos como caminhos ou pontes que conectam o mundo dos vivos ao reino dos mortos. ⁵⁴ Um ensinamento que uma vez me foi transmitido descreveu a crença de que apenas certas árvores são usadas como canais de entrada e saída do Outro Mundo. Essas árvores apresentam sinais como uma cavidade no tronco (conhecida como porta das Fadas) ou alguma marca especial que sugere um rosto. Não é incomum que esses rostos se assemelhem aos de uma criatura de um antigo conto de fadas. O ensinamento acrescenta que no Outro Mundo as árvores correspondentes têm um *brilho* sobre elas, que as aponta como passagens para o mundo mortal. Numa discussão sobre isso (com algumas colegas bruxas), surgiu a ideia de que essas árvores ficam em uma interseção onde o *tecido* de duas dimensões diferentes se encontra ou se sobrepõe. Vê-los é como perceber um caminho na floresta ou nas colinas. Saber onde eles estão e lembrar como encontrá-los novamente exige uma bruxa ou uma fada, ou pelo menos é o que nos contam os contos antigos.

Idéias místicas associadas às árvores tornam o corpo de uma árvore, e qualquer coisa produzida nela, útil como ferramenta de magia. A crença é que qualquer coisa cultivada na árvore possui a essência da natureza (ou espírito) da árvore. Esta é uma das razões pelas quais as varinhas são valorizadas pelas bruxas há muito tempo. Eles aparecem em algumas das literaturas mais antigas sobre bruxas. Entre as primeiras menções na literatura ocidental estão a faia, a oliveira e a bétula. Outros seguem com o tempo e são considerados particularmente

Machine Translated by Google
poderoso Cavaleiro e salgueiro são dois exemplos.

Até agora vimos uma representação da bruxa dos Velhos Caminhos que apresenta sua conexão com temas místicos. Mas a bruxa também é uma maga que trabalha com as forças da terra, os poderes celestes e ctônicos. No próximo capítulo exploraremos completamente o uso de plantas na feitiçaria, mas por enquanto nosso exame se concentrará na essência da magia em si.

Na antiga tradição das bruxas e nas transcrições de julgamentos de bruxaria, encontramos menções ao uso de raízes, figuras-imagem, poções, unguentos e várias partes do corpo de animais específicos. Estes últimos são geralmente animais noturnos ou criaturas anfíbias. Como observamos, a noite está intimamente associada à bruxaria devido à sua ligação lunar. Criaturas como o sapo ou a rã são valorizadas porque representam o poder de transformação. Isto se deve ao seu ciclo de vida único desde a fase de girino em diante. Essas criaturas também são totens de divindades associadas à bruxaria desde os tempos antigos.

Lagos e lagoas aparecem em contos antigos como portas de entrada para o Outro Mundo ou Submundo. Portanto, não é nenhuma surpresa encontrar criaturas que podem ir e voltar de corpos d'água para serem ligadas à magia.

Na verdade, eles vivem em ambos os mundos (o visível e o invisível) e são, portanto, agentes de magia.

Para entender por que as coisas são usadas na magia, precisamos reconhecer um antigo ensinamento. Do ponto de vista oculto, qualquer coisa que anteriormente faça parte de alguma coisa sempre manterá uma conexão com ela. Essa crença é a raiz da ideia mágica de usar o cabelo ou as aparas de unhas de uma pessoa para lançar um feitiço sobre ela. Isto é o que às vezes chamo de princípio do “salto” da magia primitiva; No entanto, a série de *vitórias-régias* ou *trampolins* nesta analogia também leva a outras conexões.

A ideia da magia do salto é chegar a um ponto por meio de uma série de pontos conectados. Os pontos geram comunicação entre si e isso pode fluir na forma de energia mágica. Um exemplo é o sapo. Por que alguém iria querer usar esta criatura no sentido mágico? A resposta é que o sapo está conectado à verdadeira fonte de poder que a bruxa deseja explorar. Não é o sapo; é o que pode vir dos elos que levam ao sapo. A criatura é simplesmente aquilo que podemos tocar ou segurar no mundo material, mas o que a bruxa busca é aquilo que pode ser atraído através do contato com o sapo. Isto não reside na carne do sapo; vem da realidade imaterial diretamente ligada ao sapo. Esses elos foram criados há muito tempo por praticantes de bruxaria, e estamos tratando aqui de uma magia muito antiga.

Imagens de sapos ou rãs aparecem em tempos pré-históricos na forma de figuras esculpidas e pintadas. Muitas vezes parecem ser símbolos de fertilidade e nascimento. A antropóloga Marija Gimbutas aponta o sapo ou rã como símbolo de uma deusa associada à morte e regeneração. Ela também liga a criatura à [antiga](#) crença num “útero errante” encontrada em fontes está associada à deusa Hécate, que era uma Titã, o que a liga a uma raça pré-histórica de divindades egípcias e clássicas.

56 Uma forma de magia que envolve a rã ou o sapo é a crença num osso em forma de chave dentro do corpo. Possuir o osso-chave —

concede poderes especiais (e os poderes variam de acordo com as crenças folclóricas regionais). Seja qual for o caso, o símbolo da chave pode estar ligado a Hécate. Ela é a fonte de poder no final da jornada de salto para trás do sapo ou da rã. Um de seus aspectos é o guardião de portais e gateways. Ela também está intimamente ligada ao Submundo e às encruzilhadas.

Na bruxaria, os ossos são usados para contatar espíritos, especialmente os dos mortos. Objetos como o osso de sapo podem ser deixados nas encruzilhadas durante a noite, na crença de que um cavaleiro das fadas possa pegá-los. Na tradição antiga, as fadas montam cavalos brancos e, se alguém fugir com o osso, pega sua contraparte do Outro Mundo e deixa para trás o osso material. Como os links permanecem entre objetos previamente conectados, o osso físico possui poder através de sua conexão com o Reino das Fadas. Uma crença relacionada afirma que o osso de sapo concede ao seu possuidor poder sobre os cavalos. Aqui vemos uma conexão com o cavaleiro das fadas e o cavalo branco.

Na tradição literária dos contos de bruxaria, a bruxa não gera poder de dentro de si.

Ela invoca coisas externas que liberam seu poder para ela, que ela pode então dirigir. Os escritos deste período estão de acordo com as crenças associadas de que os objetos possuem um tipo de consciência, ou força, conhecida como *numen*. Em outras culturas isso é conhecido como *mana*. A bruxa se comunica com objetos e eles transferem parte de sua energia para ela.

Com o passar dos séculos, a ideia do poder da bruxa muda com o tempo. Na era cristã encontramos vestígios da crença de que a própria bruxa tem poder interno. Este poder é herdado ou passado através de um objeto. Este último pode ser um amuleto, um pedaço de remendo, um livro ou um espírito familiar.

Eventualmente, a crença é distorcida e o poder de uma bruxa fica ligado a um pacto com o Diabo.

A introdução do Diabo é um evento interessante, e a pergunta deve ser feita: as bruxas se envolveram com ele? Mas a questão mais importante é como as bruxas viam o Diabo?

As bruxas da era cristã certamente conheciam esse personagem porque ele contaminava a visão de todas as classes sociais. Ele era uma forma distorcida de um deus pagão? Ou ele era uma nova figura que chegou ao cenário da bruxaria?

Em seu livro *By-Paths in Sicily*, a autora Eliza Heaton apresenta uma visão interessante do Diabo na magia popular por volta de 1920. Heaton descreve vários encontros pessoais com uma mulher chamada Vanna, a quem muitas pessoas podem chamar de bruxa, mas ela se refere a si mesma. às para Christian. No cabelo, Vanna usa o que chamamos de elflocks. Esta é uma trança muito longa que a marca como uma pessoa treinada por Fadas. No livro de Heaton há um relato fascinante de encontros com fadas que Vanna relata desde a infância.

Um dia, Heaton pergunta a Vanna por que seus encantamentos geralmente incluem invocar o Diabo. Vanna responde: "Ele tem um grande poder", e aparentemente ela não vê conflito em incluí-lo em sua magia. No livro fica [57](#) em claro que Vanna pensa no Diabo de acordo com a representação estereotipada. Esta é uma visão interessante de trabalhar com o Diabo sem venerá-lo, fazer um pacto ou aceitá-lo como mestre pessoal.

O Diabo, é claro, não é uma entidade europeia pré-cristã. Ele é importado do Oriente Médio para a Europa e, portanto, não tem lugar original na bruxaria do Velho Mundo da Europa como eu a conheço.

No entanto, como a Igreja usou imagens de formas de divindades pré-cristãs para representar o Diabo (e os demônios), torna-se difícil divorciar completamente uma associação com bruxaria. Os camponeses confusos podem ter visto o Diabo como um dos antigos deuses vistos de forma distorcida pela Igreja e pelas suas operações. Se as bruxas do Velho Mundo alguma vez invocaram esta entidade, não foi o Diabo da cultura judaico-cristã. Em vez disso, era a imagem pré-cristã representada de chifre e casco na qual eles reconheciam o poder.

[58](#)

Ao considerar a história do aparecimento do Diabo nos escritos sobre bruxaria, não podemos evitar referências a Lúcifer. No capítulo dois nós o mencionamos, mas agora devemos nos aprofundar em nossa exploração. Na bruxaria contemporânea encontramos duas correntes principais de ideias fluindo para as visões modernas. Uma ideia está relacionada à figura conhecida como Caim e a outra a Lúcifer. Ambos parecem trazer consigo elementos da tradição judaico-cristã (por mais reinterpretados que sejam). Ambas as correntes também carregam pedaços de conhecimento do conceito de Lilith conforme ela aparece em um mito não oficial anexado à história do Jardim do Éden. Aqui ela é a primeira esposa feita para Adão, que a rejeita porque ela se comporta como igual a ele. Como resultado, Deus a bane e então cria Eva a partir de uma costela retirada do lado de Adão, o que denota parceria em menor grau. Em outras palavras, Eva está subordinada a Adão no mito do Éden.

Teólogos, como Santo Agostinho, apresentaram a noção de que os descendentes de Caim são inerentemente maus. [59](#) O historiador Montague Summers, em seu livro *Bruxaria e Magia Negra*, tenta rastrear a bruxaria desde um renascimento na época de Noé. Summers afirma que Ham reviveu os métodos da bruxaria (após o Grande Dilúvio) e iniciou seu filho Mizraim em seus mistérios. Mas não há menção de como a linhagem de Caim sobreviveu ao Dilúvio (pois Cam era filho de Noé, ele próprio diretamente

Machine Translated by Google
descendente de Adão). Para que a linhagem direta de Caim durasse, uma das esposas do filho na Arca teria que ser descendente de Caim.

Numa tradição judaica extra-bíblica relacionada com a história do Dilúvio, Noé permite que Ogue (filho da esposa de Cam) se salve agarrando-se ao exterior da Arca. Em uma versão do conto, Og é um gigante, talvez um dos Nephilim. Os Nephilim aparecem no Livro de Gênesis (6:1-4) e parecem estar associados aos “filhos de deus” (anjos) que matam com mulheres humanas e produzem descendentes. Os filhos desses anjos e mortais são chamados de “os poderosos que existiram na antiguidade, os homens de renome”. O versículo bíblico afirma que os Nephilim aparecem na terra após o acasalamento entre os filhos de Deus e as mulheres. Na crença popular, os Nephilim são descendentes desta união, mas isto não parece concordar com a cronologia dos acontecimentos no relato bíblico. Referências aos Nephilim aparecem mais tarde em Números 13:33, onde são chamados de Anakim, os descendentes de Anak (que na tradição antiga é às vezes referido como a primeira bruxa).

Summers argumenta que Ham estudou os ensinamentos dos anjos caídos mencionados no Livro de Enoque como os Vigilantes. Ham também tinha o nome de Ham-Zoroastro, o que é possivelmente uma tentativa de conectá-lo com os cultos estelares dos caldeus/babilônios. Como mencionado, Ham iniciou Mizraim (que supostamente deixou um legado de magia para os egípcios e outras regiões).

Lúcifer foi originalmente associado ao planeta Vênus na época romana, que nesta época era percebido como a estrela da manhã. Na mitologia preparei os cavalos que transportaram a carruagem do sol pelo céu diurno. Em latim, seu nome significa “o portador da luz”, o que se reflete em seu papel mitológico relacionado ao sol. Além disso, Lúcifer era o “arauto da luz” porque o aparecimento de Vênus no horizonte é seguido pelo nascer do sol.

A Igreja inventou uma conexão entre Satanás e Lúcifer através do uso indevido de um versículo do Livro de Isaías. No capítulo 14, versículos 12–15, é retratada a queda do poderoso rei da Babilônia. Para os hebreus da época, este rei simbolizava o mal. A palavra hebraica que aparece na referência em Isaías é *Helel benshahar*, que significa “filho luminoso da alva”. Os tradutores da Bíblia King James inseriram a palavra latina Lúcifer para ocupar o seu lugar. Isto pode ter sido o resultado de um versículo do Novo Testamento no Evangelho de Lucas (10:18), que se refere à queda de Satanás do céu.

Os tradutores viram esta referência à queda do rei da Babilônia como uma metáfora, e assim Satanás foi equiparado a Helel ben-shahar. A fusão entre este nome e Lúcifer deixou este último incorporado na personalidade do Diabo.

No período da Idade Média, existiam seitas heréticas que adoravam o demônio judaico-cristão sob o nome de Lúcifer. Conforme observado nos capítulos anteriores, a Igreja mais tarde teve sucesso ao inventar uma conexão entre bruxas e Satanás. Desta forma, Lúcifer tornou-se um nome que apareceu nos julgamentos de bruxaria. Se de fato as bruxas alguma vez adoraram Lúcifer, qual foi: o *Príncipe Judaico-Cristão das Trevas* ou o deus conhecido como o *Portador da Luz* na Roma antiga?

O folclorista Charles Leland publicou um “Evangelho das Bruxas” no final do século XIX que incluía Lúcifer como irmão de Diana. No livro Leland também faz referências a Caim, que é conjurado na refeição do Sabá no texto de Leland. Tanto Lúcifer quanto Caim, no livro de Leland, estão em conformidade com as representações judaico-cristãs essenciais que os difamam. Leland descreve Lúcifer como “o deus do Sol e da Lua, o deus da Luz (*Esplendor*), que estava tão orgulhoso de sua beleza, e que por seu orgulho foi expulso do Paraíso”. 60 Caim também é uma figura expulsa do Paraíso e, na tradição antiga, diz-se que foi impresso na lua. Observamos anteriormente a antiga ideia grega de que as almas são atraídas para a esfera da lua e depois liberadas para renascer na Terra. Sob esta luz, parece que a punição de Caim é nunca reencarnar. Isso o deixa para sempre ser quem ele era em vida.

Numa nota lateral, devemos olhar para o sentimento anti-judaico na Idade Média e para os sentimentos anti-bruxas do mesmo período. Transferir figuras do Antigo Testamento, como Caim e Herodias, para a bruxaria europeia parece uma tentativa de matar dois coelhos com uma cajadada só. Essa contaminação de

a bruxaria funcionou muito bem em conjunto com os objetivos das acusações de heresia. Satanás foi a cereja do bolo, e a formação de temas judaico-cristãos dentro da bruxaria foi completada.

Na bruxaria do Velho Mundo não há aceitação de Lúcifer, Caim ou Herodias como qualquer linhagem conectiva. Estas correntes (ou fios que as ligam) podem aparecer no que é frequentemente chamado de “bruxaria tradicional” e certamente aparecem na bruxaria luciferiana moderna. Este último é muitas vezes impregnado de imagens que lembram a representação histórica da bruxaria diabólica feita pela Igreja. Em contraste com a bruxaria tradicional e a bruxaria Luciferiana, a bruxaria do Velho Mundo não partilha quaisquer raízes com as ligações do Antigo Testamento ou do Novo Testamento com a bruxaria (real ou imaginária). Da mesma forma, não está conectado a nenhuma tradição angélica, como os “anjos caídos” ou os Vigilantes mencionados no Livro de Enoque.

A fim de resolver as diferenças entre as visões neopagãs populares das bruxas modernas e das bruxas dos Antigos Costumes, devemos revelar alguns princípios importantes. Na ideia moderna da Wicca como a religião das bruxas, encontramos o conceito de sua pertença envolvida em uma religião terrestre. ⁶¹ Em outras palavras, são bruxas que veneram a natureza de alguma forma. Aqui encontramos a ideia relacionada da terra como senciente, uma deusa frequentemente chamada de Gaia.

A bruxaria do Velho Mundo não é uma religião natural como imaginada pelo movimento neopagão. Também não é um sistema dedicado exclusivamente à magia. As bruxas apreciam e cuidam da natureza porque fazem parte da natureza. Ela os sustenta, e eles devem sustentar a natureza em troca. Além disso, a natureza fornece às bruxas as plantas de seu ofício e os materiais para seus rituais e ferramentas mágicas. Portanto, as bruxas honram a sua relação com a natureza, mas essa relação tem níveis muito mais profundos do que o declarado aqui.

As Bruxas dos Antigos Costumes extraíram poder do Hallow. ⁶² Este é um termo para o centro profundo da floresta onde existe a sacralidade primordial. Deste centro, o poder emana para os três reinos: acima, abaixo e no meio. O poder também flui para o Hallow a partir desses reinos. Para os praticantes modernos, este é um conceito e não uma área real numa floresta, mas a antiga prática de venerar uma árvore específica num bosque sagrado está ligada ao tema da Relíquia. Nos capítulos quatro e cinco encontraremos o almofariz e o pilão, uma ferramenta mágica que representa a conexão direta e a comunicação com a Relíquia.

Ao contrário da maioria das tradições (ou sistemas) de bruxaria modernos, as ferramentas usadas na bruxaria do Velho Mundo são relativamente poucas em comparação. As clássicas “quatro ferramentas rituais do ocultismo ocidental” não são incorporadas da mesma maneira que na tradição Wicca. Em outras palavras, o pentagrama, a varinha, a adaga e o cálice não são ferramentas primárias. A principal ferramenta da bruxa dos Velhos Costumes é o almofariz e o pilão. A vassoura e o caldeirão são ferramentas importantes, assim como a adaga ritual. A varinha está entre as mais antigas ferramentas de bruxa mencionadas na tradição literária e tem usos especiais na bruxaria do Velho Mundo.

Tudo isso é apresentado na segunda metade do livro, que contém um grimório de bruxaria do Velho Mundo.

Voltando à ideia de ligação à natureza, devemos notar os ensinamentos associados à sacralidade da terra, ou mais corretamente, ao espírito da terra. É um ensinamento dos Antigos Métodos que certas áreas possuem uma natureza especial por causa dos eventos que ocorreram nelas. Alguns exemplos óbvios são aqueles locais marcados por “pedras eretas” e outros monumentos pré-históricos, mas locais ligados à morte ou ao morrer também possuem poder. Esta é uma das razões pelas quais os cemitérios são apresentados em antigas tradições de bruxaria.

Uma das antigas crenças é que os espíritos dos mortos passam para objetos inanimados em algum momento durante a transição da experiência da morte. Marcadores são colocados para indicar o local da morte e podem servir como mecanismo de interface (para usar a terminologia moderna). Este princípio já fez parte da tradição de santificar os locais onde morreram ou foram sepultados grandes heróis. Tais lugares eram considerados zonas especiais de poder oculto. Hoje a presença de lápides num cemitério reflete a ideia de marcar os locais onde jazem os mortos. A antiga prática de colocar oferendas em “lugares espirituais” parece agora

Cemitérios e encruzilhadas são frequentemente considerados lugares entre o mundo dos vivos e dos mortos. Sob esta luz, eles são pontos de acesso à realidade imaterial. Mas será que os mortos realmente residem nesses lugares e, em caso afirmativo, como isso se concilia com a ideia de reencarnação? Para entender melhor isso, precisamos examinar os antigos ensinamentos. Neles encontramos a crença de que a alma entra em cada encarnação e dá a uma pessoa conhecida como personalidade. Por analogia, usamos roupas selecionadas quando estamos no trabalho ou em uma ocasião formal e, sob essa luz, a alma veste uma personalidade em cada vida física. Esta personalidade está associada à pessoa física em cada vida, mas não é a alma. A alma são as experiências acumuladas de todas as personalidades que ela usou ao longo de todas as suas encarnações.

De acordo com os ensinamentos, a personalidade, a sua composição senciente, não continua com a alma. Em vez disso, é absorvido pelo “espírito ancestral”, onde se junta à mente coletiva e se torna um dos ancestrais. A alma retém a experiência de vida e a memória de cada personalidade, mas perde sua conexão senciente. Isso é semelhante à ideia de que, em qualquer idade, uma pessoa é o acúmulo de todas as experiências que teve até hoje. Mas a mulher ou o homem de vinte e cinco anos não é mais a pessoa de seis ou dezesseis anos que já foi. No entanto, as experiências dessas personalidades passadas deixaram uma marca.

De acordo com os ensinamentos, quando nos comunicamos com os mortos estamos nos conectando com o espírito ancestral. Uma exceção é alguém que morreu recentemente e, portanto, ainda não se juntou aos antepassados. Em casos raros, uma personalidade pode ficar presa a um lugar devido à experiência de morte da pessoa. Simplesmente não consegue seguir em frente ou se recusa a sair. Isso resulta em certos tipos de fenômenos assustadores.

Na maioria dos casos, após a morte, a alma reentra no ciclo de renascimento e a personalidade é separada (e entra no seu próprio reino). Na bruxaria do Velho Mundo não encontramos o conceito de Summerland da crença Wicca. Em vez disso, acredita-se que a alma entra na esfera da lua (representada pela lua física). Na terminologia moderna, isso se refere mais a um processo do que a um lugar. No entanto, ainda é ensinado que a esfera da lua (às vezes chamada de reino de Luna) é um mundo espiritual no qual as almas reencarnadas aguardam o renascimento em corpos de carne.

Outro ensinamento associado às almas que partiram está relacionado ao Reino das Fadas. Isto reflete uma crença muito antiga de que após a morte podemos entrar neste reino e nos tornarmos Fadas. Tal crença aparece nas primeiras formas de tradição. Um exemplo aparece nos escritos da folclorista Christine Messina. Ela ressalta que no primeiro conto de Cinderela, sua “Fada Deus Mãe” é na verdade o espírito de sua mãe morta, vinda do Reino das Fadas para prestar ajuda. [63](#) A mãe se manifesta a partir de uma pequena árvore presenteada por uma fada na Gruta das Fadas. De maneira semelhante, o boneco de madeira Pinóquio ganha vida pela Fada Azul, que é a falecida esposa de Gipetto (e com quem ele nunca teve um filho antes de ela morrer).

Nos capítulos seguintes exploraremos outras crenças e práticas enraizadas na visão do Velho Mundo ou do Mundo Encantado, mas por enquanto vamos olhar para um sistema formal construído em torno das crenças e práticas da bruxaria do Velho Mundo. É conhecido como Ash, Birch e Willow. Isto fornecerá um exemplo de como o antigo e o novo podem unir-se de uma forma que faça justiça a ambos. Devemos notar que este sistema é apenas uma das muitas maneiras de incorporar elementos da bruxaria do Velho Mundo num sistema moderno e estruturado de prática ritual.

Freixo, Bétula e Salgueiro

Para não interpretar mal o sistema de Freixo, Bétula e Salgueiro (ABW), devemos observar algo antecipadamente. ABW é a bruxaria como religião que inclui um sistema mágico em sua estrutura. Incorpora elementos do Neo-Paganismo junto com modelos mais antigos. O sistema inclui ritos sazonais que lembram os oito Sabás da Wicca moderna. No entanto, os rituais são um pouco diferentes e trabalham com profundidades relacionadas às antigas tradições de mistérios. Os rituais do ABW estão enraizados especificamente nos mistérios internos refletidos no ciclo da semente: semente, caule, folha, botão, flor e fruto.

Este ciclo é visto como uma metáfora para a jornada da alma através da reencarnação.

Mantendo a ligação das bruxas com o reino vegetal, o sistema ABW incorpora as estações agrícolas nas festas do ano. Esta é uma estrutura moderna baseada em festas antigas que marcaram tempos importantes de plantio e colheita. Os pontos médios entre cada solstício e equinócio também estão incluídos, pois marcam tempos mágicos que fluem dentro e fora dos quatro principais períodos agrícolas. A celebração das estações é a ligação espiritual com a terra e a emanção divina que está associada a estas marés-chave da natureza.

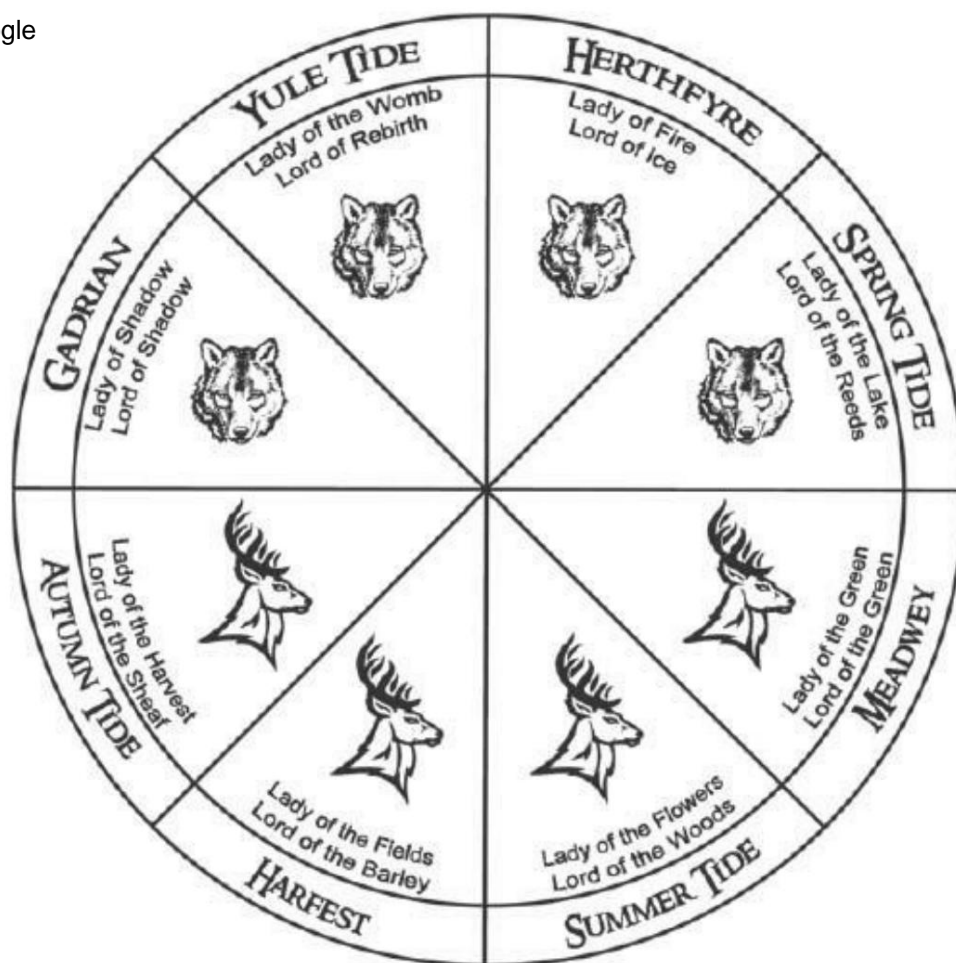
Em essência, Ash, Birch e Willow é um sistema de treinamento enraizado nos ensinamentos iniciáticos e na compreensão da bruxaria do Velho Mundo. Seu objetivo é fornecer ensinamentos internos e experiências rituais que antes estavam disponíveis apenas nas sociedades secretas. Concebi o ABW pela primeira vez junto com a autora Stephanie Taylor em 2004. Ele é baseado nas antigas crenças e práticas do Velho Mundo Europeu e é adaptado às necessidades de uma geração moderna. Portanto, o sistema atrai qualquer pessoa que aprecie tradições enraizadas e aplicações contemporâneas.

Dentro de Ash, Birch e Willow, existe um sistema de graduação de três níveis. O nome do sistema é baseado em conhecimentos antigos associados a freixos, bétulas e salgueiros. Estas são as três madeiras tradicionalmente utilizadas para fazer vassouras de bruxa. O cabo é feito de freixo, a varredura é de bétula e tiras de casca de salgueiro são usadas para amarrá-los. Falando metafóricamente, a vassoura de bruxa permite que a bruxa voe pelo céu; os ensinamentos do ABW permitem à bruxa sonhar dentro dos planos internos e dos reinos místicos.

Tradicionalmente, as cinzas abrangem os Três Mundos dos antigos mitos e lendas: Mundo Superior, Mundo Médio e Mundo Inferior. Birch é tradicionalmente uma proteção ao trabalhar com seres do Outro Mundo. Na vassoura de bruxa, a bétula concede poder aos espíritos diretos do Outro Mundo e, portanto, permite uma passagem segura. O salgueiro é sagrado para a deusa Hécate, que há muito é associada à bruxaria. No mito antigo, Hécate governava os três mundos conhecidos e, como tal, era a Grande Deusa dos grandes reinos. As tiras de salgueiro representam o juramento de iniciação. A vassoura, como símbolo completo, representa todas essas conexões internas que fortalecem a bruxa. Com efeito, proclama a bruxa como aquela que atravessa outras realidades e é fortalecida pela deusa da magia e da bruxaria.

O formato do ABW é representativo da comunidade do paganismo europeu. Portanto, não está restrito a nenhuma tradição cultural específica, como celta, germânica, francesa, italiana ou grega. Em vez disso, a tradição reflete as crenças e práticas fundamentais de todos. A fim de refletir a semelhança dos conceitos pagãos europeus de várias regiões, a tradição usa títulos para a Deusa e o Deus. Esses títulos expressam a natureza da deusa e do deus refletida nas estações do ano. Os praticantes modernos trabalham com uma deusa e uma figura divina, mas nas visões mais antigas essas entidades são mais parecidas com espíritos ou forças sencientes.

No sistema ABW, usamos com mais frequência títulos para as divindades. Estes aparecem nas celebrações da "Roda do Ano", que são uma prática mais recente, não encontrada coletivamente nas práticas anteriores de bruxaria. A maioria dos sistemas Wiccanos usa a Roda do Ano, e algumas pessoas consideram sua presença em qualquer lugar como definitiva da Wicca.



No entanto, as bruxas dos Velhos Caminhos não pensam no conceito da Roda como uma marca registrada de qualquer caminho específico. Agora é simplesmente parte das práticas neopagãs, e não há nada de errado em compartilhá-lo como um modelo para criar celebrações anuais de festivais.

O ano ABW começa na véspera de novembro, e o nome do festival é Gadrian, que é uma palavra antiga que significa *reunião*. Neste momento invocamos a Senhora das Sombras e o Senhor das Sombras. Num sentido metafísico, a sombra é cuja forma manifestada não pode ser vista diretamente. Em outras palavras, a imagem original retém a luz na qual é completamente visível e a luz bloqueada produz uma imagem semelhante. Um exemplo mundano é a projeção de sombras de mãos em uma parede. O que vemos é uma imagem projetada que lembra uma mão, mas é uma cópia pobre e sem detalhes. No caso da “Senhora” e do “Senhor”, o que vemos na sombra são formas de potencialidade que sugerem uma força maior por trás delas. O tempo da sombra é um chamado para iniciar a jornada rumo à luz que dissolve as projeções ilusórias.

Na temporada de Yule Tide, usamos os títulos Senhora do Ventre e Senhor do Renascimento. Esses títulos refletem um processo (renascimento) e o recipiente através do qual ele se manifesta (o útero). São conceitos muito antigos, e na arte pré-histórica encontramos a representação do corpo feminino em muitos temas de geração/regeneração. Yule nos lembra que os portais de entrada e saída dos mundos podem ser acessados através do Portão do Útero. A luz vitalizante do Outro Mundo é acessível em nossa jornada, onde impregna a alma, assim como a luz do sol é sensorial para o corpo no reino material.

Com a temporada de Herthfyre (na véspera de fevereiro), aparecem os títulos “Senhora do Fogo” e “Senhor do Gelo”. As sementes da vida estão congeladas e ainda sob a terra invernal. É a paixão transformadora da Senhora do Fogo que desperta a semente para subir e penetrar no reino da luz. Nesta época, somos lembrados que mesmo nos maiores momentos de restrição e confinamento, nunca devemos resistir ao fogo que nos chama ao crescimento e à expansão. É este fogo que nos purifica para a jornada espiritual que temos pela frente.

As coisas ao nosso redor podem tentar impor restrições, mas não têm nenhum poder verdadeiro sobre a luz (além de

Para a temporada da Maré Primavera, usamos os títulos Senhora do Lago e Senhor dos Juncos. O inverno derrete e as águas voltam ao estado anterior. A vida é renovada à medida que as sementes e raízes respondem ao calor e à umidade. A estação nos lembra que a luz nos chama das profundezas de volta à superfície, onde começamos de novo. No entanto, cada tempo carrega a experiência do ciclo anterior e, através disso, as partes tornam-se o todo.

Na celebração de Meadwey (na véspera de maio), usamos os títulos Senhora do Verde e Senhor do Verde. Os novos vasos e portadores da semente entram no seu tempo de poder. A estação nos lembra a tenacidade da vida e, portanto, da própria luz. As formas podem mudar, mas o ciclo não, e pelo reflexo da natureza do mecanismo divino, temos a certeza da nossa própria renovação e retorno.

Com a chegada do Summer Tide, os títulos passam a ser Senhora das Flores e Senhor dos Bosques. Botões e flores se formam nas plantas à luz do sol e à sombra. Somos lembrados de que a vida e a morte são apenas duas partes de um todo maior. A lenda da reunião de fadas no meio do verão assume um novo significado neste momento crucial entre a vida e a morte iminente (conforme refletido nas estações crescente e minguante). Luz e sombra iniciam sua dança anual que gera a Roda do Universo em constante rotação.

Quando chega a festa da Colheita da véspera de agosto, passamos a usar os títulos Senhora dos Campos e Senhor da Cevada. A época da colheita, ou de uma colheita pendente, está sobre nós à medida que a generosidade da natureza nos rodeia. Aqui vemos o todo (campos) em relação às suas partes (plantas de cevada). Eles precisam ser separados e ainda assim devem ser reunidos novamente. Através disto somos lembrados que as nossas almas devem separar-se da matéria, renovar-se em espírito e tornar-se as sementes de luz que geram uma nova encarnação.

Na época da Maré de Outono, usamos os títulos Senhora da Colheita e Senhor do Feixe. Os talos são cortados e reunidos. A palha e os grãos são separados; o grão é mantido seguro para renovar a vida na primavera. Nesta estação somos lembrados de que é a essência que sobrevive mesmo quando o vaso que contém a semente morre. A luz da alma é a semente que se mantém segura após a morte do corpo. No seu tempo, entrará na Terra e despertará numa nova estação do ciclo divino de nascimento, vida, morte e renovação.

A Roda do Ano na ABW pretende homenagear o espírito dos costumes pré-cristãos dentro de uma mistura moderna de tradições europeias. ABW não é uma reconstrução ou interpretação moderna. Em vez disso, é uma integração do espírito do povo pré-cristão num formato contemporâneo. Suas partes incluem temas antigos e tradições associadas à caça e à agricultura. Eles tocam os reinos animal e vegetal, que por sua vez colocam seu antigo conhecimento em nossas mãos e corações. Embora a ABW reivindique uma linhagem espiritual desde os tempos antigos, ela não professa ser descendente de nenhuma tradição anterior coesa.

Como muitos sistemas modernos, o ABW utiliza um círculo ritual e um altar. O círculo marca os limites da área ritual e mágica e representa a lua cheia desenhada no chão. Isto evoca o princípio oculto de “como acima, assim abaixo” e une os reinos terrestre e lunar.

O altar marca o centro direto do círculo e se torna a força espiritual direcionadora de cada rito.

Como a maioria dos sistemas modernos de bruxaria, as forças elementais são usadas para criar e manter o círculo. Quando o ritual é concluído, as forças elementais são liberadas para retornar aos seus reinos naturais.

Um círculo ritual no sistema ABW está conectado não apenas ao reino lunar, mas também ao reino vegetal. Esta é uma das razões pelas quais as ervas são espalhadas ao longo da borda do círculo, cobrindo todo o perímetro. É composto por arruda, verbena e erva de São João. A tradição antiga diz que esta é uma combinação poderosa contra influências e entidades prejudiciais.

Ao longo deste capítulo, examinamos a figura da bruxa através das lentes de antigas crenças, lendas e tradições. No texto que se segue, a bruxa é ainda revelada em sua natureza como alguém intimamente ligado ao reino vegetal. Vamos percorrer o matagal e examinar a bruxa no mundo encantado de plantas e ervas mágicas.

BRUXAS: O POVO DA PLANTA

Anteriormente, encontramos a ideia das bruxas como “o povo das plantas” nos tempos antigos. Como observado anteriormente, a palavra *pharmakis* é a primeira a denotar uma bruxa na cultura ocidental. Aqui exploraremos ainda mais esse tema e examinaremos a relação da bruxa e as plantas tradicionais de bruxaria. Isso nos levará ao reino dos espíritos ctônicos e das entidades da noite e das sombras.

As plantas tradicionais de bruxaria são bem conhecidas, assim como sua tradição lendária. Eles incluem a *mandrágora*, a *cicuta*, o *meimendo*, a *dedaleira*, a *beladona*, o *acônito* e a planta *da maldição do lobo*. Cada uma dessas plantas é venenosa e pode ser mortal se usada incorretamente. Infelizmente, a velha tradição está contaminada pela representação intencional das bruxas como pessoas más que usam veneno para prejudicar os outros. Embora seja verdade que o conhecimento do veneno existe na bruxaria do Velho Mundo, a razão para isso não é causar danos físicos. Ensinaram-me que para conhecer as propriedades curativas das plantas devemos também conhecer os níveis nocivos. Da mesma forma, para saber quais níveis alteram a consciência com segurança, devemos também compreender quais níveis são letais. A aplicação equilibrada de tal conhecimento faz parte do ofício das bruxas há muito tempo.

Na bruxaria do Velho Mundo, as plantas fazem parte de uma tradição espiritual, que às vezes é chamada de Sabedoria Verde. Esta é uma visão moderna em termos de fraseologia, mas não está em desacordo com o pensamento antigo. No passado, as pessoas acreditavam que espíritos específicos sentiam uma conexão ou tinham afinidade com plantas específicas. Isso atraiu o espírito para a planta. A filosofia básica da afinidade ou conexão está por trás da tradição das correspondências ocultas, que inclui a associação de plantas e minerais com naturezas planetárias ou mágicas.

No sentido da *botânica espiritual*, uma planta é dividida em seções simbólicas que criam correspondências com uma natureza mágica:

Root: comando, controle e ligação

Coroa: transição e conexão de opostos

Tronco/Tronco: mudando perspectivas e novos insights

Folhas: fortalecedoras e energizantes

Bud: oportunidades e potencial

Flor: conexões espirituais

Fruta: conclusão e reflexão

Essas correspondências podem ser aplicadas ao planejar como usar uma planta para uma intenção mágica específica. Uma ou mais correspondências de acordo com a intenção mágica podem ser adicionadas a um feitiço, que então exige o uso de partes adicionais da planta. O objetivo é adicionar poderes específicos às plantas para carregar o feitiço. Tenha em mente que várias plantas possuem espírito próprio e, portanto, as partes dessas plantas influenciarão de alguma forma a correspondência. O capítulo cinco cobre isso na seção do grimório.

A ideia de “botânica espiritual” está enraizada no conceito de que o Mundo Verde é habitado por espíritos cujo poder é passado às plantas. Isso está ligado ao princípio mágico de que objetos próximos trocam ou compartilham suas naturezas. Aqui a planta assume uma parte da natureza do espírito e vice-versa.

Em alguns sistemas esta energia é chamada de *sombra*, e daí surge o conceito mágico de *compartilhar a sombra* (transmitir poder). No que se refere às plantas, a sombra é a força mística atraída para a planta por baixo da superfície do solo. Isso é conhecido como reino oculto, termo que também está ligado à ideia de reino dos mortos. Existem forças místicas que residem no material mineral da terra, e as raízes das plantas se conectam a elas. Os espíritos ligados ao mundo vegetal também os acessam.

Ligada ao conceito de partilha da sombra está a ideia do espírito da terra. Isto se reflete nas primeiras crenças de que áreas específicas da terra abrigam espíritos primordiais. Esses seres são às vezes chamados de *genius loci*, ou *genii loci*, e são, em essência, o espírito de um lugar. Na religião arcaica eram espíritos guardiões ou divindades tutelares. Muitas vezes sentimos a sua presença no “sentimento” de um lugar. Várias coisas podem afectar negativamente este sentimento, incluindo eventos que ocorrem num campo de batalha ou crimes hediondos cometidos numa área específica. Influências positivas também podem ocorrer na terra, como a existência de um templo ou local de celebrações alegres, ou festivais que ocorrem ao longo do tempo. Os espíritos de um lugar *lembram-se* de todas essas coisas.

Às vezes, os *genii loci* comunicam-se com os humanos fazendo com que uma folha ou alguma outra parte de uma planta pareça ter um rosto. Isto é realizado em reconhecimento da presença humana e é uma resposta à sua presença. Sempre que ocorre, este é um momento em que a interface é possível (e geralmente bem-vinda). O grau em que isso é estendido reflete-se no tipo de rosto mostrado. Parece amigável, travesso, desafiador ou brincalhão? Pressione suavemente uma folha de uma árvore em seu rosto (sem danificar a folha) e transmita a ela seus sentimentos positivos sobre a natureza. Em seguida, vire cuidadosamente a folha para ficar de frente para o objeto que mostra a semelhança de um rosto do *genii loci*. Sopre suavemente a folha com a sensação de que sua energia é transmitida ao espírito. Esta ação da sua parte é um sinal de paz, e a sua boa vontade é assim transmitida à floresta. Isso tornará seu encontro muito mais benéfico.

Todas as plantas também possuem o que costuma ser chamado de *gênio*. Esta é a conexão consciente da planta com a Mente Grupal do Mundo Verde. Através desta ligação uma planta guarda a memória da sua espécie ao longo do tempo. É, na verdade, o DNA espiritual da planta. Através de uma conexão e relacionamento estabelecidos com o gênio da planta, a bruxa pode convocar as forças maiores da Magia Verde. O gênio compartilhará sua sombra com você se tiver o devido respeito e protocolo.

Além das ervas, encontramos uma variedade de árvores incluídas na feitiçaria dos Antigos Caminhos. A lista inclui espinheiro, abrunheiro, sorveira, murta, nogueira, freixo, bétula e salgueiro. Algumas delas aparecem nas tradições folclóricas como árvores que protegem contra a bruxaria. Nesses relatos precisamos lembrar que na maioria das vezes a palavra “encantamento” foi substituída pela palavra “bruxaria”. Como observado em outros capítulos, as bruxas usam proteção contra magia/encantamento assim como todos os usuários de magia, de uma forma ou outra. Portanto, precisamos ter cuidado ao rotular itens e métodos antimagia ou contramágica como proteção específica contra bruxaria.

Na bruxaria dos Velhos Modos, a floresta é vista como autoconsciente e consciente do mundo. Ele desenha

Machine Translated by Google
as coisas em si mesmo, dissolve-as, integra-as e depois regenera-as. Este mecanismo interno está conectado ao que é chamado de Hallow. Conforme observado no capítulo três, o Hallow une os três reinos (acima, abaixo e no meio) de tal forma que o poder e a comunicação fluem livremente entre eles. Este conceito é ilustrado pela imagem de uma árvore mística com seus galhos no Mundo Superior, seu tronco no Mundo Médio e suas raízes no Mundo Inferior.

Os galhos das árvores, quando vistos contra o sol e a lua, são considerados misticamente como caminhos que levam de e para o sol e a lua (através de uma perspectiva mágica ou espiritual). Acredita-se que os espíritos viajam através destas redes, pontes ou caminhos. A comunicação na forma de orações ou encantamentos também flui através deles. Esta é uma das razões pelas quais um galho em forma de stang ou varinha é valorizado na arte da feitiçaria dos Antigos Caminhos.

Conforme observado no capítulo três, uma crença antiga, mencionada por figuras como Plutarco, afirma que a lua é a morada dos mortos. [64](#) De acordo com tais crenças, as almas que partiram são atraídas para a lua, onde permanecem até serem libertadas de volta para novos corpos mortais. Nos capítulos anteriores observamos que as bruxas há muito são associadas aos mortos e à lua. Entre as referências mais antigas à bruxaria está a reunião de bruxas na encruzilhada, que era o local onde se dizia que os espíritos errantes dos mortos se reuniam. Hécate, a deusa da bruxaria, governava as encruzilhadas e era associada às almas dos mortos. Em alguns contos, diz-se que ela lidera um trem de almas errantes no céu noturno.

Plutarco menciona crenças antigas sobre a veneração de árvores que se conectam aos espíritos dos mortos. Isso inclui o princípio de que as almas dos heróis e dos “mortos virtuosos” continuam a vida nas árvores. Outra crença é que as almas reencarnam através das árvores, o que se conecta com o preceito de que as almas ascendem [65](#). Essas ideologias se harmonizam com o conceito do Antigo mundo celestial através de Bruxaria mundial em que os espíritos percorrem os caminhos dos galhos da floresta que “tocam” a lua.

Nos tempos modernos, vemos tudo isso como uma metáfora poética, mas as bruxas dos Antigos Caminhos reconhecem uma época em que tais crenças simplesmente refletiam o modo como as coisas eram. Revisitaremos esse tema posteriormente na seção sobre a tradição da Árvore Branca.

Nos tempos antigos, a ideia de que os espíritos habitam as plantas era uma crença muito forte. Esta também é uma antiga crença xamânica, e a intoxicação experimentada pela ingestão de plantas ou de suas substâncias é considerada um tipo de possessão espiritual. Nos antigos ritos de Dionísio, o vinho era consumido para produzir intoxicação, na crença de que um estado alterado de consciência é causado pela entrada do espírito de Dionísio no corpo de carne. Em termos mágicos, tudo que é físico tem uma contrapartida metafísica. Na ciência, o que se chama de propriedades farmacêuticas de uma planta é, na metafísica, a natureza intrínseca da planta que permite que o seu espírito se funda conosco na carne. É o mecanismo místico interno.

Nos primeiros dias do meu treinamento oculto, aprendi que certos espíritos têm atração por plantas específicas. Eles estão envolvidos no desenvolvimento das propriedades da planta e habitam o corpo material da planta de uma maneira semelhante à ideia da alma habitando o corpo humano. Para fins mágicos, o espírito pode ser persuadido a estender sua influência a uma parte removida da planta, como uma raiz ou algumas de suas folhas. Em alguns casos, uma transferência completa do espírito é possível, mas tirar a vida de toda a planta sem consultar o espírito residente é uma questão totalmente diferente (porque força o espírito a sair de sua morada). Não é sábio que a bruxa tenha tal reputação no mundo espiritual.

É importante para o sucesso do trabalho com as plantas e seus espíritos que a bruxa estabeleça um relacionamento. Idealmente, isto deve começar com a semente e continuar à medida que a planta emerge e cresce até atingir a plenitude. Um relacionamento pode ser criado em quase qualquer fase do crescimento da planta, mas quanto mais tempo existir um relacionamento entre você e a planta, mais forte será o relacionamento.

Usar as nervuras das folhas da planta aumenta a comunicação com a planta e seu espírito. Comece traçando levemente as veias com a ponta dos dedos, começando na ponta da folha e seguindo em direção ao caule. Ao tocar a planta, comunique-se com ela por meio de palavras ou concentrando-se

pensamentos. Apresente-se como uma bruxa dizendo que você é um *farmacêutico* (pronuncia-se far-mah-koo-tay). Este é um compartilhamento de linhagem espiritual que conecta você à planta, que então move a planta para compartilhar sua linhagem mágica com você. Esse relacionamento com a planta a incentiva a compartilhar a sombra com você.

Ao se conectar fisicamente com a planta, diga que você cuidará dela e a protegerá enquanto ela cresce. Deixe a planta conhecer a natureza mágica que lhe foi atribuída e dê-lhe alguns exemplos do que seu poder pode realizar. Esta é uma técnica mágica conhecida como *informação*. As instruções que você transmitir ajudarão a sintonizar a planta com suas intenções mágicas e conectarão você com a consciência do espírito que habita a planta. Por exemplo, você pode informar a uma planta beladona que ela possui a capacidade de despertar paixão nas emoções humanas. Outros exemplos e usos podem ser encontrados na seção grimório do capítulo cinco deste livro. Você pode criar níveis mais profundos de conexão com a intenção mágica transmitida a uma planta usando água carregada magicamente. A água eventualmente se torna o *sangue verde* da planta, que espalha a intenção mágica por todas as partes da planta. Usando uma tabela de correspondências mágicas, você pode imbuir a planta com uma natureza elementar para aumentar seu poder. Por exemplo, o elemento terra pode ser usado para proteger ou vincular, o ar para transmitir ideias a outras mentes, o fogo para causar a transformação de um estado em outro e a água para limpar e criar movimento (veja o grimório para correspondências completas).

Pense em qual elemento pode aumentar o poder de uma planta e depois passe esse elemento para ela através da água. Isto é conseguido evocando as energias elementares e direcionando-as para a água (veja o grimório para instruções sobre como carregar com forças elementais).

As bruxas, como pessoas das plantas, possuem uma conexão com o aspecto material de uma planta, suas propriedades inerentes e seu espírito familiar. Cada planta tem uma natureza tripla, o que é verdade para a maioria das coisas no reino mágico. As raízes de uma planta a conectam ao Submundo (reino espiritual), suas folhas ao Mundo Superior (natureza celestial) e as sementes ao Mundo Médio (a dimensão material). Na maioria dos casos, todos os três reinos são acionados com o propósito de lançar um feitiço ou usar a planta para algum propósito específico. Um exemplo é usar uma planta de hera para impedir alguém de prejudicar outras pessoas. Neste caso, as folhas (com caule) prendem o espírito do predador (seu impulso ou desejo). As raízes drenam o poder da pessoa e as sementes são esmagadas para cessar ataques futuros.

Na feitiçaria dos Antigos Métodos, uma bruxa deve estabelecer conexões específicas com o reino vegetal. A primeira e mais forte conexão envolve a obtenção de uma raiz de mandrágora. Às vezes é conhecida como raiz do feiticeiro e é colocada em uma bolsa que é usada no corpo. A posse da mandrágora é um sinal de domínio das artes mágicas da bruxaria; os espíritos do mundo vegetal tomam nota séria de sua presença nas mãos de uma bruxa.

Como a bruxa conhece a natureza tríplice, ela cria então uma conexão com os poderes do 66. O reino vegetal é grandemente mágicas são afetado pelo ciclo da luz e, portanto, pela noite e pelo dia. Os espíritos residentes também o são. Ferramentas usadas para direcionar esses espíritos, o que inclui chamá-los e despedir-se deles. As ferramentas específicas utilizadas para tais fins são a varinha de espinho branco (espinheiro) e a varinha de espinho preto. Idealmente, estes devem ser transformados em bengalas ou bengalas.

Uma vez em mãos, essas varinhas são usadas para direcionar cargas mágicas de e para plantas informadas. As varinhas também evocam o espírito familiar dentro de uma planta. Blackthorn está associado aos poderes da noite e o espinheiro aos do dia. Ambas as varinhas são defensivas e ofensivas na arte do combate mágico. Qualquer pessoa que trabalhe com os poderes gerados pela bruxaria precisará de ambas as habilidades.

O espinho branco (espinheiro) e o espinho preto têm conexões com as fadas na tradição antiga. Isso está de acordo com o ensinamento de que às vezes as Fadas transmitem o conhecimento secreto das plantas e dos espíritos das plantas aos mortais. A magia associada, tal como a entendemos, emana do Reino das Fadas. Isso é percebido como o *brilho*, um tipo de luz que pode influenciar os limites e as coisas materiais (assim como os seres vivos). No Reino das Fadas, algo que emana um brilho pode servir como um portal entre dimensões. Também

Maiz e feitios que os runas interpretamos como a experiênciã do tempo alterado.

Os ensinamentos das fadas incluem a ideia de que os espíritos transmitem algo de sua natureza às plantas, especialmente às suas raízes. É na raiz da planta que a vida se sustenta, e da raiz todas as partes da planta recebem o que é necessário. Um mal-entendido sobre a raiz reside na crença da era cristã de que uma raiz de mandrágora tem o poder de superar a luz e é, portanto, um agente das trevas. Essa crença ligava a mandrágora às atividades dos demônios.

Na feitiçaria antiga, a raiz de mandrágora tem a capacidade de evocar o estado procriativo, que está associado à escuridão da noite. A este respeito, algo magicamente retorna ao seu estado pré-manifesto e, a partir deste cenário de potencialidade completa, a recriação ou renovação pode ocorrer conforme orientação da bruxa. Portanto, não é que a mandrágora conquiste ou bana a luz, mas, em contraste, ela tem o poder de restaurar a escuridão da procriação da qual todas as coisas emergem para o mundo da luz.

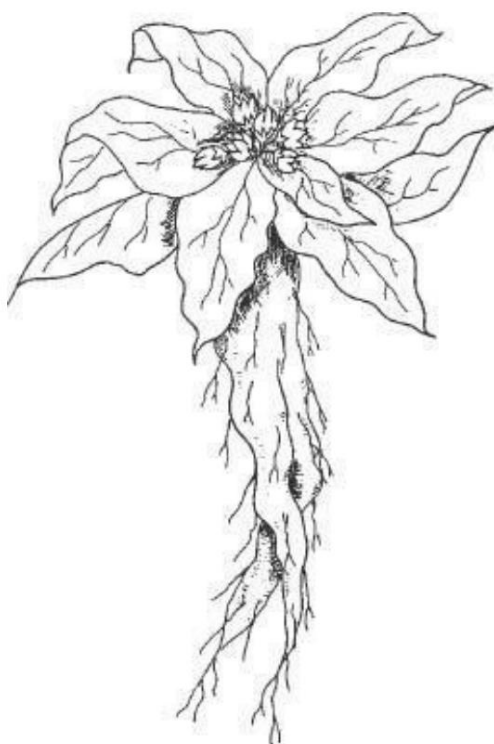
Conhecendo os Espíritos

Nesta seção veremos uma variedade de plantas importantes, suas propriedades e os espíritos associados a elas. Trabalhar com os espíritos das plantas é uma forma eficaz de manter o acesso à Magia da Floresta Verde. Uma vez estabelecido um relacionamento, é possível aproveitar a natureza mágica das plantas mesmo quando elas não estão fisicamente disponíveis para você. É em momentos como este que você pode usar “selos espirituais” para evocar ou invocar a natureza mágica de uma planta. Esses sinais se conectam com chaves astrais que abrem a comunicação. Em essência, eles são pontes entre você e a sombra.

São dados nomes ao espírito de cada planta através do qual o contato pode ser feito. O uso de um nome é um meio de comunicação e serve como energia estimulante. Falar o nome de uma planta chama sua atenção e coloca você e a planta juntos para que ambos estejam totalmente presentes no momento.

Devido ao grave perigo de trabalhar com plantas venenosas e alucinógenas, não estou incentivando você a obtê-las ou a entrar em contato com elas. Mas para que você ainda possa trabalhar com os espíritos dessas plantas, desenvolvi um sistema mágico que utiliza selos mágicos. Esses selos de espíritos vegetais podem ser encontrados na seção de grimórios do capítulo cinco, mas, por enquanto, vamos conhecer os espíritos dos Antigos Caminhos.

Mandrágora é a principal planta da bruxa dos Velhos Caminhos. Porque sua raiz assume a forma de um humano, é o nexo mágico. A raiz de mandrágora representa a existência material dos mortais, as raízes terrenas que mantêm suas almas na terra. A raiz é também a morada dos espíritos ctônicos que também são atraídos por uma forma de existência material.



Mandrágora (*Mandragora officianarum* e *Mandragora Autumnalis*)

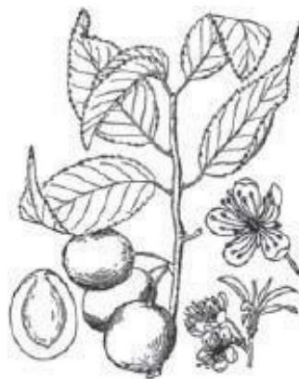
As flores da mandrágora simbolizam a alma iluminada que emerge das experiências do mundo material. O fruto da mandrágora representa a alquimia espiritual, o fruto que é produzido ao completar cada encarnação. As folhas significam as influências que se espalham pelo mundo através das ações da personalidade que carrega a alma. Estas são as chaves a serem observadas em termos de definir e elaborar suas intenções mágicas ao usar partes da mandrágora.

Na antiga tradição da mandrágora, existe um espírito feminino conhecido como Mandragoritis – Ela da Mandrágora. Este espírito supervisiona a própria planta e é chamado quando se trabalha com mandrágoras. Mandragorite

Machine Translated by Google
não reside na mandrágora, mas controla os espíritos que o fazem (e, nesse aspecto, pode ser considerada sua rainha).

Na tradição da mandrágora, as plantas possuem uma natureza genérica. A “mandrágora branca” (*Mandragora officinarum*) é a planta masculina, e a “mandrágora negra” (*Mandragora Autumnalis*) é a planta feminina. Alguns praticantes preferem chamar o espírito feminino de Mandragora e o masculino de Mandragoro (em vez de invocar Mandragoritis). A maneira mais simples e, acredito, mais antiga é usar a evocação “Eu invoco Ela da Mandrágora” e deixar por isso mesmo. Mas também pode ser útil identificar o gênero de cada mandrágora usando os nomes masculino e feminino.

Obter uma raiz de mandrágora viva pode ser muito desafiador. Em algumas lojas de bruxas você poderá encontrar raízes secas de mandrágora (às vezes misturadas com folhas). Neste caso é provável que você não saiba o sexo da planta. Esteja ciente também de que algumas empresas vendem a planta May Apple como uma mandrágora (provavelmente porque foi chamada de mandrágora americana). Se você chegar à mandrágora dessa forma, então é melhor evocar Mandragorite (ou Mandragora para uma forma abreviada).



Espinheiro-preto (*Prunus spinosa*)

O espírito do abrunheiro está associado aos poderes da noite e também das sombras. Seu espírito é chamado Sheadwa (pronuncia-se Sheed-dwah) ou aquele da sombra. A vantagem de usar abrunheiro é que você pode invocar energia mágica pura. Em outras palavras, vem diretamente do reino das sombras, que não foi tocado pelas influências humanas no mundo da superfície.

Portanto, ele pode ser informado magicamente com a intenção da bruxa e é desprovido de qualquer coisa que o iniba ou modifique.

Blackthorn é o guardião e revelador de segredos escondidos sob a terra nas sombras. Através dele a bruxa pode receber um vasto estoque de conhecimento mágico. Tradicionalmente, a bruxa usa uma varinha ou bengala de abrunheiro para exercer as forças das sombras. Na tradição antiga, uma cana de abrunheiro negro é chamada de “vara explosiva” e tem a reputação de provocar tempestades, danificar colheitas e esmagar inimigos. Sob esta luz, o espírito do abrunheiro não é aquele que adere à filosofia de “não prejudicar ninguém” encontrada em muitos sistemas wiccanianos modernos.

O espírito do espinheiro está associado aos poderes da luz e ao brilho mágico do Reino das Fadas. Seu espírito é chamado *Kwethanna* (pronuncia-se qwee-thaw-na) ou a *Senhora Branca*.

Hawthorn é o abridor de portais ou portais e, nesse sentido, é o guardião da chave para o Reino das Fadas. Hawthorn ajuda na libertação das almas que partiram e as direciona para a vida após a morte.



Espinho Branco (*Crataegus monogyna*)

Como ferramenta mágica, a bruxa utiliza a varinha ou bengala de espinheiro para trabalhos de transformação e transição. Essas ferramentas também são excelentes para lançar círculos rituais e abrir portais para a realidade imaterial. O espinheiro também tem a reputação de guardião dos limiares e, na tradição antiga, é associado ao freixo e ao carvalho. A combinação dos três denota a entrada para o Outro Mundo.

O espírito da sorveira está associado à proteção contra o encantamento. Isso ocorre porque tem o poder de convocar aliados dos reinos místicos. O nome do espírito da sorveira é *Reudwyn* (pronuncia-se rude-win) ou *Senhora Branca da Bênção Vermelha*.

Rowanberries têm a impressão de uma estrela escura de cinco pontas onde o caule se fixa, e algumas pessoas consideram isso um reflexo de seu espírito protetor. Um uso mágico é marcar objetos com o suco vermelho da baga “pintando” um pentagrama.



Rowan (*Sorbus aucuparia*)

O espírito da bétula está intimamente ligado às almas dos mortos. O nome dela é *Brydethe* (pronuncia-se Bree-death) ou *Ela que reúne os mortos*. Na tradição antiga, a bétula é usada para direcionar os espíritos errantes dos mortos.

Ramos de bétula são usados em algumas tradições como ponta de vassoura. Como ferramenta a vassoura é utilizada com a varredura na frente ou na vertical. Isso “reúne” os mortos ou abre caminho entre eles para que a passagem seja permitida. Tal tradição está ligada à ideia da vassoura de bruxa em vôo, sobre a qual a bruxa atravessa o Outro Mundo/Submundo.



Bétula (*Betula alba*)

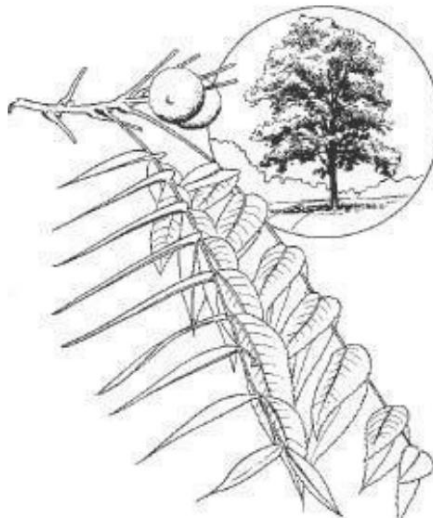
O espírito do salgueiro está associado ao Submundo e à sua entrada no centro da encruzilhada. O espírito é chamado *Weligwyn* (pronuncia-se wah-lee-gwen) ou *Senhora das Tranças Brancas*. Willow está associado ao juramento e à *ligação* associada à iniciação.



Salgueiro (*Salix babylonica*)

Na tradição antiga, tiras de casca de salgueiro eram usadas para amarrar galhos finos de bétula ao cabo de freixo da vassoura de bruxa. Isso simboliza a aliança entre a bruxa e a rainha da noite. Nesse sentido, as bruxas são as guardiãs da magia das encruzilhadas e as guardiãs da entrada do Outro Mundo.

O espírito da noz está associado aos guias, guardiões e aliados do Outro Mundo. É chamado de *Wealhenin* (pronuncia-se we-all-hey-nin) ou *Aquele que Dá Presentes*. Na tradição antiga, a noz é associada às fadas e a outros seres que presenteiam os humanos com os itens necessários. Em momentos de necessidade, uma noz talentosa é aberta e de dentro dela aparece exatamente o que a pessoa da história precisa para atingir um objetivo.



Nogueira (*Juglans regia*)

A noqueira tem raízes profundas nos reinos abaixo, e seu poder é exercido por danças circulares executadas em torno de seu tronco. Seu poder é fértil e esterilizante dependendo da forma como a sombra é chamada através da árvore.

O espírito do meimendo está associado a barreiras e à fixação de coisas no lugar. Seu espírito é chamado *Necterra* (pronuncia-se Nek-tear-rah) ou *Ela que Liga*. Henbane é usado em feitiços e trabalhos de magia destinados a bloquear, vincular ou interromper atividades.

Henbane também é útil para interromper a comunicação. Este conceito pode estar relacionado ao efeito venenoso de suas sementes sobre os pássaros, muitas vezes considerados mensageiros. Em qualquer caso, o meimendo pode servir para perturbar ou cortar correspondência ou contacto indesejado. Também é útil para impedir fofocas e mentiras.



Meimendo (*Hyoscyamus niger*)

O espírito da cicuta está associado à reparação. Seu espírito é conhecido como *Atonen* (pronuncia-se A-tone-en) ou *Aquele que corrige*. A cicuta é usada em feitiços que servem para corrigir uma situação ou trazer um acordo de alguma forma duradoura.

A cicuta também pode ser usada para ajudar os amantes a se reconciliarem por meio de sua capacidade de acabar com conflitos e restaurar o relacionamento anterior. Tenha em mente que não são as propriedades físicas da planta, é o espírito que atua através da sua conexão.



Cicuta (*Conium maculatum*)

O espírito do heléboro está associado à manutenção da harmonia. Seu espírito é chamado *Ellebrina* (pronuncia-se El-lah-bree-nah) ou *Aquela que Acalma*. Hellebore possui a capacidade de apaziguar espíritos perturbados e é usado em magia para lidar com locais assombrados. Tais práticas ligavam o heléboro ao exorcismo.

A planta heléboro também é conhecida como rosa de Natal, nome curioso para esta planta milenar. Várias razões são dadas para conectar a planta ao feriado de Natal, mas a explicação mais simples reside na sua natureza de criar harmonia. Esse sentimento costuma estar associado à própria temporada de férias. Mas talvez um nome mais apropriado seja rosa de Yule (se quisermos dar ao heléboro outro



Heléboro (*Helleborus niger*)

O espírito da beladona está associado à invisibilidade (no sentido de passar despercebido). Seu espírito é chamado de *Atropa* (pronuncia-se A-tro-pah) ou *Ela da Noite Oculta* (alguns também a chamam de Bruxa-Fada).

Beladona é frequentemente usada em poções destinadas a derrotar inimigos, obtendo informações secretas sobre eles.

Belladonna é usada para entrar em níveis mais profundos de transe e estados de sonho. Sob esta luz, está intimamente ligado aos portais astrais e, assim, permite que o "viajante em espírito" seja privilegiado com assuntos mantidos no plano material.



Beladona (*Atropa belladonna*)

O espírito da dedaleira está associado à convocação. Seu espírito se chama *Tylanna* (pronuncia-se Tie-lan-nah) ou *Ela que Chama as Fadas*. A dedaleira ajuda na comunicação com o Outro Mundo e ajuda a ganhar relacionamento com o Faery.

A dedaleira pode ser usada em questões de amor para chamar um companheiro ou para restaurar a paixão. É considerado mais eficaz quando usado em feitiços lançados na véspera de maio ou na véspera de verão. Ambas as estações estão associadas ao Faery, o que nos traz de volta ao círculo completo em relação à natureza da dedaleira.



O espírito do acônito está associado à força da sombra e à forma como ela se move entre os mundos.

Seu espírito é conhecido como *Maestra* (pronuncia-se may-ess-trah) ou *Senhora da Sombra*. O acônito é utilizado para consagrar ferramentas rituais e mágicas que trabalham com a sombra, e que também são utilizadas no serviço à Senhora das Encruzilhadas.

Em termos de potência, a planta do acônito perde apenas para a mandrágora. Ambos estão conectados aos humanos, o que significa indicar que através deles os mundos humano e vegetal se fundem. O acônito é frequentemente chamado de monge, denotando uma conexão humanóide, e a palavra “mandrágora” tem uma conexão óbvia tanto no nome quanto na forma que suas raízes podem assumir.



Acônito (*Aconitum napellus*)

O espírito da maldição dos lobos está associado ao banimento. Seu nome é *Gebanshen* (pronuncia-se Gebh-ann-shin) ou *Aquele que manda embora*. Sob esta luz, o acônito é um banidor de visitantes indesejados, que inclui espíritos, animais e humanos. Wolfsbane é um bom protetor do jardim da bruxa.



Wolfsbane (*Aconitum vulparia* ou *lycoctonum*)

A tradição do acônito está ligada à ideia de “tiro de elfo” ou “dardos de elfo” na tradição antiga. Nesses contos encontramos relatos de objetos pontiagudos mergulhados em seu suco de acônito que eram usados para arranhar uma pessoa (o agressor passava despercebido no meio da multidão). O suco da planta entrou na corrente sanguínea e causou a morte. Dessa atividade surgiu a ideia de que os “pequenos” atiravam flechas ou lançavam dardos para causar danos.

Anteriormente neste livro tocamos na ideia de que a mentalidade espiritual da bruxa vem de conceitos primordiais do Velho Mundo. Quando falamos do Velho Mundo, estamos a falar de uma época em que as forças aparentemente místicas da natureza eram tão reais para os nossos antepassados como o era o mundo quotidiano.

Relâmpagos, trovões, terremotos e outros fenômenos evocaram a presença de forças do Outro Mundo.

É na vivência milenar das antigas florestas que surgiram diversas crenças sobre o mundo encantado das bruxas. Todas as antigas culturas europeias povoaram as florestas com uma variedade de espíritos e seres. Essas criaturas eram consideradas perigosas de se encontrar, mas nessas histórias o papel do ser humano e sua contribuição para o problema muitas vezes faltam nos contos. Raramente essas histórias apontam que o humano é um intruso na floresta e que desrespeita o mundo de seus habitantes.

Vale ressaltar que nos contos antigos a bruxa costuma viver na floresta. Ela ou ele mora fora das aldeias ou cidades. Este tema é uma lembrança da conexão da bruxa com o mundo indomado. Aponta também a bruxa como aquela que mantém uma relação funcional com os espíritos que habitam a floresta. Em essência, esses contos retratam a bruxa como humana e, ainda assim, como participante plena do mundo místico ou chamado sobrenatural.

Quando retiramos os elementos políticos dos contos antigos, surge o Velho Mundo. É um reino que não é governado pela humanidade nem contaminado pela subjugação, pela ganância ou pelo desejo de riqueza excessiva. Em vez disso, está sujeito às regras da natureza, o que significa um equilíbrio em que tudo tem a mesma importância que o todo. Tudo contribui com sua medida plena e tudo recebe de volta de acordo.

Na bruxaria do Velho Mundo encontramos a crença na realidade material e na realidade imaterial. Estas são as duas metades iguais da realidade maior que compreendem. Para simplificá-los, chamamos de “realidade material” o mundo da espécie mortal, e nos referimos à “realidade imaterial” como o Mundo Espiritual, ou Outro Mundo. No que diz respeito à realidade material, chamamos as suas forças activas de “física”, e para a realidade imaterial as forças operativas são conhecidas como “metafísica”. Esses princípios são o corpo e a alma de algo maior que eles próprios.

Podemos agora voltar nossa atenção para outro princípio, ou conceito místico, conhecido como Relíquia. Onde a realidade material e a realidade imaterial se encontram é onde está a Relíquia. Cria equilíbrio e é um ponto de interface através do qual ambos os mundos podem interagir. A bruxa pode explorar esse *equilíbrio* e extrair dele um pouco de sua essência, que em si é todo o potencial da magia.

A magia é a força das possibilidades ilimitadas; é a consciência compartilhada da realidade material e imaterial. Abordamos este conceito no capítulo três, onde examinamos a consciência fundida do guardião e do indicador do caminho. Conforme observado, eles trocam parte de sua natureza entre si.

Através desta troca, a mente consciente aceita algo que não experimentou como se tivesse vivido, e a mente subconsciente considera uma “coisa imaginada” como uma condição material.

É no Hallow que as coisas convergem e onde não existe discussão ou conflito. Uma convergência é quando as diferenças se unem para chegar a uma conclusão, resultado ou união comum. Esta é, em sua essência, a função do Hallow; seu objetivo é manter o equilíbrio e criar um corredor. Esta passagem nos permite ir e voltar entre os mundos. A este respeito, o círculo ritual das bruxas é uma espécie de santificação.

O mito da Relíquia o retrata no centro da antiga floresta primordial. Esta floresta existe dentro da terra e fornece a vida interior do planeta. Assim como as árvores no reino material produzem dióxido de carbono na atmosfera terrestre, a floresta primordial gera o vapor para a força conhecida como Sombra. Tudo isso é um conceito evoluído para aplicações místicas e mágicas, e não pretende indicar uma crença de que a Terra contém literalmente mundos materiais dentro dela. No entanto, contém as memórias de civilizações antigas que agora estão enterradas sob ele. Da mesma maneira,

Machine Translated by Google
também se lembra de todos os seres vivos absorvidos pelo seu solo. Isso às vezes é chamado de memória do osso. Visitaremos isso mais tarde como um conceito mágico.

O conceito mágico de Sombra transmite a ideia de que a consciência existe dentro da terra. De uma perspectiva moderna, poderíamos dizer que a energia de toda atividade mental é absorvida pelo solo e retida na formação mineral da terra. Isso não é diferente da crença da Nova Era de que os cristais fortalecem a mente, o corpo e o espírito dos humanos. O pensamento mais profundo é que os minerais também retêm e mantêm a integridade da energia que lhes é transmitida. De uma perspectiva oculta, podemos considerar isso como retenção de memória.

Intimamente ligadas aos tópicos discutidos nesta seção estão as raízes físicas das plantas. Num sentido místico, as raízes são imaginadas atraindo a Sombra para as plantas. Sabemos que as raízes das plantas possuem cabelos finos como fios que extraem minerais do solo. De uma perspectiva oculta, os minerais são os ossos da terra. Portanto, os fios finos absorvem a memória óssea e a disponibilizam para a bruxa através da planta.

A maior parte das raízes extrai água do solo e, num sentido oculto, este é o sangue da terra abaixo da superfície. Ossos e sangue são reunidos através da planta, que se torna a nova carne. O espírito possui o corpo e o anima no sentido de imbuí-lo de consciência. É através deste mecanismo interno que a sombra é superada.

Se usarmos a mandrágora como exemplo, ensinamentos significativos podem ser transmitidos. A genialidade da planta contém a memória de sua espécie. Ele sabe tudo sobre ser uma mandrágora através da memória herdada da consciência coletiva de cada mandrágora que já existiu. Podemos estender esta ideia para incluir outro conceito relacionado. Cada bruxa (ou usuário de magia) cujo corpo foi absorvido pela terra fez com que seu conhecimento passasse para as sombras. Portanto, esta memória está disponível através da genialidade da mandrágora. É através das raízes que tal conhecimento é extraído da sombra. Isto requer não apenas a disposição da mandrágora em disponibilizá-la; também implica a capacidade da bruxa de estabelecer relacionamento com a planta. Isto também requer a cooperação do espírito que habita a planta. A bruxa, como farmacêutica, tem a vantagem necessária.

No mundo das plantas, as árvores possuem as raízes mais profundas, mas não compartilham a sombra tão prontamente quanto as plantas, como as ervas. Em parte, isso ocorre porque as raízes de uma árvore são guardiãs e não transmissoras. Um mal-entendido deste princípio mágico aparece nas lendas onde as árvores protegem contra a bruxaria. Nos contos populares comuns, acredita-se que árvores como a sorveira possuem o poder de afastar as bruxas. Este é apenas um exemplo de como o conhecimento esotérico pode ser profanado pela tradição exotérica.

Uma das árvores sagradas da bruxaria é a noqueira. Um lendário cresceu na cidade de Benevento, na Itália, ou perto dela. Na tradição esotérica, as raízes da árvore a conectavam com o Submundo. Os espíritos ancestrais juntaram-se às bruxas vivas que cercavam a árvore em momentos específicos de reunião. Na tradição italiana, a noz está intimamente ligada ao Reino das Fadas. No popular, sempre que um personagem principal precisa de algo em particular, ele ou ela recebe uma noz. Quando a porca é aberta, de dentro aparece o objeto necessário.

Árvores místicas aparecem em muitos contos de magia e reinos mágicos. Sempre há algo que os distingue das árvores do mundo. No caso da noqueira de Benevento, é a sombra, que se diz negra como a noite. Outras árvores místicas são encontradas apenas no reino do Outro Mundo, ou das Fadas. Normalmente, essas árvores têm um brilho ou uma luz brilhante ao seu redor. Muitas dessas árvores são de cor branca.

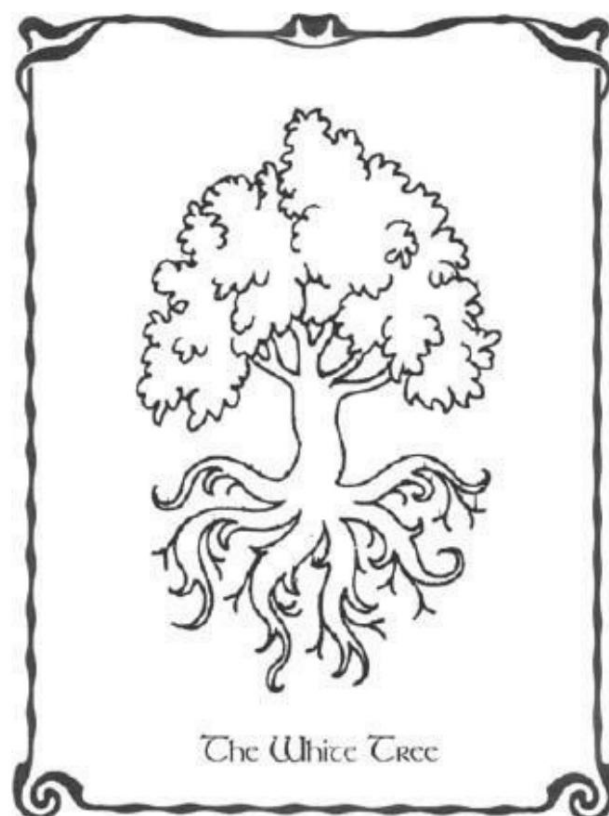
Na tradição das fadas, especialmente entre os celtas, a cor branca indica uma natureza das fadas. Um exemplo é a menção de que as fadas montam cavalos brancos. O uso do sufixo “wyn” ou “wen” (que significa branco), em nomes ligados ao Outro Mundo, como no nome da deusa Cerridwen, é outro exemplo. O branco também é tradicionalmente a cor da morte, o que significa o osso (aquele que resta após o

Um elemento importante da tradição das árvores associado ao Reino das Fadas é o da cavidade da árvore como porta de entrada. Em muitos contos populares, os espaços vazios encontrados em alguns troncos são descritos como portais através dos quais os mortais podem entrar no Mundo das Fadas. Os espíritos também podem passar por eles para o mundo material. Em contos antigos, uma luz branca flutuante muitas vezes leva os mortais às árvores que servem como portas.

A lenda de uma árvore branca, ou árvore de luz, é um tema antigo. Em algumas das tradições mais antigas encontramos a bétula branca ligada a tais contos, e há muito tempo ela é associada aos espíritos dos mortos. As árvores brancas estão mais frequentemente ligadas ao Reino das Fadas e servem como seres místicos. Os contos criados em torno de árvores mágicas e os reinos que elas ocupam encapsulam metáforas e conceitos místicos em forma de história.

Muitos sistemas esotéricos contêm uma tradição de mistério interior que conecta sua estrutura a conceitos místicos. Em essência, tais sistemas usam imagens, conhecimentos e histórias para capturar e transmitir esses conceitos. Os cenários, personagens, temas e eventos representam elementos místicos e sua interação. Através deles, os ensinamentos são transmitidos de uma forma conceitual que inclui abraçar as partes como elementos dos conceitos de mistério.

No sistema de bruxaria conhecido como Cinza, Bétula e Salgueiro, existe um mito que preserva elementos dos antigos ensinamentos místicos descritos neste capítulo. É um elemento comum nas tradições de mistério possuir um mito relacionado à visão da realidade imaterial. No ABW existe o conceito de dois reinos principais, ou reinos de acesso, enraizados no mito da tradição misteriosa. Esses reinos são conhecidos como *LuNeya* (pronuncia-se Loo-Nay-ah) e *Faewyn* (pronuncia-se Fay-win). O primeiro é concebido como um *mundo lunar* onde as almas permanecem enquanto aguardam a reencarnação. No mito é uma ilha com uma cidade chamada Morphos. Uma densa floresta conhecida como Bosque de Prosérpina circunda a cidade, e a ilha está coberta de papoulas e mandrágoras. No centro da ilha há uma colina alta com uma abertura que desce para a Caverna de Hécate.



No mito ABW, o reino dos mortos está conectado à terra através da sagrada Árvore Branca de LuNeya. As almas dos mortos viajam ao longo de seus galhos, o que é uma metáfora para o processo de reencarnação. No mito elas são acompanhadas por seres conhecidos como as Sete Irmãs, que conduzem os mortos através dos portais. Estes estão associados às Plêiades e são mais notavelmente marcados em

No Reino das Fadas, chamado de terra de Faewyn, está a árvore irmã conhecida como Árvore Branca de Faewyn. Embora as árvores sejam duas, podemos considerá-las como uma só árvore vista de lados diferentes. A Terra de Faewyn pode ser considerada a contraparte espiritual da Terra. Tem geografia, mas é composto de luz em vez de matéria. Esta luz é tão condensada que assume uma forma tangível. No entanto, está sempre em um estado de vibração elevado e reage aos pensamentos. Assim como na Terra podemos moldar a paisagem com ferramentas e equipamentos, o povo das Fadas pode moldá-la com as suas mentes.

As fadas são mais avançadas que os humanos e sua tecnologia produz resultados que podem fazer com que os humanos acreditem que as coisas são realizadas por meio da magia. Sua tecnologia também lhes permite passar para outras dimensões. Há muito tempo eles exploraram o plano material e entraram em contato com os humanos. A compreensão limitada de nossos ancestrais sobre a Raça das Fadas nos deixou com os mitos e lendas que possuímos agora.

Assim como a Árvore Branca de LuNeya permite que as almas viajem, a Árvore Branca de Faewyn serve como uma rede de passagens para outras dimensões. As Fadas não entram mais diretamente no reino material como antes, mas o contato ainda é feito entre os mundos. A Árvore Branca é um dos símbolos de comunicação com a Raça das Fadas e também aparece como símbolo de aliança com eles.

A Árvore Branca de LuNeya é retratada com sete estrelas acima de seus galhos. Estas são as Plêiades, também conhecidas como as Sete Irmãs. Na tradição antiga, as Plêiades marcam os portões entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. As Plêiades se alinham com o horizonte da Terra no festival de maio e no festival de outubro. Aqui os vemos posicionados de forma oposta em cada temporada. Maio está associado à vida e outubro à morte – os Portões da Vida e da Morte.

Sempre que a Árvore Branca é associada ao Reino das Fadas, ela aparece em simbolismo sem as sete estrelas. Podemos pensar nisso como um aspecto da única árvore que serve como porta de entrada para o Reino das Fadas. Na tradição antiga, acreditava-se que as fadas e os espíritos dos mortos eram a mesma coisa. De acordo com essa tradição, os antigos túmulos mais tarde passaram a ser vistos como Colinas das Fadas, e a lenda de um mundo interior se desenvolveu em torno dos mitos e lendas. Uma antiga crença etrusca afirmava que as almas dos mortos poderiam tornar-se fadas no outro reino. Isto está ligado a outra crença etrusca de que as almas podem eventualmente tornar-se deuses ou semideuses. Em alguns sistemas, acredita-se que as almas ganham poder à medida que reencarnam e, através disso, podem se tornar entidades poderosas no Outro Mundo.

Anteriormente tocamos na ideia de que a mentalidade espiritual da bruxa surgiu da experiência da antiga floresta. Para as bruxas do Velho Mundo, a ideia moderna de um “Deus da Bruxaria” está enraizada no conceito de *Aquele dos Lugares Sombrios das Florestas*. A ideia de uma “Deusa da Bruxaria” está ligada ao conceito de *Ela da Rodada Branca*. Estes são os Antigos, termo que lhes foi dado muito antes da ideia de Deusa e Deus como os conhecemos hoje.

Embora eu não tenha liberdade para fornecer o nome da figura de Deus, ele é a presença da própria floresta. A “mente” da floresta é a sua consciência. Ele não é a floresta em si, pois a floresta é um mecanismo de vida ou morte. Ele é o porteiro. A Deusa é a presença da luz nos lugares sombrios da floresta profunda. Os dois se unem na imagem de galhos de árvores contra a lua cheia à noite. Este é o abraço dos Antigos. Dessa união seus filhos nascem na escuridão do espaço e também nas profundezas da floresta onde a sombra é escuridão.

Na tradição dos Antigos Costumes, quando Aquele da Floresta deseja aparecer aos humanos, ele assume a forma de um cervo com um conjunto completo de chifres. Os chifres simbolizam os galhos das árvores. Quando Ela da Rodada Branca torna sua presença conhecida pelos humanos, ela brilha como a lua cheia através dos galhos das árvores da floresta.

Existe uma antiga tradição que se forma em torno de dois galhos de árvores. Ambos são da variedade stang, o que significa um ramo que termina em formação de “Y”. Aquele que representa Ele da Floresta não é aparado para que os garfos tenham a aparência de chifres de veado. O stang que representa Ela da Rodada Branca é aparado suavemente, sem quaisquer galhos ou ramificações. Eles são usados de diversas maneiras que serão explicadas mais adiante.

A floresta também abriga outros seres que estão entre os Antigos. São espíritos primordiais que se fixam nas árvores. Quando um espírito particularmente poderoso está conectado a uma árvore específica há muito tempo, a árvore assume uma aparência diferente daqueles ao seu redor. Para os humanos, a árvore parece ter algum tipo de rosto. Esses rostos também aparecem na arte medieval e na arte de fantasia contemporânea. É importante observar essas árvores e garantir que nenhum dano seja causado a elas. Nada de bom pode advir de profanar a árvore ou forçar um ser tão antigo a sair da árvore, derrubando-a.

Um dos contos associados às árvores apresenta o que costuma ser chamado de povo-folha. Nesta tradição é dito que as folhas das árvores são os corpos dos povos-folhas. Esses espíritos são mensageiros da floresta. Eles falam um com o outro através do vento que sopra entre as árvores. A vontade da floresta é revelada através dos sussurros do povo-folha, e eles estão intimamente ligados ao Ele da Floresta de muitas maneiras, pois, como observado anteriormente, ele está associado à mente da floresta. Na próxima vez que você ouvir o farfalhar das folhas, algo do “Outro Mundo” poderá chamar sua atenção.

Outra história associada afirma que os povos das folhas se retiram para as árvores na estação do outono. À medida que os espíritos abandonam as folhas, elas caem no chão. Em essência, estes são os ossos que estão no chão da floresta. Na primavera, as pessoas das folhas renascem através dos galhos à medida que novas folhas aparecem.

A raça de seres que chamamos de Faery também pertence à classificação dos Antigos. Na bruxaria do Velho Mundo, eles são considerados seres do outro mundo, nativos de seu reino. Outras tradições veem as Fadas como anjos caídos ou seres de outro planeta, mas as bruxas dos Antigos Caminhos não compartilham dessas ideias.

Em vez disso, a Raça das Fadas é considerada uma raça muito antiga num mundo paralelo além do véu que separa a realidade material da realidade imaterial.

Existem muitas lendas que relatam encontros entre humanos e fadas. As primeiras são geralmente experiências positivas, mas com o tempo encontramos um declínio na boa vontade das Fadas.

Entre os contos agradáveis encontramos a tradição do Ramo de Prata. É descrito como um galho de uma macieira, de cor prateada e com várias maçãs. O Ramo de Prata é dado aos mortais pelo

Ramo de Prata como um convite para entrar no Reino das Fadas. Proporciona uma passagem segura e as maçãs servem de alimento para o viajante. As lendas continuam descrevendo as maçãs, que emitem um som semelhante a pequenos sinos quando tocadas ou sacudidas. O som das maçãs faz com que os humanos esqueçam as suas preocupações.

A história do Ramo de Prata é apenas uma das muitas que inclui árvores encantadas. Em geral estas árvores, ou alguma parte delas, concedem acesso a reinos ocultos. Um exemplo clássico é a *porta Faery* na cavidade de um baú. Estas são metáforas para estados alterados de consciência que abrem a consciência dos reinos ocultos. Uma vez realizados, esses portais podem ser usados para interagir com reinos místicos. O reino vegetal é uma dessas dimensões.

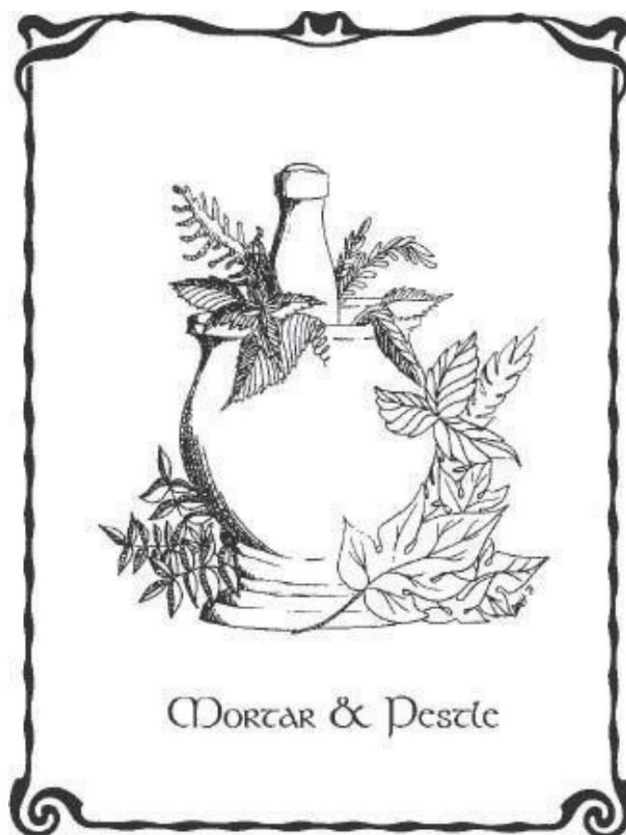
Interface com a planta

Na bruxaria do Velho Mundo, existem métodos para conectar intimamente a bruxa ao reino vegetal. Na prática moderna é usado um altar. É colocado com a argamassa no centro do altar. O pilão é colocado na vertical dentro do almofariz de forma que fique como um comprimido. Dependendo do formato do seu conjunto, pode ser necessário algum material dentro do almofariz para aninhar o pilão de forma que ele permaneça em pé. As decorações da estação são colocadas ao redor da argamassa e também no interior. Depois de decorados, o almofariz e o pilão tornam-se o ponto focal do altar, o que cria a matriz através da qual você pode interagir com o reino vegetal.

A disposição do almofariz e do pilão representa a relação ativa e fértil entre o feminino e o masculino. O pilão está na vertical e dentro do almofariz que simboliza o ventre da natureza. As plantas sazonais criam o alinhamento com a maré da natureza. Para entrar no espaço sagrado desta imagem, simplesmente concentre sua atenção no almofariz e no pilão e diga as palavras de união:

*Semente para brotar, broto para
folha, folha para botão, botão
para flor, flor para fruto, fruto para semente.
Sombra para o espírito, espírito para a
terra, Terra para temperar, estação para
as plantas, Plantas para tenras, tenras para
o jardim, Jardim para a magia, magia para o almofariz e*

o pilão Agora coloque o almofariz entre as palmas das mãos. Feche os olhos e visualize uma árvore com raízes que se estendem até a terra e galhos que se estendem para o céu. Mova mentalmente esta imagem para o seu corpo para que você se torne o tronco desta árvore. Depois de ter isso firmemente em sua mente, *sinta* as raízes se estendendo para baixo, a partir da metade inferior do corpo. Em seguida, *sinta* os galhos subindo da metade superior. Agora você está conectado.



Uma conexão com a natureza neste fluxo específico de energia ajuda a bruxa a manter um relacionamento interno com o Mundo Verde. O relacionamento, por sua vez, garante que os espíritos das plantas trabalharão com você como

alinhamento através do almofariz e pilão como uma prática espiritual. Isto irá ligá-lo às forças da *rodada branca*, que influenciam o ciclo de vida das plantas. Isto se refere ao ciclo da lua e ao seu culminar na lua cheia.

Orações, pedidos e bênçãos podem ser direcionados através do almofariz e do pilão. Eles podem ser direcionados para a terra para se conectarem com ancestrais ou almas que partiram. Isso é feito visualizando as raízes da árvore enquanto você fala. Da mesma forma, suas intenções podem ser direcionadas aos reinos celestiais por meio da imagem dos galhos.

Os melhores resultados são obtidos estabelecendo uma rotina. Você pode realizar seus alinhamentos e conectar-se às forças lunares na lua nova, meia lua e lua cheia. Isso irá recarregar você. Durante a lua minguante você pode usar o alinhamento para liberar energia negativa como meio de purificação. Direcione a energia para o solo, mas não para as profundezas da sombra.

Trabalhando com o almofariz e o pilão

Quando pensamos na bruxa como uma das pessoas que trabalham com plantas, não há ferramenta mais pertinente ao ofício das bruxas do que o almofariz e o pilão. Através desta ferramenta a bruxa literalmente reúne, prepara, refina e mistura a substância da magia. Não há melhor abordagem prática à magia do que o conjunto de almofariz e pilão.

Na seção Livro da Magia você encontrará instruções completas para usar o almofariz e o pilão, mas por enquanto há algumas coisas a serem observadas com antecedência. O almofariz e o pilão são as principais ferramentas da arte mágica. O conjunto é usado para conectar a bruxa com o Hallow, que a coloca no centro da própria magia. Uma variedade de feitiços pode ser realizada com o almofariz e o pilão. O conjunto representa a habilidade da bruxa de agitar forças mágicas, integrá-las e despejá-las no mundo. Através deste alinhamento mental, o empoderamento está nas mãos da bruxa.

A argamassa representa o ventre da natureza, mas também a força sombria sob a terra. Através destas ligações a argamassa acumula-se, acumula-se e regenera-se. Nesse sentido, é o ventre da magia. A argamassa é também o túmulo que acolhe os mortos; Portanto, o morteiro leva o título *de Doador da Vida e Tomador da Morte*.

O pilão simboliza o falo através do qual são dirigidas as sementes da vida. É também a antiga pedra sagrada e a figura de Herms na encruzilhada (descrita mais tarde). Através destas conexões o pilão fertiliza e inicia as forças de manifestação. Ele dirige as forças mágicas que são atraídas para a argamassa e ali santifica as substâncias colocadas dentro da argamassa. Assim como o pilão pode direcionar a vitalidade, também pode criar um estado de ser flácido. Portanto, o pilão é conhecido como o *Despertador do Chifre* e o *Adormecido da Serpente*.

O material com o qual o almofariz e o pilão são feitos trará um alinhamento específico em ação. Prefiro um de madeira para trabalhar com plantas e outro de pedra para trabalhar com sombra. Na verdade, a madeira é um elo prático com as plantas, e a pedra (sendo mineral) se conecta com o que está abaixo da superfície da terra (neste caso, a Sombra). Você pode experimentar diferentes materiais ou usar um que tenha significado para você no momento. Num sentido prático mundano, observe que uma argamassa de madeira absorve produtos químicos das plantas e precisa ser completamente limpa. A limpeza é mais eficaz para pedras polidas ou argamassas metálicas. Existem outros fatores que você deve levar em consideração ao selecionar o material para seu almofariz e pilão. Isso inclui o peso do conjunto e o desgaste que provavelmente ocorrerá durante a operação do almofariz e do pilão.

Ao usar o almofariz e o pilão, você trabalhará com movimento e som. O movimento envolve mover o pilão no sentido horário ou anti-horário circulando dentro do almofariz. O som envolve bater o pilão ritmicamente contra o interior do almofariz. Essas coisas se conectam com princípios ocultos relacionados ao mecanismo interno da magia.

Um movimento no sentido horário gera energia, que se reflete na natureza, onde vemos que os sistemas de alta pressão se movem no sentido horário. Esse tipo de sistema reúne nuvens e produz chuva. Em contraste, os sistemas de baixa pressão movem-se no sentido anti-horário e, assim, quebram os padrões climáticos e dispersam as formações de nuvens.

Bater no pilão está ligado à indução do transe e ao princípio mágico da sentença ou ritual de toque. Ao pronunciar um encantamento, você bate no pilão em um medidor medido para acompanhar as palavras. Na maioria dos casos, o medidor é uma contagem simples de 1-2-3-4 (pausa), 1-2-3-4 e assim por diante. Você desenvolverá seu próprio senso de medição à medida que ganha proficiência na arte.

O almofariz e o pilão são segurados de duas maneiras. Quando a argamassa contém substâncias materiais, ela é sempre mantida em pé. Após o conteúdo ser despejado, a argamassa é segurada lateralmente. Nesta posição o pilão é inserido no almofariz. Em seguida, ele é girado em um movimento semelhante ao de uma roda (semelhante à forma como a manivela de uma vara de pescar é girada). No lançamento de feitiços, um movimento circular para frente é usado

gale e impenitente. O reverso serve para dissolver e enfraquecer. O trabalho de bênção e repressão também opera através deste método. Reprimir é pôr fim ao comportamento destinado a causar angústia, sofrimento, aflição ou aborrecimento. Isso às vezes é chamado de nada irritante.

Trabalhando com Plantas

Como seres mortais, partilhamos uma relação com as plantas que também depende da própria terra.

A linhagem da bruxa como faramceuta revela a ligação entre planta e bruxa. O espírito interior da bruxa e o da planta lembram-se do poder um do outro, pois suas memórias residem na essência da sombra abaixo da terra.

A bruxa e a planta compartilham uma condição mortal em que o espírito vivo está encerrado em uma forma material, que está ligada à terra. Os espíritos da planta e da bruxa também estão conectados às forças celestiais e aos ciclos sazonais da natureza (bem como às marés do espaço interno e externo). É através desta conexão que a bruxa se torna vidente. Desta forma, as plantas servem como caminhos de visão através dos quais a bruxa pode perscrutar a memória da terra ou os céus estrelados, onde os galhos apontam o caminho. Através do tronco ou caule, a bruxa tem acesso ao portão das Fadas entre os mundos. É aqui, no reino intermediário, que podemos olhar para fora, através da porta das Fadas, e ver as imagens astrais que predizem o que provavelmente se manifestará no mundo material se nada alterar os padrões de formação. Este é, em sua essência, o mecanismo de adivinhação. [67](#)

Para os Antigos Caminhos os ciclos de poder são aqueles associados às mudanças sazonais agrícolas. O Equinócio da Primavera marca a maré da renovação e o Equinócio do Outono marca a maré do declínio. Estas, respectivamente, são as forças de convocação e liberação. Os primeiros brotos que aparecem na primavera podem ser colhidos e transformados em incenso ou óleo para convocação. As primeiras folhas a murchar ou cair podem ser transformadas em incenso ou óleo para liberar conexões.

O Solstício de Verão marca a maré de crescimento e o Solstício de Inverno marca a maré de preservação. As primeiras frutas ou vegetais do verão podem ser colhidos e transformados em poções para atrair abundância. As últimas folhas restantes do inverno, por serem perenes, podem ser colhidas e transformadas em sachês para auxiliar na preservação e perseverança. Com efeito, a bruxa capta a essência do poder que está mais concentrado em qualquer estação. Este é o caminho do farmacêutico.

A época do ano que ocorre diretamente entre cada solstício e equinócio é conhecida como trimestre cruzado. Tradicionalmente, marcam celebrações antigas que acontecem na véspera de um festival. Por ocorrerem à noite, estão associados à sombra. Porções da força da sombra da Terra emergem à noite e cercam uma planta. Este é o momento mais eficaz para colher plantas mágicas.

O ato de colher uma planta é cercado de cerimônia e protocolo. Tradicionalmente, a ferramenta de colheita deve ser feita de bronze ou cobre afiado. Esses metais não perturbam a energia do espírito residente na planta. Metais como ferro ou aço podem perturbar a energia de um espírito vegetal e manchar desnecessariamente a sombra extraída de forma desfavorável. Isso está ligado à tradição de que a Raça das Fadas abomina o ferro. De uma perspectiva metafísica, o ferro e o aço interagem com o magnetismo, enquanto o bronze e o cobre não. Os campos magnéticos podem interferir nos modos naturais dos espíritos das plantas e Fadas.

Ao colher uma planta, você colherá apenas porções dela e raramente toda. A planta deve ser abordada com reverência e informada sobre o momento da colheita. Isto é tradicionalmente conseguido através do "canto da colheita", que pode ser cantarolado, assobiado ou tocado num instrumento como uma flauta. Você pode escolher sua própria música para esse propósito. Comece a música da colheitadeira ao se aproximar da planta a uma distância de vários metros.

Quando estiver perto da planta, dê três voltas ao redor dela e borrife água purificada em um círculo que a envolve. Fale com a fábrica e explique que você precisa de sua ajuda. Em seguida, você precisará oferecer algo em troca da parte da planta que você está colhendo. Escolha algo que não seja tóxico para as plantas para que o solo não fique contaminado. Na seção de grimório deste livro, você encontrará algumas opções desejáveis.

Depois de colhida a parte da planta, certifique-se de que ela não toque no solo. Se isso acontecer, parte ou toda a sua sombra pode voltar para o solo. Tradicionalmente, o material colhido é imediatamente embrulhado num lenço de seda. O ideal é que, até a utilização do material, ele seja colocado em uma caixa fechada durante todo o dia para que a luz solar não incida sobre ele.

Conforme observado anteriormente, ao trabalhar com plantas de uma perspectiva oculta, cada uma tem um corpo e um espírito. Dentro da planta também existe o sangue e o éter, que corresponde aos meios pelos quais a planta é vivificada. Quando o sangue da planta desaparece junto com sua contraparte espiritual (éter), os ossos permanecem para trás. Estes são os caules e folhas secas. A partir deles pode ser feito um pó moído, denominado pó. A substância é produzida para fins específicos a partir de determinados tipos de plantas. As plantas são selecionadas a partir de uma tabela de correspondências que orienta o praticante em suas escolhas.

O pó mágico das plantas é usado de diversas maneiras para diversos fins. Lembre-se que o pó é o osso em pó e que o osso contém a memória. Esta memória inclui a terra e a sombra abaixo dela. Um exemplo é o “pó de cemitério” feito a partir da raiz ou casca de uma árvore que cresce num cemitério.

Um mal-entendido deste princípio mágico resultou no uso de solo de uma sepultura (o pó foi mal interpretado como solo). Esse solo baseia-se apenas na própria zona grave e não no espírito do cemitério como um todo. Uma árvore, através de suas raízes, absorve o espírito da terra, e se essa terra é um cemitério, então ela reúne seu espírito. Portanto, produzir e possuir “poeira de cemitério” é capturar a sombra dos mortos. Esta substância é poderosa quando usada para adivinhação, contato espiritual ou para trabalhar com forças ctônicas em geral.

Tradicionalmente, para lançar a intenção mágica do pó, ele é espalhado nas soleiras, nas passarelas ou em algum lugar onde entrará em contato com uma pessoa. Um envelope ou carta pode ser espanado ou enviado pelo sopro ou pelo vento. A presença da poeira infunde a memória de sua sombra e a intenção da bruxa que a criou. Na verdade, a poeira atribui uma intenção mágica a um lugar ou pessoa. No capítulo cinco você será apresentado à ferramenta conhecida como prato ritual. Ao usar esta ferramenta, pó mágico pode ser adicionado às cinzas para amplificar ou expandir a intenção mágica (ver Grimório).

A poeira pode ser transformada e reconectada com os gênios vivos restaurando a umidade. O benefício é que isso traz a inteligência do reino vegetal de volta ao contato com o material. Através disto, o espírito vivo da planta pode estar presente “fora de estação”, quando a planta física estaria naturalmente ausente acima do solo. Um método fácil de fazer isso é adicionar três gotas de clorofila líquida em um almofariz, adicionar uma pitada do material vegetal e usar o pilão para misturá-los. Isto é, na verdade, uma reanimação dos ossos.

O Jardim das Sombras

Um dos jardins de bruxas mais poderosos é o da sombra crescente. A ideia é ter uma seção do jardim dedicada à adição de libações e restos não tóxicos de cada ritual. Na maioria dos casos, serão cinzas da queima de incenso, vinho e fragmentos da festa ritual. As cinzas são espalhadas pelo jardim e o vinho é derramado no solo. A comida está enterrada no chão. Como essas coisas foram imbuídas de energia ritual, elas podem transmitir poder ao jardim. Isso estabelece a presença da sua magia no próprio jardim.

A ideia pode ser expandida para um jardim Roda do Ano. Para isso, você faz uma borda circular do jardim e a marca em oito divisões distintas. Cada um representa um dos oito Sabás.

Estabeleça plantas em cada um dos oito pontos, e essas plantas são escolhidas pela sua associação com a estação. Ao selecionar cada planta, pense em incorporá-las em um ritual do Sabá. Em outras palavras, que partes das plantas podem potencializar os ritos?

Uma vez estabelecido o jardim, você pode adicionar fragmentos de ritual à seção associada ao Sabá específico. Em outras palavras, após um ritual do Solstício de Inverno você pode trabalhar os restos no solo da seção designada para esta estação. Cada estação e seção do jardim são unidas desta forma. Ao realizar esta operação, você estará carregando as plantas com a energia ligada ao rito sazonal. Isso desenvolverá uma força impressionante em suas plantas sazonais.

Após o primeiro ciclo completo do ano, você poderá começar a colher partes das plantas para cada Sabá à medida que ele chegar. As plantas podem ser usadas da maneira que melhor se adequar ao seu senso de ritual. Você pode optar por colocar algumas folhas ou a raiz de uma planta não tóxica/não venenosa no cálice de vinho, ou pode adicionar algumas partes ao incenso enquanto ele queima. Flores, botões ou frutas podem ser colocados no altar. A ideia é simplesmente aprimorar o ritual usando plantas carregadas de Sabás anteriores.

Os ensinamentos ocultos por trás deste método referem-se à força da sombra sob o solo. Quando você coloca fragmentos rituais no jardim, eles são absorvidos pela área imediata do jardim. As plantas absorvem parte da energia mágica e os fragmentos são eventualmente decompostos em elementos pelo solo. Este ato transfere a energia para a memória sombria. A planta atrai essa energia refinada de volta ao seu ser, e o poder da planta é duplicado.

Além de incorporar as plantas sazonais em um ritual ou feitiço, você também pode colocar folhas secas ou parte de uma raiz em uma pequena bolsa. Isso pode ser carregado na pessoa para imbuí-la com a energia mágica. Carregar uma carga mágica dessa maneira penetra na aura que envolve o corpo físico. A aura então reflete a essência da magia passada a ela. Um uso prático é carregar uma bolsa com folhas ou uma raiz da celebração da véspera de novembro, que está associada aos espíritos dos mortos. Você pode ter a bolsa com você ao realizar adivinhações ou buscar comunicação com os mortos.

Vale ressaltar que várias das plantas e árvores mágicas da bruxaria estão relacionadas com a rosa. Exemplos deste último são o espinheiro, o abrunheiro, a sorveira, a maçã e o salgueiro. Para os propósitos deste capítulo, a planta rosa pode servir como um espírito “intermediário” para colocá-lo em contato com espíritos de plantas relacionadas. Isso também significa que o espírito da rosa pode explorar a sombra associada a poderes e memórias relacionadas. Se você não conseguir obter uma árvore como o espinheiro ou o abrunheiro, trabalhar com o espírito da rosa é uma alternativa funcional.

As rosas aparecem com destaque em muitos caminhos e simbolismos ocultos. Os participantes dos antigos ritos de Dionísio usavam guirlandas de rosas para se protegerem da revelação de segredos enquanto estavam intoxicados pelo vinho. Sob esta luz, a rosa é um símbolo do conhecimento juramentado que não deve ser revelado aos não-iniciados. Em algumas tradições contemporâneas de bruxaria, a rosa ainda simboliza esta prática. Na tradição oculta encontramos o termo “*sub rosa*”, que se traduz como “sob a rosa” e denota a regra do sigilo. Desta ideia surge a prática de colocar uma rosa na presença de qualquer assembleia onde



O poder da rosa

Na bruxaria do Velho Mundo, duas rosas estão presentes sempre que alguém é admitido no treinamento nas artes da bruxaria. Uma rosa vermelha representa dedicação aos caminhos, e é o sinal daquela ou daquela pessoa que ajudará na continuidade do ofício das bruxas. Uma rosa branca simboliza o osso (e portanto a memória) de todos os que viveram os caminhos desde os primórdios. Nas épocas em que as rosas não estão disponíveis, suas imagens estão presentes nos ritos de iniciação.

Uma prática moderna é conectar-se com o espírito da linhagem rosa através de um rito simples realizado diante de uma roseira (qualquer cor é adequada, mas o vermelho é o preferido). Para começar, você precisará ter quatro rosas com caule e espinhos (duas brancas e duas vermelhas). Uma única rosa vermelha e branca são colocadas uma ao lado da outra e as outras são mantidas ao seu lado para uso posterior.

As duas rosas com as quais você está trabalhando estão definidas da seguinte maneira. A da esquerda é a rosa branca e a da direita é a vermelha. Um espinho é tirado de cada rosa. O espinho branco é usado para espetar o dedo indicador esquerdo e o espinho vermelho pica o dedo indicador direito. Uma gota de sangue é tocada, respectivamente, em cada rosa. As rosas são então enterradas juntas em frente à roseira enquanto você está voltado para o oeste.

Sobre o túmulo da rosa são ditas as palavras de união: *Eu*

*invoco agora o espírito da Rosa, lembre-se
apenas do que o ancestral sabe, meu sangue
clama através de seu hálito perfumado, conceda agora
a união sagrada que peço.*

Imediatamente após falar estas palavras, pegue as rosas que estão ao seu lado e inale a fragrância de cada rosa, primeiro a branca e depois a vermelha. Ao sentir o perfume, você recebe as bênçãos do espírito da rosa. Repita a inspiração três vezes.

Agora você está pronto para invocar o espírito da rosa com o propósito de conectá-lo a ela e a seus parentes. Apresente a rosa branca e vermelha à roseira. Em seguida, crie um círculo ao redor do arbusto usando as pétalas dessas rosas. Alterne pétalas brancas e vermelhas enquanto traça o círculo no sentido horário.

Depois de preparar o círculo, coloque as palmas das duas mãos, separadas, dentro do círculo em sua base.

Olhe diretamente para a roseira por alguns momentos e depois diga estas palavras:

Eu invoco Ela da Rosa de Sangue Espinhoso.

Agora direcione seus olhos para a base do arbusto e concentre-se onde ele encontra o solo. Então

fale estas palavras, expirando após a primeira linha e inspirando profundamente após a segunda:

Envio o sopro de vida às suas raízes, E desenvolvo

a memória sombria.

Isto une você ao espírito da rosa e, através dela, à linhagem que se conecta dentro da sombra abraçada por suas raízes. Para invocar esses espíritos, use os selos de espíritos vegetais no Livro das Chamadas (veja a seção de grimório deste livro).

O Cajado da Bruxa

Na bruxaria do Velho Mundo encontramos o uso do ramo sagrado. Este é o cajado da bruxa, retirado de uma determinada árvore. O tipo de árvore é escolhido pela bruxa devido a uma conexão especial que ela sente por ela. Em alguns círculos a árvore escolhida é chamada de Padroeira ou Patrona da bruxa.

Entre os mais populares estão o freixo, o carvalho, o salgueiro e a maçã. Todos estes têm conexões místicas e mágicas na antiga tradição das bruxas. Carregar um cajado é andar com o poder do espírito da árvore.

Dois outros ramos são usados como ferramentas na arte da bruxaria e se enquadram na categoria de *stang*. No início do capítulo notamos sua conexão com Ele da Floresta e Ela da Rodada Branca. Seu galho é usado para delinear o círculo ritual no chão, pois ela é a própria “redonda”. Seu globo de luz no céu noturno é simbolizado marcando-o na terra como um círculo. O *stang* que representa a conexão masculina é usado para abrir e fechar a entrada do círculo ritual e para abrir os portais para o Outro Mundo. Como observado anteriormente, He of the Shadowy Wooded Places está conectado ao ciclo de vida e morte. Portanto, ele é, na verdade, um porteiro, e o *stang* representa a sua presença nos ritos.

Para criar um círculo ritual, você deve primeiro gravá-lo no chão, arrastando a ponta da haste feminina pelo local. Este processo começa no leste e termina lá novamente. Quando qualquer pessoa precisa sair ou entrar no círculo marcado, o *stang* masculino é usado para criar uma abertura no perímetro. Isto é conseguido inserindo os “chifres” no topo da haste na borda do círculo no quadrante leste. A haste é abaixada até o chão e depois movida para cima, seguida por um movimento da direita para a esquerda. Para selar novamente o círculo, esse movimento é executado ao contrário.

Durante o ritual, o *stang* masculino é colocado no quadrante sul do círculo. O *stang* feminino é colocado em pé no quadrante norte. Ambos simbolizam a presença dos Antigos da floresta. Um símbolo que representa a lua está suspenso na haste feminina. Pode ser uma concha branca, uma pedra ou um disco. O *stang* masculino traz uma ponta de chifre pendurada em uma corda, e na base do *stang* está colocada a figura de um crânio humano.

Sempre que um ritual é realizado fora de um ambiente de floresta, a presença de Ela da Rodada Branca pode ser convocada com o vigor masculino. Para isso, basta levantar a haste e visualizar a lua através dos “chifres” na ponta do galho. Em seguida, fale as palavras de convocação conforme fornecidas no Livro de Chamadas. Em seguida, feche os olhos e abaixe a ponta da haste até a altura da cintura. Em seguida, abra os olhos e coloque o *stang* à direita do *stang* feminino para que agora fiquem juntos.

Neste capítulo exploramos o mundo da bruxa em sua conexão com o reino vegetal e seus espíritos. Agora é hora de compreender o extenso mundo mágico da bruxa. A seguir você encontrará as Artes da Bruxaria divididas em três categorias especiais. Passemos agora para o próximo capítulo, onde abriremos o Grimório da Arte das Bruxas.

OS LIVROS DE BRUXARIA: UMA BRUXA GRIMÓRIO

É um tema popular hoje que as bruxas nunca possuíram livros manuscritos. Quando consideramos que o analfabetismo era elevado nos tempos antigos, não é descabido assumir esta posição. Mas a tradição do livro secreto de uma bruxa ainda persiste. Um argumento é que as bruxas analfabetas usavam símbolos em vez de um alfabeto e aprendiam o significado desses sinais. Pelo uso desses símbolos, a bruxa poderia aprender e realizar trabalhos atemporais de bruxaria, ou pelo menos é o que se diz. Mas será que uma tradição tão antiga de um livro de bruxas poderia ter alguma base real?

O antigo poeta romano Horácio fornece uma das referências mais antigas ao livro de uma bruxa. Isso aparece em sua obra intitulada *The Epodes*, que contém a história da bruxa conhecida como Canidia. Horace descreve um encontro com uma bruxa que possui um livro contendo encantamentos mágicos. Ele nos diz que com o uso deste livro, as bruxas podem invocar a lua do céu noturno. O historiador Owen Davies comenta que Horace retrata Canidia como uma prostituta-bruxa. Ele prossegue dizendo que as “prostitutas de alta classe” da época eram conhecidas por serem alfabetizadas. Davies comenta que eles poderiam possuir livros contendo feitiços. Ele conclui que não há razão para supor que as mulheres alfabetizadas da época eram menos propensas a usar grimórios do que os homens.

[68](#)

Rastrear referências a livros supostamente usados por bruxas revela algumas histórias interessantes. O estudioso Montague Summers, em seu livro *História da Bruxaria e Demonologia*, menciona um livro usado por bruxas que possui páginas de cores e tintas diferentes. Summers descreve um livro de bruxas chamado *Livro Vermelho de Appin*, e outro é simplesmente conhecido como *Missal do Diabo*. Suas páginas são descritas como pretas e vermelhas. Summers continua dizendo que as bruxas leem um livro cuja capa é macia e peluda como a pele de um lobo. Algumas das páginas são brancas e vermelhas e outras são pretas. [69](#) O Caçador de Bruxas —

conhecido como Francesco Guazzo, na sua obra do século XVII intitulada *Compendium Maleficarum*, menciona no Livro Um (capítulo seis) que um livro negro é usado pelas bruxas. Ele é apresentado durante as assembléias das bruxas e seus nomes são registrados em suas páginas. Guazzo continua descrevendo um evento em 1594 que envolveu uma reunião de bruxas. Ele afirma que uma jovem foi levada a um campo na véspera do Solstício de Verão. Ela foi conduzida até um círculo traçado no chão com um galho de faia. Pouco depois, um pequeno grupo de bruxas se reuniu e uma delas leu um livro preto (Livro Um, capítulo doze).

O autor WG Waters, em sua obra intitulada *The Facetious Nights of Straparola (1901)*, escreve uma passagem interessante: “Quando chegou a hora marcada para o encontro, a bruxa pegou seu livrinho e desenhou um círculo no chão; então, tendo cercado o mesmo com certos sinais e figuras mágicas, ela derramou um líquido sutil de um frasco e bebeu uma gota dele e deu a Isabella. [70](#)

As referências ao livro das bruxas continuam nos estudos folclóricos contemporâneos. O professor italiano Donato Bosca escreve sobre bruxas contemporâneas no Piemonte, Itália, que supostamente descendem de uma linhagem de bruxas. Ele se refere a eles como *Masche*, uma palavra italiana que significa “os mascarados” ou “as pessoas mascaradas”. Bosca começou a estudar a *Masche* em 1979 e acabou entrevistando alguns praticantes contemporâneos durante sua pesquisa. Ele revela vários aspectos interessantes relatados em suas entrevistas com eles. Entre eles está o uso tradicional de um livro, denominado *Il Libro del Commando* (O Livro do Comando).

[71](#)

Os Masche informaram a Bosca que seu conhecimento é hereditário e passa pela linha materna. Eles disseram que “o poder” é passado de um descendente mais velho para um descendente mais jovem. Eles admitem que sua arte inclui feitiços e poções que podem curar e prejudicar. Seu Livro de Comando é manuscrito com tintas de cores diferentes. A menção de tintas de cores diferentes é algo que vimos em referências anteriores a um livro de bruxas.

Se tais livros alguma vez existiram ou não, ou se no passado as bruxas produziram os seus próprios livros, não é algo que desejo argumentar a favor ou contra. Minha intenção é simplesmente compartilhar alguns conhecimentos interessantes relacionados ao assunto. Sabemos que muitas bruxas hoje produzem o que alguns chamam de *Livro das Sombras*. O autor Gerald Gardner, em seus escritos publicados em meados da década de 1960, popularizou seu uso. Quaisquer que sejam os fatos sobre um livro de bruxas, parece sensato preservar feitiços e rituais desta forma.

Nas páginas seguintes apresento três “livros” de bruxaria. Eles se enquadram nas lendas: *Caminhos*, *Chamados e Magia*. Cada um contém material pertinente ao tema. Gosto desse arranjo porque parece antigo e foi a forma como o material foi passado para mim em meu treinamento inicial. Talvez haja um toque de nostalgia em ação aqui.

O material contido neste livro não representa uma tradição antiga e coesa de bruxaria. Em outras palavras, não estou afirmando que existiu uma antiga seita de bruxas que usou o material na forma dada neste capítulo. Em vez disso, o que ofereço é uma coleção de práticas, temas e conceitos muito antigos da bruxaria do Velho Mundo. A forma como são representados é minha, mas está de acordo com a forma como tais coisas foram aplicadas na arte da bruxaria ao longo dos séculos. A este respeito, o material é sempre antigo e sempre novo.

Grimório de uma bruxa

As ferramentas da bruxaria do Velho Mundo são itens simples e comuns. A principal ferramenta de trabalho é o almofariz e o pilão. É usado de diversas maneiras, incluindo seu simbolismo e sua função como ferramenta ritual e mágica. Simbolicamente, o almofariz é um recipiente feminino e representa um útero mágico. É chamado de *Doador de Vida* e *Tomador de Morte* quando usado em alguns dos rituais. O pilão é um símbolo masculino e representa o falo. É chamado de *Despertador do Chifre* e *Adormecido da Serpente* quando usado para meios mágicos.

A ferramenta secundária é chamada de prato. Pode ser qualquer prato reservado especificamente para uso ritual e mágico, mas um de cor clara é o melhor. Tradicionalmente, o prato é coberto por uma camada de fuligem da lareira. As pontas dos dedos são usadas para desenhar os símbolos necessários na fuligem, que aparecem em contraste com as áreas expostas da placa abaixo. Outro método é usar cinzas de ervas escolhidas para correspondências específicas relacionadas ao ritual ou feitiço em questão. Em cada técnica você desenha símbolos nas cinzas que aparecem quando são apagadas pelo seu dedo.

Outras ferramentas da bruxaria do Velho Mundo incluem a faca, a varinha, o caldeirão, o galho, a figura da caveira e a Pedra Fantasma. A faca é usada para cortar e esculpir tanto no mundo material quanto no espiritual. A varinha é usada para trabalhar com forças e entidades. Para fins mágicos e rituais, o caldeirão e a caveira são frequentemente usados juntos como meio de conexão com os mortos. O galho é usado para traçar um círculo ritual no chão e marcá-lo de maneiras que serão abordadas mais adiante neste capítulo. Nossa ferramenta final é a Pedra Fantasma, que é usada para exercer temporariamente a influência necessária sobre os espíritos dos mortos.

Um dos últimos itens usados na bruxaria do Velho Mundo não é tecnicamente uma ferramenta, mas serve como recipiente. É uma tigela ou cabaça usada para conter terra e/ou fuligem e é chamada de Ash Pot. Outras tigelas podem ser usadas conforme necessário para cinzas rituais que contêm poder e para vários fluidos que são incorporados em rituais e trabalhos de magia.

Começando na escuridão

Tudo nasce ou surge do estado procriativo negro. Nascemos da escuridão dentro do útero para o mundo material onde a luz habita. O sol e a lua aparentemente surgem do espaço negro do submundo à medida que ascendem ao mundo mortal. Assim como as coisas vêm da escuridão, elas também retornam para lá no ciclo repetitivo de nascimento, vida, morte e renovação.

O primeiro passo nos caminhos da bruxaria do Velho Mundo é despertar a bruxa interior; também podemos considerar isso como um alinhamento com a antiga corrente. A técnica é conhecida como "The Call", que envolve a conexão com espíritos ou divindades do Outro Mundo. As primeiras referências a bruxas invocando uma divindade vêm da literatura pré-cristã e, portanto, o conceito é extremamente antigo.

Na primeira noite de lua escura (período de três noites sem lua) vá até uma encruzilhada. No Norte da Europa, uma encruzilhada é normalmente o ponto onde quatro estradas se encontram. No sul da Europa é onde três estradas se cruzam formando um Y. Qualquer uma das formações funcionará bem e é uma questão de escolha pessoal.

Existem vários itens que você precisará levar para a encruzilhada:

1. Almofariz e pilão
2. Bandeja
3. Tigela
4. Faca
5. Varinha
6. Vela de encruzilhada
7. Oferenda de comida
8. Uma bolsa para encher com terra
9. Uma mecha de cabelo ou aparas de unhas

Um dos itens tradicionais é muito raro hoje em dia, mas pode ser substituído com relativa facilidade. O item antigo é conhecido como vela de encruzilhada e é uma folha seca de mandrágora que foi enrolada no formato de uma vela (as folhas maduras de mandrágora têm cerca de 15 a 23 centímetros de comprimento). Em alguns sistemas de magia popular, isso é chamado de vela do Diabo. Como substituto, você pode esfregar óleo em uma vela e depois enrolá-la em folhas ou raízes secas de mandrágora. A vela deve ser preta e ter pelo menos quinze centímetros de comprimento.

Encontre uma encruzilhada de caminhos de terra ou leve um saco de terra com você para despejar em um caminho pavimentado. Isso fornecerá o solo necessário para a marcação. Quando estiver na encruzilhada, vá até o centro direto e pressione a boca da argamassa na terra. Gire três vezes para formar um círculo no solo. Levante-o e use um dedo para desenhar a marca da bruxa dentro do círculo no chão.



Marca da Bruxa

No lado esquerdo da marca da bruxa (dentro do círculo), coloque a vela da encruzilhada na posição vertical. entre você

e a marca, coloque a oferta de comida na travessa (fora do círculo). Usando sua varinha, trace o cruzamento, movendo da esquerda para a direita. Quando terminar, ajoelhe-se e segure a varinha voltada para o céu noturno com a mão esquerda. Então diga as seguintes palavras:

Eu invoco as Três Filhas da Noite, para que venham à luz das velas da encruzilhada.

[Acenda a vela]

Todos se aproximam, e rogo-te que ouças as palavras ditas sobre a marca da bruxa.

Pegue a argamassa e coloque a mecha do seu cabelo dentro dela. Em seguida, pressione a ponta do pilão no cabelo para que fique firmemente preso ao interior da argamassa. Então recite estas palavras:

Pelo osso e pelo sangue, o caminho bem trilhado, do comum ao místico agora transformado.

Desperto dentro de mim, aquela que vê, A bruxa que vive os mistérios da negra noite sagrada.

Em seguida, despeje a mecha de cabelo em cima da marca da bruxa no solo. Então, usando sua varinha, desenhe um triângulo ao redor da marca da bruxa no solo. Uma das dicas precisa estar voltada para você. Uma vez desenhado, sente-se confortavelmente no lugar com os olhos fechados por alguns momentos. Uma prática muito antiga envolvia picar a pele e deixar pingar três gotas de sangue na marca da bruxa.

Sente-se no lugar segurando a vela até que ela esteja quase completamente apagada. Na luz restante, use a faca para "cortar" ao redor do triângulo no solo. Em seguida, coloque a terra com o triângulo, a marca da bruxa e o cabelo na tigela. Em seguida, despeje a terra no saquinho (onde ficará para uso posterior). Termine esta etapa dizendo:

Às Três Filhas da Noite, agradeço a este site, por terem vindo como antigamente a este rito três vezes antigo.

Pelos poderes acima e pelas forças abaixo,

Como foi no passado, agora também é assim.

Pegue a bolsa de terra e toque-a na testa, na área do coração, nos órgãos genitais e no pé esquerdo enquanto recita: *Cabeça e pés,*

tudo o que está no meio eu dou, mente, espírito e corpo enquanto eu viver.

Finalize recolhendo tudo para retirada, exceto a oferta de alimentos. Isto será enterrado perto da encruzilhada. Leve qualquer cera restante com você para uso posterior. Volte para casa com os itens. Antes de dormir, coloque o saco de terra embaixo do travesseiro e deixe-o ali por três noites.

Bênção em Luz

O primeiro passo no caminho da bruxaria do Velho Mundo envolveu começar na escuridão. Agora é hora de entrar na luz da lua, onde há iluminação nos lugares escuros. À luz da lua cheia você abençoará suas ferramentas de artesanato de bruxa.

Itens necessários

1. Ramo para traçar o círculo 2.

Mistura de ervas arruda, erva de São João e verbena 3. Sua faca 4. Sua varinha

5. Seu almofariz e

pilão 6. Uma

travessa 7. Uma vassoura 8. Um

ferrão

Preparação

Na noite de lua cheia, pegue seu galho e desenhe um círculo no chão grande o suficiente para permitir espaço para você se movimentar facilmente. Depois de traçar seu círculo, olhe para a lua e aponte para ela com a mão direita. Ao mesmo tempo, usando a mão esquerda, aponte para o círculo no chão. Então diga estas palavras: *Círculo de luz, acima em pleno brilho, eu me uno a você agora ao círculo abaixo*

Caminhe imediatamente ao redor do interior do círculo com as palmas voltadas para baixo e trace o círculo três vezes. Recite enquanto você caminha:

Lua acima e lua abaixo do espelho

brilhando com brilho místico

Em seguida, caminhe ao redor do círculo e polvilhe a mistura de ervas de arruda, erva de São João e verbena ao longo de sua borda. Ao fazer isso, diga estas palavras:

Marque este lugar com arruda, mosto e verbena,

estabelecendo um círculo que para o mal é a ruína.

Repita as palavras três vezes enquanto se move ao redor do círculo.

Agora é hora de preparar as ferramentas da feitiçaria dos Antigos Métodos dentro do círculo.

A argamassa é uma das principais ferramentas. Representa o ventre da Rainha da Noite e é conhecido como o Doador da Vida e o Tomador da Morte. Para consagrá-lo, unte o pilão com o orvalho colhido na madrugada seguinte à noite de lua cheia. Para isso, molhe o dedo indicador da mão esquerda e depois trace a borda da argamassa (três vezes). Em seguida, umedeça novamente o dedo e passe três vezes dentro da argamassa (diretamente no centro). Recomendo coletar o orvalho quando estiver disponível e manter uma garrafa à mão para tê-lo quando necessário.

Ao ungir o almofariz, diga as palavras de bênção: *invoco a Mãe ventre e túmulo antigo, seja abençoado pela água da lua*

Pilão

O pilão é a metade masculina do conjunto de almofariz e é acoplado ao almofariz como ferramenta principal na bruxaria do Velho Mundo. O pilão também é chamado de Despertador de Chifre quando usado para ganho e aumento. É conhecido como o Adormecido da Serpente quando usado para declínio e dissolução. Para consagrá-lo, enrole uma folha molhada com o orvalho da manhã na ponta do pilão. Deslize a folha molhada pela haste do pilão e volte até a ponta (faça isso três vezes).

Ao ungir o pilão, fale as palavras de bênção: *invoco ao Pai
chifre e cobra antiga, bênçãos da água da lua
para agora despertar.*

Faca

A faca é a colheitadeira, uma ferramenta que corta e separa para que algo possa ser recolhido ou recolhido. Embora seja usado para cortar plantas, não é usado para cortar mais nada no mundo material. É, no entanto, usado como faca para cortar um espaço que permite a formação de um ritual ou círculo mágico.

Para consagrar a faca, unte a ponta do cabo e a ponta da lâmina com orvalho. Em seguida, molhe o dedo e contorne o cabo três vezes. Ao ungir a faca, diga as palavras de bênção: *Eu invoco a antiga forja do metal e do fogo, na água*

da lua as bênçãos fluem agora e surgem.

varinha

A varinha é o sinal do mestre da magia Greenwood. Liga a bruxa ao poder inerente do reino vegetal. As árvores possuem as raízes mais profundas e, portanto, exploram os maiores mistérios e poderes da sombra abaixo da terra. Segurar a varinha é manejar as forças antigas.

Para consagrar a varinha, molhe o dedo e unte a parte inferior da varinha. Então desenhe seu dedo até o topo da varinha. Repita isso três vezes.

Ao ungir a varinha, diga as palavras de bênção: *eu
invoco o centro sagrado, ponte de luz antiga,
bênção da água da lua da noite negra sagrada.*

prato

A bandeja é usada para marcar símbolos para vários ritos. As cinzas sagradas de materiais vegetais queimados são espalhadas para cobrir a face da travessa, que serve como uma espécie de “tela de pintura” para marcar símbolos. Após cada utilização, as cinzas são devolvidas ao seu recipiente. O prato não deve ter marcas na face. Ou seja, deve ser de uma cor sólida e precisa contrastar com a cor do cinza.

Por ser uma ferramenta mágica, a bandeja às vezes é chamada de espelho da lua. Este título está ligado à ideia de luz refletida em uma piscina, lagoa ou lago. Num sentido místico, os símbolos gravados nas cinzas são reflexos da luz lunar e passam de e para a lua.

Para consagrar a travessa, molhe o dedo com orvalho e marque um X diretamente no centro da travessa. Em seguida, molhe o dedo novamente e trace ao longo da borda da travessa, circulando três vezes.

Ao ungir a travessa, diga as palavras de bênção: *invoco o espelho*

da luz, guardião do sonho, bênçãos da água da

lua aqui e no meio.

A vassoura representa o poder da bruxa para atravessar o mundo espiritual. É a árvore sagrada em conexão com o espírito genial governante dos mortos – a bétula. A vassoura reúne o poder do freixo, da bétula e do salgueiro. O freixo é a árvore-ponte que conecta a realidade material com a realidade imaterial. O salgueiro é sagrado para Hécate e, como suas tiras de casca prendem a vareta ao cabo da vassoura, é um lembrete do que liga a bruxa à Rainha da Noite.

Para consagrar a vassoura, coloque-a no chão com a ponta voltada para cima. Molhe o dedo com orvalho e unte a extremidade do cabo, depois a encadernação e, por fim, as pontas do material varrido.

Ao ungir a vassoura, diga as palavras de bênção: *invoco o antigo guardião do lar, mordomo da luz, bênçãos da água da lua para atravessar a noite.*

Filial

Conforme observado no capítulo quatro, existem dois ramos usados na feitiçaria dos Antigos Métodos. Eles são os stangs masculinos e femininos. O primeiro é um galho bifurcado com galhos estendidos deixados para simbolizar um conjunto de chifres. O último é um galho bifurcado que é cortado suavemente de qualquer galho.

O stang masculino é usado para criar uma abertura no perímetro do ritual ou círculo mágico.

Também é usado para abrir portais entre os mundos e para representar a entidade florestal: Ele dos Lugares Bosques Profundos

O stang feminino é usado para marcar o perímetro do ritual ou círculo mágico. Serve também para representar a presença da entidade lunar: Ela da Rodada Branca. O stang feminino também pode ser usado para marcar um padrão de encruzilhada no chão que representa o cenário da encruzilhada.

Ao ungir o stang masculino, diga as palavras de bênção: *Eu invoco Aquele das Profundezas da Floresta Sombria, bênçãos da água da lua onde o céu e os galhos se encontram.*

Ao ungir o stang feminino, fale as palavras de bênção: *Eu invoco Ela da Rodada Branca, para que as bênçãos da água da lua sejam abundantes.*

Agora que vimos como abençoar as ferramentas na escuridão e na luz, é hora de estabelecer um altar formal para consagrar as ferramentas rituais e mágicas.

A ideia de um altar formal não é tecnicamente um conceito na bruxaria do Velho Mundo. A ideia original era mais próxima de uma área de trabalho, e muitas vezes uma árvore caída era usada como local para guardar itens para o ritual, mas nos tempos modernos a maioria dos praticantes usa um altar. Acredito que a visão mais antiga da divindade não exigia veneração, mas, em vez disso, considerava os seres poderosos como aliados que poderiam ser persuadidos a prestar ajuda. Talvez a definição de "religião" ou "religioso" seja diferente das bruxas dos Velhos Caminhos.



Essencialmente, o altar é o centro e o ponto focal que se conecta ao Hallow e, através dele, aos espíritos e divindades.

Ocupa o ponto central direto do ritual ou círculo mágico. Desta forma, simboliza o Hallow, que fica no centro onde a realidade material e a realidade imaterial encontrar.

O altar estabelece um portal ou portal entre os mundos e os planos internos. Isto é representado pelo fogo, seja na forma de uma vela acesa ou de uma lamparina a óleo. A chama ocupa o lugar central. O fogo, como uma imagem divina anterior (como Héstia ou Vesta), estabelece a presença da divindade

Um pano preto é usado para cobrir o altar. Isto representa a escuridão procriadora da qual todas as coisas surgem. Como humanos, nascemos do espaço negro dentro do útero para o mundo da luz. O sol e a lua parecem surgir do reino negro abaixo da terra, que dá origem à sua luz.

É um tema antigo.

Duas velas do altar representando a Deusa e o Deus são colocadas na parte de trás do altar e separadas, cada uma colocada na extremidade do altar. Junto com a chama central, eles formam a base de um triângulo. Estes representam o princípio da manifestação. A cor da vela da Deusa é vermelha e a vela do Deus é preta. O significado dessas cores é explicado à medida que continuamos.

Ao lado das velas do altar pode ser colocada uma imagem da Deusa e do Deus. Estas figuras servem como dispositivos de interface através dos quais as imagens se ligam aos conceitos que representam. O conceito, por sua vez, se conecta com a energia por trás de tudo. É uma espécie de fio mágico que conecta a energia a um conceito que se expressa em um objeto material.

Entre as imagens da divindade é colocada a representação de um crânio humano. Isto simboliza o conhecimento e a sabedoria da nossa linhagem espiritual que é preservada e transmitida através dos Antigos Caminhos.

Uma vela preta é colocada na cabeça do crânio e acesa para todos os rituais realizados desde o Equinócio de Outono até o Equinócio de Primavera. Uma vela vermelha é usada desde o Equinócio da Primavera até o Equinócio do Outono. O preto simboliza o conhecimento ancestral retido nas sombras e sua conexão com o reino do Outro Mundo. O vermelho simboliza o conhecimento ancestral que flui do Outro Mundo para o mundo dos mortais. É o rio vivo de sangue que flui através das gerações de bruxas.

Durante o ano, a cor da vela da caveira muda para combinar com a da vela da Deusa ou do Deus. Preto representa o reino secreto das sombras, a floresta profunda e escura e a jornada mística que leva ao Outro Mundo. O Deus é a escolta dos mortos, que auxilia na transição.

O vermelho representa o sangue da vida, o pulso interno que sustenta e fortalece. No que diz respeito à sua ligação com a Deusa, esta corrente atravessa a terra abaixo do solo (pois ela é a doadora da vida). O vermelho simboliza o veículo de vida e renovação, que se reflete no ciclo sanguíneo menstrual.

No contexto da figura do crânio, o vermelho simboliza o antigo rio de sangue que flui para o mundo dos vivos. Ela flui da memória ancestral retida na sombra, que é a fonte de sua fonte.

Na frente da caveira é colocado um pequeno caldeirão no altar, que contém a pedra sagrada. O caldeirão representa o *Poço da Lua*, que neste contexto é o ventre da Deusa. Através da Deusa todas as coisas nascem do Outro Mundo e retornam a ela novamente. Portanto, o caldeirão leva de e para o conhecimento ancestral e se abre para o reino das sombras. Por isso, contém a essência mágica da transformação. O altar está orientado para o leste, o que significa que o praticante está voltado para o leste enquanto visualiza o altar.

Consagrando as Ferramentas

A palavra “consagrar” significa declarar ou separar algo como sagrado. Nesse sentido, a consagração de ferramentas rituais e mágicas é uma forma de colocá-las em uma corrente de energia especial.

A sacralidade se aplica a algo dedicado ou dedicado exclusivamente a um único uso, propósito ou divindade.

Isso o separa das coisas que são mundanas. Mundano se aplica a qualquer coisa comum. Quando algo se torna mundano, perde a conexão com o sagrado.

Na feitiçaria dos Antigos Caminhos, a ideia de sacralidade está enraizada no conceito de alcançar forças maiores do que nós. É um meio de interagir com realidades espirituais que enriquecem nosso conhecimento e experiência. Separamos o sagrado do mundano e então podemos perceber uma qualidade especial. Um prado pertence ao mundo mundano, mas pode tornar-se sagrado para nós pela forma como o utilizamos. Se fizermos dele um local ritual, então a sacralidade nos conectará. Se fizermos dele um depósito de lixo tóxico, isso não acontecerá. Embora a criação possua uma natureza sagrada no sentido de que provém dos seus criadores divinos, podemos interferir e romper a sacralidade, ou podemos agir para mantê-la. Até mesmo nossos ancestrais primitivos sentiam quando algo ou algum lugar era sagrado ou tabu.

Para proteger qualquer uma de suas ferramentas, faça o seguinte. Adicione três colheres de chá de sal a uma panela com água fervente e diga estas palavras: *Eu*

purifico esta essência fluida para expulsar a desarmonia e abrir a entrada do sagrado a tudo o que ela toca.

Retire a panela do fogo. Usando uma colher de pau, retire a água e borrife a ferramenta (repetindo três vezes). Cada ferramenta pode ser dedicada a uma entidade ou uso específico, conforme desejar. Você pode personalizar a tarefa aplicando o nome desejado para conectar-se à ferramenta específica. As atribuições tradicionais são as seguintes: Almofariz e pilão: O Sagrado Forte Feminino: Ela do Branco

Redondo Forte Masculino: Ele dos

Lugares Bosques Profundos Varinha: Ele dos

Lugares Bosques Profundos Faca: Travessa das Três

Filhas da Noite: A Vassoura Sagrada: Ela do

Caldeirão Redondo Branco: Ela da

Encruzilhada Pedra

Fantasma: Ela da Encruzilhada Ao

espalhar cada ferramenta, fale o

seguinte:

Com esta água purificadora, consagro esta ferramenta em nome de [dar nome] e dedico-a ao serviço [dela/seu/seu].

Uma vez consagradas as ferramentas, trate-as com a reverência devida a qualquer objeto sagrado. Nenhuma das ferramentas pode ser usada para fins não rituais, não mágicos ou não espirituais. Quando não estiverem em uso, guarde as ferramentas em um altar ou embrulhadas e guardadas em uma gaveta, armário ou baú.

O Livro dos Caminhos

Na bruxaria do Velho Mundo existem métodos prescritos relativos ao trabalho ritual e mágico. As bruxas dos Antigos Métodos não acreditam que apenas os seus métodos funcionam. Em vez disso, eles honram as formas que sempre funcionam. Isto se baseia na crença no poder do “enraizamento” versus a invenção contemporânea. Uma das crenças centrais da bruxaria do Velho Mundo é o princípio conhecido como “o impulso do passado”.

Essencialmente, significa que quando algo é executado repetidamente da mesma maneira ao longo de muitas gerações, carrega consigo um impulso de energia. Algo recém-inventado ou criado requer tempo para ganhar tal impulso.

O princípio do momentum do passado demonstra que a repetição de um ato antigo no presente se conecta à sua memória no passado. Quando a memória é despertada, ela “salta a lacuna” entre o passado e o presente; a memória passada e o ato atual se unem. Isto é como a formação e crista de uma onda que desce sobre a costa.

Os rituais e procedimentos nesta seção baseiam-se na formação do poder geracional.

Chaves específicas para a dinâmica do passado estão incluídas no texto. No centro de tudo está a visão de mundo encantada, que é uma filosofia subjacente a todas as crenças e práticas da bruxa.

Entre as forças encantadas estão aquelas chamadas *Asthesia* (pronuncia-se As-thay-zah). Eles correspondem aos elementais da Wicca moderna e da bruxaria, mas são vistos como forças primordiais que animam as naturezas elementais, em vez de serem os elementais.

As entradas a seguir constituem o livro básico de formas de feitiçaria do Velho Mundo. Alguns são conceitos muito antigos e outros são adaptações modernas, senão construções. É a linhagem espiritual que é importante porque conecta os caminhos às correntes de energia que fluem através do tempo.

1. O pote de cinzas

Este dispositivo contém as cinzas da árvore ou árvores sagradas, e elas variam para cada bruxa. Cada bruxa sente sua própria conexão com uma árvore, que pode ser considerada como patrona ou patrona da bruxa. Esta árvore é selecionada para criar cinzas sagradas. Todas as partes da árvore são colhidas: um pedaço de raiz, casca, galho e folha. Estes são queimados juntos na noite de lua cheia.

As cinzas são recolhidas e colocadas num pote para utilização posterior. Com o tempo, novas cinzas serão necessárias para reabastecer o pote. As cinzas são usadas em conjunto com o prato para criar os símbolos e sigilos da arte mágica das bruxas. Na arte da bruxaria, um símbolo representa uma coisa, enquanto um sigilo é considerado a presença da própria coisa.

2. O prato

O prato é um prato simples, de cor clara e sem desenho impresso. O ideal é que o prato seja branco (ou prateado). A cinza sagrada da panela é espalhada sobre ela, cobrindo completamente o rosto.

A ponta do dedo é usada para desenhar as cinzas. Isto revela a cor da placa abaixo das cinzas e, em contraste, o símbolo aparece. Após cada uso, as cinzas são devolvidas à panela e o prato é limpo.

Antes de utilizar a travessa para esse fim, o símbolo da Relíquia é desenhado nas cinzas. Afirma-se que a travessa é dedicada ao Hallow e depois as cinzas são devolvidas ao pote.

Veja o Livro das Chamadas para o símbolo e o Livro da Magia para usar o prato.

3. Potenciômetros de pé

Pó é um termo mágico antigo para ervas que são transformadas em pó. O pó é guardado em uma pequena panela, jarra ou garrafa. Cada recipiente contém o pó de um único tipo de planta. No entanto, podem ser feitas combinações como a mistura de arruda, verbena e erva de São João usada para borrifar ao redor do perímetro de um ritual ou círculo mágico, que na bruxaria do Velho Mundo é conhecido como Rodada.

Ao fazer potes de pó, certifique-se de etiquetá-los para não confundir as coisas. Tenha cuidado ao abrir um recipiente para pó ou remover o pó, para não inalar o pó. Muitas das ervas de bruxaria contêm elementos tóxicos e venenosos.

4. A cerveja rosa

Uma bebida sagrada pode ser usada para oferendas ao invocar espíritos ou invocar entidades. Deve ser usado com moderação em momentos de necessidade especial. Na primeira noite da lua crescente (primeira aparição do crescente), pegue um punhado grande de pétalas de rosa vermelhas e coloque-as em uma jarra pequena (não mais que 250 ml). Encha a jarra com álcool de alta qualidade (sempre transparente é o ideal, mas vodka serve). Deixe a mistura por um ciclo completo da lua. Agite a garrafa a cada três dias.

Quando o ciclo lunar estiver completo, passe o líquido por um pano de algodão até que as pétalas desapareçam. Enterre-os perto do seu jardim de ervas. Engarrafe o Rose Brew e mantenha-o longe da luz solar até o uso.

5. A Pedra Fantasma

Uma pedra dedicada é usada para trabalhar com os espíritos dos mortos de várias maneiras. O uso mais comum é reprimir uma assombração ou impedir que um espírito rebelde cause danos. O uso de uma pedra para confinar os espíritos dos mortos é um dos conceitos da lápide em um cemitério, mas no uso mundano, são simplesmente marcadores para lembrar um ente querido falecido.

Na bruxaria do Velho Mundo, a Pedra Fantasma tem três usos. Uma delas é trazer paz a um espírito assombrado. Outro uso é atrair o espírito para dentro da pedra para que ele possa ser levado para outro lugar. A terceira é manter temporariamente o espírito na pedra para uso do oráculo ou conexão ancestral. Consulte a seção do Livro da Magia para obter instruções.

6. A vassoura de bruxa

Esta é talvez a menos realizada de todas as ferramentas das bruxas. É usado para varrer energia e atrair poder para a bruxa dos três reinos: Acima, Abaixo e Intermediário. Sua capacidade de acessar esses reinos é uma metáfora para a fuga e, nesse sentido, a bruxa monta na vassoura quando encontra os três mundos.

A técnica de uso da vassoura está bastante detalhada em meu livro *O Caldeirão da Memória*, mas darei o básico aqui. Para extrair energia, segure a vassoura verticalmente e levante os braços até a extensão total. Visualize-se como uma árvore tocando os céus. Abaixee a vassoura lentamente, como se estivesse puxando algo do céu, o que de fato está. Em seguida, coloque o cabo da vassoura no chão com força. Quando a ponta da vassoura atingir o solo, feche os olhos e visualize raízes profundas estendendo-se da vassoura até a Sombra.

Depois de alguns momentos, puxe a alça para cima lentamente. Quando os cotovelos estiverem nivelados com a caixa torácica, gire a vassoura na horizontal com a varredura apontando para a direita e depois gire-a para a esquerda. Isso alinha você e a vassoura com as forças dos três reinos. Girar a vassoura para a direita abre os portais para os reinos e para a esquerda os fecha.

O conceito da Rodada é semelhante à ideia do círculo ritual na Wicca moderna e na bruxaria, mas existem várias diferenças, incluindo a ausência de “Vigilantes” ou “Grigori”, que são chamados aos quartéis. Em essência, a Rodada deriva da imagem da lua cheia. Devido à sua ligação sagrada com a bruxaria do Velho Mundo, a imagem da lua cheia está gravada na terra para que possamos estar dentro dela tanto no sentido físico como espiritual. Sob esta luz, o ato ritual de “desenhar a lua” é literalmente desenhá-la na terra.

Para começar a definir o círculo, pegue sua vassoura e varra ritualmente a área física onde o círculo será desenhado. Em seguida, use a ponta da haste feminina para gravar o perímetro do círculo no sentido horário. Depois de concluído, use a vassoura para varrer o ar acima do perímetro. Idealmente, você começará no leste e contornará o círculo no sentido horário até retornar ao leste.

Agora é hora de colocar o altar diretamente no centro do círculo. Organize-o conforme prescrito anteriormente neste capítulo. Em seguida, coloque as quatro taças da Asthesia em cada ponto cardeal da Rodada: leste, sul, oeste, norte. Na tigela oriental coloque três penas. A tigela sul contém uma vela vermelha acesa.

A bacia ocidental está cheia de água limpa e a bacia norte contém terra recém-escavada. Ao colocar cada tigela, invoque sua Asthesia para fortalecê-la e estabelecer a força elemental (veja o Livro das Chamadas).

Após colocar as tigelas, volte ao altar. Acenda a chama central e invoque o Hallow (veja o Livro de Chamadas). Em seguida, acenda a vela da esquerda e chame *Ela da Rodada Branca* (ver Livro de Chamadas).

Em seguida, acenda a vela à direita e chame *Aquele dos Lugares Bosques Profundos* (veja o Livro de Chamadas).

Termine acendendo a vela no topo da caveira e depois chame *Ela da Encruzilhada* (veja o Livro das Chamadas).

Pegue sua varinha com a mão esquerda e passe-a três vezes pela chama central do altar. Como você faça isso, diga estas palavras:

Eu tirei da Relíquia.

Em seguida, passe a varinha três vezes pela chama do crânio enquanto diz: *Eu invoco a memória dentro da Sombra.*

Em seguida, segure a varinha sobre a vela esquerda do altar e diga:

Daquela da Rodada Branca, passo a virtude para o círculo.

Segure a varinha sobre a vela direita do altar e diga: *Daquele*

dos Lugares Profundamente Arborizados, eu passo a virtude para o círculo.

Vá imediatamente para o perímetro leste e troque a varinha para a mão direita. Aponte-o para baixo, na borda do círculo, levante a mão esquerda no ar e caminhe ao longo da borda do leste e vice-versa. Ao caminhar pela Rodada, diga estas palavras:

Como acima, é abaixo. O redondo é formado da cabeça aos pés. Encerrando ali, um Orbe de luz, coloco o Round e aponto para o local.

Pegue sua bolsa contendo a mistura de arruda esmagada, verbena e erva de São João e espalhe a mistura ao longo da borda do círculo. Comece pelo leste e retorne. À medida que você se move ao longo da borda do círculo, repita o encantamento

Como acima, é abaixo. O círculo é formado da cabeça aos pés.

Envolvendo tudo, um orbe de luz,

Agora só falta voltar ao altar e fazer o outeiro ritual. Para isso, toque a campainha três

vezes e, em seguida, bata firmemente no altar três vezes com a base da varinha. Termine declarando: *A Rodada está definida.*

8. Ritual do Espinho de Sangue

A bruxa dos Velhos Caminhos pertence a uma linhagem espiritual que a conecta à memória sombria de todas as bruxas do passado. É um antigo ensinamento que a força conhecida como Sombra contém a memória de tudo o que foi absorvido pela terra. Daí surge a crença de que o conhecimento das bruxas que agora estão mortas pode ser aproveitado em sua consciência coletiva. Isso se chama ouvir os sussurros daqueles que estão nas sombras.

Herdar esta linhagem requer um ritual formal conhecido como rito do espinho de sangue. O método mais simples envolve a picada da mão esquerda na área conhecida na quiromancia como Monte de Vênus.

Esta é a área “carnuda” da mão conectada ao polegar. Anteriormente observamos que Vênus era originalmente uma deusa dos jardins e que as bruxas estavam originalmente ligadas ao conhecimento das plantas.

Elementos do rito do espinho de sangue são vestígios desse antigo conceito conectivo.

Os seguintes itens são necessários para o ritual: um espinho de rosa, um cálice cheio de vinho tinto, almofariz e pilão, faca e bastão. Instale-os numa encruzilhada, de preferência numa zona rural longe da energia de uma cidade. Grave a marca da bruxa no solo e empurre a lâmina da faca pelo centro e para baixo no solo. Em seguida, use a ponta do seu bastão para marcar um círculo ao redor desta área (grande o suficiente para você trabalhar dentro do espaço).

Voltado para o leste, fique sobre a faca com as pernas abertas, o cabo apontando diretamente para a virilha. Levante o cajado com a mão direita e o cálice de vinho com a esquerda. Nesta postura, dê o chamado para Ela das Encruzilhadas do Livro das Chamadas: *Eu chamo para Ela das Encruzilhadas,*

Guardiã, Abridora de Caminhos, Ela

dos Nomes Triplos, Trígono

Abençoado, Brilhe sua luz para

revelar a

separação, Derrame sua luz para revelar os

caminhos.

Deixe o bastão de lado e despeje lentamente metade do vinho sobre o cabo da faca para que penetre na terra. Então, olhando para a marca da bruxa, use a parte inferior do seu bastão para bater nove vezes na terra, em grupos de três batidas: 1-2-3 [pausa], 1-2-3 [pausa], 1-2- 3 [parar]. Enquanto toca o tambor, fale as seguintes palavras: *Eu mexo e convoco, e a sombra chama, um no presente unido agora*

a todos.

Passado e presente fixam nossa espécie,

Fluem memórias sombrias em minha mente.

Pegue o espinho da rosa e pique a mão conforme prescrito. Esprema três gotas do seu sangue no cálice para que se misture com o vinho. Em seguida, despeje lentamente um pouco de vinho sobre o cabo da faca, tomando cuidado para guardar um pouco para misturar mais tarde no rito. Ao servir o vinho, diga:

Eu invoco Ela da Rosa de Sangue Espinhoso.

Deixe o cálice de lado. Em seguida, coloque o cabo da faca entre as duas mãos e diga estas palavras:

Convoco agora o espírito da Rosa de Sangue Espinhoso, desenho

o que a memória ancestral das bruxas sabe, meu sangue

chama através de seu hálito místico,

Imediatamente após as palavras de convocação, puxe a faca do chão. Em seguida, use a lâmina para raspar o solo que contém a marca da bruxa e formar uma pilha. Em seguida, use a lateral da lâmina para colocar a terra na argamassa. Esta é a transferência da energia coletada da sombra para o recipiente. Depois de concluir isso, raspe ambos os lados da lâmina contra a borda interna da argamassa. Em seguida, bata três vezes a lateral da lâmina na borda da argamassa, dizendo:

Sangue de vida, sussurro de sombra, entra e sai fluindo.

Deixe a faca de lado e despeje o vinho restante no pilão. Usando os dedos da mão esquerda, misture o vinho e a terra e, em seguida, retire uma pequena porção da mistura. Repita isso para cada unção que se segue.

Marque a parte superior de ambos os pés, a parte de trás de cada pulso, a área do coração e ambos os lados do pescoço. As áreas ungidas são pontos onde as batidas do coração podem ser sentidas. Depois de todas as áreas terem sido marcadas com a mistura de solo e vinho, há uma última chamada a fazer. Fique em pé com os dois pés juntos, faca na mão direita e bastão na esquerda. Levante os dois braços e diga: *Eu sou uma bruxa dos Caminhos de sangue*

espinhoso.

Raízes abaixo, me ouça,

Sombra abaixo, me conheça.

Ramos acima, conectem-me, pois

no meio eu permaneço

como uma bruxa dos caminhos de sangue espinhoso.

Isso conclui o rito. Limpe o site e recupere os itens. Volte para casa e tome banho. Em algum momento você desejará obter um anel com uma pedra vermelha para se marcar como uma das bruxas de sangue Thorn.

O anel é sempre usado na mão esquerda.

9. O Ritual da Lua Negra

O ritual da Lua Negra tem como objetivo conectar você com a força conhecida como Sombra. Em essência, Shadow é uma força que mantém a memória e pode transmiti-la à bruxa. É o cofre da sabedoria e do conhecimento ancestrais. Cada ser vivo que morreu e foi enterrado no solo transmitiu a energia de sua experiência para a terra. A energia de cada ação é absorvida pela terra. É por isso que os lugares têm uma sensação. A terra lembra; lugares lembre-se.

Após o pôr do sol, quando a noite domina o céu, a presença da Sombra surge da terra. Esta é a escuridão espiritual, um termo que você pode achar contraditório. Mas quando consideramos que a cor preta é a presença de todas as cores misturadas, o conceito fica claro. O preto é tudo e é o potencial que se esconde no não-manifesto. À luz do sol, as coisas aparecem como são; é a percepção da realidade finita vista à luz. Na escuridão encontramos possibilidades ilimitadas. Qualquer coisa pode estar presente e, portanto, tudo é possível como resultado.

É à noite que os espíritos das plantas se comunicam com mais frequência com a bruxa. Esta é uma das razões pelas quais as plantas de bruxaria são tradicionalmente colhidas à noite. De uma perspectiva esotérica, a Sombra emerge da terra e se acumula ao redor das plantas na escuridão da noite. Isso aumenta a presença de Sombra em uma planta colhida à noite. A Lua Negra é o momento ideal, pois nem mesmo a luz da lua perturba o negro.

O rito da Lua Negra pode ser realizado em qualquer uma ou em todas as três noites durante as quais a lua não é vista no céu noturno. No entanto, cada noite sem lua está associada a uma das Três Filhas da Noite. Elas são conhecidas como Senhora das Sombras, Senhora do Sangue e Senhora dos Ossos. Esta é a ordem atribuída às três noites da lua negra.

A Senhora das Sombras traz seu poder das profundezas da terra, e com ele vem o

Machine Translated by Google
potencialidade de todas as coisas (a própria definição da própria magia). Na Sombra reside a memória de tudo o que foi absorvido dos seres vivos cuja forma material se dissolveu na terra. A Senhora das Sombras traz esta natureza como a pureza da potencialidade. Através dela, todas as coisas se tornam possíveis.

A Senhora do Sangue recebe a emanção das propriedades ocultas colocadas em suas mãos pela Senhora das Sombras. Através da Senhora do Sangue este poder entra no mundo dos vivos e pode ser usado pela bruxa mortal. Por sua vez, a força é então passada da Senhora do Sangue para as mãos da Senhora dos Ossos. Aqui ela é retida e preservada, assumindo as novas experiências da geração viva. A Senhora dos Ossos então afunda na Sombra, onde o que ela possui passa de volta para a Senhora das Sombras. Isso inicia o próximo ciclo de passes e recebimentos.

Prepare-se para o ritual da Lua Negra reunindo o seguinte: um pequeno caldeirão, uma garrafa de vinho tinto, um punhado de farinha branca e três velas pretas. Leve-os para uma encruzilhada à noite; os melhores horários são às 21h ou meia-noite. Oriente o trabalho de forma que fique voltado para o oeste. O ritual é o seguinte:

1. Coloque as três velas pretas uma ao lado da outra em uma fileira, separadas pela largura de um palmo. Na frente de cada vela, da esquerda para a direita, coloque um dos objetos. Começando pela esquerda, coloque o caldeirão, depois a garrafa de vinho e por último o monte de farinha. Na frente do caldeirão, marque uma serpente no solo. Da mesma forma, na frente da garrafa de vinho, grave um coração no solo. Por último, na frente da farinha, marque um osso no solo (como a figura de um dos ossos cruzados normalmente representado por uma caveira).
2. Começando pela esquerda e trabalhando para a direita, acenda cada vela e evoque cada um dos Três Filhas da Noite.

*Eu invoco a Senhora das Sombras,
portadora e portadora das Sombras,
concessora do caldeirão místico,
reveladora dos ensinamentos,
na escuridão da noite.*

*Invoco a Senhora do Sangue,
agitadora do caldeirão,
terna do rio ancestral que corre
em nossas veias.*

*Invoco a Senhora dos Ossos,
guardiã do Caldeirão da Memória,
preservadora de tudo o que foi, é e será.
Coletor de ossos espalhados.*

3. Despeje um pouco do vinho no caldeirão e adicione a farinha. Levante o caldeirão, apresentando-o para o céu noturno e digo:

*Eu sou uma bruxa dos caminhos de sangue
espinhoso, vidente da noite negra sagrada e do dia brilhante e abençoado.
Eu invoco a Sombra ao redor e abaixo, revele
seus mistérios velados e conceda-me.*

4. Organize as velas pretas em uma formação triangular com o centro grande o suficiente para conter o caldeirão. Coloque o caldeirão ali e mexa o conteúdo com os dedos da mão esquerda. Enquanto você mexe a mistura, diga estas palavras: *Noite, guardiã de todos os segredos,
lua negra velada acima, mãe dos
Três,*

5. Retire os dedos do caldeirão, levando consigo um pouco da mistura. Mantenha os dedos à sua frente sobre o caldeirão e diga estas palavras: *Do rio de sangue e das margens dos ossos, surge a lua negra com uma luz que não é mostrada.*
6. Coloque a mistura dos dedos na boca e consuma essa porção. Este é o sagrado refeição da Lua Negra.
7. Fique em pé por alguns momentos com os pés juntos e os braços estendidos acima da cabeça. Visualize-se como uma árvore. Sinta seus braços como galhos, seu corpo como tronco e seus pés como raízes. Visualize raízes indo dos seus pés até as profundezas da terra. Visualize que eles mergulham na profunda piscina negra bem abaixo de você. Permaneça receptivo neste estado por um tempo. Ouça os sussurros daqueles que habitam nas Sombras.
8. Sente-se confortavelmente no chão com as palmas das mãos pressionadas contra a terra. Respire fundo e expire lentamente. Visualize a energia da sua respiração descendo pelos braços e chegando à terra. Repita isso três vezes.

[Esta é uma troca de energia com a sombra, pois nada pode ser recebido sem que algo seja dado, e nada pode ser dado sem que algo seja recebido. Esta é a lei das bruxas.]
9. Conclua o rito derramando o vinho na terra. Faça isso como uma libação às Três Filhas da Noite. Em seguida, cave um pequeno buraco e despeje nele o conteúdo do caldeirão e, em seguida, preencha o buraco novamente com terra.
10. Recupere seus itens e deixe a área limpa de detritos. O rito terminou. Volte para casa e olhe para seus sonhos. A sombra virá até você dos espíritos das plantas e você será ensinado durante o sono.

10. Ritual da Lua Cheia (para um Coven)

O ritual, realizado sob a lua cheia, tem diversos propósitos. É um momento de “recarregar” através da luz da lua e de se conectar com as forças do Outro Mundo. Conforme observado anteriormente no livro, as referências às reuniões de bruxas as retratam como momentos de comunhão com os mortos. Este ainda é um momento para venerar aqueles que vieram antes. O ritual também atrai a presença dos Antigos, que podem ser vistos como divindades se desejar.

Na bruxaria do Velho Mundo não existe uma função formal de sacerdotisa ou sacerdote. Em vez disso, para rituais de grupo, a facilitadora feminina é conhecida como *Sacerdotessa* (pronuncia-se sah-chur-doh-tessa), que significa “aquela que mantém a sacralidade” (neste caso, dentro do ritual). A contraparte masculina é conhecida como *Sacerdote* (pronuncia-se sah-chur-doh-tay). Esses títulos são antigos, mas sua incorporação nos rituais de bruxaria é moderna.

Antes de iniciar o ritual, prepare a Rodada e o altar conforme prescrito. Depois de concluído, o ritual pode começar. O ritual está estruturado da seguinte forma:

1. De pé no altar, voltada para o leste, a Sacerdotisa pronuncia as palavras iniciais: *Nesta noite de Lua Cheia, reunimos mais onze sob a luz sagrada. Na presença de Ela da Rodada Branca e Ele dos Lugares Profundamente Arborizados.*

Machine Translated by Google
Coven responde: "Assim como foi no nosso início, assim é agora, assim será!"

2. O sacerdote dá a cada membro do coven uma vela vermelha. A Sacerdotessa vai a cada círculo quarto e coloca uma vela branca, acendendo uma por vez.
3. A Sacerdotessa e o Sacerdote pegam cada uma uma vela vermelha do altar e acendem-nas na vela oriental. Depois de acesas, as velas são carregadas pelo círculo. Cada vez que se aproxima uma moeda, o portador da vela diz: *Ao Redondo, adiciono minha luz.*

Os membros do Coven se movem por sua vez, acendendo suas velas e circulando pelo círculo atrás dos facilitadores. Eles também pronunciam as palavras em cada trimestre: "À Rodada, adiciono minha luz". Ao retornar ao quadrante leste, as velas são apagadas, devolvendo simbolicamente a chama à vela oriental.

4. No altar, a Sacerdotisa coloca as mãos, com as palmas voltadas para baixo, sobre o altar, e diz:
Vamos agora dar oferendas aos Antigos.

As ofertas são entregues aos membros do coven que as levam para o bairro leste. Cantar, tocar tambor e cantar acompanham esse período de fazer oferendas. Depois que todas as oferendas estiverem no lugar, o coven se forma ao longo do perímetro do círculo.

5. A Sacerdotisa enche o pequeno caldeirão no altar com água e depois segura o sagrado pedra, dizendo:

*Olhe agora para a pedra sagrada do nosso clã, guardiã
das memórias e do espírito dos nossos caminhos.
Através dele nunca nos separamos,
Através dele nada é esquecido.*

Ela então coloca a pedra sagrada dentro do caldeirão e vai para o oeste para colocar o caldeirão neste quadrante. Depois de um momento, o sacerdote a recupera e leva a pedra para o lado leste, onde a seca com um pano.

6. Em seguida, a pedra é passada no sentido horário uma vez ao redor do círculo para cada membro do coven que a segura por um momento, conectando-se com o espírito interior. Antes de passar a pedra, o membro do coven diz: *Eu sou uma bruxa dos caminhos do sangue
Thorn, me uno ao espírito da pedra sagrada aqui, me
uno a todos os meus parentes.*

Quando a pedra é passada para a próxima pessoa, a pessoa que passa diz: *Juntos
estamos. [e isso é
repetido de volta para o doador]*

7. Quando a pedra retorna para o quadrante leste, ela é colocada na borda do círculo e deixada até o fechamento do círculo.
8. A Sacerdotessa vai até o altar com a pedra sagrada e se dirige ao coven: *Somos um na Rodada e
compartilhamos o toque da
pedra sagrada do nosso coven.*

Coven responde: "Sim, somos um". (Os membros se abraçam e depois dão as mãos no círculo.)

9. O Sacerdote se dirige ao coven: *Há
outros agora para convocar para a Rodada, pois
são parentes*

10. A Sacerdotisa levanta a caveira do altar. Ela o segura acima da cabeça e se dirige ao

conventículo:

*Invoco os espíritos de nossos ancestrais, invoco
nossos entes queridos que já partiram, invoco as
memórias de todas as bruxas nas Sombras. [pausa]*

*Venha passar pelo oeste esta noite, E junte-se a
nós na Rodada mais uma vez.*

11. O Sacerdote toma o stang masculino e vai para o quadrante oeste seguido pelo
Sacerdotisa carregando a caveira. Ele ergue o stang para o oeste e diz: *Eu chamo Ela da*

*Encruzilhada, que auxilia todos os
encantamentos e faz amizade com
a bruxa, seja agora favorável e
abra os portões ocidentais para que possamos ter união
esta noite com aqueles do outro lado.*

O Coven canta: *“rukus roykus mitha-sis ulay-a-thess, ala-king moritta, un naw maya-thuss”.*

12. O Sacerdote insere a extremidade do galho da haste na parede oeste da Rodada, move-a da esquerda para a direita (como se estivesse abrindo uma cortina) e então a coloca no chão (brechando parcialmente a borda do círculo).

13. A Sacerdotessa traz para o bairro oeste uma cesta de junco contendo “bonecos de bétula” e fica de pé
voltado para o leste.

14. Os membros do Coven passam pela Sacerdotisa que lhes joga uma boneca de bétula. Os membros pegam o boneco e depois se afastam para formar um círculo ao longo da borda da Rodada.

15. Quando todos estiverem no lugar, começa o toque de tambor e a dança. Os bonecos são segurados durante a dança e os membros do coven os jogam uns para os outros, para frente e para trás, e para todos os lados. Esta é a Dança dos Mortos.

16. O sacerdote sinaliza o fim da dança e toda a música para. Os membros do Coven aplaudem o
festividade.

17. A Sacerdotisa anuncia que é hora da festa. Todos se acomodam em um lugar confortável enquanto a comida é servida. Este é o momento da conexão social. Os bonecos de bétula ficam presentes para que os espíritos possam participar.

18. Na hora escolhida, o sacerdote anuncia o fim da festa. Ele então se dirige ao coven:

*Chegou a hora de nossos parentes espirituais retornarem.
Invoco Ela da Encruzilhada para reuni-los agora.
Todos retornem agora para a Outra Terra, todos retornem agora.
Em nome de Ela da Encruzilhada, Todos retornem
agora.*

19. A Sacerdotessa leva o cesto de junco para o lado oeste (caminhando no sentido anti-horário) e fica de pé
voltado para oeste.

20. Os membros do Coven caminham para o oeste (movendo-se no sentido anti-horário) enquanto carregam os bonecos de bétula para o cesto de junco. A Sacerdotessa os recolhe na cesta.

21. Quando o cesto está cheio, ele é preso na ponta da vara que o Sacerdote segura. Ele então os tira do círculo pelo oeste e os coloca no chão. O sacerdote puxa o stang de volta para o círculo. Ele então aponta a ponta do galho para o oeste e balança-o da direita para a esquerda (como ao fechar uma cortina). Para finalizar, ele abaixa o stang para encontrar o chão dentro do

círculo. Após uma pausa, o stang volta a ficar em seu quarto.

22. A Sacerdotessa vai até o altar e apaga a chama da caveira, e se dirige ao

conventículo:

Os Portões para a Terra dos Mortos estão fechados e todos retornaram. Honramos os que partiram, nossos ancestrais e nossos parentes bruxos com danças e banquetes. Ninguém é esquecido, nada é esquecido.

Coven responde: "Assim como foi no nosso início, assim é agora, assim será!"

23. O sacerdote anuncia que o ritual está encerrado. Membros do Coven se preparam para lançamento a Rodada.

24. A Asthesia é liberada desativando as forças em cada quarto de tigela. Começando pelo leste e movendo-se no sentido anti-horário, o Sacerdote coloca um pano sobre cada tigela (apagando a vela no sul antes de colocar o pano). À medida que cada pano é colocado, ele pronuncia as palavras de libertação:

Para o ar: *eu libero a Estesia do ar para realizar seu apego ao Redondo.*

Para a terra: *eu libero a Estesia da terra para desintegrar seu apego à Rodada.*

Para a água: *eu libero a Estesia da água para retroceder de sua ligação com a Rodada.*

Para o fogo: *eu libero a Estesia do fogo para cessar sua ligação com a Rodada.*

25. A Sacerdotessa fala aos Antigos por comparecerem ao ritual: *Antigos, de boa vontade nos despedimos de vocês, os galhos os chamam de casa, o céu noturno chega para abraçá-los, e assim nos separamos até que a Rodada Branca nos una mais uma vez . [as velas do altar esquerdo e direito estão apagadas]*

Coven grita: "Salve e adeus!"

26. O Sacerdote fala ao Sagrado: *De boa vontade, liberamos nossa atração pelo Sagrado. Ao se retirar, todas as coisas aqui retornam ao seu estado anterior. Estamos mais uma vez no mundo da espécie mortal, E a Relíquia habita onde todos os mundos se encontram. [a chama central do altar é apagada]*

Coven clama: "Estamos novamente no reino da espécie mortal!"

27. A Sacerdotisa faz o anúncio final: *A Rodada é levantada e liberada, as revelações da noite já faleceram, partam em paz sem fazer barulho até nos encontrarmos novamente na Rodada sagrada! [Isso encerra o ritual.]*

A antiga ideia de magia é que algo pode ser invocado através do som. O método principal era cantar, e mais tarde surgiu a ideia de falar rimando. Isto é evidenciado na palavra *encantamento*, que significa cantar. Cantar é uma antiga forma específica de cantar e formar canções. Com o tempo, o encantamento tornou-se a fala de palavras dentro de um feitiço ou ritual. Muitas vezes as palavras eram pronunciadas com uma qualidade tonal específica; um exemplo são os cantos gregorianos, que têm uma qualidade monótona em seu som.

Além do conceito de encantamento, as artes mágicas também incluem as palavras invocação e evocação. Invocar é chamar algo para se manifestar dentro de uma pessoa, lugar ou coisa. A chave é que a invocação direciona algo para habitar de alguma forma. A palavra *evocação* significa chamar algo para se mostrar; é a manifestação externa versus a manifestação interna significadas pela invocação.

As bruxas dos Antigos Caminhos costumam usar a palavra *chamar* no lugar de invocação ou evocação. A intenção da chamada e o que está sendo pedido determinam o pedido manifestado interno ou externo desejado. Em outras palavras, a chamada está pedindo que algo apareça? Ou está solicitando algo para incutir (como acontece com uma presença interior)? Palavras como “Eu invoco. . .” e “Eu ligo para entrar”. . .” todos indicam e dirigem uma evocação ou invocação.

Todos os chamados são precedidos pela aclamação da bruxa, que anuncia sua linhagem espiritual e a conexão pessoal com os três reinos místicos. Ao fazer isso, a bruxa fica com os pés juntos e totalmente plantados em uma postura de força. A varinha, ou stang, é segurada com a mão esquerda e ambas as mãos levantadas. O chamado é dado da seguinte forma: *Eu sou uma bruxa dos Caminhos de sangue espinhoso.*

*Raízes abaixo e galhos acima, e no
meio eu estou, um
manejador de sombras de um lado para outro.*

As Chamadas a seguir são métodos de convocação de uma entidade.

Para Chamar: Ela da Encruzilhada

A entidade conhecida como “Ela da Encruzilhada” possui uma natureza triformis. Ela é separada em aspectos chamados Senhora das Sombras, Senhora do Sangue e Senhora dos Ossos. Estas também são conhecidas como as Três Filhas da Noite (quando chamadas de aspectos separados). Cada filha está conectada respectivamente a uma cor: preto, vermelho e branco. A cor preta da Senhora das Sombras a associa à força das sombras e ao Submundo/Outro Mundo. O vermelho, em sua conexão com a Senhora do Sangue, simboliza o rio vivo de sangue que flui através de cada geração (passando para os atuais guardiões das linhagens familiares). A cor branca da Senhora dos Ossos representa a memória ancestral que permanece ao longo do tempo.

Cada uma dessas senhoras é imaginada segurando um objeto sagrado e vestindo um manto com capuz que combina com sua cor simbólica. A Dama das Sombras segura uma serpente enrolada entre as mãos, logo abaixo do umbigo. Um coração é segurado pela Senhora do Sangue e colocado em concha com as duas mãos abaixo do umbigo. A Dama dos Ossos segura um crânio humano da mesma maneira. A Senhora das Sombras “gera”, e o que emana dela então flui para o rio de sangue, que por sua vez é passado para os ossos. Estes são os mistérios interiores vivos de Ela da Encruzilhada.

A entidade é chamada para um de dois propósitos. Ela é sempre evocada sempre que qualquer empreendimento, ritual, relacionamento ou decisão será desenvolvida ou considerada.

Como humanos, somos forçados a entrar no mundo através do nascimento e a sair do mundo pela morte. A vida é a única escolha que temos em nossas mãos. Com a ajuda de Ela da Encruzilhada, podemos fazer

esvachas conscientes e magia informadas.

O propósito secundário de invocá-la é quando surge a necessidade ou desejo de se comunicar com os ancestrais (ou quaisquer espíritos dos mortos). Ela é uma aliada e também uma intermediária ou mediadora. Ela também pode ajudar ao lidar com espíritos rebeldes, assombrações e coisas dessa natureza geral. Mediante solicitação adequada, ela pode conectá-lo a qualquer pessoa que viva em forma de espírito.

Antes de evocar esta entidade, você deve preparar algumas coisas. Em uma travessa, coloque seções iguais de grãos, frutas e farinha branca. Selecione também um vinho tinto. Estas são as suas ofertas de alimentos na encruzilhada. Você também precisará colocar três feijões pretos em uma bolsa vermelha. Os últimos itens que você precisa montar são três velas, uma preta, uma vermelha e uma branca. Depois de ter isso, localize uma encruzilhada. Isto ocorre em qualquer lugar onde três ou quatro estradas se cruzam. Idealmente, o cruzamento deve estar localizado num ambiente rural, mas você pode usar um dentro de uma área urbana, se necessário. Como último recurso, você pode usar o stang feminino para traçar uma encruzilhada na terra. Nesse caso, você colocará o galho em pé no centro da interseção.

Vá para a sua encruzilhada às 21h ou à meia-noite, pois esses horários são particularmente sagrados para Ela. Voltado para oeste, coloque as oferendas de comida e o recipiente de vinho no cruzamento das estradas. Cerque as oferendas com as três velas, formando um triângulo com a sua colocação. A vela à sua frente é preta, à sua direita está a vermelha e à esquerda está a vela branca.

Para começar a evocar Ela da Encruzilhada, acenda as três velas na ordem em que foram colocadas originalmente e, em seguida, despeje uma porção do vinho diretamente no centro do triângulo. Estenda os braços à sua frente, como se estivesse procurando algo. Em seguida, coloque as mãos lado a lado com as palmas voltadas para cima. Esta é a postura de dar e receber, pois ambos os sentimentos devem ser mantidos na mente, no corpo e no espírito quando se trabalha com magia e seus seres associados.

Quando você se sentir pronto, comece a evocação de Ela da Encruzilhada:

Eu invoco Ela da Encruzilhada,

Guardiã, Abridora de

Caminhos, Ela dos Nomes

Triplos, Trígono

Abençoado, Brilhe sua luz para revelar

a divisão, Irradie sua luz para revelar os caminhos .

Eu invoco Aquela da Encruzilhada que ordena o silêncio

quando mistérios secretos são realizados,

eu invoco você.

Noite, fiel guardiã dos meus segredos entre as estrelas, eu te chamo.

Ela da Encruzilhada conhece todos os meus

desígnios, e auxilia os encantamentos e as artes das bruxas, eu invoco você.

Eu invoco Aquela da Encruzilhada,

Ela que fornece ervas poderosas às bruxas, rainha

errante da noite, eu invoco você.

Ela da Encruzilhada, olhe

agora com bondade para minha

intenção e manifeste meu

desejo. [declare seu pedido]

Para Chamar: Ela da Rodada Branca

A entidade conhecida como Ela da Rodada Branca está intimamente ligada às fases da lua. Ela é a ideia mais próxima de uma deusa dentro da bruxaria do Velho Mundo e é semelhante ao conceito de uma no

Modelo Wicca: Para simplificar, nesta seção me referirei a ela como a Deusa, em vez de seu antigo título.

A Deusa se manifesta através da luz da lua, mas sempre em conexão com as árvores. É a lua vista através dos galhos que denota sua presença. Quando a lua é vista em qualquer outro cenário, ela é considerada sua luz sagrada, mas não a própria Deusa.

Nas imagens, a Deusa só assume a semelhança da forma humana quando a lua está cheia. Ela é imaginada dentro do orbe, onde ela se ajoelha e estende as mãos para fora para encontrar suas bordas curvas. Sob esta luz, a Deusa aparece apenas uma vez por mês para suas bruxas nesta forma manifesta.

A Deusa pode ser chamada sempre que vista através dos galhos das árvores. Se não houver árvores, então o stang masculino é colocado de forma que a lua seja vista através dos “chifres” do stang.

Numa perspectiva mística, a Deusa desce pela ponte dos galhos da árvore ou pelo galho stang. É por isso que o galho visto contra o pano de fundo da lua cheia é importante.

Para começar a invocar a Deusa quando a lua estiver cheia, observe a lua contra os galhos das árvores. Coloque oferendas de objetos brancos, como conchas, junto com comida e vinho. Frutas e amêndoas são preferidas junto com doces.

Quando você estiver pronto para começar, chame Ela da Rodada Branca: *Eu chamo*

*Ela da Rodada Branca que comanda a Noite quando mistérios
secretos são realizados, eu invoco você.*

*Ela da Rodada Branca, portadora das almas sob seus cuidados,
Guardiã do Ciclo da Vida e da Morte, Do seu
caldeirão todas as coisas saem e retornam novamente.*

*Eu invoco Ela da Rodada Branca, olhe
gentilmente agora para minha intenção e manifeste meu desejo.
[declare seu pedido]*

Para ligar: As três filhas da noite

A entidade Triformis conhecida como as Três Filhas da Noite é um aspecto de Ela da Encruzilhada.

No entanto, na prática, eles são mais eficazes quando chamados individualmente ou como uma entidade de natureza tripla não equiparada a Ela da Encruzilhada.

As Três Filhas da Noite são conhecidas separadamente como Senhora das Sombras, Senhora do Sangue e Senhora dos Ossos. Cada um segura um objeto sagrado na respectiva ordem: uma serpente, um coração, um osso do fêmur.

Eles representam sua conexão misteriosa interna com o reino das Sombras.

Quando reunidas, três velas pretas são acesas lado a lado na encruzilhada. Um pequeno caldeirão, uma garrafa de vinho tinto e um punhado de farinha branca são colocados em ordem, da esquerda para a direita, em frente às velas. Com esses

itens no lugar, comece sua chamada para as Três Filhas da Noite: *Eu invoco as Três Filhas da Noite, vocês que são*

*portadoras da Sombra, guardiãs das memórias
antigas, tecelãs dos dias da espécie mortal.*

[declare seu pedido]

Se desejar, você pode ligar para cada Filha individualmente:

*Eu invoco a Senhora das Sombras,
portadora e portadora das Sombras,
doadora do caldeirão místico,*

Machine Translated by Google
vive nos chifres na
escuridão da noite.

*Invoco a Senhora do Sangue,
agitadora do caldeirão, terna
do rio ancestral que corre em nossas
veias.*

*Invoco a Senhora dos Ossos, guardiã
do Caldeirão da Memória, preservadora de
tudo o que foi, é e será.
Coletor de ossos espalhados.*

Para chamar: Aquele dos lugares arborizados profundos

A entidade conhecida como Ele dos Lugares Bosques Profundos está intimamente ligada à floresta densa. Ele é o espírito primordial dos lugares arborizados que mantém unida a consciência do primitivo (intocado pelos costumes humanos). Ele é a ideia mais próxima de um deus na feitiçaria dos Antigos Caminhos. Para simplificar, vou me referir a ele nesta seção como o “Deus”.

O Deus existe dentro da floresta e sua consciência está contida nos muitos galhos. Sob esta luz, a mente de Deus está ligada a todas as coisas através da vasta rede de ramos. Quando ele escolhe aparecer em uma única forma, o Deus assume a forma de um grande veado com chifres poderosos.

Esses chifres mantêm sua conexão com os galhos das árvores. É raro ver o Deus em forma humanóide, mas quando isso acontece, ele aparece com galhos estendidos como chifres em sua cabeça.

Antes de chamar o Deus, prepare algumas ofertas com antecedência. Tradicionalmente, incluem frutas e nozes das florestas junto com um pouco de mel. Hidromel também pode ser adicionado como oferenda. O Deus é sempre chamado dentro ou perto da floresta. Quando isso não for possível, coloque seu stang e fique voltado para o norte ao visualizá-lo. As oferendas vão na base do stang. Quando tudo estiver pronto, pronuncie as palavras de chamado: *Eu invoco Aquele dos Lugares Profundos e Arborizados, Apanhador do dia e da noite, Inaugurador da Vida e da Morte.*

*Aquele que vive nos Lugares Bosques
Profundos conhece tudo o que é visto na luz e velado nas sombras.
Você que fornece santuário e segurança nos Lugares Escondidos, eu te
chamo.
Aquele dos lugares profundos e
arborizados, Olhe agora gentilmente para
minha intenção, E manifeste
meu desejo. [declare seu pedido]*

Para Chamar: O Hallow

The Hallow é um conceito antigo que mantém a ideia de um antigo centro de equilíbrio. Ele permanece inalterado em relação a qualquer coisa com que tenha tido contato, seja humano, Faérico, angélico ou qualquer outra raça de seres. Nenhuma teologia, religião ou sistema espiritual influenciou a sua existência.

O Hallow fica entre a realidade material e a realidade não material. Não é nenhum dos dois e torna possível que ambas as dimensões interajam sem colapsar nenhuma delas. A Relíquia emana energia entre realidades, e uma parte dela pode ser atraída para uso mágico e ritual. Essa energia traz o

mesma essência de equilíbrio a qualquer ato de magia ou ritual, que reprime qualquer conflito relacionado à ideia do que é real e do que é imaginário. No Hallow, nada existe ou não existe, pois o Hallow amortece qualquer tentativa de definir, conformar ou adotar uma abordagem empírica.

Você pode invocar o Hallow para encontrar um local de encontro com ele em sua mente, corpo e espírito. Isto é conseguido contemplando o símbolo da Relíquia (ver símbolos no Livro da Magia) por alguns momentos. Em seguida, você começa a fazer um som de “zumbido” como o das abelhas. O cantarolar é interrompido três vezes enquanto você pronuncia as palavras de chamado: *Eu invoco o Hallow, o centro da pureza, o duradouro e imutável.*

*Invoco o Hallow, suspendo
a descrença e acredito para que
todas as coisas sejam como são.
Eu invoco o Hallow Para
me trazer equilíbrio, equilíbrio e
harmonia.*

Para ligar: a astesia

Os Asthesia são as forças primordiais conscientes dos elementos mágicos conhecidos como terra, ar, fogo e água. Neste sentido, eles não são os elementos; em vez disso, eles são os animadores. Através do princípio oculto de “semelhante atrai semelhante”, os Asthesia são evocados trabalhando com as formas materiais das naturezas elementais.

Para preparar a invocação da Asthesia, coloque uma tigela em cada um dos quatro quartos da sua rodada (o círculo ritual). Na tigela norte, coloque solo recém-escavado. Na tigela oriental, coloque três penas de pássaros. Na tigela sul, coloque uma vela vermelha acesa. A tigela ocidental está cheia de água.

A Astesia do ar se transmite pelo vento, e a do fogo transforma uma coisa em outra através das chamas. A Asthesia da água produz movimento através do fluxo do líquido, e as da terra estabelecem a forma através da coesão. Juntos, eles transmitem o conceito de círculo, transformam-no da imaginação para o imaginado, movem-no da forma astral e estabelecem-no através da coesão dentro da realidade material.

Para invocar a Astesia do ar, abane as penas contra o chão e depois acima de sua cabeça, enquanto fala as palavras de chamado:

*Eu invoco a Asthesia do ar,
venha e envie minha intenção.*

Para invocar a Astesia do fogo, acenda uma vela vermelha e coloque a palma da mão esquerda sobre a chama (perto o suficiente para sentir o calor, mas não tão perto a ponto de queimar a pele). Então fale as palavras de chamada:

*Eu chamo a Asthesia do fogo,
venha e provoque a mudança da minha intenção.*

Para chamar a Astesia da água, coloque um pouco de água em suas mãos e deixe-a escorrer de volta para a tigela. Repita isso enquanto fala as palavras de chamado: *Eu invoco a Asthesia da*

*água, venha e traga movimento
para fluir minha intenção.*

Para invocar a Astesia da terra, coloque um pouco de terra nas mãos e comprima-a entre as palmas, então fale as palavras de chamado: *eu*

*chamo a Asthesia da terra, venha
e traga forma sólida à minha intenção.*

O Livro da Magia

Na bruxaria do Velho Mundo, a magia é uma energia ou força que está ligada a todas as coisas. A Arte da Magia é o meio pelo qual esta energia é reunida, moldada e direcionada para uso em lançamentos de feitiços, rituais ou qualquer trabalho que exija forças mágicas. Numa expressão mais formal, algumas pessoas dizem que a magia é a manifestação da vontade ou desejo pessoal, mas este é o resultado final da aplicação da magia, e não é a magia em si (em termos do que é sem o uso humano).

Como observado anteriormente, os resultados mágicos estão conectados à consciência humana, que é dividida em Mente Guardiã e Mostrador do Caminho. Anteriormente vimos que a mente consciente rejeita a ideia de magia como algo real e eficaz. O subconsciente é descrito como não reconhecendo qualquer forma duradoura (e, portanto, minando a ideia de manifestação). Cada um, a partir de sua perspectiva única, torna a magia um conceito questionável.

Para perceber a existência da magia, as duas formas de consciência que possuímos devem se encontrar e criar uma terceira consciência. É esta terceira consciência "compartilhada" que nos permite unir realidades materiais e imateriais em uma existência harmoniosa. O resultado é um lugar "intermediário", no qual não há objeção à magia e ao que ela pode realizar.

A principal ferramenta da arte das bruxas é o almofariz e o pilão. É usado para lançar feitiços, comungar com os espíritos do Reino Vegetal e extrair recursos do Hallow. Antes de começar a trabalhar com o almofariz e o pilão, eles devem primeiro ser ativados da maneira tradicional.

Para ativar o almofariz: Aponte a cabeça do pilão para baixo e coloque-o no almofariz. Comece a se mover gire no sentido horário enquanto fala estas palavras:

Semente para a terra

Terra para enraizar

Raiz para brotar

Brotar em folha

Folha a brotar

Botão para florescer

Flor para fruta

Fruta para semear

Semente para a terra

Agora segure o pilão entre as mãos e continue falando:

Útero no centro de todas as coisas,

Moldador, transformador e criador de tudo,

Mantém ou liberta espíritos que atendem ao

chamado, Doador de vida,

Tomador de morte, Escultor de

pedra, Criador de sonhos, eu giro a

roda, então para mostrar E o que eu giro, agora é assim.

Para ativar o pilão, coloque-o em pé no almofariz com a cabeça do pilão na extremidade superior. Holding no lugar, fale estas palavras:

Árvore no centro de todas as coisas,

Torre onde canta o encantamento, Debulhador,

batedor de sonhos, marceneiro de todos, Som

para os espíritos virem ao meu chamado.

O almofariz e o pilão agora estão totalmente ativados e prontos para uso mágico, ritual e espiritual.

O lançamento básico de feitiços com o almofariz e o pilão é muito simples, mas poderoso. Envolve manipulações básicas do pilão dentro do almofariz. Isto consiste em dois movimentos. Um é um toque para trás e

Machine Translated by Google
adante para manter uma inserção que acompanha os encantamentos. O outro movimento é “circular” o pilão dentro do almofariz contra a parede. Isso pode ser feito com a argamassa na posição vertical (boca voltada para cima) ou de lado (boca voltada para a direita ou esquerda). A função básica é chamar algo que você deseja ou banir qualquer coisa indesejada ou problemática.

Almofariz e pilão – O Chamado

Para realizar o feitiço, comece colocando o morteiro de lado. O pilão é inserido dentro do almofariz e girado no sentido horário contra a borda do almofariz. Comece a se mover lentamente e depois acelere o movimento. Diga o encantamento e faça uma pausa para declarar seu desejo. Em seguida, repita o encantamento (num total de três rodadas).

*Gire a roda Defina
a tarefa Traga
para mim o
que eu peço
[declarar intenção]*

Depois de concluídos os encantamentos, segure o almofariz com uma das mãos e o pilão com a outra.

Sacuda-os em cada ponto cardeal (leste, sul, oeste, norte) e você diz: *Vá agora aos quatro ventos e volte com meu desejo realizado.*

Almofariz e pilão — Mandando embora

Para iniciar o feitiço, coloque o morteiro de lado. O pilão é inserido dentro do almofariz e girado no sentido anti-horário contra a borda do almofariz. Comece a se mover lentamente e depois acelere o movimento.

Diga o encantamento e faça uma pausa para declarar seu desejo. Em seguida, repita o encantamento (num total de três rodadas).

*Gire a roda Quebre
o barril Lave O
que eu peço
[declarar intenção]*

Depois de concluídos os encantamentos, segure o almofariz com uma das mãos e o pilão com a outra.

Sacuda-os em cada ponto cardeal (leste, sul, oeste, norte) e você dirá: *Leve meu desejo aos quatro ventos e não volte mais.*

Outro uso do almofariz e pilão envolve a arte da contra-magia. A aplicação mais simples é conhecida como Quelling. Isso foi projetado para acabar com qualquer coisa que esteja contra você. A filosofia da contra-magia é que ninguém tem o direito de forçá-lo a gastar energia defendendo-se de um ataque (psíquico ou mágico). É inaceitável ter que alimentar com energia as alas de proteção porque alguém continua o ataque. Portanto, o objetivo da contramagia é interromper o ataque em sua origem – a pessoa ou pessoas que enviam más intenções.

Uma forma de reprimir é “desincomodar” a situação. Isso não só pode impedir que a energia mágica negativa flua para você, mas também traz consequências se a pessoa continuar. Dessa forma, seu comportamento mal intencionado atribui a magia a si mesmo. Se a pessoa decidir continuar com o comportamento prejudicial, isso se voltará contra ela e você não precisará mais gastar sua própria energia para se defender.

O seguinte Quell foi projetado para impedir que uma pessoa o prejudique por meio de mentiras deliberadas, desinformação e deturpação. Ele pode ser modificado para uso em qualquer situação simplesmente alterando

Almofariz e pilão - Feitiço do Quell (o ato de desincomodar)

Bater com o pilão para frente e para trás dentro do almofariz executa esse feitiço. O movimento é como o badalo de um sino balançando dentro de um sino para fazê-lo tocar. Use o pilão para manter um medidor lento e deliberado enquanto você dá o encantamento: *Marque o*

*espírito Defina a
hora [homem/
mulher] nomeado Sem _____ Eu aqui agora ligo.
língua abanada Sem
revirar os olhos
Sem atos prejudiciais
Chega de mentiras.
Abane a língua – sua garganta fica dolorida.
Revire os olhos – uma dor de cabeça ruge.
Prejudicar alguém – você fica desamparado.
Espalhe suas mentiras – você cairá em espinhos.*

Desde os tempos antigos, as bruxas são procuradas para lançar feitiços para atrair coisas como amor e prosperidade. As bruxas também forneceram feitiços para curar e feitiços para remover encantamentos. A seguir estão alguns exemplos de lançamento de feitiços usando o almofariz e o pilão.

Feitiço das Pétalas (Atrair Amor)

Em um pedaço de papel adesivo, escreva uma descrição do companheiro ideal que você deseja. É melhor não nomear uma pessoa real, mas atrair quem for mais adequado para um relacionamento com você. Portanto, anote os traços de caráter, a natureza pessoal e a aparência geral que você deseja. Pense em termos de coisas que você deseja, como humor, inteligência, personalidade, compaixão, carinho, cuidado pessoal e assim por diante. Se você não consegue resistir a atrair alguém que você já conhece, coloque a foto dele (ou um item pessoal que ele tocou) no pilão junto com o papel manteiga em que você escreveu. Inclua o nome da pessoa. Após a conclusão da escrita, unte o papel com seu perfume ou colônia preferido.

Você o colocará todos os dias durante sete dias para fortalecer o feitiço.

Quando a descrição estiver pronta, dobre o papel ao meio e coloque-o dentro do almofariz. Coloque sete pétalas de rosa vermelhas na área dobrada do papel. Em seguida, coloque a ponta do pilão sobre o almofariz e gire-o no sentido horário enquanto diz: *Reúna as forças abaixo e acima,*

*traga para mim meu único e verdadeiro amor.
[repetir três vezes]*

Em seguida, empurre suavemente o pilão para dentro do almofariz, pressionando o papel e as pétalas de rosa. Mova suavemente o papel e as pétalas com o pilão girando no sentido horário, enquanto diz:

*Unir-se, unir-se, estar junto.
[Repita três vezes]*

Encerre o feitiço colocando o conteúdo da argamassa em água em movimento, como um riacho, rio ou oceano. A água é o elemento da emoção e do amor. Ao usar este elemento, seu feitiço é levado a uma força maior.

Feitiço dos Espinhos (Cortando o Amor)

Em um pedaço de papel manteiga, escreva o nome da pessoa com quem você deseja romper seu relacionamento por meio deste feitiço. Circule o nome e escreva o seu em outro círculo próximo a ele (mas sem tocar).

Sob o nome da outra pessoa escreva sua intenção (pense em ir embora ou se mudar). dobre o papel e coloque-o no pilão. Em seguida, coloque cinco espinhos de rosa na área dobrada.

Em seguida, coloque a ponta do pilão sobre o almofariz e gire-o no sentido anti-horário enquanto diz:

*Dispersar as forças abaixo e acima, desfazer
as amarras que um dia foram amor. [repetir
três vezes]*

Em seguida, empurre firmemente o pilão para dentro do almofariz, pressionando o papel e os espinhos da rosa um contra o outro.

Em seguida, rasgue seu nome do papel e retire-o (deixando o nome da outra pessoa para trás). Agora comece a moer o papel e as pétalas com o pilão, movendo no sentido anti-horário, enquanto diz: *Repelem-se, desvinculem-se, não sejam
mais do outro.*

[Repita três vezes]

Termine o feitiço colocando o conteúdo do morteiro no fogo. O fogo é o elemento da transformação, e tudo o que o fogo toca, ele se transforma em outra coisa. Ao usar este elemento, seu feitiço é levado a uma força maior.

Feitiço para Prosperidade

Este feitiço usa o princípio mágico de "semelhante atrai semelhante" e a ideia de sorteio magnético. Você precisará de sete moedas que lhe foram dadas por outra pessoa. A maneira mais fácil de fazer isso é trocar uma nota de 72 dólares por moedas de dez centavos em uma loja ou banco, para que você receba literalmente as moedas. Ao retornar à sua área de trabalho, selecione sete moedas e coloque-as em seu almofariz. Em seguida, coloque uma pedra-ímã na argamassa. Cerque a argamassa com arruda. Acenda algum incenso de natureza vegetal ou arbórea. Atrás do pilão, coloque três velas verdes e acenda-as da esquerda para a direita.

Este feitiço requer circular com o pilão e também bater. Comece passando a ponta do pilão ao longo da borda da argamassa, no sentido horário, dizendo estas palavras:

*Tudo o que penso, faço e digo
aumenta minhas finanças em todos os sentidos.
[repita três vezes desta vez]*

Em seguida, levante o pilão para longe do almofariz, expandindo o movimento no sentido horário para o área. Diga estas palavras:

*Eu crio e expando o que aqui semeio sete
vezes mais, minhas riquezas crescem.*

Agora agite a ponta do pilão em cada uma das direções cardeais e continue o encantamento:

Eu chamo aos quatro ventos para que assim seja.

Termine circulando o pilão até que ele toque novamente no almofariz. Em seguida, coloque-o no pilão e pressione três vezes as moedas, dizendo: *Sejam as sementes do meu*

ganho financeiro.

Complete o feitiço dispersando as moedas em uma área onde as pessoas se reúnem (como um shopping center). Deixe aleatoriamente uma moeda aqui e ali. Cada vez que você colocar um, diga: *Volte para mim mil vezes.*

Vá embora e não olhe para trás. As moedas circularão no fluxo de câmbio através de muitas mãos, e essa energia retornará para você, trazendo ganho financeiro.

Feitiço para Cura

O objetivo deste feitiço é vitalizar e amplificar as habilidades de cura do corpo. Desenhe o símbolo do caduceu (símbolo clássico da profissão médica) em um pedaço de pergaminho e coloque-o dentro do pilão. Cerque o pilão com folhas de hortelã (você pode rasgar alguns saquinhos de chá de menta se não tiver acesso às folhas de hortelã). Coloque uma vela vermelha entre duas velas verdes, todas colocadas atrás do almofariz.

Comece o feitiço escrevendo o nome da pessoa afetada no remendo que está dentro do morteiro. O nome fica logo acima do topo do caduceu. Abaixo do caduceu (uma ou duas polegadas), desenhe um círculo e sombreie-o completamente. Isso representa a doença.

Pegue o pilão e comece a movê-lo no sentido horário contra a borda do almofariz e diga estas palavras:

*Eu mexo e reúno a força de cura, vitalizo o
corpo da cabeça aos pés. [repetir três
vezes]*

Agora pegue o papel manteiga e dobre a área onde o círculo sombreado está desenhado (certificando-se de dobrá-lo para baixo e para baixo para que não toque no caduceu). Então comece a mover o pilão no sentido anti-horário sobre a borda do almofariz, dizendo: *Eu bano a causa da doença, e todo mal-*

*estar enfraquece e murcha a cada dia que passa.
[repetir três vezes]*

Pegue o papel manteiga e corte ou rasgue cuidadosamente o pedaço com o círculo sombreado desenhado. Deixe-o longe de sua área de trabalho. Em seguida, dobre o remendo com o caduceu e seu nome e polvilhe algumas folhas de hortelã na dobra. Em seguida, dobre ou enrole o adesivo para cobrir a hortelã. Guarde-o em uma bolsa vermelha, que deve ser carregada pela pessoa afetada por três dias. Ele pode ser colocado em um bolso ou em alguma outra área, desde que permaneça conectado fisicamente.

Termine o feitiço pegando o pedaço de remendo com o círculo e furando essa área com uma agulha sete vezes. Depois, queime o papel com a agulha inserida. Pegue as cinzas e jogue-as no oeste, declarando que a doença está banida e não pode retornar. Limpe a agulha fervendo-a em água salgada.

Usando o prato

O prato é um prato simples de cor clara, do tamanho de um prato padrão. Quando usado, é coberto com cinza sagrada e símbolos são desenhados nas cinzas. A bandeja é, na verdade, um livro ritual de símbolos mágicos e sigilos usados para evocação e invocação. Tradicionalmente, sempre que uma entidade ou espírito deve ser chamado ou trabalhado, seu símbolo ou sigilo é primeiro desenhado na cinza que cobre a bandeja.

Isto mantém o espírito no lugar durante os ritos, o que lhe permite permanecer conectado com o reino material.

O prato também serve como ferramenta de banimento ou liberação. Se você apagar o símbolo marcado nas cinzas ou soprar sobre ele, o símbolo desaparecerá. Isso quebra o vínculo com o espírito ou entidade. Leve isso em consideração se estiver trabalhando ao ar livre quando o vento sopra.



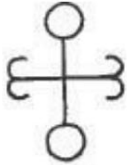

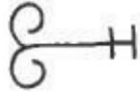

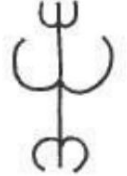





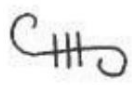






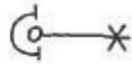


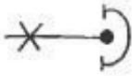

Ao final de qualquer trabalho mágico ou ritual, coloque as cinzas de volta na panela e limpe o prato. Não recupere nenhuma cinza que toque o solo. Isso ocorre porque ele perde sua força quando toca a terra porque sua sombra olha de volta para o solo.

Sobre as plantas e seus espíritos

O uso de almofariz e pilão indica naturalmente a conexão da bruxa com o Reino Vegetal. Conforme observado

Anteriormente, as bruxas podiam comungar com espíritos residentes que estão ligados a várias plantas. A magia por trás disso funciona através da rede de raízes que tocam a sombra dentro da terra.

Símbolos da Arte

| | | | |
|---|---|--|---|
|  |  |  |  |
| Discord | Harmony | Hallow | LuNeya |
|  |  |  |  |
| Separate/Sever | Release | Faewyn | Transformation |
|  |  |  |  |
| Bind | Love | Keep | Health |
|  |  |  |  |
| Three Daughters | He (of) | Receive | Abundance |
|  |  |  |  |
| Manifest | Attract | Protection | Life-Giver |
|  |  |  |  |
| Good Fortune | Summon | Death-Taker | She (of) |

Nesta seção do Grimório, trabalharemos com os espíritos das plantas tradicionais de bruxaria através do uso de selos mágicos. É importante compreender que trabalhar com as fábricas atuais é muito perigoso e há grandes probabilidades de que, ao fazê-lo, você enfrente consequências terríveis. Portanto, desenvolvi um sistema mágico que tornará possível trabalhar com plantas e seus espíritos sem ter as plantas reais às quais estão associadas. Para ser claro, estou instruindo você a não tocar, ingerir ou inalar qualquer parte das plantas incluídas neste livro. Use apenas os sinais das plantas. Se você acredita em alguma coisa que eu digo sobre a magia das plantas, então acredite também no meu aviso e cumpra de acordo.

Feitiço de Personificação (Os Selos do Espírito da Planta)

Este feitiço serve para transformar um sinal mágico na coisa que ele representa. Desta forma, os espíritos das plantas venenosas podem ser chamados sem correr o risco de serem prejudicados pelo manuseio das plantas. Para lançar este feitiço, você precisa de quatro tigelas pequenas e uma xícara pequena. Uma tigela está cheia de terra boa, uma contém incenso fumegante [73](#)

—, outra contém uma vela acesa e a última tigela está cheia de água limpa e fresca.

Coloque as tigelas em um arranjo circular ao redor do copo, com todas tocando nele. Gravar um

triângulo ao redor de cada vela e o suficiente para envolver todas as quatro tigelas. A ponta do triângulo está disposta para apontar em sua direção. Coloque uma vela acesa em cada ponta do triângulo. Estes representam o princípio da manifestação que é composto por três aspectos: tempo, espaço e energia. Todos os três devem estar em vigor para que qualquer coisa se manifeste no plano material.

Desenhe o selo da planta desejado em um pedaço de papel e coloque-o fora do triângulo à sua frente. Próximo, segure o selo e olhe para as três chamas da vela, e então diga: *Contemple o*

Triângulo da Manifestação.

Agora, pegue o papel, com o selo à mostra, e passe-o sobre a chama de cada vela. Comece com a dica de frente para você e depois mova no sentido horário. Ao passar o selo ao redor das chamas, diga estas palavras:

Eu desenho tempo, espaço e energia, unindo-os como um só.

Agora você está pronto para carregar o selo com naturezas elementais que criarão o link de personificação. Você precisará trabalhar agora com as quatro tigelas. Se necessário, por razões de segurança contra incêndio, você pode espalhar mais o arranjo de velas triangulares. Após cada encantamento, você soará o tom associado à força elemental. Estes são os sons das vogais: E – I – O – A (esticados conforme você os pronuncia).

Começando pela tigela que contém o incenso, segure o selo sobre ela e diga:

Passo para vocês da Asthesia o poder de invocar o espírito deste selo de (nome da planta). [tonal: Eeeee]

Em seguida, coloque o selo sobre a tigela que contém a vela acesa e diga:

Passo da Asthesia o poder de transformar este papel no elo ativo com o espírito deste selo de (nome da planta). [tonal: liiiii]

Mova o selo sobre a tigela que contém água e diga: *Eu passo da*

Asthesia o poder de criar movimento a partir da sombra para o espírito deste selo de (nome da planta). [tonal: Ooooo]

Segure o selo sobre a tigela que contém terra e diga: *Eu passo*

da Asthesia o poder de fornecer forma ao espírito deste selo de (nome da planta).

[Tonal: Aaaaaa]

Conclua o feitiço segurando o selo enquanto você fica de frente para as velas triangulares e, enquanto olha para o selo, diga: *Pelos*

poderes das forças do Triângulo da Manifestação, eu mantenho a planta em forma de espírito e ligo a entidade a este selo .

Espírito de [nome da planta], você é chamado por este selo.

Passe alguns minutos estudando o selo e seu simbolismo para que a imagem esteja totalmente “ligada” no centro de memória do seu cérebro.

Correspondências Rituais e Mágicas

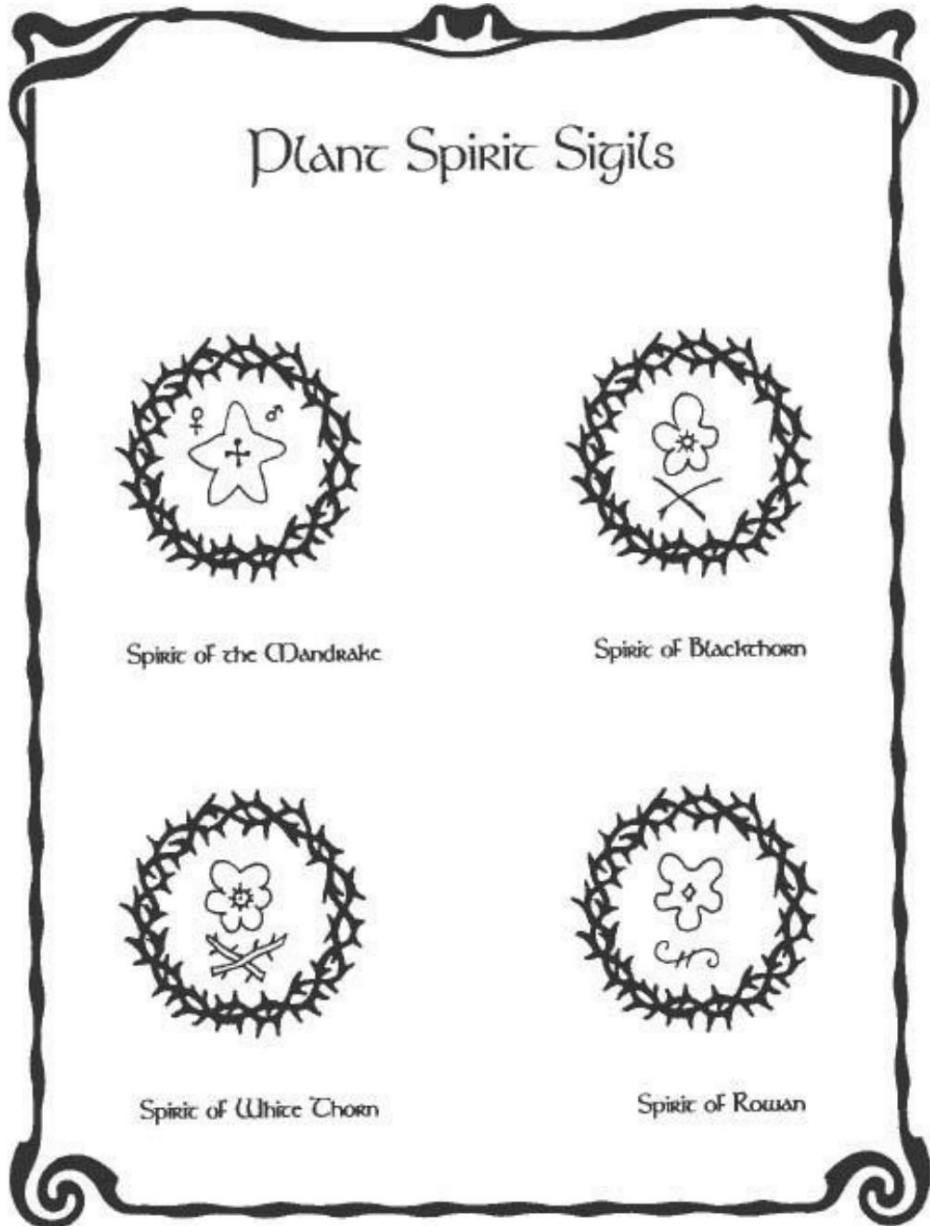
1. Os selos vegetais

Os designs que compõem a variedade de selos estão enraizados no antigo pensamento mágico. Eles representam uma conexão entre a imagem e o conceito associado. Essa conexão é um meio de fazer contato e chamar a atenção para o que o símbolo está vinculado no sentido mais amplo.

Na verdade, um sinal é uma ponte que a consciência usa para fechar a lacuna entre a imaginação e a realização.

Os selos foram projetados para representar a flor de cada planta junto com um símbolo conectivo

associada à sua natureza espiritual. O círculo de espinhos representa o conceito da "Porta de Espinhos" e dos "Espinhos Reunidos" (ver Apêndice B). O espinho também representa o espírito supervisor da planta – Ela da Rosa de Sangue Espinhoso. Juntos ligam as naturezas místicas às imagens materiais, que servem para vitalizar os selos.



Plant Spirit Sigils



Spirit of the Mandrake



Spirit of Blackthorn



Spirit of White Thorn



Spirit of Rowan

Plant Spirit Sigils



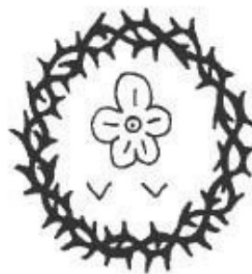
Spirit of Birch



Spirit of Willow



Spirit of Walnut

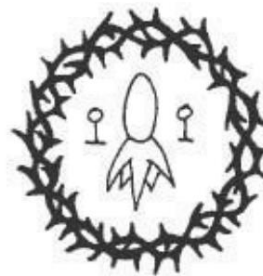


Spirit of Herbaceous

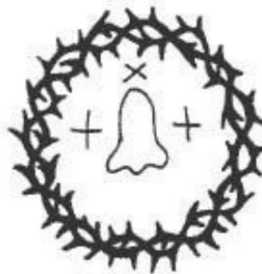
Plant Spirit Sigils



Spirit of Demlock



Spirit of Nettlebane



Spirit of Nightshade



Spirit of Foxglove

2. Partes da Planta



Root – Comande, controle e vincule

Coroa – Transição e conexão de opostos

Tronco/Tronco – Mudança de perspectivas, novos insights

Folhas – fortalecedoras e energizantes

Bud - Oportunidades, potencial

Flor – Conexões Espirituais

Fruta – Conclusão e reflexão

Semente – Continuação e preservação 3.

Plantas Mágicas

Acônito: trabalhos envolvendo contato com a Sombra

Birch: direcionando os espíritos dos mortos

Blackthorn: força bruta sem regulamentações

Dedaleira: convocando seres e espíritos do outro mundo

Hawthorn: abridor de portas e portais mágicos

Heléboro: situações estabilizadoras e calmantes e atividade espiritual

Cicuta: reparação e redenção do espírito ancestral

Mandrágora: maestria

Nightshade: escondendo e revelando segredos

Rowan: proteção contra encantamentos

Noz: alcançar objetivos, satisfazer necessidades

Salgueiro: vinculação e juramentos

Wolfsbane: banimento 4.

Espíritos de Plantas

Atonen: cicuta

Átropa: beladona

Brydethe: bétula

Ellebrina: heléboro

Gebanshen: acônito

Kwethanna: espinheiro

Professor: acônito

Mandrágora: mandrágora

Necterra: meimendro

Reudwyn: Rowan

Sheadwa: abrunheiro

Tylanna: dedaleira

Wealhenin: noz

Weligwyn: salgueiro

5. Correspondências Elementais

Terra: associada ao norte e à natureza da coesão. A Terra se solidifica. Sua vibração tonal é a letra A. Sua cor é amarela por isso sofre influência da luz e do calor do sol.

Ar: associado ao leste e à natureza da transmissão. O ar transporta ou envia. Sua vibração tonal é a letra E. Sua cor é azul porque seu agente, o vento, se move pelo céu diurno.

Fogo: associado ao sul e à natureza da transformação. O fogo muda a forma de tudo o que toca. Sua vibração tonal é a letra I. Sua cor é vermelha.

Água: associada ao oeste e à natureza do movimento. A água assume a forma de tudo o que a contém e tem movimento em riachos, rios, cachoeiras e oceanos. Sua cor é verde (como um mar tempestuoso).

6. Cores

Preto: para obras que envolvem potencialidades e múltiplas possibilidades

Branco: para obras de memória e preservação

Vermelho: para trabalhos de vitalidade e paixão

Azul: para trabalhos relacionados a assuntos espirituais

Verde: para trabalhos de natureza fértil ou remunerada

Amarelo: para estimulação mental

Marrom: para trabalhos de neutralização

Roxo: para magia lunar

Cinza: para criar um equilíbrio calmo

Prata: para trabalho de sonho ou visualização (níveis astrais)

Ouro: para o sucesso (plano material)

Trabalhando com os selos vegetais

Os selos de plantas podem ser usados para invocar os espíritos das plantas quando as plantas não estão disponíveis. Esta é também uma forma segura de evitar o contacto com as propriedades venenosas e tóxicas das plantas tradicionais de bruxaria. No entanto, as vedações também podem ser usadas com a planta real. Isso é feito expondo um pouco da raiz da planta e, em seguida, configurando o sinal para que ele entre em contato com a raiz.

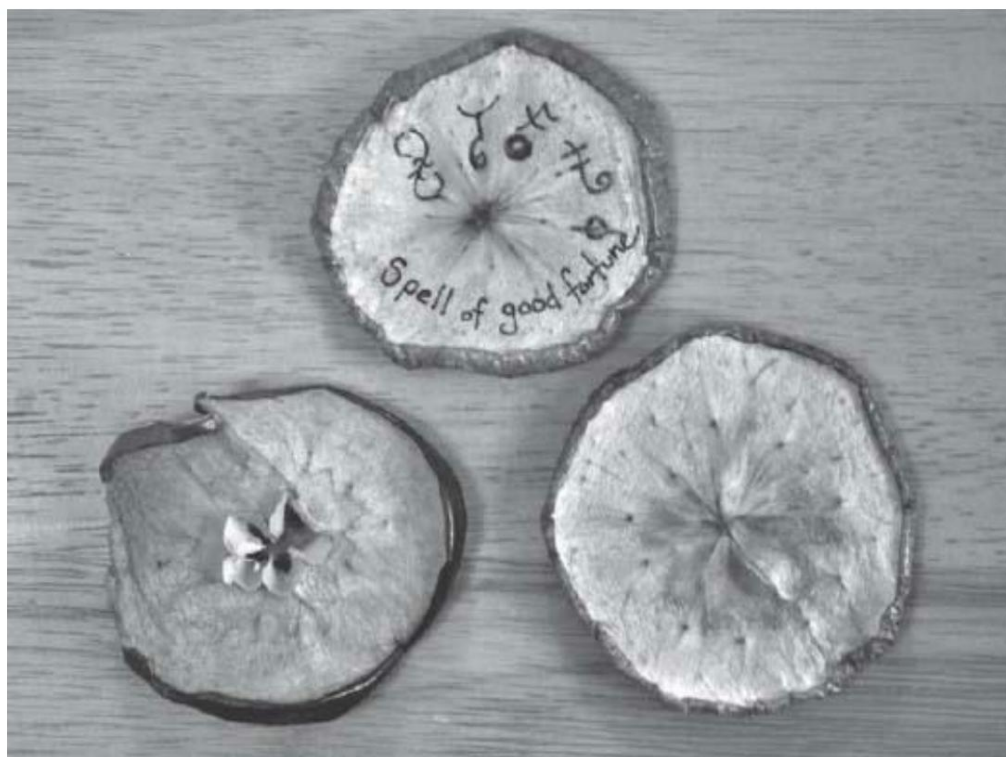
O primeiro passo para trabalhar com os selos é usar o feitiço da personificação. Isso criará o elo necessário entre você e o espírito. Em seguida, o selo é colocado à sua frente no chão e uma oferenda é feita ao espírito. Sugiro usar 30 gramas de clorofila líquida misturada com três gotas de vinho tinto. Após a oferenda ter sido feita, você pode invocar o espírito:

Eu chamo você [nome do espírito], espírito da [nome da planta], você que auxilia no ofício das bruxas, seja favorável a mim através desta oferenda e atenda meu pedido. [declare seu pedido]

Tudo o que resta agora é projetar o método de entrega da intenção mágica ao alvo. O melhor método é passar a intenção mágica para um objeto que entrará em contato com o alvo. Para fazer isso, anexe temporariamente o selo espiritual ao objeto por um curto período de tempo ou até que você esteja pronto para enviar ou colocar o objeto.

Se a intenção mágica envolve uma situação em oposição a uma pessoa, lugar ou coisa, então invoque a Asthesia para levar o feitiço ao tecido astral, onde ele então se manifestará na dimensão material.

Use a invocação do Livro de Chamadas e coloque o sinal da planta diante de você quando chamar a Asthesia. Depois que eles forem evocados, você poderá instruí-los sobre o que deseja e que deseja que a intenção se manifeste através de suas forças.



As maçãs são associadas há muito tempo ao Reino das Fadas e podem ser usadas de várias maneiras. Um dos métodos mais simples e eficazes é preparar o talismã da maçã. Pegue uma maçã grande e corte-a horizontalmente cerca de um terço abaixo da área do caule. Em seguida, corte um disco da parte superior, também

Machine Translated by Google
comando horizontalmente. Deixe isso de lado por enquanto.

Em seguida, pegue a maçã e retire o caroço. A ideia é fazer uma tigela com a maçã. Isso será usado para fazer oferendas às fadas. A oferta clássica consiste em partes iguais de vinho tinto, mel e leite. Isso é chamado de néctar. Alguns praticantes preferem oferecer hidromel.

O próximo passo é secar o disco de maçã. O melhor é secar pressionado entre duas telas (com peso). Isso permite que a maçã seque uniformemente e evita que ela se enrole em forma de arco.

Alternativamente, você pode embrulhá-lo firmemente em uma toalha de papel e colocá-lo sobre a abertura de um copo (não permitindo que caia dentro do copo).

Depois que o disco da maçã estiver seco, você poderá escrever nele com uma caneta. Escreva seu pedido na parte interna da borda externa e adicione símbolos de sua intenção na área mais próxima da área central. Coloque o talismã de maçã junto com a tigela de maçã cheia de oferendas. Faça isso à noite; a noite de lua cheia é melhor.

Para fazer uma Pedra Fantasma, encontre uma pedra natural dentro ou perto de um cemitério. Você precisará levar algum tipo de recipiente pequeno com você. A pedra que você procura não deve ser maior que seu punho e nem menor que a largura de uma moeda. base e, em seguida, retire um [74](#) No cemitério localize a árvore mais antiga. Coloque uma oferta de moedas no pedaço da casca de um dos galhos. Coloque a casca em um dos recipientes e não deixe que ela toque o chão. Em seguida, vá para cinco áreas diferentes do cemitério e coloque um pouco de terra perto de uma sepultura em outro recipiente. Depois, saia do cemitério com todos os itens. Volte para casa, para sua área de trabalho.

Se a casca estiver seca e grossa, use uma lima para transformá-la em pó. Se estiver úmido e úmido, descasque-o em pedaços e deixe secar por vários dias. Quando tiver casca seca para trabalhar, coloque-a no almofariz e alise o material triturando o pilão. A substância resultante é conhecida como poeira de cemitério.

O solo que você coletou é conhecido como terra de cemitério, que é diferente de poeira. A sujeira lhe dará o poder de evocar temporariamente a ajuda dos espíritos do cemitério. O ato mágico de usar terra de cemitério é conhecido como “chamar os cinco”. Ao trabalhar com fantasmas rebeldes você pode precisar de ajuda.

Quando precisar carregar a pedra para ativação mágica, polvilhe-a com uma pitada de pó de cemitério e diga as seguintes palavras: *Invoco Ela das*

*Encruzilhadas, coletora e guia de almas,
você que auxilia toda feitiçaria, que
através desta mágica pó qualquer
espírito deve prestar atenção à pedra
e obedecer à minha vontade.*

Leve a pedra com você quando trabalhar com espíritos dos mortos. Dependendo do que encontrar, você usará a pedra para acalmar o espírito ou transferi-lo para outro lugar. A abordagem adequada tem muito a ver com a compreensão de por que um espírito está assombrando uma área, o que ele deseja realizar e se deseja ou não uma resolução. Alguns espíritos querem simplesmente enfurecer-se ou vingar-se.

Para acalmar um espírito que deseja ser libertado, realize um “rito fúnebre” e faça uma marca na pedra para servir de lápide. Se você não conhece a filiação religiosa anterior do falecido, desenhe uma caveira na rocha. Se você tem esse conhecimento, marque o símbolo religioso da fé. Leve a pedra para a área de solo mais próxima. Cave um pequeno buraco e coloque a pedra na borda.

Comece o enterro com estas palavras:

*Paz e libertação são desejadas para você, é hora
de passar deste mundo mortal.
Você é livre para ir, nada lhe é devido.
Você será lembrado, mas deve
prosseguir agora e começar a
caminhada espiritual que tem pela frente.
[pausa]
Eu chamo para que o portal da luz se abra Para
que este espírito possa passar. [levante
os braços para fora e faça movimentos como se estivesse abrindo uma cortina]
Passe agora aos cuidados do seu guia e guardião. [passe alguns
momentos imaginando isso]*

Termine preenchendo o buraco com terra solta e coloque a Pedra Fantasma como marcador. Coloque ambas as mãos sobre o “túmulo” e diga: “Vá agora em paz”. Deixe a pedra no lugar (você pode criar outra para depois

Você eventualmente (se não com frequência) encontrará um espírito que não deseja se libertar. Pode ser um espírito muito problemático que pretende continuar assombrando. Nesse caso, você deve considerar se realmente deseja envolver-se no trato com tal espírito. Se decidir prosseguir, você precisará direcionar o espírito para a pedra. Para isso, você precisará amarrar a pedra com segurança a um cordão ou colocá-la em uma bolsa que fique presa dessa maneira.

Leve a pedra preparada com você ao entrar na área da assombração. Existem riscos envolvidos no confronto com um espírito negativo, e você precisa ser firme e não demonstrar medo. Quando você sentir a presença do espírito, segure a corda com a pedra pendurada na ponta e dirija-se ao espírito: *Você deve deixar este lugar agora, seu tempo no mundo mortal já passou.*

*Você perturba a paz deste lugar e daqueles que vivem aqui.
Não é seu direito fazer isso. É seu direito viver aqui em paz.
É a hora deles neste mundo, e este lugar é o lugar deles agora.
[Pause e sinta a reação. Se o espírito não for embora, prossiga.]
Invoco Ela da Encruzilhada para assumir
o controle deste espírito e submetê-
lo à minha vontade.*

Com a mão dominante, comece a balançar a corda no sentido anti-horário acima da cabeça e caminhe no sentido anti-horário ao redor da sala. Fale novamente:

*Pelo poder atemporal da arte das bruxas, Espírito, eu
atraio você para dentro da pedra.
Você não tem poder para resistir.
Você é puxado para dentro da pedra.*

Repita essas palavras e balance a pedra mais rápido. Você deve permanecer em uma estrutura mental de poder e sem renúncia. Em um ponto que só você pode sentir, comece a desacelerar. Eventualmente, coloque a pedra para descansar. Ao fazer isso, coloque-o firmemente entre as mãos e leve-o para fora. Enrole-o em um lenço de seda para evitar que qualquer energia escape.

Caso o espírito ataque você no momento da produção da pedra (ou em qualquer momento), esteja preparado para defender com a terra do cemitério. Para isso, espalhe cinco pitadas de terra no chão e diga as seguintes falas (uma para cada pitada):
Invoco cinco espíritos que morreram

*injustamente, invoco cinco espíritos que morreram
para sempre, invoco cinco espíritos que morreu
cedo demais, invoco cinco espíritos que foram
mortos, invoco cinco espíritos que morreram por
suicídio.
Venha agora em meu
auxílio E subjogue esse
espírito E coloque-o na pedra.*

Assim que o espírito for capturado na pedra, leve-o para uma área arborizada desabitada, longe do local onde é assombrado. Deixe-o ali entre as árvores e não volte mais. A pedra manterá o espírito preso a esta área até que ele aceite a libertação do mundo mortal. Isso acontecerá em algum momento, e por compaixão você deve fazer magia em favor do espírito de tempos em tempos para ajudar na sua libertação. Trabalhe com Ele dos Lugares Bosques Profundos e Ela da Rodada Branca para encorajar a libertação. Eventualmente, o espírito “subirá nos galhos” para o Outro Mundo.

Existem lendas antigas sobre florestas assombradas e muitas vezes estão enraizadas na ligação de espíritos rebeldes a locais florestais. Uma superstição incluía plantar uma árvore sobre um túmulo com a intenção de manter o

Machine Translated by Google
espaço e aseda os vivos. Os habitantes da cidade às vezes faziam isso nos túmulos de pessoas que acreditavam serem bruxas. Mas como bruxas dos Antigos Caminhos, honramos os mortos e os ajudamos a encontrar a libertação. Uma ligação permanente ao plano material nunca é aceitável na bruxaria do Velho Mundo.

O DEUS INVISÍVEL DA BRUXARIA

Vários anos atrás, comecei a tentar descobrir referências pré-cristãs a um deus da bruxaria.

As referências a várias deusas eram abundantes, mas não encontrei nada que revelasse diretamente um deus.

Entre as primeiras deusas mencionadas, as mais frequentes e proeminentes são Hécate, Diana e Prosérpina. Nenhuma delas estava ligada a qualquer consorte em fontes literárias e, portanto, não se apresentou nenhuma trilha que eu pudesse seguir em busca de um deus da bruxaria ligado a qualquer uma dessas deusas. Era como se ele fosse invisível.

Hécate é o nome de deusa mais antigo associado a bruxas e bruxaria na literatura ocidental.

Esse fato parecia um lugar lógico para começar a caçada. Uma das coisas que se destacam nos elementos arcaicos de sua veneração é a encruzilhada. Nos tempos antigos, um tronco de árvore chamado *hekataion*, que ficava no centro de três caminhos que se cruzavam, denotava sua presença nas encruzilhadas. Com o tempo, a tradição de colocar um tronco transformou-se na de erguer um pilar de pedra.

Pilares de pedra colocados em encruzilhadas foram associados a um termo conhecido como *herms*. Em sua forma mais antiga, era apenas uma coluna toscamente esculpida com base quadrada. Mais tarde, as hermas foram esculpidas para incluir um busto humanóide no topo da coluna. A tradição antiga exigia que os viajantes nas estradas deixassem algumas pedras coletadas perto das hermas. Estes, por sua vez, foram usados pelos construtores de estradas para reparar e ampliar as estradas. Comerciantes e fornecedores usavam essas estradas para o comércio.

As imagens sobreviventes esculpidas nas hermas revelam-nos que os bustos são os deuses conhecidos como Príapo e Hermes. Dos dois, Hermes está ligado a Hécate. Ambas as divindades estão associadas à encruzilhada, às almas dos mortos e à passagem entre o mundo dos vivos e dos mortos. O estudioso Karl Kerényi [75](#) e eles compartilham uma conexão íntima para descrever Hécate e Hermes como “amantes secretos”.

Temas de outro mundo. A ideia de Hermes ter uma relação tão próxima com a clássica deusa da bruxaria é muito digna de nota.

Na sua forma mais antiga, Hermes é um deus do gado. Esses eram animais importantes utilizados no comércio, e assim Hermes tornou-se ligado a empreendimentos comerciais. Por extensão, ele também estava associado às estradas utilizadas para o comércio. Como deus do gado, será possível que o capacete alado que frequentemente o vemos usar seja uma imagem que evoluiu de uma coroa anterior com dois chifres? Nas primeiras representações da arte grega, não está claro quais são as saliências em seu toucado. No entanto, em períodos posteriores são certamente asas.

Nos mitos e lendas associados a Hermes, encontramos um capacete mágico que o torna invisível. Fiquei intrigado com a ideia de um deus invisível, visto que não conseguia “ver” um deus da bruxaria na literatura pré-cristã. Isso me motivou a examinar mais profundamente a natureza e o caráter de Hermes.

À medida que continuei minha investigação, Hermes começou a emergir como uma divindade incrivelmente arcaica. Ele tem [76 anos](#) que encontramos

associado ao tempo e às estrelas. No livro *Hermes, Guia das Almas*, de Karl Kerényi, uma antiga representação — de Hermes vestindo um manto preto coberto de estrelas. Ele ostenta barba e carrega um cajado curto. Isto contrasta fortemente com as imagens posteriores em que o encontramos jovem e bem barbeado.



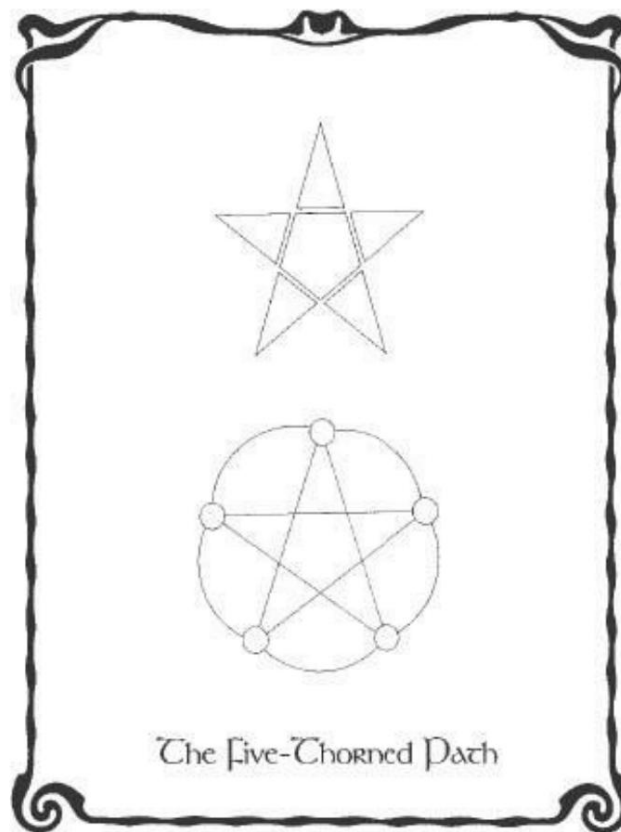
Na era cristã, Hermes foi identificado com Satanás, talvez devido à sua natureza de trapaceiro nos mitos antigos. Alguns estudiosos sugerem que a imagem do diabo alado da Idade Média foi inspirada nas asas usadas por Hermes na arte grega. O forçado do Diabo também pode ser derivado do caduceu de Hermes, que se assemelha a um tridente. Hermes é associado à escolta das almas dos mortos ao submundo, e o Diabo é descrito como prendendo-os e mantendo-os no inferno.

Entre as conexões interessantes com Hermes está o advento dos instrumentos musicais. Em uma história, ele inventa a lira para Apolo e a flauta para Pã. Isso é digno de nota à luz de uma superstição contínua entre os músicos. Um antigo costume é ir até a encruzilhada e fazer um acordo com o Diabo em troca de maior talento musical. Como observado anteriormente, Hermes está intimamente ligado à encruzilhada. Isso é uma coincidência?

Perto do fim da minha busca por referências pré-cristãs a um deus da bruxaria, lembrei-me de uma imagem curiosa. Não é deste período inicial, mas traz um símbolo que não pode ser ignorado. A imagem é a do Bode Sabático, também conhecido como Baphomet. Ao examinar a figura, um falo está claramente presente e tem a forma do caduceu de Hermes. Poderia a Cabra Sabática ser uma forma de Hermes associada à bruxaria? Quando consideramos que um dos animais de culto de Hermes é uma cabra, a questão torna-se mais intrigante.

Nos capítulos anteriores notamos que as bruxas supostamente se reuniam para comungar com os espíritos dos mortos nas encruzilhadas. Hermes também é um deus da comunicação e das mensagens. Nos tempos antigos, Hécate e Hermes eram as principais divindades ligadas ao cenário da encruzilhada e ao tema do contato espiritual. Hécate é a guardiã do submundo e Hermes é a escolta dos mortos. Qual melhor divindade para invocar ao trabalhar com espíritos invisíveis dos mortos do que um deus invisível?

O CAMINHO DE CINCO ESPINHOS



A flor rosa tem sido um dos símbolos de grupos internos e sociedades secretas. Na verdade, o termo latino *sub rosa* (que significa sob a rosa) é usado para denotar ensinamentos ou comunicações secretas.

Esta é uma das razões pelas quais a rosa aparece nos ritos de iniciação da feitiçaria do Velho Mundo.

Os espinhos da rosa simbolizam várias coisas, incluindo perseverança em desafios. Eles também estão associados à linhagem sanguínea, a ligação ancestral da bruxa. As bruxas são guardiãs dos mistérios do sangue, e o espinho tira sangue, o que é simbólico para todos os guardiões do “rio de sangue” que flui de nossos ancestrais e pulsa em nossos corpos.

O sistema de “treinamento misterioso” dentro da bruxaria do Velho Mundo é conhecido como o Caminho dos Cinco Espinhos. Abrange cinco componentes de treinamento mágico e cinco elementos de conexão espiritual, e as pontas de uma estrela de cinco pontas representam cada um deles. No entanto, o símbolo não pretende representar uma estrela em si. Em vez disso, é uma configuração de cinco espinhos vermelhos em torno de um centro preto em forma de pentágono.

Os espinhos representam a “paixão de sangue” e cada um simboliza um componente do treinamento no sistema místico. O centro preto representa o conceito mágico de *Sombra*. Este último é uma força subterrânea que retém a *memória* de todas as coisas vivas que existiram na terra. Essa memória passou para o solo à medida que cada ser vivo foi absorvido. Podemos comparar este conceito ao conceito do Misticismo Oriental dos Registros Akáshicos, que são considerados memórias astrais em um plano superior. Como acima, é abaixo.

O posicionamento do pentagrama espinhoso difere de acordo com dois aspectos diferentes. Uma posição representa o caminho espiritual do treinamento e a outra representa o domínio das artes da bruxaria como um sistema mágico. Os pentagramas espinhosos não são pentagramas elementares com atribuições de natureza elementar para cada área. Embora a orientação das pontas mude, o símbolo não se destina a ser vertical ou invertido.

No desenho formal, a base de cada espinho toca a figura central do pentágono que circunda.

Isso os conecta ao Shadow. O símbolo em forma de estrela com um espinho no topo representa a jornada da alma em cada encarnação como bruxa. É chamado de *Portão dos Espinhos*. O círculo que envolve o grupo de espinhos simboliza a roda do nascimento, da vida, da morte e do renascimento.

Em funcionamento, o espinho superior representa o reino das estrelas, a nossa origem cósmica. Seguimos isso até o espinho inferior direito. Isso simboliza a impressão solar, que é conhecida como mapa natal na astrologia. O espinho superior esquerdo representa o reino lunar ou astral no qual a alma é preparada e passada para um recipiente mortal. O espinho superior direito é o mundo material, mas, mais precisamente, a terra onde nascemos. Isto nos liga ao *espírito da terra*, que permanece conosco em cada vida. O espinho inferior esquerdo simboliza nosso apego ao espírito da *sombra*, que nos ensina os costumes da bruxa e os costumes de nossos ancestrais. O pentágono preto no centro representa nosso fluxo descendente para a Sombra, a união com a mente grupal de todos os que vieram antes de nós.

Quando vemos o padrão de espinhos em forma de estrela com dois espinhos no topo, isso representa o desenvolvimento do poder das bruxas dentro do reino mortal. O símbolo é chamado de *Espinhos Reunidos*. Cada espinho representa um dos cinco poderes da bruxa. O círculo que envolve os espinhos simboliza a lua cheia, bem como a roda da lua em cada jornada mensal.

Começando pelo espinho inferior esquerdo, notamos a ligação com o reino vegetal. Isso marca a bruxa como a fitoterapeuta mágica, a conhecedora e terna das plantas. O espinho superior direito simboliza a habilidade do oráculo (um vidente que possui habilidades de adivinhação). O espinho inferior é a conexão com o submundo e os espíritos dos mortos. Esta é a capacidade da bruxa de falar com os mortos. O espinho no canto superior esquerdo simboliza a bruxa como uma mística, alguém que pode atravessar outros reinos da existência. O espinho inferior direito representa as forças da magia, a bruxa como feiticeira ou feiticeiro.

O pentágono preto no meio dos espinhos simboliza o fluxo ascendente da força da Sombra, sua extensão até a bruxa. Shadow pode passar seu conhecimento oculto para a bruxa. Isto não se dá apenas através da partilha de memória, mas também em conjunto com os espíritos das plantas. O ensinamento é que cada tipo de planta possui um espírito. As raízes da planta literalmente tocam a Sombra e recorrem à memória embutida. Esta memória está, em parte, contida nos elementos decompostos do solo.

Prefácio

[1](#) Um exemplo é a execução de uma mulher condenada pela Inquisição em Milão (1390) por “participando de uma assembléia” liderada por Diana (Kieckhefer, *European Witch Trials*, 117).

Capítulo Um

[2](#)GORDON , Richard. “Imaginando a Magia Grega e Romana”, em Ankarloo, Bengt e Stuart Clark, eds., *Bruxaria e Magia na Europa, Vol 2: Grécia Antiga e Roma* (University of Pennsylvania Press, 1999), 251.

[3](#) Circe aparece pela primeira vez em escritos atribuídos a Homero, que datam de cerca de 800–700 a.C. Segundo alguns relatos, ela parece ser uma deusa e em outros uma bruxa. No entanto, ela é sempre retratada como mortal e capaz de ser morta por uma arma física. Este retrato mina o apoio à sua natureza de deusa, mas dá apoio à sua representação como uma bruxa.

[4](#)GORDON , Richard. “Imagining Greek and Roman Magic”, em Ankerloo e Clark, eds., *Witchcraft and Magic in Europe, Vol. 2: Grécia Antiga e Roma* (University of Pennsylvania Press, 1999), 50.

[5](#)DUNI , Matteo. *Sob o feitiço do diabo: bruxas, feiticeiros e a Inquisição na Itália renascentista* (Universidade de Siracusa, 2007), 53.

[6](#) Simpson, Michael. *As Metamorfoses de Ovídio* (University of Massachusetts Press, 2001), 113.

[7](#) O caçador de bruxas Francesco Guazzo, na sua obra do século XVII intitulada *Compendium Maleficarum*, escreve que “as bruxas observam vários silêncios, medidas, vigílias, murmúrios, figuras e fogos, como se fossem algum rito religioso expiatório”. (Capítulo 11, página 123).

[8](#) Na história, o escritor nos conta que Circe usou um feitiço para forçá-lo a um relacionamento íntimo. No entanto, Ulisses passou os dez anos anteriores em uma terra estrangeira envolvida na guerra de Tróia. Não estando com uma mulher há dez anos, é improvável que um feitiço tenha sido necessário para evocar sua paixão. Mas, na história, serve convenientemente para justificar seu comportamento adúltero e difamar a bruxa.

[9](#)Ankarloo e Clark. *Bruxaria e Magia na Europa, Vol. 2: Grécia Antiga e Roma*, 184, 204.

[10](#) Duni. *Sob o Feitiço do Diabo*, 28.

[11](#) Russell, Jeffrey. *O Diabo: Percepções do Mal desde a Antiguidade até o Cristianismo Primitivo* (Cornell University Press, 1977), 170.

[12](#) Filotas, Bernadete. *Sobrevivências Pagãs, Superstições e Culturas Populares* (Pontifício Instituto de Estudos Medievais, 2005), 19.

[13](#) Birnbaum, Lúcia Chiavola. *Madonas Negras: Feminismo, Religião e Política na Itália* (iUniverse, 2000), 17.

[14](#) Ibidem.

[15](#) MARTIN, Rute. *Bruxaria e a Inquisição em Veneza 1550-1650*. (Nova York: Basil Blackwell Inc., 1989).

[16](#) A *Enciclopédia Católica*, volume 2 (The Encyclopedia Press, Inc., 1913), 478.

Capítulo Dois

[17](#)Kieckhefer , Richard. *Julgamentos de bruxas na Europa: sua base na cultura popular e erudita*,

[18](#) Cohn, Norman. *Os Demônios Internos da Europa: A Demonização dos Cristãos na Cristandade Medieval* (University of Chicago Press, 1993), 163.

[19](#) Ibidem.

[20](#) Gordon . “Imaginando a magia grega e romana”, 96.

[21](#) Ravenwolf, Prata. *Bruxaria Solitária* (Publicações Llewellyn, 2003), 29.

[22](#) Cohn. *Os Demônios Internos da Europa*, 164.

[23](#) Ibid., 167.

[24](#) Ginzburg, Carlo. *Êxtases: Decifrando o Sábado das Bruxas* (Random House, 1991), 90.

[25](#) Peters, Eduardo. *O Mágico, a Bruxa e a Lei* (University of Pennsylvania Press, 1978), 92.

[26](#) Kors, Alan C. e Peters, Edward. *Bruxaria na Europa 1100 – 1700* (Universidade da Pensilvânia Imprensa, 2001), 149.

[27](#) www.beyond-the-pale.org.uk/zxMassa.htm (acessado para pesquisa em 11/08/10).

[28](#) Mormando, Franco. *Os Demônios do Pregador* (University of Chicago Press, 1999), 66.

[29](#) Stephens, Walter. *Demon Lovers: Witchcraft, Sex, and the Crisis of Belief* (University of Chicago, 2002), 132. Passavanti menciona o Diabo enganando os não-bruxos, mas não conecta diretamente as bruxas e o Diabo.

[30](#) MacFarlane, Alan. *Bruxaria na Inglaterra Tudor e Stuart* (Waveland Press, 1970), 6.

[31](#) Buraco, Cristina. *Bruxaria na Inglaterra* (BT Batsford, Ltd., 1947), 130.

[32](#) No capítulo um observamos esta mesma tática usada contra as bruxas Medeia e Circe.

[33](#) A tradução mais comum deste título é *The Night Meetings of Witches*. No entanto, a palavra *lammie* na verdade se refere a um espírito maligno da noite que foi associado à figura da bruxa. Tartarotti pode tê-lo utilizado no título devido à sua relevância coloquial na época.

[34](#) Tartarotti, Giralomo. *Do Congresso Notturmo delle Lammie* (Gia M. Batista Pasqua, Libraro e Stampatore, 1749).

[35](#) Burne, Charlotte. *Folclore de Shropshire* (Trubner and Co., 1883), 143.

[36](#) Michelet, Jules. *La Sorciere: A Bruxa da Idade Média* (Simpkin, Marshall and Co., 1863), 1.

[37](#) Carpinteiro, Eduardo. *Tipos intermediários entre o povo primitivo: um estudo em evolução social* (Mitchell Kennerley, 1914), 51–52.

[38](#) É interessante notar uma entrada no *The Oratorical Dictionary*, de John Newland Maffitt (W. Imprensa Cameron, 1835). A palavra Pitonisa é definida como: Uma bruxa; a sacerdotisa de Delfos na Grécia (página 246).

[39](#) Gage, Matilda Joslyn. *Mulher, Igreja e Estado: Um Relato Histórico da Situação da Mulher ao longo das Eras Cristãs*. (The Truth Seeker Company, 1893), 134.

[40](#) Hueffer, Oliver Madox. *O Livro das Bruxas* (1908), 53–54.

Capítulo Três

[41](#) Vários folcloristas do século XIX realizaram estudos de campo independentes sobre bruxaria em diferentes regiões da Itália. Os mais notáveis foram JB Andrews, Roma Lister, Lady De Vere e Charles Godfrey Leland. Eles entrevistaram pessoas que se autoidentificavam como bruxas (*streghe*) e coletaram dados quase idênticos. Todos os estudos apontaram para tradições familiares em que a bruxaria era transmitida aos membros femininos.

[42](#) O inquisidor italiano Arnaldus Albertinus, em seu trabalho intitulado *Tractatus de agnoscendis assertionibus catholicis, et hereticis* (por volta de 1540), afirmou que as bruxas são chamadas *de strigae* porque

[43](#) Doniger, Wendy e Yves Bonnefoy. *Mitologias Romanas e Europeias*. (Universidade de Chicago Imprensa, 1992), 46.

[44](#) Ankarloo e Clark. *Bruxaria e Magia na Europa, Vol. 2: Grécia Antiga e Roma*, 184.

[45](#) Pócs, Eva. *Entre os Vivos e os Mortos* (Ceu Press, 1999), 50.

[46](#) Um exemplo é o nome de um feiticeiro acusado Antonio Corregi por volta de 1595. Ele supostamente curou pessoas, passando-as três vezes por uma noqueira recém-cortada.

[47](#) Davies , Owen. *Bruxaria, Magia e Cultura 1736–1951* (Manchester University Press, 1999), 175.

[48](#) Ibid., 168.

[49](#) Ibid., 180.

[50](#) Ryan, Meda. *Biddy Early: A Mulher Sábia de Clare* (Mercier Press, 1991), 9.

[51](#) GORDON , Lina. *Vida Doméstica na Itália: Cartas dos Apeninos* (The MacMillan Company, 1908), 238–40.

[52](#) Andrews, JB “Neopolitan Witchcraft”, em Transactions of the Folklore Society, Vol. 3, No.

[53](#) Uma tradição funerária envolve bonecos de bétula deste tipo suspensos em galhos de árvores ou colocado em ocos de árvores em uma antiga crença de que isso ajuda no renascimento da alma que partiu.

[54](#) Numa nota lateral, filósofos antigos como Plutarco e Platão mencionam as sombras na Lua e referem-se a elas como as cavernas de Hécate ou Prosérpina. Num período como esse, os mortos habitam nestes cavernas.

[55](#) Gimbutas, Marija. *A Linguagem da Deusa* (Harper San Francisco, 1991), 251.

[56](#) Os escritos de Hesíodo são a menção mais antiga de Hécate, e ele é o primeiro a colocar a tradição oral em impresso no sul da Europa.

[57](#) Heaton, Eliza Putnam. *By-Paths in Sicília* (EP Dutton & Company, 1920), 28.

[58](#) No livro *Bruxaria: Uma Tradição Renovada*, de Doreen Valiente e Evan Jones, há uma passagem na página 54 abordando a relação entre o Deus Chifrudo, o Deus Moribundo, o Rei Divino e o Diabo. Este último é retratado como o representante vivo da figura de culto. Esta pode ser a raiz da lenda do Homem Negro que aparece na antiga tradição da bruxaria.

[59](#) Uma lenda afirma que Caim era filho de Lilith, e Abel, filho de Eva. Isto sugere uma possível rixa entre Caim e Abel que pode ter causado ressentimentos entre os dois irmãos. Na história bíblica, Deus favorece Abel, mas está descontente com Caim. Aqui temos um tópico sugerindo que o filho de Lilith não é igual ao filho de Eva aos olhos de Deus.

[60](#) Leland, Charles Godfrey. *Aradia ou O Evangelho das Bruxas* (1899), 1.

[61](#) Na década de 1960, as palavras *bruxa* e *Wiccan* eram intercambiáveis. Com o tempo, junto com diferentes visões geracionais, surgiu a noção da Wicca como a religião das bruxas. Nesta fase, a bruxaria tornou-se a prática das artes mágicas. Por sua vez, com todas as mudanças, bruxas e wiccanianos eram vistos como não sendo necessariamente as mesmas pessoas.

[62](#) Este é o nome de “átrio externo” para aquilo que é conhecido apenas pelos iniciados. *Pátio externo* é um termo usado para denotar o que pode ser revelado de maneira pública.

[63](#) Messina, Cristina. *Cinderela e outros contos de fadas clássicos italianos* (Clássicos Infantis, 1993), xii.

Capítulo Quatro

[64](#) Jones, Roger Miller. *O Platonismo de Plutarco* (George Banta Publishing Company, 1916), 48–53.

[65](#) Philip, J. A. *A Voz Sagrada na Religião e no Mito* (MacMillan and Co., Ltd., 1897), 82, 133.

[66](#) A bruxa fica entre as forças do dia e da noite e, assim, torna-se o terceiro elemento desta magia. A partir daqui, ele ou ela dirige o fluxo, assumindo essencialmente a forma clássica do Mago no Tarô.

[67](#) De certa forma, a adivinhação é como prever o tempo. Padrões e correntes são examinados para prever o resultado provável, mas podem intervir forças que mudam a direção e a formação. Isto se aplica igualmente à previsão do futuro. É o dom da adivinhação que nos permite tomar consciência do que está se formando no futuro. A partir desse conhecimento, podemos então fazer escolhas e direcionar nossas vidas como elas precisam ser.

Capítulo Cinco

[68](#) Davies, Owen. *Grimórios: Uma História dos Livros Mágicos* (Oxford University Press, 2009), 41.

[69](#) verões, Montague. *História da Bruxaria e Demonologia*. (Citadel Press, 1993), 86–87.

[70](#) Extraído do livro *Os Romancistas Italianos* (As Noites Facetas de Straparola), de WG Waters.

Publicado privadamente para membros da sociedade de bibliófilos, Londres, 1901, página 12.

[71](#) Bosca, Donato. *Masca ghigna fàussa. Il mistero delle streghe piemontesi della veglia contadina all'analisi sociologica* (Priuli & Verlucca 2005).

[72](#) Há muitos anos, as moedas de dez centavos foram impressas com a imagem de Mercúrio como o deus do comércio e, portanto, eram conhecidas como moedas de dez centavos de Mercúrio. Eles têm sido usados em lançamentos de feitiços desde então. Para uma conexão especial e poderosa, você pode comprar moedas de mercúrio em uma loja de moedas. Eles são um tesouro.

[73](#) Coloque um pouco de areia na tigela para queimar carvão ou para colocar um bastão de incenso.

[74](#) Você pode querer levar mais de uma pedra, pois durante o trabalho a pedra fica para trás. Se você tiver apenas uma pedra, terá que retornar ao cemitério para reabastecer.

Apêndice A

[75](#) Kerényi, Karl. Hermes, *Guia das Almas* (Publicações de Primavera, 2008), 84–85.

[76](#) Ibid., frontispício.

Ankarloo, Bengt e Stuart Clark, eds. *Bruxaria e Magia na Europa, Vol. 2: Grécia Antiga e Roma*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1999.

Ankarloo, Bengt e Gustav Henningsen, eds. *Bruxaria Europeia Moderna: Centros e Periferias*. Oxford: Clarendon Press, 1993.

Benko, Stephen. *A Deusa Virgem: Estudos nas Raízes Pagãs e Cristãs da Mariologia*. Leiden: Brill Academic Publishers, 2003.

Beyerl, Paulo. *Um Compêndio de Magia Herbal*. Custer: Phoenix Publishing, Inc., 1998.

BIRNBAUM, Lúcia Chiavola. *Madonas Negras: Feminismo, Religião e Política na Itália*. Nova Iorque: iUniverse, 2000.

Bosca, Donato. *Masca ghigna fàussa. Il mistero delle streghe piemontesi dalla veglia contadina all'analisi sociologica*. Sarmagno: Priuli & Verlucca 2005.

Breslaw, Elaine, ed. *Bruxas do Mundo Atlântico: Um Leitor Histórico e Livro de Referência Primário*. Nova York: New York University Press, 2000.

Burne, Charlotte. *Folclore de Shropshire*. Londres: Trubner and Co., 1883.

Carpinteiro, Eduardo. *Tipos intermediários entre povos primitivos: um estudo em evolução social*. Nova York: Mitchell Kennerley, 1914. Reimpressão, General Books, LLC, 2009.

A Enciclopédia Católica, volume 2. Nova York: The Encyclopedia Press, Inc., 1913.

Cohn, Normando. *Os Demônios Internos da Europa: A Demonização dos Cristãos na Cristandade Medieval*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993. Edição revisada.

D'Alton, João Francisco. *Horácio e sua idade: um estudo de antecedentes históricos*. Londres: Longmans, Verde e Co., 1917.

———. *Bruxaria, Magia e Cultura 1736–1951*. Manchester: Manchester University Press, 1999.

Doniger, Wendy, trad., e Yves Bonnefoy, comp. *Mitologias Romanas e Europeias*. Chicago: Universidade de Chicago Press, 1992.

Duni, Matteo. *Sob o feitiço do diabo: bruxas, feiticeiros e a Inquisição na Itália renascentista*. Florença: Universidade de Siracusa, 2007.

ELIAS, Mircea. *Ocultismo, Bruxaria e Modas Culturais*. Chicago: Universidade de Chicago Press, 1976.

Filotas, Bernadete. *Sobrevivências pagãs, superstições e culturas populares*. Toronto: Pontifícia Instituto de Estudos Medievais, 2005.

Folkard, Ricardo. *Conhecimento, lendas e letras das plantas: abraçando os mitos, tradições, superstições e folclore do reino vegetal*. Londres: Sampson, Low, Marston & Company, 1892. Reimpresso por General Books, LLC. 2010.

Amigo, Hilderico. *Conhecimento das Flores*. Rockport: For Research, Inc., 1981.

Gage, Matilda Joslyn. *Mulher, Igreja e Estado: Um Relato Histórico da Situação da Mulher ao longo das Eras Cristãs*. Nova York: The Truth Seeker Company, 1893. Reimpresso pela Persephone Press em 1980.

Gardner, Geraldo. *O Significado da Bruxaria*. Nova York: Samuel Weiser, 1976.

———. *Bruxaria hoje*. Nova York: Citadel Press. 1970.

Gibson, Marion. *Lendo Bruxaria: histórias das primeiras bruxas inglesas*. Londres: Routledge, 1999.

Gimbutas, Marija. *A Linguagem da Deusa*. Nova York: HarperCollins, 1991.

Ginzburg, Carlos. *Êxtases: Decifrando o Sábado das Bruxas*. Nova York: Random House, 1991.

Harrison, Michael. *As Raízes da Bruxaria*. Londres: Tandem Books, 1973.

Heaton, Eliza Putnam. *Caminhos secundários na Sicília*. Nova York: EP Dutton & Company, 1920.

Buraco, Cristina. *Bruxaria na Inglaterra*. Londres: BT Batsford, Ltd., 1947.

JONES, Roger Miller. *O Platonismo de Plutarco*. Menasha, Wisconsin: Publicação George Banta Companhia, 1916.

Kerenyi, Karl. *Hermes, Guia das Almas*. Woodstock: Publicações de Primavera, 2008.

KIEKHEFER, Richard. *Julgamentos de bruxas europeus: seus fundamentos na cultura popular e erudita, 1300–1500*. Berkeley: University of California Press, 1976.

Kittredge, George Lyman. *Bruxaria na Velha e na Nova Inglaterra*. Nova York: Atheneum, 1972.

Klaniczay, Gábor e Éva Pócs, eds. *Mitologias e Perseguições da Bruxaria (Demônios, Espíritos, Bruxas; vol. 3)*. Nova York: Central European University Press, 2008.

Kors, Alan C. e Peters, Edward. *Bruxaria na Europa 1100–1700*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2001.

Larner, Cristina. *Bruxaria e Religião: A Política da Crença Popular*. Oxford: Basílio Blackwell, 1984.

Lavanda, Susan e Anna Franklin. *Herb Craft: Um Guia para o Uso Xamânico e Ritual de Ervas*. Campos frescos: Capall Bann Publishing, 1996.

Lindsell, Harold, ed. *Bíblia de estudo Harper*. Grand Rapids: Produtor da Bíblia Zondervan, 1962.

MACFARLANE, Alan. *Bruxaria na Inglaterra Tudor e Stuart*. Prospect Heights: Waveland Press, 1991.

Martinho, Rute. *Bruxaria e a Inquisição em Veneza 1550-1650*. Nova York: Basil Blackwell

Messina, Cristina. *Cinderela e outros contos de fadas italianos clássicos*. Nova York: Infantil Clássicos, 1993.

Michelet, Júlio. *La Sorciere: A Bruxa da Idade Média*. Londres: Simpkin, Marshall and Co., 1863.

Monther, E. William. *Bruxaria Europeia*. Nova York: John Wiley & Sons, Inc., 1969.

Mormando, Franco. *Os Demônios do Pregador*. Chicago: Universidade de Chicago Press, 1999.

Murray, Margaret A. *O culto às bruxas na Europa Ocidental*. Nova York: Barnes & Noble, Inc., 1996.

Newall, Veneza. *A Bruxa na História*. Nova York: Barnes & Noble Books, 1996.

Notestein, Wallace. *Uma História da Bruxaria na Inglaterra de 1558 a 1718*. Nova York: Thomas Y. Crowell Company, 1968.

Ogden, Daniel. *Agentes Negros da Noite*. Nova York: Continuum US, 2008.

Peters, Eduardo. *O Mágico, a Bruxa e a Lei*. Filadélfia: Universidade da Pensilvânia Imprensa, 1978.

Philpot, J.H. *A Árvore Sagrada na Religião e no Mito*. Londres: MacMillan and Co., Ltd., 1897.

Pócs, Eva. *Entre os Vivos e os Mortos*. Budapeste: Céu Press, 1999.

PORTES, Alexandre. *A Floresta no Folclore e na Mitologia*. Nova York: Dover Publications, Inc., 2002.

Purkiss, Diane. *A bruxa na história: representações do início da modernidade e do século XX*. Londres: Routledge, 1996.

Ravenwolf, Prata. *Bruxaria Solitária*. Woodbury: Publicações Llewellyn, 2003.

Russell, Jeffrey. *O Diabo: Percepções do Mal desde a Antiguidade até o Cristianismo Primitivo*. Ítaca: Imprensa da Universidade Cornell, 1977.

Ryan, Meda. *Biddy Early: A Mulher Sábia de Clare*. Rocha Negra: Mercier Press, 1991.

Schulke, Daniel A. *Viridarium Umbris: O Jardim do Prazer das Sombras*. Worchestershire: Xoanon Publishing, 2005.

Simoons, Frederick J. *Plantas da Vida, Plantas da Morte*. Madison: Imprensa da Universidade de Wisconsin, 1998.

Simpson, Michael. *As Metamorfoses de Ovídio*. Amherst: Imprensa da Universidade de Massachusetts, 2003.

Stein, Rebecca L. e Philip L. *A Antropologia da Religião, Magia e Bruxaria*. Boston: Pearson Educacional, Inc., 2005.

Stephens, Walter. *Amantes de Demônios: Bruxaria, Sexo e a Crise de Crenças*. Chicago: Universidade de Chicago, 2002.

Verões, Montague. *História da Bruxaria e Demonologia*. Nova York: Citadel Press, 1993.

Tartarotti, Giralomo. *Do Congresso Notturmo delle Lammie*. Veneza: Gia M. Batista Pasqua, Libraro e Stampatore, 1749.

Bravo, Doreen e Jones, Evan. *Bruxaria: uma tradição renovada*. Custer: Publicação Phoenix Inc., 1990.

Sobre o autor



Raven Grimassi é uma estudiosa neopagã e autora premiada de mais de quatorze livros sobre bruxaria, Wicca e neopaganismo. Ele se dedica ao estudo e à prática da bruxaria há mais de quarenta anos. Raven é cofundadora e codiretora da Fellowship of the Pentacle, uma tradição moderna da Escola de Mistérios de crenças e práticas europeias pré-cristãs.

A formação de Grimassi inclui treinamento em antigas formas de bruxaria, bem como na Wicca Britânica, na tradição Picto-Gaélica e na Bruxaria Tradicionalista Celta. Raven também foi membro da Ordem Rosacruz e estudou a Cabala através do Primeiro Templo de Tifareth com Lady Sara Cunningham. Sua carreira mágica começou no final dos anos 1960 e envolveu o estudo de obras de Julius Evola, Franz Bardon, Gareth Knight, Kenneth Grant, Dion Fortune, William Gray, Austin Osman Spare, William Butler, Israel Regardie, Eliphas Levi e William Barrett. .

Grimassi atualmente mora na Nova Inglaterra com sua linda esposa e coautora Stephanie Taylor-Grimassi. Ele gosta de colecionar quadrinhos da Era de Prata com o Dr. Strange, trabalhar no jardim de ervas e, ocasionalmente, relaxar na varanda com um belo charuto em uma noite quente de verão.

Visite-o online em: www.ravengrimassi.net

Para nossos leitores

Weiser Books, uma marca da Red Wheel/Weiser, publica livros em todo o espectro de assuntos ocultistas, esotéricos, especulativos e da Nova Era. Nossa missão é publicar livros de qualidade que farão a diferença na vida das pessoas, sem defender nenhum caminho ou campo de estudo específico. Valorizamos a integridade, originalidade e profundidade de conhecimento de nossos autores.

Nossos leitores são nosso recurso mais importante e agradecemos suas contribuições, sugestões e ideias sobre o que você gostaria de ver publicado.

Visite nosso site www.redwheelweiser.com onde você pode assinar nossos boletins informativos e saber mais sobre nossos próximos livros, ofertas exclusivas e downloads gratuitos.

Você também pode entrar em contato conosco em info@redwheelweiser.com ou em

Roda Vermelha/Weiser, LLC
Rua Terceira, 665, Suíte 400
São Francisco, CA 94107

A MIDNIGHT VISIT IN THE OLD WITCHES' GARDEN

"On a journey to our magical past in the Old World to create our future, I can think of no better guide than Raven Grimassi. His experience, scholarship and—most importantly—wisdom shine through these pages, illuminating anyone's serious practice of witchcraft."—CHRISTOPHER PENCZAK, author of the *Temple of Witchcraft* series and *The Plant Spirit Familiar*

I will not lure you into becoming entangled in the brambles; instead we will walk the path together for a midnight visit in the old witches' garden . . .

—FROM THE BOOK

In *Old World Witchcraft*, noted author Raven Grimassi invites readers into his garden—where plant spirits dance in the moonlight and Shadow passes into every incantation. He goes beyond the romantic notions of what witches are or should do, arguing that many of our current ideas about witchcraft are based on misinformation. Using his vast knowledge of history and herbal lore, he offers the reader simple but powerful tools to make their own witchcraft.

"Grimassi's approach to witchcraft brings a vitality and vibrancy to this book.

He writes with knowledge, the voice of experience, and the exuberance of a passionate belief."—REV. PAUL BEYERL, author of *The Master Book of Herbalism*

FOR THE FIRST TIME, Grimassi introduces readers to a magical system—The Ash, Bark, and Willow—rooted in the initiatory teachings and understandings of Old World witchcraft. The use of the mortar and pestle as a spellcasting tool and using plant ash for magical sigil work plus totally new information about familiar tools such as the witch's wand and broom are all presented here to aid the modern witch in reconnecting with the organic memory of the earth and developing their own understanding of spiritual botany.

"It is important for witches to understand our origins, especially as we facilitate the dawning of a new age. This wise book can help us appreciate who we are.

Exquisitely researched, it also thoroughly refutes the ridiculous charges that have historically been made against us."—EILEEN HOLLAND, author of *The Wicca Handbook* and *The Spellcaster's Reference*

ISBN: 978-1-57863-505-4



5 1 9 9 5